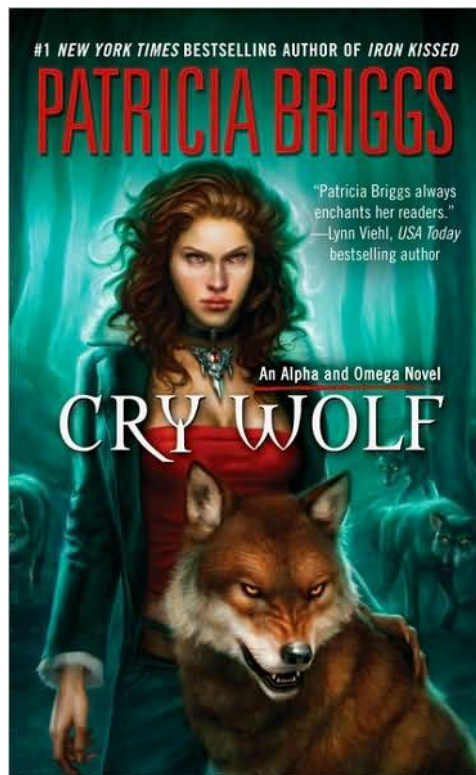




PATRICIA BRIGGS

CRY WOLF

Nº1 Serie Alfa e Omega

Nunca tive medo dos monstros, até que me converti em um. Agora tenho medo até de minha própria sombra.

Anna desconhecia a existência de licantropos, vampiros ou outras criaturas até que ela mesma se converteu em uma. Depois de sobreviver a um brutal ataque, Anna descobre que se transformou em uma mulher lobo. Durante três anos se vê obrigada a suportar os contínuos abusos a que é submetida pelos membros de sua Alcateia e a subsistir como uma loba total, o último escalão da hierarquia dos licantropos. Entretanto, graças à intervenção de um dos Alfas mais poderosos do país, Anna descobrirá que em realidade é uma Omega, o que a converte em um dos seres mais estranhos do grupo. O Alfa não demorará a reclamá-la como dele... Em todos os sentidos.

Projeto Revisoras Traduções



Este livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse,
sem fins lucrativos, é de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida.



Prólogo

*Noroeste de Montana,
Parque Nacional Cabinet: Outubro*

Ninguém sabia melhor que Walter Frise que o único lugar seguro era o mais afastado de todo o mundo. Seguro para eles é claro. O único problema é que seguia *necessitando-os*; desejava o som das vozes humanas, suas risadas. Para sua vergonha, em ocasiões rondava pelas proximidades de um acampamento só para ouvir as vozes e imaginar que eram dirigidas a ele.

Aquela era uma das razões pelas que estava estendido de barriga para baixo sobre as agulhas de kinnickinnic e velhos tamarack, à sombra de um grupo de árvores, observando ao jovem que escrevia com um lápis em um caderno de espiral após ter recolhido uma amostra de excremento de urso e guardar o resultado na bolsa de saco plástico em sua mochila.

Walter sabia que o menino não lhe descobriria: o *Tio Sam* se assegurou de que Walter soubesse ocultar-se e seguir uma pista, e décadas de solidão em um dos parques naturais mais hostis dos Estados Unidos lhe tinham convertido em uma boa imitação de um daqueles índios milagrosamente invisíveis que povoavam os livros e filmes favoritos de sua infância. Se não queria que lhe vissem, não lhe viam; e, além disso, aquele menino tinha todos os modos de um dona-de-casa de cidade. Não deveriam lhe haver permitido que entrasse sozinho naquela região infestada de ursos pardos; alimentá-los com universitários não era muito boa ideia, já que poderiam ocorrer coisas piores.

Não é que aquele dia os ursos estivessem perto. Como Walter, sabiam ler os sinais: nas próximas quatro ou cinco horas se produziria uma grande tormenta. Podia senti-la em seus ossos, e aquele estranho não levava uma mochila o suficientemente grande para enfrentar a situação. Era cedo ainda para uma tormenta invernal, mas aquela região era assim. Walter tinha visto nevar em agosto.

Aquela tormenta era a outra razão pela que seguia os passos do menino. A tormenta e o que fazer ante ela; fazia muito tempo que não se sentia tão agitado pela indecisão.

Podia deixar que o menino partisse. A tormenta chegaria e lhe arrancaria a vida; aquela era a lei da montanha, da natureza selvagem. Uma morte limpa. Entretanto, aquele menino era muito jovem. Tempos atrás tinha visto morrer tantos meninos que poderia pensar que estava habituado a isso. Pelo contrário, a ideia de mais um era inconcebível.

Podia alertá-lo. Mas tudo em seu interior se rebelava ante aquela ideia. Fazia muito tempo que não falava com alguém cara a cara... A mera ideia lhe cortou a respiração.

Muito perigoso. Podia provocar outra lembrança. Fazia muito que não tinha uma, mas apareciam inesperadamente. Seria muito pior se tentasse alertar ao menino e acabasse matando-o.

Não. Não podia arriscar-se a perder a pequena paz que tinha conseguido alertando àquele estranho; embora tampouco podia deixar que morresse de qualquer jeito.

Frustrado, tinha-lhe estado seguindo durante várias horas enquanto o menino entrava no bosque ignorando o perigo que lhe espreitava, afastando-se da estrada mais próxima e da segurança. O saco de dormir indicava que planejava passar a noite à intempérie, o que tinha que significar que acreditava saber o que estava fazendo ao entrar nos bosques. Por desgraça, era cada vez mais evidente que se tratava de uma falsa confiança. Era como ver June Cleaver¹ passando mal. Triste, muito triste.

Como ver chegar aos recrutas ao Vietnã dispostos a converter-se em homens quando todo mundo sabia que não eram mais que bucha de canhão.

Aquele maldito menino estava despertando todo tipo de sentimentos que Walter preferia manter ocultos. Mas a irritação não era o suficientemente intensa para afetar sua consciência. Tinha seguido ao menino durante dez quilômetros, incapaz de tomar uma decisão. A inquietação que sentia lhe impediu de perceber o perigo até que o jovem estudante se deteve em seco em metade do atalho.

O espesso arbusto que os separava sozinho lhe permitia ver a parte superior de sua mochila. Portanto, fosse o que fosse o que lhe tinha feito deter-se, era mais baixo que ele. As boas notícias eram que não se tratava de um alce. Pode-se raciocinar com um urso negro, inclusive com um pardo, se não estiver muito faminto (o que, segundo sua experiência, não era muito habitual), mas os alces...

Walter desembainhou sua grande faca apesar de não saber ainda se pretendia ajudar ao menino ou não. Inclusive um urso negro seria uma morte mais rápida que a tormenta que se avizinhava, embora um pouco mais sangrenta. E Walter conhecia o urso que estava acostumado a perambular por aquela zona, o que já era mais do que podia dizer do menino. Moveu-se lentamente através do arbusto, sem fazer nenhum ruído apesar de estar acostumado a estar coberto de agulhas de álamo. Quando não queria fazer nenhum ruído, não o fazia.

Um fraco rugido fez com que um calafrio lhe percorresse as costas, soltando suficiente adrenalina para perfurar a camada de ozônio. Não era um som habitual por aquelas paragens, e ele conhecia todos os predadores que viviam no território.

Um metro mais e nada se interporia em sua linha de visão.

Viu um cão na metade do atalho; ou, ao menos, algo canino. Ao princípio, Walter pensou que se tratava de um pastor alemão pela cor de sua pelagem, mas havia algo estranho nas articulações de suas patas dianteiras que o assemelhavam mais a um urso que a um cão. E era muito maior que qualquer cão ou lobo que tivesse visto alguma vez. Tinha uns olhos de gelo, de assassino, e umas presas impossíveis.

Walter podia não saber como chamá-lo, mas sabia o que era. No rosto daquela besta espreitavam todos os pesadelos que atormentavam sua vida. Era a coisa que enfrentou em três ocasiões no Vietnã e todas as noites após: a morte. Aquela era uma batalha para um guerreiro sangrento, maltratado e corrompido como ele, não para um inocente.

¹ Personagem de famoso seriado americano dos anos 50.

Saiu de seu esconderijo com um bramido selvagem desenhado para atrair a atenção e pôs-se a correr a toda velocidade, ignorando o protesto de uns joelhos muito velhos para a batalha. Embora tinha passado muito tempo da última briga, não tinha esquecido a sensação do sangue circulando por suas veias.

—Corre, guri —disse ao passar como uma exalação junto ao moço com um sorriso feroz no rosto, preparado para enfrentar o inimigo.

Era possível que o animal fugisse. Tomou seu tempo estudando ao menino, e, em ocasiões, quando a comida de um predador arremete contra ele, o predador está acostumado a dar meia volta. Mas, de algum modo, Walter sabia que aquela besta não era aquele tipo de animal; seus cegadores olhos dourados desprendiam uma inteligência perturbadora.

Pode ser que algo lhe impedisse de atacar ao jovem, mas com Walter não hesitou. Lançou-se sobre ele como se não estivesse armado. Talvez não era tão preparado como acreditava, ou se tinha deixado enganar por sua aparência inofensiva sem compreender do que era capaz um velho veterano armado com uma faca e seu próprio braço. Talvez se deixou levar pela fuga do menino, já que este tinha seguido o conselho de Walter na primeira chance e corria como uma bala perdida, e só via Walter como um obstáculo que se interpunha a seu desejo de carne fresca e succulenta.

Mas Walter não era um menino indefeso. Tinha conseguido sua faca de um general inimigo a quem tinha assassinado na escuridão, como lhe tinham ensinado. A faca estava coberta de amuletos mágicos gravados na folha, símbolos estranhos que já estavam enegrecidos, ocultando o que tempo atrás foi uma superfície chapeada. Apesar de toda a parafernália exótica, era uma boa faca e se cravou profundamente no lombo do animal.

A besta era mais rápida que ele; mais rápida e mais forte. Mas ao levar o primeiro talho, deixou-a aleijada e aquilo decidiu o combate.

Walter não ganhou, mas se saiu com a sua. Manteve ocupada a besta e a deixou muito ferida. Aquela noite não poderia ir atrás do menino; e se este era preparado, por então já teria que estar a meio caminho de seu carro.

Finalmente o monstro partiu, arrastando uma pata dianteira e sangrando por uma dúzia de feridas; embora não havia nenhuma dúvida de quem levou a pior parte. Walter tinha visto morrer a muitos homens, e soube pelo aroma de intestino perfurado que tinha chegado sua hora.

Entretanto, o jovem estava a salvo. Talvez aquilo compensaria, de algum modo, todos os jovens que não tinham conseguido sobreviver.

Relaxou os músculos das costas e sentiu a erva seca e a terra sob seu peso. Ele estava acostumado ao frio sob seu corpo quente e suarento, e se sentiu aliviado. Parecia-lhe adequado terminar sua vida ali, depois de salvar a um estranho, porque a morte de outro estranho tinha sido a causa que lhe trouxe pela primeira vez àquele lugar.

Levantou-se o vento e teve a sensação de que a temperatura caía alguns graus, embora também podia dever-se à perda de sangue e à comoção. Fechou os olhos e esperou pacientemente a morte, sua velha inimiga, que o reclamasse finalmente. A

faca seguia em sua mão, se por acaso a dor era insuportável. As ferida no estômago não são precisamente a forma mais rápida de morrer.

Entretanto, não foi a morte o que chegou com a primeira tempestade de neve da temporada.

Capítulo 1

Chicago: Novembro

Anna Latham tentou desaparecer no assento do passageiro.

Até aquele momento não compreendeu até que ponto sua confiança tinha estado ligada ao feito de ter Charles ao seu lado. Somente tinha estado com ele um dia e meio, mas naquele tempo tinha trocado todo seu mundo... ao menos enquanto permaneceu a seu lado.

Sem ele, sua recém recuperada confiança tinha desaparecido. A simulada ausência só tinha servido para pôr em relevo toda sua covardia. Como se fosse necessário recordar-lhe.

Observou ao homem que conduzia com ar descontraído o SUV alugado de Charles através do escasso tráfego posterior à hora do rush pela autoestrada coberta de neve derretida como se fosse mais um habitante de Chicago em lugar de um visitante chegado dos bosques de Montana.

O pai de Charles, Bran Cornick, tinha o aspecto de um estudante universitário, um gênio da informática ou, talvez, um especialista em arte. Alguém sensível, doce e jovem; mas ela sabia que não era nenhuma daquelas três coisas. Era o Marrok, ante quem respondiam todos os Alfas, e ninguém dominava a um homem lobo Alfa com doçura e sensibilidade.

Tampouco era jovem. Sabia que Charles tinha quase duzentos anos, e isso significava que seu pai era ainda mais velho.

Olhou-o atentamente pela extremidade do olho, mas além de algo na forma das mãos e os olhos, não reconheceu nele ao Charles. Este tinha um aspecto de nativo americano puro, como o tinha tido sua mãe, mas, mesmo assim, Anna acreditava que deveria encontrar alguma semelhança entre ambos, algo que lhe indicasse que o Marrok era o mesmo tipo de homem que seu filho.

Sua mente desejava acreditar que Bran Cornick não lhe faria nenhum dano, que era diferente do resto dos lobos que conhecia. Mas seu corpo estava adestrado para temer aos machos de sua espécie. quanto mais dominante era um homem lobo, mais probabilidades tinha que lhe fizessem mal. E não existia nenhum lobo mais dominante que Bran Cornick, por muito inofensivo que fosse seu aspecto.

—Não deixarei que te ocorra nada —lhe disse sem olhá-la.

Anna cheirou seu próprio medo, portanto, ele também podia fazê-lo.

—Sei —conseguiu dizer, odiando-se a si mesma por lhes haver permitido que a convertessem em uma covarde.

Confiava em que ele acreditasse que não era mais que a reação natural ante a ideia de enfrentar aos outros lobos de sua Alcateia após ter precipitado a morte de seu Alfa. Não queria que soubesse que também estava assustada com ele. Ou inclusive mais.

Bran sorriu sem convicção e não disse nada mais.

O estacionamento atrás do edifício de apartamentos de quatro andares de Anna estava cheio de carros que não conhecia. Entre estes, uma reluzente caminhonete cinza com um pequeno reboque de cor laranja brilhante e branco com um peixe-boi

gigante pintado em um de seus lados, em cima de um rótulo que anunciava a todo mundo que circulasse a uma rua de distância que Florida era «O Estado Manatí».

Bran estacionou atrás do reboque sem deter-se e considerar que seu veículo bloqueava o beco. Bom, pensou Anna enquanto saíam do carro, já não teria que preocupar-se mais pelo que pensasse seu caseiro. Partia para Montana. Seria Montana «O Estado dos Homens Lobo»?

Quatro lobos em forma humana lhes esperavam frente à porta de segurança, entre eles, Boyd, o novo Alfa. Seus desolados olhos a percorreram de cima abaixo. Anna cravou a vista no chão depois do primeiro olhar e se manteve atrás de Bran enquanto passavam entre eles.

Afinal, estava mais assustada com eles do que com o Marrok. Que estranho, porque hoje não percebia nem o mais mínimo rastro da especulação nem da avareza que normalmente faziam aflorar todos seus medos. Pareciam controlados... E esgotados. No dia anterior, o Alfa tinha sido assassinado, e aquilo doía a todos. Ela também o havia sentido, mas o tinha ignorado porque acreditava que Charles não conseguiria sobreviver.

Ela era a responsável por aquela dor. Todos sabiam.

Recordou a si mesma que Leo precisava matar; tinha matado a muitos e autorizado a morte de outros tantos. Não voltaria a olhar a nenhum deles à cara. Tentaria não falar com ninguém, confiando em que eles ignorassem a ela.

Embora estivessem ali para ajudá-la no traslado. Tinha tentado evitá-lo, mas não estava em condições de discutir com o Marrok. Aventurou um novo olhar rápido para Boyd, mas naquela ocasião tampouco pôde ler nada em sua expressão.

Pagou a chave e abriu a fechadura com dedos duros pelo medo. Embora nenhum homem lobo fizesse movimento algum que indicasse sua impaciência, tentou ir depressa enquanto sentia vários olhos cravados em suas costas. Em que estariam pensando? Estariam recordando o que algum deles lhe tinha feito? Ela não queria recordar. *Não queria.*

Respira, repreendeu-se a si mesma.

Um deles se balançou ligeiramente e emitiu um som de ansiedade.

—George —disse Boyd, e o lobo relaxou.

Anna sabia que era seu medo o que estava esporeando ao lobo. Tinha que tranquilizar-se, e a pegajosa fechadura não era de grande ajuda. Se Charles estivesse ali, poderia enfrentar a algo, mas Charles estava se recuperando de várias feridas de bala. Seu pai lhe havia dito que sua reação à prata era muito mais intensa do que o habitual.

—Não esperava que viesse —disse Bran.

Anna supôs que se dirigia a ela dado que aquela manhã a tinha manipulado para conseguir que deixasse Charles sozinho.

Embora devia ter se dirigido ao Boyd, já que foi este quem lhe respondeu:

—Tinha o dia livre.

Até a noite anterior, Boyd tinha sido o terceiro. Mas agora era o Alfa da Alcateia do Subúrbio Oeste de Chicago. A Alcateia que Anna estava abandonando.

—Pensei que aceleraria um pouco as coisas —continuou Boyd. —Thomas concordou em dirigir a caminhonete até Montana.

Anna empurrou a porta, mas Bran não entrou imediatamente, de modo que ela se deteve na soleira, na entrada, e a sustentou aberta.

—Como estão as finanças de sua Alcateia? — perguntou Bran. —Meu filho me comentou que Leo lhe disse que necessitava dinheiro.

Anna percebeu como o típico sorriso seco do Boyd tingia suas palavras.

—E não mentia. Sua companheira era cara de manter. Não perderemos o imóvel, mas é a única notícia boa que me deu o contador. Conseguiremos algo com a venda das joias da Isabella, mas nem perto do que Leo pagou por elas.

Anna podia olhar ao Bran, assim observou seus olhos enquanto estes avaliavam aos lobos que havia trazido Boyd como um general reconhecendo a suas tropas. Seu olhar se deteve em Thomas.

Anna também lhe olhou, e viu o mesmo que o Marrok: jeans velhos com um buraco no joelho e tênis que tinha visto dias melhores. Bastante parecido ao que ela tinha posto, salvo que seu buraco estava no joelho esquerdo em lugar de no direito.

—O tempo que se demora para ir e voltar de Montana porá em risco seu trabalho? —perguntou-lhe Bran.

Quando respondeu, em voz muito baixa, Thomas manteve seus olhos cravados nos tornozelos:

—Não, senhor. Trabalho na construção, e estamos em temporada baixa. Tenho a permissão de meu chefe; duas semanas de férias.

Bran extraiu um talão de cheques do bolso e, apoiando-se no ombro de um dos lobos para escrever sobre uma superfície estável, fez um cheque.

—Isto é para os gastos da viagem. Pensaremos em uma quantidade e terá o dinheiro em Montana, quando chegar.

O alívio iluminou os olhos de Thomas, mas não disse nada.

Bran cruzou a soleira da porta, passou junto à Anna e começou a subir as escadas. Assim que Bran deixou de observá-los, os outros lobos levantaram a vista para olhar a Anna.

Esta levantou o queixo e enfrentou a seus olhares, esquecendo completamente sua decisão de não fazer precisamente isso até que foi muito tarde. Os olhos do Boyd eram insondáveis, e Thomas seguia com a vista cravada no chão... mas os rostos dos outros dois, George e Joshua, eram fáceis de ler. Com a volta de Bran, a lembrança do que ela tinha sido na Alcateia era totalmente visível em seus olhos.

E eles tinham sido os lobos de Leo tanto por sua inclinação como por seus atos. Ela não era nada, e tinha propiciado a morte de seu Alfa: se tivessem tido a coragem necessária, a teriam matado.

Tentem, disse-lhes ela sem recorrer às palavras. Deu-lhes as costas sem baixar os olhos; ao ser companheira de Charles, em teoria, superava-lhes. Entretanto, não só eram homens lobo, e sua parte humana jamais esqueceria o que lhe fizeram, com a inestimável ajuda de Leo.

Notou um peso no estômago e, com a tensão agarrando sua nuca, tentou manter o equilíbrio enquanto subiam as escadas até seu apartamento no quarto andar. Bran esperou a seu lado enquanto Anna abria a porta. Afastou-se para deixar que Bran entrasse primeiro, mostrando aos outros que, ao menos ele, tinha seu respeito.

Bran se deteve na soleira e estudou o apartamento com o cenho franzido. Anna sabia o que estava vendo: uma mesa de jogo com duas cadeiras dobradiças maltratadas, um futón e pouco mais.

—Disse-te que podia o ter preparado esta manhã —lhe disse Anna. Sabia que não era muito, mas lhe ofendeu o que revelava seu silêncio. —E que depois podiam recolher as caixas.

—Não nos levará mais de uma hora recolhê-lo e carregá-lo na caminhonete —disse Bran. — Boyd, quantos de seus lobos vivem assim?

Ao ser convocado, Boyd passou junto à Anna, entrou no apartamento e franziu o cenho. Era a primeira vez que estava ali. Olhou a Anna, aproximou-se da geladeira e a abriu: estava completamente vazia.

—Não sabia que estava tão mal. —Olhou para trás. — Thomas?

Ao ser convidado, Thomas também cruzou a soleira do apartamento.

Olhou a seu novo Alfa com um olhar de desculpa.

—Não sou tão mau, mas minha mulher também trabalha. As faturas são muito caras.

Thomas tinha um posto abaixo na estrutura da Alcateia como Anna, e, ao estar casado, nunca lhe tinham convidado a «jogar» com ela. Embora tampouco tinha protestado. Anna supôs que não podia esperar-se muito mais de um lobo submisso, embora aquilo não impedia que não o recriminasse.

—Provavelmente cinco ou seis —disse Boyd com um suspiro. — Verei o que pode fazer-se.

Bran abriu sua carteira e entregou ao Alfa seu cartão.

—Chama o Charles a semana que vem e convoca uma reunião com seu contador. Se for necessário, podemos pedir um empréstimo. Não é muito seguro ter homens lobos famintos e desesperados pelas ruas.

Boyd assentiu.

O negócio do Marrok pareceu concluir, os outros dois lobos passaram junto à Anna com uma exalação e George chocou-se deliberadamente contra ela. Anna se apartou e cobriu o corpo com os braços de forma instintiva. George a olhou com expressão desdenhosa que ocultou rapidamente aos outros.

—*Illegitimiis nil carborundum* —murmurou Anna.

Foi uma estupidez. Soube inclusive antes de que George lhe desse o murro.

Anna se agachou e o esquivou. Em lugar de um punho no estômago, acabou com um no ombro. Rodou pelo chão. O estreito corredor da entrada não lhe permitiria fugir de um segundo golpe.

Embora não se produziu nenhum.

Boyd tinha ao George imobilizado no chão com o joelho sobre suas costas. George não resistia, simplesmente falava muito rápido:

—Não teria que havê-lo feito. Leo disse que não utilizamos o latim. Recorda-o?

Tempos atrás, Anna se tinha dado conta de que ninguém da Alcateia exceto Isabella, a quem tinha acreditado uma amiga, entendia o latim e, portanto, tinha-o usado como uma forma de rebeldia secreta. A Leo custou bastante tempo descobri-lo.

—Leo está morto —disse Boyd com calma, sua boca a escassos centímetros da orelha do George. — Novas regras. Se quer seguir vivendo, será melhor que não golpeie à fêmea de Charles diante de seu pai.

—Não deixa que os bodes lhe pisoteiem, verdade? —disse Bran da porta. Olhava-a como um pirralho que se acreditava mais preparado que ela. — Seu latim é horrível, tem que melhorar a pronúncia.

—É culpa de meu pai —lhe disse ela enquanto se massageava o ombro. O hematoma desapareceria no dia seguinte, mas no momento era doloroso. — Fez um par de anos de latim na universidade e o usava para divertir-se. Toda minha família acabou aprendendo algo. Seu adágio favorito era: «*Interdum feror i upidine partium magnarum europe vincendarum*».

—«Às vezes sinto a necessidade de conquistar grandes zonas da Europa»? —disse Boyd com certa incredulidade. Aparentemente, Isabella não tinha sido a única em entender seus atos de rebeldia.

Anna assentiu.

—Normalmente somente o dizia quando meu irmão ou eu nos comportávamos mau.

—E era sua frase *favorita*! —disse Bran, examinando-a como se fosse um inseto... embora um inseto que cada vez lhe caísse melhor.

—Meu irmão era bastante peralta —disse ela.

Bran sorriu lentamente e Anna reconheceu ao Charles naquele sorriso.

—O que quer que faça com este? —perguntou Boyd inclinando a cabeça para assinalar ao George.

O sorriso de Bran desapareceu de seu rosto e todos olharam a Anna.

—Quer que o mate?

O silêncio se impôs enquanto todos esperavam sua resposta. Pela primeira vez se deu conta de que o medo que tinha estado cheirando não era unicamente o seu. Marrok os atemorizava a todos.

—Não — mentiu. Somente queria terminar de recolher o apartamento e acabar quanto antes com aquilo, para não ter que ver nunca mais ao George nem aos outros. — Não. — Aquela vez o disse sinceramente.

Bran inclinou a cabeça e Anna viu como seus olhos adquiriam, de forma quase imperceptível, uma tonalidade dourada que fulgurou na penumbra do corredor.

—Ponha-se em pé.

Anna esperou até que todo mundo tivesse entrado em seu apartamento para abandonar o anonimato do patamar. Quando entrou, Bran estava desfazendo o futón até deixar o colchão nu. Era como ver o presidente cortando a grama ou tirando o lixo na Casa Branca.

Boyd se aproximou dela e lhe entregou o cheque que tinha deixado na porta da geladeira. Seu último cheque.

—Suponho que querará isto.

Anna o agarrou e o guardou no bolso da calça.

—Obrigada.

—Todos estamos em dívida contigo — lhe disse. — Nenhum de nós podia avisar ao Marrok quando as coisas começaram a ficar feias. Leo nos proibiu isso. Não pode nem imaginar as horas que passei frente ao telefone tentando evitar seu controle.

Anna não se atrevia a lhe olhar aos olhos.

—Demorei bastante em reconhecer o que era —acrescentou com um sorriso amargo. — Não prestei atenção. Esforcei-me por não prestar atenção nem pensar nisso. Fazia as coisas mais fáceis.

—Os Omegas são algo muito estranho — disse Bran.

Boyd não apartou os olhos dela.

—Entendi muito tarde o que estava fazendo Leo, por que te tratava daquele modo quando sempre tinha sido mais bem do tipo "mate-os rapidamente». Fazia muito tempo que lhe conhecia, e jamais permitiu este tipo de abuso. Agora compreendo que o consumiu... Embora Justin parecia desfrutar com isso.

Anna controlou um estremecimento e recordou a si mesma que Justin também tinha morrido a noite anterior.

—Quando entendi que Leo não podia confiar que cumprisse suas ordens, quando soube que não era um lobo muito submisso, que era uma Omega... já era muito tarde.

—Suspirou. —Se te tivesse dado o número do Marrok faz dois anos, não teria demorado tanto em chamá-lo. De modo que lhes devo aos dois minhas desculpas mais sinceras e meu agradecimento. — E então baixou o olhar, inclinando a cabeça para lhe mostrar seu pescoço

—Se assegurará...? —Anna tragou saliva para umedecê-la garganta. —Se assegurará que não volte a ocorrer? Com ninguém? Não sou a única a que fizeram mal. — Não olhou ao Thomas. Justin tinha desfrutado muito atormentando ao Thomas.

Boyd inclinou a cabeça com solenidade.

—Prometo-lhe isso.

Anna assentiu ligeiramente com a cabeça, o que pareceu lhe satisfazer. Boyd agarrou uma caixa vazia das mãos de Joshua e se dirigiu apressadamente para a cozinha. Havião trazido caixas, fita adesiva e material de embalagem mais que suficiente para empacotar todos seus pertences.

Anna não tinha malas, de modo que agarrou uma das caixas e meteu nela todo o básico. Evitou olhar a ninguém. As coisas tinham mudado muito e não conhecia outro modo de enfrentar à nova situação.

Estava no banheiro quando o telefone de alguém começou a soar. O ouvido de licantropo lhe permitiu seguir toda a conversa telefônica.

—*Boyd?* —Era um dos novos lobos, Rashid, o médico. Parecia aterrorizado.

—Eu mesmo. O que ocorre?

—O lobo da sala de segurança, está...

Apesar de Boyd e seu telefone estarem na cozinha, Anna pôde ouvir o estrépito através do auricular.

—É ele —sussurrou Rashid desesperado. —É *ele*. Está tentando sair... e está destruindo o quarto. Não acredito que o possa conter.

Charles.

Quando partiu estava grogue, mas aparentemente tinha aceito que partisse com seu pai enquanto ele se recuperava dos efeitos de várias balas de prata em seu organismo. Ao que parece as coisas tinham mudado.

Anna agarrou a caixa e encontrou ao Bran na porta do banheiro.

Bran a olhou de cima abaixo, embora não parecia molesto.

— Parece ser que nos necessitam em outro lado — disse em tom acalmado, despreocupado. — Não acredito que faça mal a ninguém, mas a prata tem um efeito nele muito mais intenso e imprevisível que nos outros lobos. Tem tudo o que necessita?

— Sim.

Bran olhou seu redor e seus olhos pousaram em Boyd.

— Diga a seu lobo que vamos para lá imediatamente. Se assegure de que tudo esteja recolhido e o apartamento limpo quando for.

Boyd inclinou a cabeça mansamente.

Bran agarrou a caixa e a colocou sob o braço. Continuando, estendeu a mão livre em um gesto passado de moda. Anna deslizou os dedos por seu cotovelo e Bran a escoltou daquele modo até o SUV, afrouxando seu passo quando ela fazia gesto de pôr-se a correr.

Conduziu de volta à mansão Naperville, propriedade da Alcateia do Subúrbio Oeste, sem infringir nenhuma norma de tráfego mas sem perder tempo.

— A maioria dos lobos não poderiam escapar da sala de segurança — disse brandamente. — As barras têm prata, e há um montão de barras, mas Charles é filho de sua mãe. Ela jamais teria permitido que a encerrassem com um pouco tão mundano como umas quantas barras e uma porta reforçada.

De algum modo, a Anna não surpreendeu que Bran soubesse como era a sala de segurança da Alcateia.

— A mãe de Charles era uma bruxa?

Embora Anna nunca tinha conhecido a uma, tinha ouvido certas histórias. E desde que era uma mulher lobo, tinha aprendido a acreditar na magia.

Bran negou com a cabeça.

— Nada tão bem definido. Nem sequer estou seguro de que pudesse praticar a magia... no estrito sentido da palavra. Os salish não dividem o mundo desse modo: mágico e não mágico. Natural e sobrenatural. Fora o que fosse, não obstante, seu filho também o é.

— O que ocorrerá se consegue escapar?

— Seria melhor que chegássemos antes de que ocorresse — foi o que disse.

Quando saíram da autoestrada, reduziu a velocidade até o limite permitido. O único sinal de impaciência era o rítmico tamborilar de seus dedos sobre o volante. Quando deteve o veículo frente à mansão, Anna desceu de um salto do SUV e correu à porta principal. Bran não pareceu ter muita pressa, mas de algum modo chegou à porta antes que ela e a abriu.

Anna atravessou rapidamente o vestíbulo e desceu as escadas que levavam ao porão de três em três, com o Bran a seu lado. O silêncio reinante não era muito tranquilizador.

Normalmente, o único modo de distinguir a sala de segurança do resto dos quartos para convidados do porão era a porta de metal e a moldura. Entretanto, enormes partes de gesso tinham sido arrancados da parede de ambos os lados, deixando ao descoberto as barras de prata e aço embutidos no muro. O papel de parede do interior da sala estava pendurado feito farrapos como se tratasse de uma cortina, impedindo a Anna de observar o interior.

Frente à porta havia três lobos da Alcateia em forma humana. Anna percebeu seu medo. Sabiam o que havia naquele quarto; ao menos um deles tinha visto como Charles matou a Leo apesar de ter recebido duas balas de prata.

—Charles —disse Bran em tom reprovador.

O lobo lhe respondeu com um rugido, um uivo rouco que embotou os ouvidos de Anna e que continha pouco mais que uma ira cega.

—Os parafusos saíam das dobradiças, senhor. Somente —disse um dos lobos com nervosismo, e Anna descobriu que o que sustentava entre as mãos era um chave de fenda.

—Sim —disse Bran com calma. —Não me cabe dúvida. Meu filho não reage muito bem à prata, e muito menos ao cativoiro. Teriam estado mais seguros se lhe tivessem deixado sair... ou não. Minhas desculpas por lhes haver deixado sozinhos com ele. Pensei que estava em melhores condições. Subestimei a influência de Anna.

Deu a volta e estendeu a mão em direção a esta, que tinha se detido ao pé das escadas. Estava muito mais preocupada com os homens que havia no porão que pelo lobo enfurecido. O corredor era muito estreito, e não o fazia muita graça os ter tão perto.

—Se aproxime, Anna —disse Bran.

Embora sua voz parecia suave, era uma ordem.

Anna passou o mais rápido que pôde junto aos outros lobos, com a vista cravada nos pés em lugar de em seus rostos. Quando Bran a agarrou pelo cotovelo, Charles rugiu grosseiramente, embora Anna não soube como o tinha visto através do papel de parede pendente.

Bran sorriu e apartou a mão.

—De acordo. Mas está assustando-a.

Os rugidos se detiveram instantaneamente.

—Fala um pouco com ele—lhe disse Bran. —Eu levarei aos outros acima. Quando se sentir cômoda, abre a porta... embora seria boa ideia que esperasse a que deixasse de rugir.

E a deixaram sozinha. Devia estar louca porque imediatamente se sentiu mais segura do que o tinha estado em todo o dia. O alívio ao sentir que o medo a abandonava foi quase embriagador. O papel de parede se agitava ao ritmo dos movimentos de Charles e Anna pôde ver um brilho de sua pelagem avermelhada.

—O que te ocorreu? —perguntou-lhe ela. — Estava bem quando te deixei esta manhã.

Em forma de lobo não podia responder, mas deixou de rugir.

—Sinto-o —provou Anna. —Mas estavam empacotando as coisas em meu apartamento e tinha que estar ali. E precisava pegar um pouco de roupa antes de ir para Montana.

Charles golpeou a porta. Não o fez com a suficiente força para rompê-la, mas ficou claro o que queria.

Anna duvidou um instante, mas tinha deixado de rugir. Com um encolhimento de ombros mental, abriu o ferrolho e abriu a porta. Charles era maior do que recordava... Ou talvez o parecia com o exibir as presas de forma tão proeminente. Emanava-lhe sangue da ferida na pata traseira esquerda, e esta lhe escorregava por sua garra. Os dois buracos das costelas gotejavam profusamente.

Atrás dele, a habitação, que tinha estado decorada com muito gosto quando partiu pela manhã, estava agora um desastre. Charles tinha arrancado grande parte de gesso das quatro paredes e do teto. Os farrapos do colchão estavam pulverizados por todo o chão, mesclados com os restos da cômoda.

Anna assobiou ao comprovar as imperfeições.

—Minha mãe.

Charles se aproximou dela coxeando e a farejou de cima abaixo. A escada rangeu e Charles deu a volta como um torvelinho e emitiu um rugido, colocando-se entre ela e o intruso.

Bran se sentou no degrau superior.

—Não vou lhe ferir —comentou. E então olhou a Anna. —Não sei quanto entende agora mesmo, mas acredito que estará melhor em sua casa. Chamei ao piloto e me há dito que está preparado para decolar.

—Pensei que tínhamos um par de dias. —Notou um nó no estômago. Chicago era seu *lar*. — Tenho que falar com o Scorchi e dizer ao Mick que parto, para que procure a outra garçone. E não pude falar ainda com minha vizinha para lhe contar o que ocorreu. —Kara ficaria preocupada.

—Tenho que retornar hoje a Montana —disse Bran. — Amanhã a primeira hora tenho que assistir ao funeral de um amigo que acaba de morrer. Ia deixar-te aqui para que viesse dentro de uns dias, mas já não acredito que seja uma boa ideia. — Bran assinalou ao Charles com um movimento de cabeça. — Está claro que não está recuperando-se tão bem como esperava. Preciso levá-lo para casa para que o examinem. Tenho um telefone. Pode chamar a sua vizinha e ao Mick para lhes explicar a situação?

Anna baixou o olhar para observar ao lobo que se havia interposto entre ela e seu pai para protegê-la. Não era a primeira vez que fazia algo assim.

Além disso, que outra alternativa tinha? Ficar na Alcateia de Chicago? Pode ser que Boyd fosse uma melhora substancial com respeito a Leo, mas... Não tinha nenhuma vontade de ficar com eles.

Apoiou sua mão nas costas de Charles e deixou que sua pelagem a engolisse. Não teve que introduzi-la muito para consegui-lo, Charles era um lobo de grande tamanho. Alterou sua posição até agarrar-se a ela; em nenhum momento apartou os olhos de Bran.

—De acordo —disse ela. — Me dê o telefone.

Bran sorriu e estendeu o braço. Charles não se moveu de onde estava, obrigando a Anna a inclinar-se para agarrar o aparelho enquanto ele olhava com frieza a seu pai. Sua atitude fez rir a Anna, o que facilitou o trabalho de convencer a Kara de que partia a Montana por vontade própria.

Capítulo 2

Depois do desastre daquela manhã, Anna tinha temido o voo a Montana. Como nunca tinha subido em um avião, imaginou que seria horrível, especialmente no Lear para seis passageiros e dois motores ao que Bran lhes acompanhou.

Bran se sentou no assento do copiloto, o que deixava livres os seis assentos de passageiros. Charles a obrigou a deixar para trás a primeira fila de assentos que olhavam para diante com um uivo em forma de gemido e ficou olhando a última fila até que conseguiu que Anna se sentasse nela. Quando se acomodou no espaço entre os assentos e colocou sua cabeça sobre os pés dela, Anna deixou a caixa no assento contíguo, colocou o cinto e aguardou a decolagem.

Não esperava passar bem, especialmente quando era evidente que Charles não o fazia. Movia-se tenso e mal-humorado a seus pés, grunhindo Brandamente quando o avião sofria turbulências.

Entretanto, voar naquele pequeno avião era como montar na atração mais alta do mundo. Uma das agradáveis, como a roda gigante, embora com um ingrediente de perigo que o fazia tudo muito mais excitante. Em nenhum momento pensou que cairiam em picado, como tampouco pensava que uma roda gigante de feira pudesse soltar-se e acabar embutida no centro comercial. E nenhuma roda gigante do mundo tinha uma vista como aquela.

Nem sequer a brusca descida sobre um pedaço diminuto de terra que parecia menor que o estacionamento de um Wal-Mart lhe danificou a viagem. Voltou a conferir o cinto e se agarrou à braçadeira com uma mão enquanto que com a outra sujeitava a caixa para evitar que caísse sobre Charles à medida que o aparelho perdia altitude. Seu estômago se esforçou por seguir onde tinha estado um momento antes. Anna tirou o chapéu sorrindo quando o avião tocou o asfalto e ricocheteou um par de vezes antes de que as rodas permanecessem definitivamente no chão.

O piloto rodou pela pista de aterrissagem e deteve o aparelho em um hangar o suficientemente amplo para conter dois aviões do mesmo tamanho, embora naquele momento a outra parte do edifício estava vazia. Anna recolheu a caixa e seguiu Charles ao exterior. Coxeava visivelmente. Era evidente que estar quieto tanto tempo não lhe tinha feito nenhum bem. Seguia interpondo-se entre ela e seu pai.

Uma vez em terra, Anna começou a tremer. Sua jaqueta era fina para Chicago, mas ali era pouco menos que adequada. No hangar não havia calefação e o frio lhe condensava a respiração.

Não se tinha dado conta do perto que se mantinha Charles, e quando deu a volta para jogar uma olhada ao avião, golpeou-lhe com o joelho no flanco enfaixado. Embora Charles não deu mostra alguma de que lhe tivesse incomodado, devia lhe doer bastante. Mas era culpa dele. Se não tivesse estado em cima dela, não lhe teria golpeado.

—Relaxe —lhe disse ela exasperada. —É muito pouco provável que seu pai me ataque.

—Não acredito que lhe preocupe o fato de que eu possa *te machucar* — disse Bran divertido. — Será melhor que lhe levemos a algum lugar afastado do resto dos machos, para que relaxe um pouco.

O piloto, que lhes tinha seguido ao exterior e estava imerso em algum tipo de tarefa de manutenção, sorriu ante aquele comentário.

—Nunca pensei que veria esse velho índio tão exaltado.

Charles lhe dirigiu um olhar e o piloto baixou os olhos, embora não deixou de sorrir.

—Ouça, não me olhe. Trouxe-te para casa são e salvo, quase tão bem como o teria feito você, verdade, Charles?

—Obrigado, Hank. — Bran se voltou para Anna. — Hank tem que deixar preparado o avião, assim será melhor que vamos esquentando a caminhonete. — Colocou a mão sob seu cotovelo assim que deixaram atrás o amparo do hangar e adentravam em vinte e cinco centímetros de neve. Charles rugiu e Bran lhe devolveu o rugido, exasperado. — Já é suficiente. *Basta*. Não pretendo fazer nada de mau a sua dama, e a neve é muito perigosa.

Apesar de Charles deixar de fazer ruído, caminhava tão perto de Anna que esta acabou tropeçando com o Bran porque não queria lhe machucar. Bran a endireitou e franziu o cenho ao lobo, mas não fez nenhum comentário mais.

Além do hangar, a pista de aterrissagem e dois sulcos na neve profunda que alguém tinha deixado recentemente, não havia sinal de civilização. As montanhas eram impressionantes, muito mais altas, escuras e agrestes que as suaves colinas do Meio Oeste que conhecia. Embora pudesse cheirar a lenha queimada, o que significava que não estavam tão isolados como parecia.

—Pensei que seria mais silencioso.

Não pretendia dizer nada, mas o ruído a inquietava.

—O vento entre as árvores —disse Bran. —E alguns pássaros que ficam todo o ano. Às vezes, quando não faz vento e baixa a temperatura, o silêncio é tão profundo que pode senti-lo nos ossos.

Para Anna aquilo soou bastante horripilante, mas por sua voz pôde adivinhar que ao Bran adorava.

Conduziu-os à parte traseira do hangar, onde lhes esperava a caminhonete cinza coberta de neve. Extraiu uma escova para a neve da parte traseira do veículo e com ela ficou a golpear o chão com ímpeto.

—Entra no carro —lhe disse. — Ponha em marcha o motor para que se vá esquentando. As chaves estão postas. —Apartou a neve que cobria a porta do passageiro e a sustentou aberta para que ela entrasse.

Anna deixou a caixa no chão da cabine e subiu ao interior. A caixa dificultou o movimento de deslizamento pelo assento de pele da posição do passageiro a do condutor. Charles entrou no veículo de um salto e fechou a porta enganchando-a com uma de suas garras. Apesar de ter a pelagem úmida e depois do estremecimento inicial, descobriu que gerava um considerável calor corporal. A caminhonete ficou em marcha com um ronroneo, enchendo toda a cabine de ar frio. Assim que esteve segura de que continuaria em marcha, deslizou-se ao assento central.

Quando o veículo ficou virtualmente limpo de neve, Bran voltou a guardar a escova na parte traseira e subiu de um salto ao assento do condutor.

—Hank não demorará muito. —deu-se conta de que Anna estava tremendo e franziu o cenho. — Lhe buscaremos uma jaqueta mais grossa e umas botas apropriadas para o inverno de Montana. Chicago não é exatamente tropical, como é que não tinha casaco?

Enquanto Bran falava, Charles passou por cima dela, obrigando-a a transladar-se ao assento mais próximo a janela e acomodando-se entre Bran e Anna, apoiando a metade de seu corpo no colo desta.

—Tinha muitas faturas que pagar: gás, eletricidade, água, o aluguel — disse Anna à ligeira. — Uff, Charles, pesas uma tonelada. As garçonetes não podem se permitir muitos luxos.

A porta traseira se abriu e Hank subiu à caminhonete e colocou o cinto antes de soprar as mãos.

—Este maldito vento te mete nos ossos.

—Hora de ir para casa — concordou Bran. Pôs em movimento a caminhonete, embora circulasse por alguma estrada, esta devia estar enterrada sob a neve. — Primeiro deixarei Charles e a sua companheira.

—Companheira? —Embora Anna não deixasse de olhar à frente, reconheceu o tom de surpresa na voz de Hank. — Não é de estranhar que o velho esteja tão excitado. Segue em forma, Charles, bom trabalho. E além disso é muito bonita.

A Anna não fez muita graça que falassem dela como se não estivesse presente. Embora se sentisse muito intimidada para dizê-lo em voz alta.

Charles voltou a cabeça para Hank e levantou o lábio para lhe mostrar suas afiadas presas.

O piloto ficou a rir.

—Muito bem, muito bem. Mas bom trabalho, tio.

Foi então quando compreendeu algo do que não se deu conta no avião: Hank não era um homem lobo. E evidentemente sabia que Charles o era.

—Eu pensava que não podíamos dizer para ninguém —disse.

—Dizer o que? —perguntou Bran.

Anna olhou ao Hank.

—Dizer o que somos.

—Ah, isto é Aspen Creek — lhe respondeu Hank. — Todo mundo sabe dos homens lobo. Se não estiver casado com um, seu pai o é... ou ao menos um de seus pais o era. Isto é o território do Marrok, e somos uma grande família feliz.

Era sarcasmo o que desprendia seu tom de voz? Não lhe conhecia o suficiente para estar segura.

Por fim o ar que lhe golpeava a cara se esquentou. Entre isso e Charles, começava a sentir-se cada vez menos como um cubinho de gelo.

—Pensava que os homens lobo não tinham família, só Alcateia —se aventurou.

Bran lhe dirigiu um rápido olhar antes de voltar a concentrar-se na estrada.

—Você e Charles devem ter uma longa conversa. Desde quando é uma mulher lobo?

—Há três anos.

Bran franziu o sobrecenho.

— Tem família?

— Meu pai e meu irmão. Não os vi desde... — encolheu-se de ombros. — Leo me disse que devia romper toda relação com eles... Porque caso contrário assumiria que eram um risco para a Alcateia... *E os mataria.*

Bran voltou a franzir o cenho.

— Longe de Aspen Creek, os lobos não podem dizer a ninguém, salvo a seus companheiros, o que são; o dos companheiros é para sua própria segurança. Mas não é necessário que deixe de se relacionar com sua família. — E quase para si mesmo, acrescentou: — Suponho que Leo temia que sua família pudesse interferir com o que pretendia te fazer.

Podia chamar a sua família? Esteve a ponto de perguntar-lhe mas decidiu esperar para falar primeiro com Charles.

Como com o voo, a casa de Charles era diferente de como a tinha imaginado. Ao descobrir que estava em uma região separada de Montana, pensou que viveria em uma daquelas casas enormes de troncos, ou um pouco muito velho, como a mansão da Alcateia. Mas a casa onde Bran os deixou não era grande nem era feita de troncos. Justamente o contrário, parecia uma casa singela ao estilo rancho, pintada com uma estranha combinação de cinza e verde. Levantava-se na vertente de uma colina e olhava para uma série de campos cercas de pastoreio ocupados por cavalos.

Anna se despediu de Bran com um gesto da mão enquanto este se afastava na caminhonete. Então carregou com a caixa, a qual parecia um pouco desmantelada após haver-se molhado no chão da cabine, e subiu as escadas com Charles em seus calcanhares. Apesar de que os degraus estavam cobertos por uma ligeira camada de neve, teve a sensação de que normalmente os mantinha im-polutos.

Teve um momento de pânico quando se deu conta de que não tinha pedido ao Bran que abrisse a porta, mas o pomo cedeu facilmente sob sua mão. Supôs que se todo mundo em Aspen Creek conhecia o segredo dos homens lobo, evitariam por todos os meios lhes roubar algo. Apesar de tudo, para sua natureza de cidade, resultava-lhe estranho que Charles deixasse sua casa aberta enquanto estava na outra ponta do país.

Quando abriu a porta se esqueceu completamente do tema das fechaduras. Pode ser que o exterior da casa fosse mundano, mas o interior não o era absolutamente.

Como o chão de seu apartamento, o daquele salão também era de madeira, mas o parquet de Charles tinha um desenho em madeira escura e clara que recordou aos chãos nativos americanos. Grossos tapetes persas de aspecto suave cobriam a parte central do salão e a sala de jantar. Na parede do fundo havia uma enorme lareira de granito, formosa e utilizada com frequência.

Diversas poltronas e cadeiras de aspecto confortável se misturavam com mesas de bordo feitas à mão e prateleiras. O quadro pintado a óleo de uma cascata rodeada de um pinheiro poderia ter estado pendurado em um museu e calculou que provavelmente custaria mais do que ela ganharia em toda sua vida.

Da porta se via a cozinha, onde as bancadas de granito cinza de brilho sutil contrastavam com as escuras vitrines de carvalho de estilo rústico com as

irregularidades necessárias por serem feitas à mão, como ocorria com o mobiliário do salão. Os eletrodomésticos de aço inoxidável debruados de negro deveriam ter resultado muito modernos, mas de algum modo harmonizavam com o conjunto. Embora não era uma cozinha muito grande, nada do que continha tivesse estado desconjurado em uma mansão.

Anna ficou de pé, empapando de neve o chão cuidadosamente polido e completamente consciente de que nem ela nem sua caixa encaixavam naquele lugar. Se tivesse tido outro lugar ao que ir, teria dado meia volta e teria partido, mas o único que lhe esperava fora era o frio e a neve. Inclusive se naquele povoado havia táxis, somente restavam quatro dólares na carteira, e ainda menos na conta corrente. O cheque de seu bolso a levaria a meio caminho de Chicago, se e quando encontrasse um banco para descontá-lo e uma estação de ônibus.

Charles tinha passado junto a ela e adentrou a casa, mas se deteve ao dar-se conta de que não lhe seguia. Olhou-a atentamente e ela rodeou com mais força a úmida caixa. Talvez ele também o estava pensando melhor.

—Sinto-o —lhe disse, apartando os olhos de seu olhar dourado. — Sinto pelas moléstias, sinto-o por não ser mais forte, melhor, o que seja.

Uma labareda de poder lhe percorreu a pele e voltou a posar seus olhos nele bruscamente. Charles se tinha deitado no chão e tinha começado a transformar-se em humano.

Era muito cedo, e estava muito ferido. Fechou apressadamente a porta exterior com o quadril, deixou a caixa no chão e se aproximou dele.

—O que está fazendo? Detenha-se.

Mas já tinha começado e não se atreveu a tocá-lo. A transformação era dolorosa, em qualquer dos dois sentidos, e inclusive um pequeno roçar podia provocar uma grande agonia.

—Maldito seja, Charles.

Inclusive depois de três anos sendo uma mulher lobo, a Anna não gostava de presenciar a transformação; nem a sua nem a de outro. Havia algo horrível no fato de observar como os braços e as pernas de alguém se retorciam e se dobravam. E além disso estava aquela parte em que o estômago se agitava onde não havia nem pelo nem pele para ocultar o músculo e o osso.

Com Charles tinha sido diferente. Havia-lhe dito que sua transformação era mais rápida devido à magia de sua mãe ou ao feito de ter nascido sendo já um homem lobo: quase lhe tinha parecido formoso. A primeira vez que o viu transformar-se, ficou assombrada.

Aquela vez não ocorreu o mesmo. Foi tão lenta e horrível como a sua. Charles se tinha esquecido das bandagens, e estes não estavam feitos para trocar com ele. Anna sabia que cedo ou tarde se rasgariam, mas aquilo não significava que não fora doloroso.

De modo que se pegou à parede para evitar tocá-lo, e depois correu para a cozinha. Abriu várias gavetas freneticamente até encontrar o que continha os objetos agudos e afiados, entre eles, umas tesouras. Depois de decidir que havia menos probabilidades de feri-lo com umas tesouras que com uma faca, agarrou as tesouras e retornou ao salão.

Anna se dedicou a cortar enquanto ele continuava transformando-se, ignorando os sonoros rugidos e esforçando-se por introduzir a folha sob a roupa muito rodeada. A pressão adicional seria dolorosa, mas era muito melhor que esperar a que a tensão sobre o tecido a fizesse finalmente rasgar-se.

O ritmo da transformação se diminuiu cada vez mais, até o ponto que Anna acreditou que ia ficar apanhado entre uma forma e a outra: estava acostumada a ter pesadelos sobre aquilo. Finalmente, ficou feito um novelo a seus pés, completamente humano.

Anna pensou que isso era tudo, mas então seu corpo nu começou a cobrir-se de roupa, flutuando sobre sua pele como esta tinha flutuado ao redor de sua carne durante a transformação. Nada do outro mundo, uns simples jeans e uma camiseta branca, mas jamais tinha ouvido que um homem lobo pudesse fazer algo semelhante. Autêntica magia.

Não sabia a que outro tipo de magia poderia chegar a realizar. Eram muitas as coisas que desconhecia dele; do único que estava segura era que, quando estava a seu lado, seu coração se acelerava e seu habitual estado de semipânico se desvanecia.

Começou a tremer, e então se deu conta de que a casa estava gelada. Charles deve ter desligado a calefação quando partiu para Chicago. Anna olhou a seu redor e encontrou uma pequena colcha dobrada sobre uma cadeira de balanço e cobriu Charles tentando não roçar muito sua pele hipersensível.

Charles estava estendido com a bochecha pega ao chão, tremendo e ofegante.

—Charles?

Sentia o impulso de tocá-lo, mas depois de uma transformação, isso seria o último quereria. Devia sentir sua pele nova e em carne viva.

A manta escorregou de seu ombro e quando a levantou para colocá-la de novo em seu lugar, viu uma mancha escura que se estendia rapidamente por suas costas. Se as feridas tivessem sido normais, a transformação as teria curado muito mais que aquilo. As feridas provocadas por balas de prata demoravam muito mais em curar.

—Tem um estojo de primeiro socorros? —perguntou-lhe.

O estojo de primeiro socorros de sua Alcateia estava equipado com o necessário para fazer frente as feridas que pudessem produzir-se durante as brigas meio sérias que estalavam quando a Alcateia se reunia. Impossível pensar que Charles estivesse pior preparado que sua... que a Alcateia de Chicago.

—Lavabo. —A dor fazia que sua voz soasse a cascalho.

O banheiro estava depois da primeira porta que abriu, uma espaçosa habitação com uma banheira de patas em forma de garras, uma grande ducha com biombos e uma pilha de porcelana branca com pedestal. Em um rincão havia um armário roupeiro. Na estante inferior encontrou um estojo de primeiros socorros de tamanho industrial que transladou ao salão.

A habitualmente morena e cálida pele de Charles tinha agora uma cor cinzenta. Também tinha a mandíbula contraída pela dor e os olhos escuros e brilhantes por culpa da febre; os matizes dourados que despediam harmonizavam pendente que levava em uma de suas orelhas. Incorporou-se e a colcha formava redemoinhos no chão.

—Foi uma estupidez. A transformação não ajuda muito às feridas de prata —lhe repreendeu. Sua repentina irritação se viu alimentada pela dor que Charles se infligiu a si mesmo. — A única coisa que conseguiu é utilizar toda a energia que seu corpo necessita para curar-se. Deixa que volte a te enfaixar e te traga algo de comer. —Ela também estava faminta.

Charles lhe sorriu; um sorriso muito débil. Então fechou os olhos.

—De acordo.

Tinha a voz rouca. Anna teria que lhe tirar a maior parte da roupa com a que se cobriu.

—De onde tirou a roupa?

Poderia ter pensado que era a roupa que levava posta quando se transformou de humano a lobo, mas ela tinha ajudado a lhe despir para que o médico de Chicago pudesse examiná-lo. A parte das bandagens, não levava nada posto quando se transformou em lobo.

Charles meneou a cabeça.

—Como quiser. Não tem importância.

Os jeans eram Levi's, desgastados na zona dos joelhos, e a camiseta tinha uma etiqueta do Hanes. Anna se perguntou se em algum lugar haveria alguém que naqueles momentos estava correndo em roupa interior.

—Que doce —disse enquanto lhe subia a camiseta com cuidado para comprovar a ferida do peito. — Embora isto seria mais fácil se não te tivesse vestido.

—Sinto-o —disse com um grunhido. — É o costume.

Uma bala lhe tinha atravessado o peito à altura do esterno. O buraco das costas era pior, muito maior que o de diante. Se houvesse sido humano, ainda estaria em urgências, mas os homens lobo são resistentes.

—Se puser um emplastro adesivo por diante —lhe disse ele— poderei sustentá-lo. Terá que pôr outro nas costas e depois envolvê-lo tudo com uma atadura de veterinário.

—Como?

—Essa coisa vermelha que parece uma atadura de esportista. Ater-se-á sozinha, assim não terá que apertá-la. Certamente necessitará dois cilindros para cobrir tudo bem.

Anna cortou a camiseta com as tesouras que tinha encontrado na cozinha. Então abriu de um puxão o pacote de emplastros adesivos e colocou um sobre a ferida aberta do peito, tentando não pensar no buraco que atravessava seu corpo e que lhe saía pelas costas. Pressionou o emplastro com mais força da que se acreditava capaz.

Rebuscou no estojo de primeiro socorros em busca da atadura de veterinário e encontrou uma dúzia de cilindros ao fundo. A maioria eram marrons ou negros, mas havia uns quantos de outras cores. Como estava zangada com ele por ferir-se a si mesmo quando poderia haver ficado em forma de lobo uns dias mais, agarrou um par de cilindros de cor rosa shock.

Charles soltou uma gargalhada quando os tirou da caixa, e o esforço deveu lhe produzir bastante dor porque sua boca se contraiu e teve que respirar levemente durante um momento.

—Foi meu irmão quem os pôs aí —disse quando o pior tinha passado.

—Também fez algo para encher o saco dele? —perguntou-lhe ela.

—Segundo ele, era o único que ficava no escritório quando preencheu o estojo de primeiro socorros —disse com um sorriso.

Tinha vontade de lhe fazer umas quantas perguntas mais sobre seu irmão, mas todo o desejo de zombar dele se desvaneceu ao ver suas costas. Nos escassos minutos que tinha demorado para organizar os elementos da bandagem, formou-se um atoleiro de sangue na zona entre sua pele e a parte superior de seus jeans. Teria que lhe haver deixado a camiseta posta enquanto o fazia.

—*Tarditas et procrastinatio odiosa est* —se disse enquanto abria com as tesouras um pacote de emplastos adesivos.

—Fala latim? —perguntou-lhe ele.

—Não, somente sei um montão de citações. Essa é de Cicerón, mas seu pai me disse que minha pronúncia é lamentável. Quer que lhe traduza isso?

O rastro da primeira bala, a que tinha recebido protegendo-a, tinha deixado uma queimadura em diagonal sobre a ferida mais grave. apesar de que lhe doeria uns dias, não era muito importante.

—Não falo latim —lhe disse ele. —Mas sei um pouco de francês e espanhol. Deixar as coisas para mais tarde não é boa ideia?

—Mais ou menos.

Tinha piorado as coisas: necessitava um médico para aquilo.

—Não passa nada —disse ele, respondendo à tensão em sua voz. — Se limite a cortar a hemorragia.

Vencendo a náusea, pôs mãos à obra. Mas antes lhe recolheu a suarenta cabeleira, que lhe chegava à altura da cintura, e a passou por cima do ombro.

Não havia emplastos o suficientemente grandes para cobrir a ferida das costas, de modo que agarrou dois e os sustentou em seu lugar com uma ligeira pressão do joelho enquanto lhe rodeava o torso com a atadura de veterinário. Charles sujeitou um extremo sem que ela o pedisse e a manteve pressionada à altura de suas costelas. Anna aproveitou aquela ancoragem para dar a primeira volta à atadura.

Fez-lhe mal. Charles deixou de respirar, limitando-se a dar pequenos e débeis fôlegos. Proporcionar primeiros auxílios a um homem lobo estava cheio de perigos. A dor podia provocar que o lobo perdesse o controle, como tinha ocorrido aquela manhã. Entretanto, Charles se manteve completamente imóvel enquanto lhe colocava a bandagem muita apertada para que sujeitasse os emplastos em seu lugar.

Anna utilizou os dois cilindros e se esforçou por não fazer nenhum comentário sobre o bem que lhe sentava o rosa shock sobre sua pele morena. Quando um homem está a ponto de desmaiar por culpa da dor, não é muito conveniente fixar-se em quão formoso é. Sua suave pele morena se estendia sobre uns músculos tensos e uns ossos... talvez se não tivesse desprendido aquele aroma tão irresistível face ao sangue e ao suor, Anna poderia ter mantido a distância.

Dela. Ele era dela, sussurrou aquela parte dela que não se preocupava com as questões humanas. Por muitos que fossem seus temores sobre as rápidas mudanças que se estavam produzindo em sua vida, sua metade de lobo se sentia muito cômoda com os acontecimentos dos últimos dias.

Agarrou um pano da cozinha, molhou-o e limpou o sangue do peito enquanto ele se recuperava de seus ásperos primeiros auxílios.

—Também tem sangue na perna da calça —lhe disse ela. — Tenho que te tirar os jeans. Pode fazê-los desaparecer magicamente como apareceram?

Charles meneou a cabeça.

—Agora não. Nem sequer para alardear.

Anna valorizou as dificuldades de tirar uns jeans e acabou agarrando as tesouras que tinha usado antes. Estavam bastante afiadas e cortaram o duro tecido com a mesma facilidade com que tinham talhado a camiseta, deixando-o unicamente com a cueca de cor verde escura.

—Espero que esteja acostumado a ser resistente —disse em um murmúrio para tentar distanciar-se da ferida. —Seria uma lástima manchá-lo.

O sangue se estendeu por todo o elaborado desenho do chão. Por sorte, os tapetes persas estavam muito longe para correr perigo.

A segunda bala lhe tinha atravessado a panturrilha. Tinha muito pior aspecto que no dia anterior; estava mais torcida e ressecada.

—O sangue não o danificará —disse como se sangrasse sobre seu chão periodicamente. —O ano passado lhe aplicaram quatro capas de poliuretano. Não lhe acontecerá nada.

Não ficavam mais bangagens rosas no estojo de primeiro socorros, de modo que para a perna escolheu a seguinte cor mais ridícula: um verde chartres. Como o rosa, a pátina brilhante lhe sentava muito bem. Anna utilizou todo o cilindro e outro par de emplastros para evitar que a bandagem se soltasse, e o deixou preparado, deixando a colcha, a roupa e o chão empapados de sangue. A roupa dela tampouco se livrou.

—Quer que te acompanhe à cama antes de recolher todo este desastre ou prefere uns minutos para te recuperar?

—Esperarei —disse ele.

Enquanto ela tinha estado ocupada com a bandagem, seus olhos escuros tinham adquirido o tom amarelado do lobo. Face ao chlique daquela manhã que tinha estremecido aos lobos de Chicago, seu controle parecia ser muito, muito bom, pois lhe tinha permitido permanecer imóvel enquanto ela se ocupava das feridas. Entretanto, não havia razão alguma para tentar a sua sorte.

—Onde está a máquina de lavar roupa? —perguntou-lhe após agarrar uma muda da caixa.

—No porão.

Demorou um minuto em localizar o porão. Finalmente abriu uma porta na pequena parede entre a cozinha e o salão que tinha confundido com um armário e encontrou a escada. A máquina de lavar roupa estava ao extremo de um porão inacabado; o resto era um ginásio equipado com impressionante minuciosidade.

Arrojou as bandagens e a roupa de Charles em uma cesta junto à máquina de lavar roupa. No porão também havia uma piscina. Encheu-a de água fria e introduziu tudo o que ainda podia salvar-se. Deixou que se empapasse durante uns minutos enquanto trocava de roupa, introduzindo também sua camiseta e jeans manchados de sangue. Junto à secadora encontrou um balde de cinco litros cheio de trapos limpos e pregados e agarrou uns quantos para limpar o chão.

Charles não reagiu quando Anna retornou a seu lado: tinha os olhos fechados e o rosto sereno. Deveria ter tido um aspecto ridículo sentado com uma cueca manchada de sangue e umas tiras rosas e verdes ao redor do corpo, mas simplesmente tinha o aspecto de Charles.

O sangue no chão desapareceu tão facilmente como ele tinha prometido. Anna lhe deu uma última passada e ficou em pé para retornar ao porão com os trapos manchados, mas Charles lhe agarrou a perna com um movimento de sua enorme mão e ela ficou imóvel, perguntando-se se finalmente teria perdido o controle.

—Obrigado —lhe disse bastante civilizadamente.

—Disse-te que estava disposta a algo, mas se me obriga a te enfaixar outra vez, terei que lhe matar —lhe disse ela.

Charles sorriu com os olhos ainda fechados.

—Tentarei não sangrar mais do que o necessário —lhe prometeu, soltando-a para que seguisse com suas tarefas.

Assim que a máquina de lavar roupa ficou em movimento no porão, empreendeu a tarefa de esquentar burritos congelados no micro-ondas. Se ela tinha fome, ele devia estar desfalecido.

Não encontrou café, mas havia chocolate instantâneo e uma grande variedade de chás. Depois de chegar à conclusão de que o que precisavam era açúcar, pôs a ferver água para fazer chocolate quente.

Quando o deixou preparado, levou um prato e uma taça de chocolate ao salão e os deixou no chão frente a ele. Charles não abriu os olhos nem se moveu, de modo que Anna o deixou sozinho.

Passeou pela casa até encontrar seu dormitório. Não foi complicado. Apesar de todos os luxos do mobiliário e a decoração, não era uma casa excessivamente grande. Somente havia um quarto com uma cama.

Aquilo fez que se detivesse um instante com um sentimento desagradável.

Apartou os lençóis. Ao menos não teria que enfrentar ao tema do sexo durante uns quantos dias. Charles não estava na melhor forma para fazer ginástica agora mesmo. Sua natureza de lobo lhe tinha ensinado, entre outras coisas, a ignorar o passado, viver o presente e não pensar muito no futuro. Funcionava, sempre e quando o presente fosse suportável.

Sentia-se cansada; cansada e completamente desconjurada. Fez o que tinha aprendido a fazer aqueles últimos anos: reunir à força de seu lobo. Era algo que somente outro lobo poderia perceber, e sabia que se olhava em um espelho, somente encontrava o reflexo de seus próprios olhos marrons. Entretanto, sob sua pele podia sentir ao *Outro*. Tinha utilizado ao lobo para suportar coisas às que sua metade humana não teria conseguido sobreviver. Por agora, dava-lhe uma maior fortaleza e a isolava de suas preocupações.

Percorreu com a mão os lençóis verde bosque —ao Charles parecia gostar muito de verde— e retornou ao salão.

Charles seguia sentado no chão, com os olhos abertos, e tanto o chocolate como os burritos que lhe tinha deixado no chão haviam desaparecido. Bom sinal. Entretanto, tinha a vista desfocada, e seu rosto estava ainda mais pálido do normal, com profundas linhas produzidas pela tensão.

—Vamos à cama —disse ela da segurança da soleira da porta.

Melhor não surpreender a um homem lobo ferido, inclusive um em forma humana e com problemas para manter a verticalidade.

Charles assentiu com a cabeça e aceitou sua ajuda. Inclusive em forma humana era muito grande, uns trinta centímetros maior que seu metro e sessenta. Também pesava muito.

Se tivesse sido necessário, poderia ter carregado ele, mas lhe haveria custado muito e lhe teria feito mal, de modo que lhe passou o ombro por debaixo do braço e lhe ajudou a chegar até seu dormitório.

Tão perto dele, resultava-lhe impossível não responder ao aroma de sua pele. Cheirava a macho e a parceiro. Empurrada por aquele aroma, deixou-se inundar na segurança de sua natureza de lobo, acolhendo a satisfação da besta.

Charles não fez som algum durante o trajeto até seu dormitório, embora ela podia sentir o alcance de seu medo na tensão de seus músculos. Estava ardendo e febril, e aquilo a preocupava. Jamais tinha visto um homem lobo com febre.

Charles sentou na cama com um assobio. Embora o sangue no cinto de sua cueca mancharia os lençóis, Anna não se sentiu muito cômoda para comentar-lhe Parecia a ponto de derrubar-se; antes de decidir transformar-se em humano tinha estado muito melhor. Teria que haver pensado melhor, de algo tinha que lhe servir ser tão velho.

—Por que não ficou em forma de lobo? —recriminou-lhe.

Uns olhos de gelo se cravaram nos seus com uma profundidade amarela que tinha mais de lobo que de homem.

—Ia partir. O lobo não tinha forma de te dizer que não o fizesse.

Tinha passado por tudo aquilo somente porque lhe preocupava que ela pudesse ir-se? Romântico... e estúpido.

Anna pôs os olhos em branco, exasperada.

—E aonde demônios teria ido? E que mais te dava se acabava morrendo sangrando?

Charles baixou a vista deliberadamente.

O fato de que aquele lobo, aquele homem tão dominante que inclusive os humanos se apartavam quando passava a seu lado, oferecesse-lhe a vantagem a deixou sem fôlego.

—Meu pai te teria levado aonde desejasse —lhe disse ele brandamente. —Estava bastante seguro de que podia te convencer do contrário, mas subestimei a gravidade de minhas feridas.

—Estúpido —lhe disse ela amargamente.

Charles levantou a vista para olhá-la, e fora o que fosse o que viu em seu rosto, fez-lhe sorrir, embora sua voz permaneceu séria quando respondeu ao insulto.

—Sim. Faz-me perder o julgamento.

Charles começou a tombar-se na cama e Anna lhe colocou rapidamente o braço ao redor do corpo, justo por cima da bandagem, lhe ajudando a estender-se sobre o colchão.

—Prefere se tombar de lado?

Charles negou com a cabeça e mordeu o lábio. Anna sabia por experiência própria quão doloroso podia resultar o fato de estender-se na cama quando está gravemente ferido.

—Quer que chame a alguém? —perguntou-lhe. —Ao médico? A seu pai?

—Não. Estarei bem depois de dormir um pouco.

Anna lhe olhou com semblante cético que ele não viu.

—Há *algum* médico? Ou alguma pessoa que saiba mais de medicina que eu pelos arredores? Como, por exemplo, um escoteiro de dez anos?

O rosto de Charles se iluminou com um sorriso passageiro que animou sua sóbria beleza até o ponto de provocar em Anna uma pontada no coração.

—Meu irmão é médico, mas provavelmente seguirá no estado de Washington. — Duvidou um instante. —Embora talvez não. Certamente voltará para o funeral.

—Funeral?

Então recordou o funeral do amigo de Bran, a razão pela qual Bran não tinha podido ficar mais tempo em Chicago.

—Amanhã —respondeu ele, embora não era isso ao que ela se referia. Como não estava muito segura de querer saber mais sobre quem tinha morrido e por que, não lhe fez mais perguntas. Charles ficou em silêncio e Anna pensou que ficou dormido até que voltou a falar: —Anna, não confie em ninguém.

—Como?

Apoiou-lhe a mão na frente. Não estava mais quente.

—Se decide aceitar a oferta de meu pai e parte, recorda que não faz nada sem um motivo. Se fosse um homem singelo, não seria tão velho como é, nem teria tanto poder como tem. Quer-te para poder te utilizar. —Abriu seus olhos dourados e lhe sustentou o olhar. —É um bom homem. Mas também é muito realista, e seu realismo lhe diz que ter a uma Omega pode significar que não terá que voltar a matar a um amigo.

—Como o do funeral de amanhã? —disse ela.

Sim, esse era o plano que tinha estado percebendo.

Charles assentiu uma só vez, com convicção.

—Não poderia ter feito nada com esse, ninguém podia fazer nada. Mas talvez o seguinte...

—Seu pai não *deixaria* que eu partisse? —converteu-se em uma prisioneira?

Charles captou sua impaciência.

—Não queria dizer isso. Ele não está acostumado a mentir. Disse-te que faria todo o possível para te deixar partir se isso é o que quisesse, e isso é o que fará. Tentará te convencer para que vá aonde mais te necessite, mas não se oporá a sua decisão.

Anna lhe olhou e seu lobo interior se relaxou.

—Você tampouco poderia me reter aqui contra minha vontade.

Suas mãos se moveram com uma velocidade assustadora, lhe sujeitando os pulsos antes de que ela pudesse reagir. Seus olhos reluziram passando de um dourado gentil a um brilhante ambarino de lobo enquanto lhe dizia com voz rouca:

—Não esteja tão segura, Anna. Não esteja tão segura.

Teria que ter sentido medo. Ele era muito maior e forte que ela, e a velocidade de seus movimentos pretendia provocar nela aquele sentimento. Apesar de tudo, Anna

não compreendia a necessidade de tudo aquilo a menos que Charles queria assegurar-se de que o entendia. Não obstante, com a influência de seu lobo, não podia sentir medo dele; lhe pertencia e jamais lhe faria mal, como ela tampouco o faria a ele de forma consciente.

Anna se inclinou para diante e apoiou a frente sobre a sua.

—Conheço-te —lhe disse. —Não pode me enganar.

Aquela convicção a ajudou a serenar-se. Poderia ser que fizesse muito pouco tempo que lhe conhecia, muito pouco, mas em muitos sentidos lhe conhecia melhor do que ele se conhecia a si mesmo.

Surpreendentemente, Charles ficou a rir; uma risada silenciosa que confiava que não lhe doesse muito.

—Como conseguiu te convencer Leo para que te comportasse como um lobo submisso?

Todas aquelas surras, todas aquelas cópulas com homens que detestava. Baixou o olhar para observar as cicatrizes nos pulsos que sustentava Charles. Tinha usado uma faca de prata, e se não tivesse perdido a paciência, se tivesse esperado a retornar à segurança de sua casa, agora poderia estar morta.

Leo tinha tentado desarmá-la porque sabia que não era total. Era algo completamente distinto. Não tinha querido que ela soubesse. Não formava parte da estrutura da Alcateia, Charles lhe tinha contado finalmente que ela não era nem dominante nem total. Ela era um Omega. Seja o que fosse o que isso significasse.

A mão de Charles viajou rapidamente de seus pulsos a suas bochechas. Separou-a dele até que pôde contemplar seu rosto.

—Anna? Anna, sinto muito. Não pretendia...

—Não foi você —lhe disse ela. —Estou bem. —Voltou a enfocar a vista e se deu conta de que Charles parecia ainda mais cansado que momentos antes. — Precisa dormir.

Ele a olhou atentamente, assentiu e a soltou.

—No salão há um televisor. Ou pode jogar com o computador de meu escritório. Tenho...

—Eu também estou cansada.

Pode ser que se sentisse tentada a dar meia volta e sair com o rabo entre as pernas, mas não era estúpida. Sabia que o que sua mente exausta necessitava para assimilar as mudanças abruptas de sua vida era dormir. A mudança de Chicago às montanhas de Montana era o de menos: Omega e valorizada, não total e desprezada; um companheiro e tudo o que isso implicasse. Aquilo era muito melhor que o que deixava para trás, mas não significava que não fora traumático.

—Importa-te se dormir aqui?

Manteve um tom de voz tímido. Não queria misturar-se onde não a queriam. Aquele era seu território, mas seu lobo se mostrava resistente a lhe deixar só e ferido.

Aquela necessidade lhe parecia estranha. Estranha e perigosa, como se o que ele era pudesse alargar a mão e tragar-lhe inteira, ou transformá-la até que não pudesse reconhecer-se a si mesma. Embora estava muito cansada para enfrentar-se àquilo, nem sequer para averiguar se desejava fazê-lo.

—Por favor —disse ele, e aquilo foi suficiente.

Ele sabia que Anna estava bem. Quão único precisava era descansar.

Depois de retornar do banheiro com uma puída camisa de flanela e umas calças de pijama desbotadas, tombou-se a seu lado feito um novelo e ficou adormecida pouco depois. Embora ele também estivesse exausto, descobriu que não desejava desperdiçar nem um segundo do tempo que podia passar com ela entre seus braços, seu presente inesperado.

Não sabia o que ela opinava dele. Antes de que lhe disparassem, tinha planejado dedicar mais tempo a cortejá-la. Desse modo ela se sentiria mais segura dele antes de arranca-la de seu território.

A expressão de seu rosto quando tinha entrado em sua casa... Anna emitia um som e ele afrouxou um pouco a pressão de seus braços. Feito-se mal a si mesmo com aquela transformação, e demoraria muito mais em recuperar-se em forma humana, mas se a tivesse perdido, a ferida que lhe tivesse provocado teria sido muito mais difícil de curar.

Era uma mulher forte. Tinha sobrevivido ao trato imposto por Leo e tinha saído mais ou menos graciosa. Sabia que não era certo o que havia dito sobre sua falta de opções. Se não a tivesse distraído, teria fugido dele. O cansaço que sentia agora e a dor provocada pela transformação haviam valido a pena. Tinha esperado muito tempo para encontrar a alguém como ela e faria todo o possível por não perdê-la.

Resultava estranho ter a uma mulher em sua cama. Embora, ao mesmo tempo, parecia-lhe que sempre tinha estado aí. Era dela. Embora ela tinha a mão estendida sobre a ferida de seu peito, ignorou a dor em altares de um sentimento muito mais feroz e ditoso. Dela.

A voz do Marrok flutuou em sua cabeça e desapareceu, como uma corrente cálida. *O funeral será às nove da manhã. Se não puder assistir, diga-me isso e Samuel virá; depois quer lhe examinar as feridas.*

Bran não era um autêntico telepata; podia enviar mas não receber. Samuel lhe havia dito em uma ocasião que Bran nem sempre tinha sido capaz de fazer sequer aquilo, mas em algum momento após converter-se em Alfa tinha desenvolvido aquele talento.

E necessito algo de ti...

A voz de seu pai se foi apagando e Charles soube que não queria que escutasse aquela parte. Ou ao menos que seu pai não pretendia que a escutasse.

Nunca tinha questionado a fé no Deus de seu pai, nem a de seu avô nos espíritos, porque conhecia ambos os mundos. Deus raramente lhe falava, embora às vezes lhe alertava ou lhe emprestava consolo e fortaleza. Entretanto, os espíritos eram mais exigentes, embora também menos caridosos, e Charles tinha aprendido a reconhecer quando um deles lhe estava incomodando.

—Sinto-o — sussurrou a Anna quando alargou o braço para agarrar o telefone, o qual, felizmente, não estava muito longe da cama. Não obstante, Anna nem se moveu.

Marcou o número do telefone de seu pai.

—Não poderá assistir? Está pior?

Inclusive antes de que existisse o reconhecimento de chamadas, seu pai sempre tinha sabido quem lhe estava chamando. Com Charles, fazia tempo que tinha deixado de perder tempo com as saudações e passava diretamente à medula da questão.

—Estou bem, papai —disse Charles. Quando Anna despertou, seus músculos se esticaram ligeiramente contra seu corpo. —Mas tem algo mais que me dizer.

Produziu-se uma pausa.

—Se tivesse sabido que sua mãe era a filha de um xamã, jamais a teria eleito como companheira.

Repetia o mesmo desde que seu filho mostrou sinais de ter herdado os talentos de sua mãe. Charles sorriu: seu pai sabia perfeitamente que não podia mentir a outro homem lobo, ou ao menos não a um de seus filhos. Nem sequer através do telefone.

—De acordo —disse Bran quando Charles não fez gesto de continuar. A frustração fez que sua voz soasse muito afiada. —Se produziu uma morte nas montanhas Cabinet. Um caçador de alces apareceu feito pedaços faz um par de dias, o último dia da estação. Disse-me isso um de nossos contatos com os guarda-florestal. Amanhã sairá nos jornais. Oficialmente o atribuem ao ataque de um urso pardo.

—Um lobo solitário? —perguntou Charles.

—Talvez. Ou possivelmente alguém que tenta me dizer que fazer pública a existência dos licantropos não é muito boa ideia.

Anna estava completamente imóvel a seu lado. Estava acordada e não perdia nem um detalhe da conversa.

Bran continuou.

—O Parque Nacional Cabinet está justo em nosso pátio traseiro, onde era evidente que receberia a mensagem. Faz mais de quinze ou vinte anos que não tínhamos a um lobo solitário em Montana. —A maioria eram o suficientemente preparados para manter-se afastados do território pessoal do Marrok. —Os guardas também fizeram um relatório faz coisa de um mês sobre um monstro com o que topou um universitário. A poucos quilômetros de onde encontraram ao caçador morto. O estudante disse que essa coisa saiu do bosque. Rugiu-lhe e lhe mostrou as presas e as garras. Todos concluíram que se tratava de um puma, mas o estudante ficou feito furioso ante a sugestão de que não sabia reconhecer a um puma. Sustentou que se tratava de um monstro até que lhe convenceram de que trocasse sua história.

—Por que segue com vida? —perguntou Charles, e sentiu como Anna se esticava ainda mais. Tinha interpretado mal sua pergunta. De modo que continuou, mais por ela que por seu pai: — Se era um lobo solitário, não teria permitido que escapasse depois de lhe ver —esclareceu para tranquilizar a Anna.

Fazia muito tempo que não tinha que matar a uma testemunha. A maior parte das vezes podiam recorrer à incredulidade geral ante o mundo sobrenatural e, pelo menos na zona Noroeste, às histórias sobre o *Big Foot*. Uma das Alcateias do Oregón tinha convertido em passatempo a criação de rastros do *Big Foot* depois de que os danos que um de seus novos lobos provocou em um carro fossem atribuídos a este.

—O estudante assegurou que um velho louco apareceu do nada com uma faca na mão e lhe disse que saísse dali —disse Bran. —E isso foi o que fez.

Charles demorou um minuto em processar a informação.

—Um velho louco que *casualmente* passava por ali quando um homem lobo decidiu matar a esse guri? Um velho nem sequer poderia distrair a um homem lobo.

—Não disse que a história tinha sentido. —A voz de seu pai soava seca. — E não estamos seguros de que o monstro fosse um homem lobo. Não lhe prestei muita atenção até que o caçador foi assassinado na mesma zona só um mês mais tarde.

—E o que tem que esse? Está seguro de que o caçador foi uma vítima de um homem lobo?

—Meu informante é Heather Morrell. Sabe diferenciar as vítimas de um urso pardo das de um homem lobo.

Apesar de que Heather era humano, tinha crescido em Aspen Creek.

—De acordo —concordou Charles. — Quer que investigue um pouco? Demorarei uns dias em estar a ponto. —E não queria deixar a Anna só. — Pode enviar a outro?

Teria que ser alguém o suficientemente dominante para controlar a um lobo solitário.

—Não quero enviar a ninguém que possa acabar morto.

—Só eu.

Charles também podia utilizar um tom seco.

—Só você —reconheceu Bran brandamente. —Mas não te enviarei ferido. Samuel está aqui para assistir ao funeral. Ele pode investigá-lo.

—Não pode enviar ao Samuel.

Sua resposta foi imediata. A negativa foi muito brusca para ser simplesmente instintiva. Em ocasiões os espíritos de sua mãe lhe ajudavam a planejar o futuro.

Naquela ocasião quem esperou foi seu pai, lhe deixando tempo para averiguar por que era tão má ideia. Não gostou da resposta que foi a sua mente.

—Desde que retornou do Texas está estranho —disse Charles finalmente.

—Tem tendências suicidas. —Bran verbalizou. —O enviei para Mercy para ver se ela podia acordá-lo. Por isso o mandei a Chicago e não a Washington.

Pobre Mercy, pobre Samuel. Charles acariciou o braço de Anna com um dedo. Graças a Deus, graças a todos os espíritos, seu pai nunca tinha tentado emparelhá-la a ele. Olhou a Anna e agradeceu a seu pai por havê-lo enviado a ele a Chicago em lugar de Samuel.

Os espíritos responderam a sua prece impulsiva interferindo com maior intensidade.

—Samuel é duro —disse ao tempo que repassava as imagens de alerta que lhe enviavam. —Mas é um curandeiro, e não acredito que seja o que requeira esta situação. Irei eu. Terá que esperar um par de dias, mas irei.

A inquietação que lhe tinha invadido desde que seu pai contatasse com ele se desvaneceu. Sua decisão parecia ser a mais acertada.

Embora seu pai não pensava o mesmo.

—Ontem recebeu três balas de prata, ou me perdi algo? E esta manhã perdeu o controle.

—Duas balas e um arranhão —o corrigiu Charles. — Coxeari ligeiramente pelo atalho. Não acontece nada a meu controle.

—Deixará que Samuel te examine e depois falaremos. —Seu pai desligou abruptamente. Mas sua voz continuou na cabeça de Charles: — *Não quero perder a meus dois filhos.*

Charles desligou e disse a Anna:

—Dispara.

—Bran, o Marrok, vai fazer pública a existência dos homens lobo?

Falou quase em murmúrios, como se o encontrasse inconcebível.

—Acredita que já sabe muita gente equivocada —lhe disse. — Os computadores e a ciência têm feito que cada vez seja mais difícil nos ocultar. Papai confia em poder controlá-lo melhor se ele for o que inicia o fluxo de informação em lugar de esperar a que nossos inimigos ou algum idiota inocente decidam fazê-lo por nós.

Anna se relaxou apoiando-se nele enquanto refletia sobre aquilo.

—Isso fará a vida muito mais interessante.

Charles ficou a rir, acolheu-a entre seus braços e, finalmente, caiu em um sonho reparador.

Capítulo 3

Sim havia um povoado. Embora não era nada do outro mundo, tinha um posto de gasolina, um hotel e um edifício de tijolo e pedra de dois andares com um pôster na fachada que o identificava como a Escola de Aspen Creek. Além da escola, escondida entre as árvores e apenas visível de outro lugar que não fosse o estacionamento, levantava-se uma igreja de pedra. Se não tivesse sido pelas indicações de Charles, Anna não a teria encontrado nunca.

Anna fez avançar a enorme caminhonete verde pelo estacionamento da igreja até uma praça desenhada para um veículo muito menor. Era o único oco que ficava. Apesar de não a ter visto nenhuma casa, o estacionamento estava cheio de caminhonetes e SUVs.

A caminhonete de Charles era mais velha que ela, embora parecesse recém saída de fábrica. Tinha menos de oitenta mil quilômetros, se podia confiar no velocímetro; uns três mil quilômetros ao ano. Charles lhe havia dito que não gostava de dirigir.

Anna desligou o motor e observou com ansiedade como Charles abria a porta e saía da caminhonete. O salto não pareceu lhe afetar. A mancha na atadura rosa não era maior aquela manhã do que o tinha sido a noite anterior. Mas, mesmo assim, parecia esgotado, e a Anna preocupava o enrijecimento que se percebia sob sua pele.

Se tivessem estado em Chicago, assistindo a uma reunião de sua velha Alcateia, não lhe teria permitido acudir. Muitos lobos podiam tirar partido de sua debilidade. Ou ao menos tivesse tentado lhe deter com maior convicção do que tinha empregado aquela manhã.

Tinha-lhe comunicado suas reticências com a cabeça cuidadosamente inclinada, como lhe tinham ensinado. Segundo sua experiência, aos lobos dominantes não gosta que lhes questione seu valor, e às vezes reagem airadamente. Não obstante, Anna não temia que Charles pudesse lhe fazer dano.

Limitou-se a lhe dizer:

—Ninguém se atreverá a me desafiar. Meu pai os mataria se não o conseguisse eu antes. E não estou precisamente indefeso.

Anna não tinha tido a coragem de seguir questionando sua decisão. Quão único pôde fazer foi confiar em que tivesse razão.

Depois de cobrir as bandagens com uma jaqueta escura, tinha que admitir que seu aspecto transmitia algo menos indefeso. O contraste entre a jaqueta formal e o cabelo até a cintura, trançado e coberto de miçangas, resultava estranhamente irresistível. É obvio, seu rosto exótico e atrativo, sem esquecer seu corpo de músculos tensos e desenvolvidos, significava que estaria impressionante levasse o que levasse.

Ele estava muito mais elegante que ela. Teve que por jeans e uma camisa amarela abotoada ao pescoço porque quão único tinha além disso eram duas camisetas. Quando agarrou o necessário em sua casa, não sabia que teria que assistir a um funeral.

Suspirou e abriu a porta da caminhonete lentamente para evitar ralar o Subaru estacionado junto à caminhonete. Charles a esperava frente ao veículo e alargou seu braço no que se estava convertendo em um gesto familiar, por muito passado de

moda que estivesse. Ela deslizou seu braço no dele e deixou que marcasse o ritmo até a igreja.

Embora em público deixou de coxear, Anna sabia que numerosos olhos sagazes estariam observando a rigidez com que caminhava. Anna levantou a vista para observar seu rosto quando começaram a subir os degraus, mas não pôde ler absolutamente nada em seu semblante: já tinha posta a cara pública, completamente inexpressiva.

O interior da igreja parecia uma colmeia, com centenas de vozes que se entrelaçavam e das que somente podia extrair uma palavra aqui e outra lá mas nada que tivesse sentido. Reconheceu a presença de lobos, mas também de humanos. Toda a congregação desprendia o inconfundível aroma da dor, revestido de ira e ressentimento.

Quando entraram na capela viram que todos os bancos estavam ocupados, e inclusive que algumas pessoas permaneciam de pé ao fundo da sala. Deram a volta quando entraram ela e Charles, e todos observaram a ela, uma estranha, a única pessoa em toda a igreja que levava jeans. E uma camisa amarela.

Agarrou com mais força o braço de Charles. Ele baixou o olhar até seu rosto e, continuando, continuou observando tudo o que lhe rodeava. Antes de deixar para trás o terceiro banco, todo mundo pareceu encontrar algo urgente que atraiu sua atenção para outro lugar.

Anna apertou seu antebraço com maior intensidade em sinal de agradecimento e se fixou no interior do edifício. Recordou-lhe a igreja em que tinha crescido: madeira escura, altos tetos e planta em forma de cruz. O púlpito estava situado justo frente à nave pela que tinham entrado, a uns sessenta centímetros por cima do chão principal. Depois deste, várias filas de bancos estavam orientadas para a congregação.

Enquanto se aproximavam da parte dianteira da igreja, Anna compreendeu que se equivocou ao pensar que todos os bancos estavam ocupados. Na primeira fila da esquerda, Bran estava sentado sozinho.

Apesar do traje cinza carvão, qualquer que lhe tivesse visto ali sentado teria pensado que esperava o ônibus em lugar de estar em um funeral. Tinha os braços estendidos a ambos os lados e os cotovelos apoiados no respaldo do banco; as pernas estiradas e cruzadas à altura da panturrilha, os olhos cravados ou no corrimão frente a ele ou no infinito. Seu rosto não revelava muito mais que a habitual expressão de Charles, e aquilo a inquietou. Não fazia muito que lhe conhecia, mas a cara do Marrok estava acostumado a ser mais expressiva; não estava desenhada para permanecer tão rígida.

Parecia isolado, e Anna recordou que o homem ao que todo o povo tinha ido a despedir pela última vez tinha morrido às mãos de Bran. Um amigo, conforme lhe havia dito ele mesmo.

A seu lado, Charles emitiu um fraco grunhido que atraiu a atenção de seu pai. Bran olhou em sua direção e elevou uma sobrancelha, o que interrompeu seu ensimesmamento. Deu-lhe um tapinha ao banco junto a enquanto perguntava a seu filho:

—O que? Esperava que me agradecessem isso?

Charles deu a volta repentinamente, de modo que Anna ficou com o rosto sobre seu peito. Entretanto, Charles não a olhava a ela a não ser ao resto de pessoas que ocupavam o santuário, as quais voltaram a desviar o olhar. Quando seu poder percorreu a igreja como uma rajada de vento, impôs-se um silêncio sepulcral.

—Idiotas —disse Charles o suficientemente alto para que lhe ouvissem todos os presentes.

Bran ficou a rir.

—Sente-se antes de que os assuste de verdade. Não sou um político, não me interessa o que opinem de mim. Sempre e quando me obedecerem.

Depois de um momento, Charles concordou, e Anna se encontrou sentada entre um e o outro.

Assim que Charles se sentou com a vista posta à frente, reataram-se os murmúrios, agarraram velocidade e recuperaram seu nível anterior. Havia correntes subterrâneas o suficientemente profundas para afogar-se nelas. Anna não pôde evitar sentir uma estranha.

—Onde está Samuel? —perguntou Charles olhando a seu pai por cima da cabeça de Anna.

—Agora mesmo chega. —Bran disse aquilo sem olhar para trás, mas Quando Charles se voltou, Anna fez o mesmo.

O homem que avançava lentamente pelo corredor central era tão alto como Charles, e suas feições eram a versão dura de Bran. Aquela dureza fazia que tivesse um aspecto menos agradável e juvenil que seu pai. Anna o encontrou estranhamente atraente, embora não tão bonito como Charles.

Apesar de levar o cabelo despenteado e desgracioso, conseguia de algum modo parecer limpo e elegante. Em uma mão segurava uma gasta capa de violino e na outra uma jaqueta azul escuro ao estilo do oeste.

Quando tinha alcançado virtualmente a primeira fila de bancos, deu a volta e deu um repasse a todos os rostos presentes com um só olhar. A seguir se fixou em Anna e seu rosto se iluminou com um doce sorriso; um sorriso que também tinha visto fugazmente no rosto de Charles. Com aquele sorriso, Anna pôde ver além das diferenças superficiais e captar as similitudes ocultas, as quais tinham mais que ver com a forma dos ossos e o movimento que com uma semelhança de traços.

Samuel se sentou junto ao Charles e com ele trouxe o aroma penetrante da neve sobre o couro. Seu sorriso se ampliou, começou a dizer algo mas se deteve quando uma quebra de onda de silêncio percorreu a multidão de trás para diante.

O sacerdote, embainhado em roupas clericais fora de moda, avançou lentamente pelo corredor central com uma Bíblia de aspecto antigo sob o braço. Quando ocupou sua posição na parte frontal, a sala estava em silêncio.

Sua idade avançada disse a Anna que não era um homem lobo, embora tinha uma presença que fez que seu «Bem-vindos e obrigado por oferecer seu respeito a nosso amigo» soasse bastante cerimonioso. Depositou a Bíblia no suporte de livro com uma óbvia precaução por não deteriorar mais a gasta pele das tampas. Abriu brandamente a pesada coberta com relevos e deixou a um lado o marcador de páginas.

Leu uma passagem do décimo quinto capítulo da primeira carta de Paulo aos Coríntios. E o último verso o recitou olhando à frente.

— «*Onde está, morte, sua vitória? Onde está seu aguilhão?*»

Deteve-se e percorreu a sala com o olhar, mais ou menos como fez Charles, e então disse:

— Pouco depois de que trasladasse a este lugar, Carter Wallace veio a minha casa às duas da madrugada para agarrar a mão da minha mulher quando nosso labrador teve sua primeira ninhada. Não me cobrou nada porque disse que se cobrasse por abraçar a mulheres formosas, seria um gigolô e não um veterinário.

Separou-se do púlpito e se sentou na cadeira de madeira com aspecto de trono que havia a um lado do estrado. Produziu-se o som de uns pés arrastando-se e do rangido da madeira e uma mulher mais velha ficou em pé. Um homem de cabelo castanho brilhante a acompanhou com o passar do corredor com uma mão sob seu cotovelo. Quando passaram junto a seu banco, Anna cheirou seu lobo.

A anciã demorou uns quantos minutos em subir as escadas que levavam ao púlpito. Era tão pequena que teve que subir a um tamborete. O homem lobo ficou atrás dela e a sujeitou pela cintura para que não perdesse o equilíbrio.

— Carter veio a nossa loja quando tinha oito anos — disse com uma voz frágil e velada. — Me deu quinze centavos. Quando lhe perguntei para que eram, disse-me que uns dias atrás ele e Hammond Markham tinham estado ali e que Hammond tinha roubado um caramelo. Perguntei-lhe por que vinha ele em lugar do Hammond para trazer o dinheiro. Disse-me que Hammond não sabia que lhe trazia o dinheiro. — riu e se secou uma lágrima. — Me assegurou que era o dinheiro do Hammond, que o tinha roubado de seu porquinho aquela mesma manhã.

O homem lobo que a tinha acompanhado levou a mão da anciã aos lábios e a beijou. Continuando, levantou-a em seus braços, apesar de seus protestos, e a levou até o lugar que ocupavam entre a concorrência. Marido e mulher, não o neto e a avó que aparentavam ser.

A Anna percorreu um calafrio, repentinamente agradecida de que Charles fosse um homem lobo como ela e não um humano.

Outras pessoas se levantaram e contaram mais histórias ou leram versos da Bíblia. Houve lágrimas. O falecido, Carter Wallace, ou melhor dizendo, o Dr. Carter Wallace, pois parecia claro que tinha sido o veterinário do povo, era um homem muito querido.

Charles estirou as pernas e inclinou a cabeça. A seu lado, Samuel jogava distraidamente com a capa de pele do violino, esfregando uma zona gasta da mesma.

Anna se perguntou a quantos funerais deveriam ter assistido, a quantos familiares e amigos tinham enterrado. Ela também tinha amaldiçoado muitas vezes seu corpo regenerador e eternamente jovem, sobretudo quando dificultava tanto o suicídio. Mas a tensão nos ombros de Charles, o nervosismo de Samuel e a imobilidade de Bran lhe fizeram descobrir que existiam outras coisas que convertiam a imortalidade virtual em uma maldição.

Perguntou-se se Charles teria tido alguma vez uma esposa. Uma mulher humana que envelhecia enquanto ele não o fazia. O que se sentiria ao ver que a gente que

conhecia desde pequena se fazia velha e morria enquanto ainda não lhe tinha saído nem o primeiro cabelo cinza?

Olhou para Charles. Havia-lhe dito que tinha duzentos anos, e seu pai e seu irmão eram ainda mais velhos. Teriam assistido a muitíssimos funerais.

Um nervosismo crescente na congregação interrompeu seus pensamentos. Olhou a seu redor e viu uma garota avançando pelo corredor central. Não havia nada nela que justificasse a primeira vista aquela agitação. Embora estava muito longe e rodeada de muita gente para poder cheirá-la, havia algo nela que a assinalava como humana.

A garota subiu as escadas e a tensão fez vibrar o ar quando passou as folhas da Bíblia e observou ao auditório por debaixo de suas pestanas.

Pôs um dedo sobre a página e leu:

Porque, esta é a mensagem que ouvistes desde o começo: Que nos amemos uns aos outros. Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa lhe matou? Porque suas obras eram más, e as de seu irmão justas.

—Shawna. A neta do Carter —lhe disse Charles em um sussurro. — Isto vai ficar feio.

—Não estudou o suficiente —disse Samuel com o mínimo tom de voz mas com um sutil toque de humor: — Na Bíblia há passagens mais mordazes que As de João.

A garota continuou recitando uns quantos versos mais e depois olhou diretamente ao Marrok, que se viu obrigado a lhe sustentar o olhar. Embora Anna não percebeu o poder do Alfa, a garota baixou o olhar após pouco mais de segundo meio.

—Esteve em uma escola longe daqui —disse Charles com aquela voz quase silenciosa. Qualquer, licantropo ou não, que estivesse mais longe dele que Anna não poderia havê-lo escutado. —É jovem e está segura de si mesma, e já se mostrava contrária ao poder que exerce papai em Aspen Creek muito antes de que Doc Wallace tomasse a fatal decisão de converter-se em homem lobo. Entretanto, trazer tudo isto a seu funeral é imperdoável.

Ah. De repente compreendeu a tensão e a ira presentes na sala. Carter Wallace tinha sido transformado. A transição não tinha saído bem e Bran se viu obrigado a matá-lo.

Segundo Bran, Carter tinha sido seu amigo. De algum modo, enquanto observava seu rosto decomposto, Anna compreendeu que não devia ter muitos amigos.

Alargou o braço por cima de seu ombro, onde a mão do Marrok pendurava de forma casual, e a agarrou entre as suas. Foi um ato impulsivo: assim que se deu conta do que tinha feito, ficou imóvel. Mas, para então, Bran já tinha agarrado sua mão com uma força que traiu sua postura aparentemente casual. Embora lhe machucasse, Anna não acreditava que fosse intencional. Depois de uns instantes, o apertão se fez menos intenso.

No púlpito, Shawna começou a falar de novo, sua amargura aparentemente desbocada provinha de sua incapacidade para sustentar o olhar de Bran.

—Meu avô estava morrendo de câncer de ossos quando o Marrok lhe convenceu para que se transformasse. O avô nunca quis ser um homem lobo, mas, débil e doente, deixou-se convencer.

Anna teve a sensação de que aprendeu o discurso de cor e que o tinha ensaiado frente ao espelho.

—Fez-lhe caso a seu *amigo*. —apesar de a que não voltou a olhar ao Bran, nem sequer Anna, quem não tinha conhecido ao falecido, teve alguma dúvida a quem se referia com aquilo. — De modo que em lugar de morrer de sua enfermidade, morreu com o pescoço quebrado porque Bran decidiu que não era um homem lobo suficientemente bom. Talvez o avô pensasse que era uma morte mais digna.

Embora não chegou a dizer «*Mas eu não*», aquilo foi o que ressonou pela sala após abandonar o púlpito.

Anna estava disposta a odiá-la. Entretanto, quando a garota passou a seu lado com o queixo levantado em sinal de desafio, descobriu que tinha os olhos avermelhados e inchados.

Durante um momento acreditou que Charles ia levantar-se de um salto. Podia sentir como a ira fervia em seu interior, mas foi Samuel quem ficou em pé. Deixou a capa do violino no banco antes de dirigir-se ao púlpito.

Como se não tivesse captado a atmosfera reinante, inundou-se na história de um jovem Carter Wallace que escapou do controle de sua mãe e se internou três milhas nos bosques antes de que finalmente seu pai o encontrasse a menos de um metro de uma irritada serpente de cascavel. O pai de Carter, um homem lobo, matou à serpente, o que encolerizou ao pequeno Carter.

—Jamais vi o Carter tão zangado. —Samuel sorriu. — Estava convencido de que aquela serpente era sua amiga, e o pobre Henry, o pai de Carter, estava muito chocado para discutir com ele.

O sorriso de Samuel se desvaneceu, e deixou que o silêncio se estendesse antes de reatar o bate-papo.

—Shawna não estava aqui quando se produziu o debate, de modo que perderei o fato de que não esteja bem informada —disse. — Meu pai não acreditava que fosse uma boa ideia que Carter se enfrentasse à transformação. Disse a todos nós, inclusive ao Doc, que era muito bondoso para estabilizar a seu lobo.

O púlpito rangeu de forma inquietante sob seu peso e Samuel abriu as mãos deliberadamente.

—Embora agora me envergonho, fiz caso a seu filho Gerry e, entre os dois, seu filho e seu médico, persuadimo-lhe de que o tentasse. Meu pai, sabendo que um homem tão doente como Doc corria um grande risco, encarregou-se pessoalmente de sua transformação, e o conseguiu. Mas tinha razão. Carter não podia nem aceitar nem controlar ao lobo que levava dentro. De ter sido outra pessoa, teria morrido em fevereiro com os outros que não superaram a transformação. Mas Gerry, o mais adequado para fazê-lo, não estava disposto a isso. E sem seu consentimento, meu pai sentia que ele tampouco podia.

Respirou profundamente e olhou à neta do Carter.

—Esteve a ponto de matar a sua mãe, Shawna. Eu mesmo a atendi e posso testemunhar que foi a sorte e não um impulso por parte de Carter o que lhe salvou a

vida. Você mesma pode perguntar-lhe como poderia suportar um homem que dedicou toda sua vida ao serviço de outros ter estado a ponto de matar a sua própria filha? Ela mesma lhe pediu ao Marrok em minha presença que fizesse o que seu irmão não estava disposto a fazer. Então, o lobo do Carter estava muito descontrolado para poder pedi-lo ele mesmo. Assim não, meu pai não tentou persuadir ao Carter para que se transformasse, mas sim foi o único que assumiu a responsabilidade de pôr fim a todo aquele desastre.

Quando Samuel terminou, percorreu lentamente com os olhos a sala enquanto as cabeças se inclinavam em sinal de submissão. Assentiu uma só vez e retornou a seu lugar junto ao Charles.

Quão seguites subiram ao estrado evitaram o olhar do Marrok e seus filhos, mas Anna pensou que era mais bem devido à vergonha que à ira que tinha dominado a sala fazia somente um quarto de hora.

Finalmente, o sacerdote ficou em pé.

—Tenho aqui uma carta que Carter me entregou faz umas semanas —disse. — Devia abrir-se uma vez falecido, o que acreditava que se produziria logo, de um modo ou outro.

Abriu a carta e se colocou os óculos.

Amigos —leu. — Não chorem minha perda. Eu não o farei. Os acontecimentos do último ano me demonstraram que não é muito boa ideia interferir nos planos de Deus. Vou ao encontro de minha amada esposa com alegria e alívio. Tenho uma última vontade. Bran, velho bardo, canta algo em minha honra no funeral.

A igreja estava silenciosa. Charles sentiu um resistente afeto pelo falecido. Que Deus abençoe ao Carter, quem, como ele, tinha sido um curandeiro. Sabia o que estava por vir, e também como tomaria a gente, incluído o Marrok.

Ficou em pé e lhe alargou a mão a seu pai. Bran pareceu surpreender-se, algo muito pouco habitual nele. Embora não lhe agarrou a mão, soltou a de Anna e também ficou em pé. Anna deixou descansar a mão no colo, como se a deixasse dolorida.

—Sabia que Doc ia fazer isso? —disse Charles a Samuel em um sussurro, assinalando com a cabeça a capa do violino enquanto seguiam a seu pai até o pódio.

Se o tivesse sabido, ele também teria trazido algo para tocar. Assim as coisas, ficava relegado ao piano, o qual tinha três teclas desafinadas que obrigavam a certa improvisação.

Samuel negou com a cabeça.

—Tinha planejado tocar algo em lugar de falar. —E acrescentou um pouco mais alto enquanto abria a capa e extraía o violino: — O que cantará, papai?

Charles olhou a seu pai, mas não pôde ler sua expressão. *Muitos funerais, muitos amigos falecidos*, pensou.

—«Simple Gifts» —disse depois de um momento.

Charles se sentou ao piano enquanto Samuel afinava o violino. Quando seu irmão assentiu com a cabeça, Charles começou a tocar a introdução da melodia Shaker². Era uma boa escolha, pensou. Nem triste, nem abertamente religiosa, e encaixava com Carter Wallace, quem tinha sido um homem singelo. Além disso, era uma canção que os três conheciam perfeitamente.

'Tis the gift to b gentle, 'tis the gift to b fair, 'Tis the gift to wake and breathe the morning air, To walk every day in the path that we chose, Is the gift that pray we will never never lose.

Quando a suave voz de seu pai terminou o primeiro verso, Charles se deu conta de que a canção também encaixava com seu pai. Embora Bran era um homem sutil, suas necessidades e desejos eram muito singelos: manter viva e segurar a sua gente. Por aquele objetivo estava disposto a ser imensamente desumano.

Olhou a Anna, sentada só no banco. Tinha os olhos fechados e seguia com os lábios as palavras de Bran. Perguntou-se como soaria sua voz ao cantar e se encaixaria com a de seu pai. Não estava muito seguro de que cantasse bem apesar de a que lhe havia dito que tinha trabalhado em uma loja de instrumentos musicais vendendo violões quando conheceu o lobo que a atacou e que a transformou contra sua vontade.

Anna abriu os olhos e lhe devolveu o olhar. O impacto foi tão intenso que se surpreendeu a si mesmo de que seus dedos continuassem tocando a melodia.

Dela.

Se ela chegasse a conhecer a intensidade de seus sentimentos, largaria-se sem pensar-lhe duas vezes. Não estava acostumado a ser tão possessivo, nem à alegria selvagem com que ela enchia seu coração. Afetava a seu controle, de modo que voltou a concentrar-se na música. A música era fácil de controlar.

Anna teve que fazer um esforço por não cantar em voz alta. Se a audiência tivesse sido estritamente humana, o teria feito. Mas ali havia muita gente cujo sentido do ouvido era tão bom como o seu.

Uma das coisas que mais odiava do fato de ser uma mulher lobo era que tinha tido que deixar de escutar a muitos de seus músicos preferidos. Seu ouvido percebia o mais mínimo tremor ou o penugem mais insignificante na gravação. Embora os poucos cantores que podia seguir escutando...

A voz de Bran era limpa e perfeitamente afinada, mas o que de verdade lhe arrepiava o cabelo da nuca era seu timbre quente e intenso.

Enquanto entoava a última nota, o homem sentado atrás dela se inclinou para diante até pegar a boca virtualmente em seu pescoço.

² A Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Vinda de Cristo, também conhecidos como Shakers, é um grupo religioso protestante que nasceu em Manchester, Inglaterra, em 1747, na casa de Jane e James Wardley. Os Shakers nasceram fora do grupo religioso dos Quackers, fundado no século XVII.

—De modo que Charles trouxe um brinquedo, não? Pergunto-me se o compartilhará. —A voz tinha um ligeiro acento.

Anna se moveu sobre o banco até sentar mais longe que pôde e olhou fixamente para Charles, mas este estava fechando a capa do violino sobre as teclas do piano e lhe dava as costas.

—Assim que te deixa como a um cordeiro rodeado de lobos —disse o lobo em um sussurro. —Alguém tão suave e tenro o passaria melhor com outro homem. Alguém a quem goste que lhe toquem.

Apoiou-lhe as mãos sobre os ombros e tentou puxá-la.

Anna se livrou de seu abraço, esquecendo o funeral e ao resto da gente. Estava cansada de que todo mundo a tocasse a vontade. Ficou em pé de um salto e deu a volta para enfrentar ao homem lobo, que voltou a apoiar as costas no respaldo do banco e a observou com um sorriso. As pessoas que se sentavam a seu lado se apartaram para lhe dar todo o espaço disponível, o que dizia muito mais coisas dele que a serena expressão de seu rosto.

Anna teve que admitir que era adorável. Seu rosto era refinado e elegante; sua pele, como a de Charles, curtida e bronzeada. Tanto seu nariz como seus olhos escuros assinalavam ao Oriente Médio, embora seu acento era hispânico. Anna tinha muito bom ouvido para os acentos.

Parecia de sua mesma idade, vinte e três ou vinte e quatro anos, mas, por alguma razão, soube que era muito, muito velho. E desprendia algo selvagem, doentio, que a obrigava a mostrar-se cautelosa.

—Deixa-a em paz, Asil —disse Charles, e apoiou suas mãos no mesmo lugar de suas costas que havia tocado o outro lobo. — Se a molesta, arrancar-te-ei as tripas e as darei de comer aos corvos.

Anna se deixou acolher por seu calor corporal e se surpreendeu ao dar-se conta de que tinha razão, ou ao menos que sua primeira reação não tinha sido medo a não ser ira.

O outro lobo ficou a rir e seus ombros se agitaram com crueldade.

—Muito bem —disse. — Muito bem. Alguém teria que fazê-lo. —Então aquele estranho senso de humor se desvaneceu de seu rosto e o esfregou cansativamente—. Não fica muito. —Olhou além de Anna e Charles. — Te disse que os sonhos haviam regressado. Sonho com ela virtualmente todas as noites. Tem que fazê-lo logo, antes de que seja muito tarde. Hoje.

—De acordo, Asil —a voz de Bran soou monótona e cansada. —Mas hoje não. Nem tampouco amanhã. Pode esperar um pouco mais.

Asil deu a volta para olhar à congregação, que tinha estado presenciando tudo em completo silêncio, e lhes falou com uma voz limpa e sonora.

—São afortunados ao ter a alguém que sabe o que se deve fazer e o faz. Têm um lugar ao que podem chamar lar, um lugar seguro, graças a ele. Eu tive que deixar a meu Alfa para vir aqui porque o amor que sentia por mim lhe impedia de pôr fim à loucura que me consome. —deu a volta e cuspiu simbolicamente sobre seu ombro esquerdo. — Um amor débil que trai. Se soubessem o que sinto, o que sentiu Carter Wallace, saberia a bênção que representa Bran Cornick, que mata aos que precisam morrer.

E então Anna compreendeu que o que o lobo pedia ao Bran era sua morte.

Impulsivamente, Anna se separou de Charles. Apoiou um joelho no banco no que tinha estado sentada e alargou o braço para rodear com a mão o pulso de Asil, a qual pendurava sobre o respaldo do banco.

Asil emitiu um som, produto da comoção mas não se apartou. Enquanto lhe sujeitava, o aroma que desprendia a loucura, a enfermidade, desvaneceu-se. Ele a olhou fixamente e o branco de seus olhos reluziu com força enquanto as íris se reduziam até transformar-se em duas pequenas linhas ao redor das pupilas escuras.

—Omega —disse em um sussurro, respirando com dificuldade.

Atrás dela, Charles deu um passo à frente mas não a tocou. Anna percebeu como se esquentava a pele fria sob seus dedos. Todos permaneceram completamente imóveis. Anna sabia que a única coisa que devia fazer era lhe soltar a mão, mas se sentia estranhamente relutante em fazê-lo.

A comoção refletida no rosto de Asil se desvaneceu, e a pele ao redor de seus olhos e sua boca expressou um pesar que foi crescendo e aprofundando-se até desaparecer onde ficam os pensamentos íntimos para não ser descobertos por observadores muito agudos. Asil alargou o braço e lhe tocou o rosto ligeiramente, ignorando o grunhido de advertência de Charles.

—Mais presentes dos que tinha imaginado. —Sorriu intensamente, tanto com os olhos como com a boca. —É muito tarde para mim, *querida*. Desperdiça seus dons com meu velho corpo. Mas te agradeço a pausa. —Olhou ao Bran. — Hoje e amanhã, e possivelmente também ao dia seguinte. Ver o Charles, o outrora lobo solitário, preso pela armadilha do *amor*, acredito que isso me divertirá durante muito tempo.

Soltou-se com um giro do pulso, capturou a mão de Anna com a sua e, com um malicioso olhar ao Charles, deu-lhe um beijo na palma. Então a soltou e partiu da igreja. Sem pressa, mas sem perder tempo.

—Tome cuidado com esse —lhe advertiu Charles, embora não parecia aborrecido.

Alguém pigarreou e Anna olhou a seu redor para encontrar-se com os olhos do sacerdote. Este lhe sorriu e depois dirigiu o olhar ao resto da congregação. A interrupção do serviço não pareceu lhe incomodar. Talvez estava habituado às interrupções dos homens lobo. Anna notou como se ruborizava e voltou a sentar-se no banco... Desejando poder afundar-se ainda mais nele. Acabava de interromper o funeral de um homem que nem sequer conhecia.

—Chegou o momento de ir terminando com isto —disse o sacerdote. —Nossa dor chegou a seu fim, e, quando partirmos, devemos recordar uma vida plena e um coração aberto a todos. Por favor, inclinemos nossas cabeças para uma prece final.

Capítulo 4

Noroeste de Montana, Parque Nacional Cabinet

Walter não sabia por que tinha sobrevivido ao ataque da besta, como tampouco compreendia como tinha sobrevivido a três missões no Vietnã quando a maioria de seus amigos, seus camaradas, não podiam dizer o mesmo. Talvez tinha tido sorte em ambos os casos. Ou talvez o destino lhe proporcionasse algo mais.

Como, por exemplo, outros trinta anos perambulando sozinho pelos bosques.

Se o fato de ter sobrevivido ao ataque da besta já era algo improvável, o que veio a seguir foi simplesmente insólito. O primeiro que notou foi o desaparecimento da dolorosa artrite que afetava a seus ombros e joelhos, assim como a pontada de uma velha ferida no quadril. O frio tinha deixado de lhe incomodar.

Ao não dispor de espelho, custou-lhe mais tempo dar-se conta de que tanto seu cabelo como sua barba tinham recuperado a cor que tiveram durante sua juventude.

Foi então quando começou a fixar-se nas anomalias. Era mais rápido e forte do que tinha sido. As únicas feridas que não se curaram com a mesma e surpreendente rapidez que as de seu estômago eram as que torturavam sua alma.

De fato, não compreendeu o que lhe tinha ocorrido realmente até a manhã depois da primeira lua cheia, quando despertou com sangue na boca, sob suas unhas e em seu corpo nu: os sinais do que tinha feito, pelo que se converteu, cristalino como diamantes. Somente então soube que se converteu no inimigo, e chorou ante a perda de seu último traço de humanidade.

Aspen Creek, Montana

Com o braço de Charles lhe rodeando o ombro, Anna seguiu ao resto da gente até o gélido estacionamento da igreja. Detiveram-se na calçada a observar como se esvaziava lentamente de carros. Poucas pessoas que saíam naquele momento olharam a Anna, mas nenhum deles se deteve.

Quando ficaram virtualmente sozinhos, Anna tirou o chapéu sob o cauteloso escrutínio de uns olhos cinzas, face ao sorriso amistoso que lhe deu de presente Samuel.

—Assim que você é o cãozinho extraviado que meu irmão trouxe para casa? É mais baixa do que esperava.

Resultou-lhe impossível sentir-se ofendida quando era evidente que não tinha sido aquela a intenção; pelo menos não a tinha chamado puta.

—Sim —disse ela, fazendo um esforço por não ocultar-se de seu olhar nem tagarelar sem parar, como estava acostumada a fazer quando estava nervosa.

—Samuel, esta é Anna. Anna, meu irmão Samuel —disse Charles a modo de apresentação.

Depois de decidir que a breve apresentação de seu irmão não era a mais adequada, seu irmão o tentou por sua conta.

—O Dr. Samuel Cornick, irmão mais velho e torturante. Prazer em conhecê-lo, Anna...

—Latham —disse ela, desejando que lhe ocorresse algo mais interessante que dizer.

Samuel lhe sorriu de forma encantadora, embora Anna se deu conta de que aquilo tampouco suavizou seus olhos.

—Bem-vinda à família.

Deu-lhe uns golpezinhos na cabeça, sobretudo, pensou ela, para irritar ao Charles.

—Deixa de flertar com minha companheira —foi a única coisa que disse este.

—Se comporte —disse Bran. —Samuel, se importaria de levar ao Charles ao hospital para lhe dar uma olhada a suas feridas? Tenho um trabalho para ele, mas se não se recuperar logo, terei que enviar a outra pessoa. Acredito que não se está curando tão rapidamente como deveria. Samuel encolheu os ombros.

—Claro. Não há problema. —Olhou a Anna. —Embora possa ser que demoremos um pouco.

Anna riu, não era estúpida. Samuel queria falar com Charles sem que ela estivesse presente. Ou talvez quem o queria era Bran e ele somente estivesse colaborando.

Charles também se deu conta, já que, com serenidade, disse-lhe:

—Por que não volta para casa com a caminhonete? Samuel ou papai me acompanharão quando terminarmos.

—Claro —lhe disse ela com um sorriso fugaz.

Não tinha motivos para sentir dor, repreendeu-se a si mesma com severidade. Deu meia volta e se dirigiu a passo rápido para a caminhonete.

Não seria mal passar um pouco de tempo sozinha. Havia certas coisas sobre as que desejava refletir sem Charles a seu lado lhe nublando o julgamento.

Charles quis grunhir ao perceber seu alívio quando se separou dele, implícito em sua rápida retirada em direção à caminhonete.

Controlou a ira irracional que sentia por Samuel, que com tanto encanto a tinha afastado dali após responder às ordens que Bran lhe comunicasse mentalmente. Sempre percebia quando seu pai falava com Samuel; algo na expressão deste nunca mentia.

Samuel esperou a que Anna subisse à caminhonete e saísse do estacionamento para dizer:

—Matou ao lobo que abusou dela?

—Está morto.

Por alguma razão, Charles não pôde apartar os olhos do veículo. Embora não gostasse de separar-se dela, sabia que não devia preocupar-se. Em Aspen Creek ninguém tocaria algo que lhe pertencesse. Além disso, todo o povo sabia o que era ela graças ao espetáculo de Asil no funeral.

Inclusive as poucas pessoas que não tinham assistido ao funeral, como a companheira de seu pai —que tinha deixado clara sua postura com sua ausência—

saberiam antes de uma hora. Mesmo assim, não gostava da ideia de deixá-la sozinha. Nada absolutamente.

—Charles? —disse seu irmão com calma.

—Por isso te pedi que a deixasse partir —disse Bran em um murmúrio. — Queria que visse as mudanças por si mesmo. Ontem se comportou do mesmo modo quando a perdeu de vista. Anna é uma Omega, e acredito que seu efeito sobre ele está mascarando os sintomas. Acredito que não lhe extraíram toda a prata.

—Quando lhe dispararam?

—Faz dois dias. Três balas. Alguém lhe deu um tiro que deixou uma queimadura nas costas, outro tiro lhe atravessou o peito e saiu por trás, o terceiro lhe atravessou a panturrilha. Todas de prata.

Charles observou como a caminhonete tomava com precaução o desvio que a levaria a sua casa.

—É mais sensível à prata que... *Charles!*

Umas mãos fortes lhe agarraram pelos ombros e seu pai lhe tocou a cara, lhe capturando com o olhar de um modo muito mais efetivo que seu irmão com as mãos.

—Tenho que ir —disse a seu Alfa.

Sentia o coração na garganta. Não podia pensar, não podia ficar ali. Devia protegê-la, por muito maltratado que se sentisse.

—Espera —lhe disse seu pai, e a ordem lhe envolveu o corpo como se fossem correntes, lhe imobilizando quando quão único desejava era ir atrás daquela caminhonete. —Samuel tem que te examinar. Enviarei a Sage para que cuide dela, de acordo?

O tato de seu pai, sua voz e algo mais lhe ajudaram a pôr em ordem seus pensamentos. Tinha perdido o controle.

Fechou os olhos e confiou no tato de seu pai para acalmar ao lobo e começar a pensar com maior clareza.

—Tornei-o a fazer, verdade? —perguntou, embora não necessitava a confirmação de Bran. Respirou profundamente e assentiu com a cabeça. — Sage, de acordo.

Não queria a ninguém em sua casa; seu pai e seu irmão, sim, mas o resto só quando era estritamente necessário. Mesmo assim, tampouco queria que Anna estivesse sozinha. Sage serviria.

Não faria mal a sua Anna e a protegeria até que ele chegasse. Manteria afastado aos outros machos. Algo inquietante se assentou em seu interior com mais força. Não obstante, observou como seu pai chamava a Sage de seu telefone e escutou como lhe perguntava se podia encontrar-se com Anna em sua casa. Então permitiu que o levassem a reboque até o hospital no carro de Samuel. Seu pai lhes seguiu no Humvee.

—Papai me contou que teve que matar ao Gerry —disse seu irmão.

Gerry era o filho do Doc Wallace, o responsável por ferir um número considerável de pessoas e matar a outras tantas em sua busca por achar uma droga que pudesse implicar ao Bran em um arresado complô para obrigar ao bom doutor a aceitar sua dupla natureza. Ao Gerry não tinham preocupado os danos colaterais.

Samuel assentiu com uma expressão séria.

—Não me deixou outra opção.

Apesar de estar distraído pela necessidade de proteger a sua companheira e a ardência de umas feridas que não se estavam curando como deveriam, Charles escutou o que seu irmão não disse. De modo que ele o verbalizou.

— Está-te perguntando a quanta gente estaríamos dispostos a matar para proteger a papai. A quantos torturaríamos e assassinaríamos.

— Exato — murmurou seu irmão. — Matamos a gente por nosso pai. Tanto a lobos como a inocentes. O que nos faz tão diferentes para que Gerry tivesse que morrer e nós tenhamos sobrevivido?

Se Bran enviou ao Samuel ao Tri-Cities com Mercy para curar sua melancolia, não tinha funcionado muito bem. Charles se esforçou por separar de sua mente de sua companheira e pensar em algo que ajudasse a seu irmão. Sem o Bran lhe tocando, era muito mais complicado ordenar seus pensamentos do que deveria ter sido.

— Nosso pai manteve às Alcateias seguras e controladas. Sem sua liderança, seríamos tão caóticos e estaríamos tão disseminados como os lobos europeus. E o nosso número em mortos humanos seria muito maior. Qual teria sido o resultado se o plano do Gerry tivesse tido êxito? — perguntou Charles.

Sage se ocuparia de Anna por ele. Não existia razão alguma que explicasse aquela necessidade infernal e incontrolável de estar com ela.

— Gerry pensava que seu pai aceitaria ao lobo para poder derrocar ao Marrok — murmurou Samuel. — Quem pode dizer que não tinha razão? Talvez tivesse conseguido salvar a seu pai. É pior o que fez ele que quando papai te envia a matar a alguém?

— E se Gerry tivesse tido razão? Se todos seus planos tivessem chegado a bom porto, se o único que necessitava seu pai era um motivo para aceitar a seu lobo, e se, com a ajuda da nova droga do Gerry, tivesse matado a papai e se converteu no Marrok, então, o que? — perguntou Charles. — Doc era um bom homem, mas como acha que lhe tivesse sentado ser o Marrok?

Samuel refletiu uns instantes e depois suspirou.

— Não era o suficientemente dominante. Teria se produzido um grande caos enquanto os Alfas se enfrentavam pela supremacia, e Gerry tentaria matá-los a todos como um chacal se escondendo entre as sombras. — Estacionou frente ao hospital mas não fez gesto de descer do carro. — Mas, de todos os modos, não mataria por papai? Inclusive se não fosse necessário para a sobrevivência dos lobos deste país? Estava tão equivocado Gerry?

— Infringiu as leis — disse Charles.

Sabia que para seu irmão aquele tipo de coisas nunca eram nem brancas nem negras. Samuel, ao contrário que ele, nunca se tinha visto obrigado a aceitar as coisas tal qual eram. Percorreu mentalmente os acontecimentos em busca de algo que pudesse utilizar.

— Gerry matou a gente inocente. Não para a sobrevivência da Alcateia, mas sim por uma vã esperança na sobrevivência de seu pai. — Sorriu fracamente quando algo, justo o que necessitava, foi em sua ajuda. — Se você ou eu matássemos a algum inocente para proteger a papai, e não para a sobrevivência de todos nós, ele mesmo nos mataria.

A tensão abandonou os ombros de Samuel.

—Sim, faria-o, não é certo?

—Sente-se melhor ao estar do lado dos anjos, verdade? — perguntou Charles enquanto seu pai se detinha junto a seu veículo

Samuel sorriu cansadamente.

—Direi a papai que lhe chamou-o de anjo.

Charles saiu do carro e respondeu ao olhar surpreendido de seu pai por cima do capô do veículo de Samuel com um encolhimento de ombros.

Samuel acendeu as luzes da clínica e os conduziu a uma das salas de reconhecimento.

—Muito bem, velho —disse. — Vejamos esses buracos de bala.

Mas seu sorriso se desvaneceu Quando Charles começou a brigar com a jaqueta.

—Espera —lhe disse, e abriu uma gaveta para agarrar umas tesouras. Quando viu o semblante de Charles, sorriu fracamente. — Ouça, é somente uma jaqueta. Pode comprar outra.

—Provadores —grunhiu Charles. — Quatro provadores e uma viagem à cidade para que me olhem de cima abaixo. Não, obrigado. Papai, poderia me ajudar a me tirar isto e manter a seu filho e suas tesouras afastados de mim?

—Deixa as tesouras, Samuel —disse Bran. — Suponho que se tiver podido ficar a poderemos tirar-lhe sem ter que cortá-la. Não grunha, Charles.

Conseguiu desfazer-se dela com ajuda, mas lhe deixou empapado em suor e a seu pai murmurando palavras tranquilizadoras. Nem sequer lhe pediram ajuda para lhe desabotoar a camisa.

Samuel observou atentamente a bandagem de veterinário rosa e em seu rosto se desenhou um sorrisinho.

—*Isto* não foi tua ideia.

—Anna.

—Acredito que começa a me gostar dessa loba. Pode que se assuste com muita facilidade, mas resistiu ao Asil sem titubear. E alguém que se atreve a te envolver de cor-de-rosa...

Quando Samuel cortou o ridículo tecido rosa e viu as feridas, as do peito e as das costas, ficou sério de repente. Aproximou o nariz a uma delas e a farejou antes de voltar a enfaixá-lo com uma atadura um pouco menos espetacular.

Charles se surpreendeu ao descobrir que preferia as ataduras rosas porque tinha sido *ela* quem as tinha posto.

—Quase te perco por culpa desta, irmãozinho. Mas cheira a limpa e parece estar curando-se bastante bem. Baixa as calças, quero ver essa perna que estiveste tentando não coxear.

Charles não gostava de tirar a roupa. Supunha que sua parte índia pesava muito. Isso e sua aversão por mostrar suas feridas. Não gostava que outros vissem suas debilidades, nem sequer seu pai e seu irmão. Baixou as calças a contra gosto.

Samuel franziu o cenho inclusive antes de retirar o brilhante emplastro elástico de cor verde. Assim que o fez, aproximou o nariz e apartou a cabeça bruscamente.

—Quem limpou isto?

—A Alcateia de Chicago tinha um médico.

Não havia muitos médicos que fossem homens lobo. Ele somente conhecia o Samuel. O médico da Alcateia de Chicago era um dos novos lobos que Leo tinha estado ocultando ao Marrok. O fato de estar rodeado de tanto sangue e carne dificultava que um homem lobo pudesse concentrar-se em sua tarefa médica; embora nunca tinha visto que incomodasse Samuel.

—Era um médico ruim —grunhiu seu irmão. —Posso cheirar a prata desde metro e meio.

—Pobre capacitação como lobo —lhe corrigiu Charles. —Nenhum novo lobo de Leo sabe o que fazer com seu focinho, inclusive Anna. Duvido muito que soubesse reconhecer a prata.

—E tenho a suspeita de que também estava muito assustado de ti —disse seu pai do canto em que se havia autoexilado. —Não é precisamente um bom paciente.

—Sobe à mesa —disse Samuel. — Vou ter que escavar um pouco. Papai, vai ter que me ajudar com isto.

Doeu-lhe muito mais que o tiro, mas Charles permaneceu imóvel enquanto Samuel escavava e pinçava em sua perna. O suor cobria sua testa, e conteve com muita dificuldade a necessidade de transformar-se e atacar, unicamente porque seu pai lhe segurava com força.

Tentou não prestar atenção ao que fazia seu irmão, mas lhe resultou impossível ignorar completamente os comentários sobre as manobras. Quando Samuel lhe orvalhou a ferida com soro fisiológico, todos os músculos de seu corpo se esticaram em sinal de protesto, e não pôde conter um bufo. Mas...

—Sinto muito, velho, ainda fica um pouco mais.

E continuou escavando e cortando. Embora não queria gritar, não pôde deter o uivo de lobo quando Samuel voltou a lhe orvalhar a ferida com soro fisiológico, nem o grunhido de alívio quando Samuel começou a enfaixá-lo, o que assinalava o fim da tortura.

Enquanto Charles estava ainda abatido tentando recordar como se respirava, Samuel lhe disse:

—Não posso ficar aqui, papai.

Charles deixou de preocupar-se com sua perna e observou Samuel, que não parecia estar em condições de voltar a viver sozinho. Chegou à conclusão de que seu pai já sabia; ao Bran lhe dava muito melhor a gente que a ele.

Bran não respondeu. Ficou a dar voltas lentamente no pequeno tamborete que havia em um canto da sala.

Ao cabo de um momento, Samuel decidiu continuar; indubitavelmente, era o que Bran tinha pretendido.

—Não posso ficar. Muita gente que espera muito de mim. Não quero formar parte da Alcateia.

Bran continuou girando sobre o tamborete.

—Então, o que fará?

Samuel sorriu; um brilho fugaz que provocou em Charles uma pontada no coração pela falta de autêntico sentimento atrás daquela expressão. Fora o que fosse o que lhe

tinha ocorrido a seu irmão durante os anos que tinha vivido sozinho, aquilo lhe tinha trocado, e Charles temia que a mudança fora irrevogável.

— Pensava em ir atazanar um pouco mais a Mercy.

Apesar de que tanto sua voz como a expressão de seu rosto pareciam casuais, a tensão de seu corpo revelava sua preocupação.

Talvez papai não estivesse tão equivocado quando decidiu unir os caminhos de Samuel e Mercy, embora, segundo sua experiência, os romances não eram nem tranquilos nem indolores. Talvez Samuel não necessitasse tranquilidade e calma.

— E o que passa com o Adam? — perguntou Charles a seu pesar.

Mercy vivia no Tri-Cities, no estado de Washington, e o Alfa da Alcateia de Columbia não era o suficientemente dominante para conter a sua Alcateia com Samuel no meio. E Adam fazia muito tempo que era Alfa para adaptar-se a outro posto.

— Já falei com ele — respondeu Samuel rapidamente.

— Está de acordo em que ocupe seu posto?

Charles não o via claro. Outro lobo possivelmente sim, mas não Adam.

Samuel se relaxou apoiando-se no balcão e sorriu.

— Não vou ocupar seu posto, velho. Somente ficarei em seu território como um lobo mais. Disse que não lhe importava.

O Marrok se esforçou por adotar uma expressão neutra, e Charles soube qual era a fonte de sua preocupação. Durante os dois últimos anos, desde que retornou do Texas, Samuel tinha tido que recorrer muitas noites à estabilidade da Alcateia, e um lobo solitário não tinha Alcateia a que recorrer.

Samuel, como seu pai — e Asil —, era muito velho. A idade era algo muito perigoso para os homens lobo, apesar de que esta nunca parecia lhe haver afetado muito. Até que retornou fazia uns anos após ter vivido sozinho durante mais de uma década.

— Embora, é obvio — continuou Samuel, — não sabe que viverei com Mercy.

Adam também sentia algo por sua pequena coiole, recordou de repente Charles.

— Assim Mercedes decidiu te perdoar?

— Mercy? — Os olhos de Samuel viajaram até sua testa, embora pela primeira vez em muito tempo as sombras abandonaram seu semblante. — *Nossa Mercy?* A que alguma vez se zanga inclusive quando deveria fazê-lo? É obvio que não.

— Então como conseguiu que o aceitasse?

— Ainda não o tem feito — disse com confiança. — Mas o fará.

O plano que parecia ter em mente fez que seus olhos se iluminassem com sua antiga alegria de viver. Seu pai também se deu conta. Charles se precaveu de que tinha tomado uma decisão definitiva.

— De acordo — disse Bran de repente. — De acordo. Sim, vá. Acredito que será o melhor.

Fora qual fosse o problema de Samuel, voltar a Aspen Creek não lhe tinha ajudado muito. Talvez Mercedes tivesse mais sorte. Sempre e quando não acabasse matando ao Samuel, ou a seu pai, por pô-la na linha de fogo.

Charles, cansado de estar de barriga para baixo e em roupa interior, ergueu-se e lutou com o zumbido em seus ouvidos que ameaçava voltando a prostrá-lo.

— Como se sente? — perguntou-lhe Samuel recuperando a pose de médico.

Charles fechou os olhos e fez inventário.

—Já não tenho vontade de jogar a porta abaixo e fugir, embora isso poderia dever-se a que já aconteceu o pior.

Samuel sorriu.

—Não. Poderia te torturar um pouco mais se quisesse.

Charles lhe olhou fixamente.

—Estou *muito melhor*, obrigado.

Embora ainda lhe doía, começava a sentir-se mais ele mesmo, algo que não tinha conseguido desde que recebeu os disparos. Perguntou-se por que o envenenamento com prata lhe tinha feito sentir um anseio protetor tão intenso por Anna. Jamais havia sentido algo semelhante.

—Muito bem. —Samuel olhou a seu pai. — Nem amanhã nem ao outro. Se fosse outra pessoa, lhe diria dez dias como mínimo, mas Charles não é estúpido e, além disso, é muito forte. Depois de lhe extrair a prata, irá se curar tão rápido como é habitual nele. Na quarta-feira, os estranhos nem sequer saberão que lhe ocorreu algo, assim não correrá perigo de ser atacado porque algum idiota pensa que pode lhe derrotar. Mas se lhe envia sozinho para frente de uma Alcateia, necessitará um pouco mais de músculo, ao menos durante as próximas duas semanas.

Charles olhou a seu pai e esperou sua decisão. Percorrer as Cabinets em metade do inverno não era precisamente sua ideia de diversão. Aquelas montanhas não eram muito acolhedoras com os viajantes. Mesmo assim, podia fazer quão muito melhor qualquer outro ao que seu pai pudesse recorrer, ferido ou não, especialmente se não era somente um lobo solitário a não ser um ataque ao território de seu pai.

Finalmente, Bran assentiu.

—Necessito a ti. Posso esperar uma semana.

—O que fará com o Asil? —perguntou-lhe Charles. — Apesar de todos os esforços do Reverendo Mitchell, de Samuel e do próprio Doc Wallace, a Alcateia não pinta muito bem. Se tiver que matá-lo, haverá consequências.

Bran sorriu fracamente.

—Sei. Asil veio para ver-me faz coisa de um mês queixando-se de seus sonhos e me pediu que lhe ajudasse de novo a terminar com seu sofrimento. Em circunstâncias normais não me teria preocupado, mas se trata do Mouro.

—Com quem sonha? —perguntou Samuel.

—Com sua companheira falecida —disse Bran. — Morreu após ser torturada. Embora não quer falar disso, sei que se sente culpado porque estava viajando quando aconteceu. Disse-me que tinha deixado de sonhar com ela quando se uniu a nossa Alcateia. Mas faz um mês retornaram os sonhos. Acorda desorientado e... Às vezes não no mesmo lugar no que se deitou.

Era muito perigoso, pensou Charles, ter a um lobo com os poderes do Mouro perambulando desorientado.

—Acha que sua morte pode esperar? —perguntou Samuel.

Bran sorriu, naquela ocasião sinceramente.

—Acredito que sim. Temos a uma Omega para lhe ajudar. — Seu pai olhou para Charles e o sorriso se ampliou grandemente. — Não vai abandonar-te por ele, Charles, por muito que Asil tente te morder a cauda.

Anna chegou à conclusão de que a sala de Charles, apesar de não estar decorada com esmero, era quente e acolhedora. Entretanto, não era seu lar. Perambulou inquieta pelas habitações até ficar finalmente no dormitório, sentada em um canto do chão com as pernas encolhidas, abraçando o corpo com as mãos. Não queria chorar. Estava se comportando como uma estúpida: nem sequer sabia por que estava tão chateada.

Tinha-lhe incomodado que a tirassem de cima, e ao mesmo tempo, havia sentido uma onda de alívio quando descobriu-se sozinha na caminhonete.

Homens Lobo e violência, Homens Lobo e morte: foram unidos como os plátanos e a manteiga de amendoim. Talvez aqui estava mais segura que em Chicago, mas todos eram uns monstros.

Embora tampouco era culpa deles, dos lobos de Montana. Somente tentavam viver o melhor possível com aquela maldição que os convertia em bestas desumanas. Inclusive Charles. Inclusive o Marrok. Inclusive ela. Os homens lobo tinham suas regras: em ocasiões um homem devia matar a seu melhor amigo pelo bem de todos. Os machos humanos envelheciam enquanto que os homens lobo continuavam sendo jovens. Os lobos como Asil tentavam que outros lhes atacassem porque queriam morrer... ou matar.

Começou a respirar entrecortadamente. Se alguém tivesse matado a Leo e a sua companheira anos atrás, muitíssima gente seguiria com vida... e ela seria uma estudante na Northwestern a ponto de obter um título em teoria musical em lugar de... o que?

Devia encontrar um trabalho, algo que lhe desse um propósito e uma vida mais à frente do fato de ser uma mulher lobo. Trabalhar de garçonne no Scorci's lhe tinha salvado em mais sentidos que o simples cheque a fim de mês. É difícil desfrutar-se na autocompaixão quando tem que gastar as solas dos sapatos de oito ou dez horas ao dia. Apesar de tudo, duvidava que naquele lugar encontrasse um trabalho de garçonne.

A campanha soou.

Ficou em pé de um salto e, embora se esfregou as bochechas com energia, descobriu que tinha as bochechas secas. A campanha voltou a soar, de modo que se apressou para a porta principal. Justamente o contrário, disse-se. Fazia tão somente uns minutos quão único desejava era estar sozinha e agora corria atrás de uma distração.

Captou fugazmente a silhueta de um Lexus cinza metalizado antes de fixar-se na mulher que esperava no alpendre. Sua expressão era afável e amistosa. Tinha um cabelo escuro e sedoso trancado à francesa e quase tão longo como o de Charles.

Mulher lobo, disse-lhe seu olfato.

A mulher sorriu e alargou uma mão.

-Meu nome é Leah — lhe disse. — A mulher do Marrok.

Anna estreitou sua mão e a soltou rapidamente.

— Entremos para conversar, de acordo? — disse a mulher amavelmente.

Anna sabia que Charles não gostava de sua madrasta. Embora tampouco gostava dos aviões, nem dos carros, nem dos telefones celulares. Além disso, não existia razão alguma para sentir-se inquieta. Além disso, não havia forma de negar-se sem ofendê-la.

—Entre —a convidou educadamente enquanto se apartava.

A mulher do Marrok passou com brio por seu lado e entrou na sala. Uma vez no interior, deteve-se inspecionar a sala minuciosamente, como se fosse a primeira vez que a via. Anna teve a incômoda sensação de que tinha cometido um engano lhe deixando entrar na casa. Talvez Charles não o permitia; não podia achar outra explicação à fascinação que parecia sentir Leah pelos móveis de Charles.

A menos que todo aquele exame fosse um jogo de poder desenhado para deixar claro que Anna não era nem a metade de interessante que a habitação. Enquanto Leah seguia com sua inspeção, Anna optou por aquela última explicação; não era uma sala tão grande para lhe dedicar tanto tempo.

—Não é como eu esperava —murmurou Leah finalmente.

Deteve-se frente a um violão feito à mão que se pendurava da parede à altura suficiente para que a chaminé não danificasse a madeira. Poderia tratar-se de um ornamento, embora os trastes estavam gastos pelo uso.

Anna não disse nada nem se moveu do lugar que ocupava junto à porta.

Leah deu a volta para olhá-la, e seu rosto já não refletia nenhum tipo de cortesia ou cordialidade.

—Teve que conformar-se com o que havia, não é assim? Teve que partir a Chicago para encontrar a uma boneca, a uma mulher que não representasse nenhuma provocação para ele, verdade? Me diga, senta-se quando lhe ordena isso?

O rancor que se ocultava depois do ataque o convertia em algo muito mais pessoal que o habitual desejo de pôr em seu lugar a um lobo menor. Leah, apesar de ser a companheira do Marrok, parecia ciumenta. Também queria ao Charles?

A porta se abriu e uma segunda mulher apareceu na casa trazendo consigo uma ventania de ar gelado e perfume francês. Era alta e magra, como uma modelo de passarela. Vestia roupa cara. Seu cabelo castanho com reflexos loiros ficava enfatizado pelo brilho dourado de suas maçãs do rosto e, sobretudo, por uns olhos de um azul assustador.

Anna a reconheceu do funeral; não só era formosa, mas também espetacular, e a combinação a fazia memorável. A recém chegada fechou a porta atrás dela e tirou o agasalho impermeável, deixando-o como quem não quer a coisa sobre ela na cadeira mais próxima. Seguia vestida com a saia e o pulôver escuros daquela manhã.

—Venha, Leah, «sente-se e fique quieta» Acredito que pode fazê-lo melhor, querida — Tinha uma voz grossa e um acento sulino. Dirigindo-se a Anna, acrescentou: — Sinto ter entrado deste modo, mas me pareceu que necessitava que te resgatasse de nossa rainha puta.

—Sai, Sage. Isto não tem nada que ver contigo —lhe ordenou Leah com dureza, embora não parecia ofendida pelo insulto.

—Carinho —disse a mulher com doçura, — eu adoraria mas recebi ordens do chefe; um degrau por cima do teu. —Seus brilhantes olhos azuis se posaram em Anna. —Você deve ser a Anna de Charles. Meu nome é Sage Carhardt. Sinto muito o

recebimento, mas se Charlie quisesse, ela acabará com o rabo entre as pernas. O Alfa quer muito a seus filhos.

—Se cale —disse Leah bruscamente, e seu poder percorreu toda a habitação, obrigando a Sage a dar dois passos para trás

Que estranho, Anna tivesse jurado que Sage era a mais dominante das duas... Mas então se deu conta de que a energia cheirava ao Marrok. Uma mulher ocupa seu lugar na Alcateia graças a seu parceiro, pensou. Apesar de sabê-lo, nunca tinha presenciado o poder real.

—Você. — Leah se dirigia agora a Anna. — Sente-se no sofá, estarei contigo em um minuto.

Uma mulher prudente teria obedecido, pensou Anna com pesar. A mulher que tinha sido fazia somente uma semana se encolheria, sentado e esperado o que o destino lhe proporcionasse. A nova Anna, a companheira de Charles, uma Omega e alguém que não formava parte da Alcateia, levantou o queixo e disse:

—Não, obrigada. Acredito que será melhor que vá e volte quando me... —Embora fazia três anos que era mulher lobo, chamar o Charles seu companheiro não soava bem, e tampouco era seu marido. — Quando voltar Charles.

A vacilação lhe tirou da declaração parte de sua força.

Sage sorriu e aquilo iluminou seu rosto de satisfação.

—Isso, Leah, por que não volta Quando Charles esteja aqui? Eu adoraria vê-lo.

Mas Leah não lhe estava prestando atenção. Franziu o cenho com perplexidade enquanto seguia olhando a Anna.

—Sente-se — disse com uma voz profunda e carregada de poder que novamente rodeou a Anna sem tocá-la.

Anna também franziu o cenho.

—Não. Obrigada.

Lhe ocorreu uma coisa e, antes de refletir sobre isso, disse:

—Vi Sage no funeral, mas o Marrok estava sozinho. Por que não lhe acompanhou?

—Bran não pintava nada ali —disse Leah com um arranque de ira. —Matou ao Carter. E agora pretende *chorar* sua morte? Não pude evitar que assistisse. Embora nunca me faz muito caso de todos os modos. Seus filhos são seus conselheiros; eu somente sou a substituição de seu amor perdido, a incomparavelmente, formosa e sacrificada *puta* Índia. Não posso lhe deter, mas tampouco lhe apoiarei. —Quando terminou de falar, uma lágrima descia por sua bochecha. A secou e a observou com uma expressão de horror. Então voltou a olhar a Anna com idêntica expressão. — OH, *Deus*. OH, Meu deus. É uma dessas. Teria que havê-lo sabido antes, teria que ter sabido que Charles traria algo como *você* a meu território.

Partiu com uma corrente de ar frio e poder vibrante, deixando a Anna lutando por não mostrar o desconcertada que se encontrava.

—Teria pago por presenciar isso. —O sorriso continuava iluminando o rosto do Sage. —OH, querida —cantorolou, — estou tão contente de que Charles tenha te trazido com ele. Primeiro Asil e depois Leah. A vida vai se fazer muito mais interessante por aqui.

Anna secou suas úmidas mãos nas laterais dos jeans. Tinha percebido algo estranho na resposta de Leah, imaginando se tivesse estado tentada a dizer algo mais.

Tragou saliva e se esforçou por parecer calma e hospitaleira.

—Quer algo de beber?

—Claro —disse Sage. —Embora conhecendo Charles, suponho que não terá nada interessante. Tomarei um chá e te falarei de mim. Depois poderá me falar de ti.

Charles teve que permitir que seu pai lhe ajudasse a subir ao Humvee.

—Sim, bom —disse seu pai com um rastro de grunhido lhe dizendo quão preocupado tinha estado por ele, — isso te ensinará a te agachar mais rápido a próxima vez.

—Sinto-o —se desculpou enquanto se acomodava no assento do passageiro.

—Bem —disse Bran fechando a porta com suavidade. — Não deixe que volte a ocorrer.

Charles colocou o cinto. Provavelmente sobreviveria a um naufrágio, mas dado o modo de conduzir de seu pai, o cinto o manteria preso ao assento.

O calor abrasador que tinha impedido que lhe limpasse a cabeça tinha desaparecido, mas ainda não estava bem de tudo. Apesar da sopa que Samuel lhe tinha esquentado no micro-ondas e lhe tinha obrigado a ingerir, sentia-se tão fraco como um cachorrinho. O Irmão Lobo estava inquieto desejando a escuridão.

Um lugar seguro onde curar-se.

—De verdade vai deixar que Samuel seja um lobo solitário? —perguntou-lhe quando pôs em marcha o veículo. O Marrok era possessivo e territorial, não era habitual que deixasse ir a alguém que lhe pertencia. A última vez que Samuel partiu, não lhe tinha pedido permissão, simplesmente desapareceu. Charles demorou um par de anos em localizá-lo.

—Estou tão satisfeito de que Samuel tenha encontrado algo, *o que seja*, em que dedicar seu tempo que inclusive poderia chantagear ao Adam se fosse necessário.

—Ainda não o tem feito? — Adam, o Alfa de Tri-Cities³, caía-lhe bem, mas lhe surpreendia que o Marrok não tivesse tido que forçar um acordo: não muitos Alfas teriam aceito de boa vontade a um lobo solitário tão dominante como Samuel em seu território.

—Ainda não... —disse seu pai pensativamente. —Embora me parece que terei que ajudar um pouco ao Samuel com a Mercedes. Ela não parecia muito feliz quando o enviei a ela a última vez.

—Samuel sabe como arrumar-se com a Mercedes.

³ Tri-Cities é como é denominada comumente nos Estados Unidos a região do que se poderia chamar Grande Washington, esta região é formada pelas cidades de Washington, Benton e Franklin, sendo que elas se localizam na confluência dos rios Columbia, Yakima e Snake. (Fonte: Wikipedia)

—Isso espero. — Bran deu uns golpezinhos com os dedos sobre o volante. — Eu gosto de sua Anna. Parece tão delicada e tímida, como uma flor que se murcharia ante a primeira palavra afiada, e então faz algo como enfrentar o Asil.

Charles recostou novamente os ombros no assento enquanto corcoveavam sobre uma esquina congelada e pegavam o atalho que levava a sua casa.

—Deveria vê-la com um pau de macarrão nas mãos.

Não tentou ocultar sua satisfação. Cada vez se sentia melhor. Os ouvidos tinham deixado de lhe zumbir, e tinha recuperado o controle. Algo de comer e umas horas de sono e virtualmente teria recuperado a normalidade.

—Quer entrar? —perguntou mais por educação que por um desejo real.

—Não. —Seu pai negou com a cabeça. —Envie também para Sage casa. Quererá conversar contigo, mas você e Anna precisam estar a sós. Quando terminou o serviço Anna parecia bastante alterada.

Charles olhou a seu pai bruscamente.

—Pensava que era somente uma reação ao funeral. Muita gente que não conhecia.

—Não, havia algo mais.

Charles repassou mentalmente a última parte do serviço funerário, mas não ocorreu a que podia referir-se seu pai.

—Eu não notei nada.

—Claro que o fez. —Seu pai lhe olhou com um sorriso irônico. — Por que acha que estava tão frenético quando partiu?

—O assunto com o Asil? —Se Asil a tinha alterado, talvez Charles poderia ocupar-se dele e desse modo seu pai não tinha que voltar a preocupar-se.

Bran negou com a cabeça e ficou a rir.

—Hei-te dito mil vezes que posso falar mentalmente com as pessoas, mas que não posso receber seus pensamentos. Não sei o que lhe preocupava. Pergunte-lhe você.

Milagrosamente, chegaram até a porta de sua casa sem nenhum percalço. Charles desceu do Vee e pensou por um instante que os joelhos não fossem sustentar seu peso.

Seu pai lhe observou atentamente, mas não lhe ofereceu ajuda.

—Obrigado. — Odiava sentir-se débil, e ainda odiava mais quando as pessoas tentavam cuidar dele. Ao menos o tinha odiado até que apareceu Anna.

—Entra em casa antes de que caia —foi o único que lhe disse seu pai. — Com isso me conformo.

Seja pelo fato de mover-se ou pelo frio, os joelhos deixaram de lhe tremer e começou a caminhar de novo com normalidade assim que alcançou a porta.

Seu pai fez soar um par de vezes a buzina e saiu como uma exalação assim que sua mão tocou o pomo da porta. Charles entrou na casa e encontrou a Sage e Anna sentadas no salão, uma frente à outra, com uma taça de chá diante delas sobre a mesa. Entretanto, seu olfato lhe disse que Anna havia recebido outra visita.

Embora se tinha sentido ridículo quando seu pai chamou a Sage para que fosse a sua casa, o rastro de Leah lhe fez sentir-se orgulhoso de sua paranoia. Leah não tinha demorado muito em fazer o primeiro movimento.

Sage deixou de falar com Anna e o repassou com o olhar de cima a baixo.

—Charlie — disse — parece um desastre. Ficou em pé de um salto, beijou-lhe na bochecha e partiu à cozinha para deixar a xícara de chá na pia.

—Obrigado —disse ele com frieza.

Sage sorriu.

—Vou e os deixo sozinhos, como um par de recém casados. Anna, não deixe que te encerre em sua tumba privada. Me chame quando quiser e iremos às compras a Missoula ou algo assim.

Deu um tapinha em Charles no ombro antes de partir tão alegre.

Anna deu um sorvo a seu chá e lhe olhou com olhos escuros e insondáveis. Pela manhã recolheu o cabelo com uma fita e sentia falta dos cachos cor mel que estavam acostumados a ficar pendurados de ambos os lados de seu rosto.

—Chamou-te «Charlie» —lhe disse ela.

Charles levantou uma sobrancelha.

Anna sorriu, uma expressão repentina que lhe iluminou o rosto.

—Não te pega.

—Sage é a única que insiste em me chamar desse modo —admitiu. —Felizmente.

Anna ficou de pé.

—Quer um chá? Ou algo de comer?

No carro tinha sentido fome, mas, de repente, quão único desejava era dormir. Nem sequer tinha vontade de percorrer o corredor.

—Não, acredito que irei à cama.

Anna levou sua xícara à cozinha e pôs as duas xícaras na lava-louça. Apesar de suas palavras, Charles a seguiu.

—O que te há dito seu irmão? —perguntou-lhe ela.

—Ainda ficava um pouco de prata na panturrilha. Eliminou-a toda.

Anna ficou lhe olhando fixamente.

—Não foi divertido, verdade?

Charles não pôde evitar sorrir ante seu comentário.

—Não.

Lhe passou o braço sob seus ombros.

—Venha, está cambaleando. Vamos à cama antes de que caia no chão.

Não lhe incomodou absolutamente que lhe ajudasse. Inclusive poderia lhe haver chamado Charlie e não lhe haveria dito nada, sempre e quando não se separasse dele.

Anna lhe ajudou a tirar a roupa. Não havia tornado a colocar a jaqueta do traje, de modo que não foi tão doloroso. Enquanto ele se metia na cama, ela baixou as persianas e apagou a luz. Quando lhe cobriu com a manta, Charles lhe agarrou a mão.

—Ficará comigo? —perguntou-lhe.

Estava muito cansado para falar, mas não queria deixá-la só com o que fora que seu pai tinha percebido que a inquietava.

Ela ficou imóvel, e o aroma de seu medo repentino pôs a prova o controle recém recuperado depois de que seu irmão lhe extraíra os últimos restos de prata. Não havia nada que matar salvo fantasmas, assim controlou a quebra de onda de ira protetora e esperou a ver que fazia ela. Poderia lhe haver soltado a mão, e estava disposto a isso, mas somente se ela fazia gesto de se separar dele.

Não sabia por que a tinha assustado quando tinham dormido juntos a noite anterior, até que ela posou seus olhos em sua mão entre as suas. Alguém a tinha agarrado, pensou, provavelmente mais de uma vez. Ao tempo que a ira começava a crescer em seu interior, Anna girou a mão e a fechou sobre a sua.

—De acordo —disse ela com voz rouca.

Depois de um segundo, liberou sua mão e se sentou na cama para tirar as sapatilhas de esporte. Tombou junto a ele com as calças e a camisa postas, seu corpo tenso e pouco disposto.

Charles deu a volta, lhe dando as costas com a esperança de que aquilo lhe indicasse que não ia pressioná-la mais. Surpreendeu-se ao descobrir que lhe pedir que ficasse não tinha sido sozinho por seu bem. Sentia-se mais seguro a seu lado. Adormeceu escutando sua respiração.

Cheirava muito bem. À medida que seu corpo se relaxava, Anna pôde sentir como a tensão também abandonava o seu. Apesar de não estar ferida, também estava esgotada. Cansada de estar em uma vitrine, cansada de pensar sobre o que deveria estar fazendo, cansada de duvidar se tinha escapado de um poço para cair em outro pior.

Tinha muitas perguntas. Não lhe tinha perguntado pela estranha reação de sua madrastra, nem sobre o Asil, porque por seu aspecto parecia que ia ficar adormecido assim que deixasse de mover-se. Que é mais ou menos o que tinha ocorrido.

Anna olhou o pulso, mas não encontrou novos hematomas; não lhe tinha feito nenhum dano. Não sabia por que o tato de sua mão ao redor do pulso lhe tinha provocado aquele pânico. Seu lobo se encarregava de manter bem ocultos a maior parte dos abusos que tinha recebido. Entretanto, seu corpo conservava a lembrança de um violento apertão e de alguém lhe gritando enquanto a machucava... *e* ela estava presa e não podia escapar dele.

O pulso lhe acelerou e sentiu aproximá-la transformação à medida que seu lobo se preparava para voltar a protegê-la. Respirou o aroma de Charles e se deixou envolver por ele, tranquilizando ao lobo. Charles nunca lhe faria mal, tanto seu lobo como ela estavam seguros disso.

Depois de um momento, Anna reuniu a coragem necessária e se introduziu sob as mantas. Quando viu que Charles não despertava, aproximou-se ainda mais dele, sobressaltando-se cada poucos minutos já que seu corpo continuava lhe recordando que ele era muito mais forte e que podia lhe machucar.

Sabia por conversas alheias que normalmente os lobos ansiavam o contato. Os homens da Alcateia de Chicago se tocavam uns aos outros muito mais do que o habitual entre os heterossexuais. Entretanto, estar perto de outro lobo nunca havia lhe trazido nem paz nem consolo.

Sempre podia recorrer a seu lobo para que a ajudasse, como tinha feito a noite anterior. Então podia deitar-se junto a ele e respirar sua fragrância com cada nova baforada. Mas com ele adormecido, acreditou que tinha chegado o momento de

enfrentar-se só a seus problemas. O lobo sempre podia resolver o problema imediato, mas Anna queria poder tocá-lo sem sua ajuda.

O problema era a cama. A fazia sentir vulnerável, lhe dificultando o fato de aproximar-se mais a ele. Assim havia dito que ao Charles tampouco gostava que lhe tocassem. Perguntou-se qual seria o motivo. Não parecia lhe importar quando era ela quem lhe tocava; justamente o contrário.

Anna alargou lentamente a mão até que sentiu os lençóis mornos por seu calor corporal. Apoiou os dedos sobre ele e sentiu como seu corpo se contraía pelo pânico. Alegrou-se de que estivesse adormecido, desse modo não tinha que presenciar como retirava a mão e encolhia os joelhos sobre seu vulnerável estômago. Fez um esforço por não tremer porque não queria que a visse daquele modo: como uma covarde.

Disse a si mesma que a esperança era muito mais teimosa que o desespero.

Capítulo 5

Anna percorreu metodicamente as gavetas: Charles ia despertar faminto. Por sorte, tinha a casa abastecida para um cerco. Pensou em preparar um prato italiano —lhe dava bastante bem a cozinha italiana— mas não sabia se ao Charles gostava. Um guisado lhe pareceu a melhor opção.

O freezer de congelados do porão estava cheio de carne envolta em papel transparente e perfeitamente etiquetada. Subiu à cozinha com um pacote de carne de alce para guisar e a deixou no balcão para que se descongelasse. Apesar de que nunca tinha comido carne de alce, supôs que carne de guisado era sempre carne de guisado.

Na geladeira encontrou cenouras, cebolas e aipo. Agora o único que lhe faltava eram as batatas. Não havia na geladeira, nem sob o balcão; nem sobre a geladeira ou sob a pia.

Alguém tão meticuloso como Charles devia ter batatas em algum lugar. A menos que não gostasse. Estava inclinada com a cabeça em uma gaveta inferior, cantando em voz baixa «onde, oh, onde estão minhas pequenas batatas», quando o som de um móvel lhe fez levantar a cabeça repentinamente e golpear-lhe com o bordo o balcão.

O telefone estava no dormitório, de modo que esperou a que Charles o agarrasse enquanto se esfregava a cabeça, mas continuou soando.

Fez um encolhimento mental de ombros e tentou encontrar as batatas com ajuda de seu olfato: Charles lhe havia dito que não utilizava o suficiente seu nariz. Mas se havia batatas na cozinha, seu aroma ficaria camuflado pelas especiarias e a fruta.

O telefone pendurado na parede começou a soar. Era um velho aparelho de dial rotatório fabricado meio século antes da invenção do reconhecimento de chamadas. Ficou olhando-o com crescente frustração. Aquela não era sua casa. Depois do décimo toque se decidiu a atender.

—Olá?

—Anna? Diga ao Charles que fique, por favor. —Não cabia dúvida de quem era: Bran.

Dirigiu um rápido olhar à porta do dormitório com o cenho franzido. Se todo aquele ruído não lhe tinha despertado ainda, significava que precisava descansar.

—Está dormido. Quer que lhe dê alguma mensagem?

—Temo que isso não me serve. Por favor, acorde-o e lhe diga que preciso falar com ele.

Era uma ordem. O «por favor», pensou, era somente uma amostra de cortesia.

De modo que deixou o auricular pendurando e foi despertar ao Charles. Antes de chegar à porta, esta se abriu. Vestiu-se com calças jeans e uma camiseta.

—É papai? —perguntou-lhe.

Quando ela assentiu, Charles passou rapidamente por seu lado e agarrou o telefone.

—O que necessita?

—Temos um problema —Anna ouviu que dizia Bran. —Te necessito... e traz também a Anna. Tão rápido como podem.

Bran necessitava ao Charles. Charles era sua mão executora, seu assassino. Habitualmente punha em perigo sua vida por seu pai. Anna ia ter que acostumar-se a aquilo.

Anna estava pondo a jaqueta Quando Charles pendurou o telefone. Retornou ao dormitório e voltou a sair dele com umas meias três quartos e umas botas na mão.

—Pode me ajudar com as botas? —disse-lhe. — Ainda me custa me agachar.

Anna conduziu o veículo como alguém que não nunca circulou por uma estrada congelada. Possivelmente nunca o tinha feito. Mas aquela manhã o tinha feito melhor, e Charles não acreditava que a estrada estivesse em piores condições.

Evidentemente, fosse o que fosse o que a inquietava, continuava ali. Podia cheirar sua ansiedade, embora não sabia o que fazer para remediá-la.

Se suas costelas tivessem estado em melhores condições, ele mesmo se teria encarregado de conduzir, mas se conformou lhe indicando a direção que devia seguir. Quando a caminhonete começou a entrar no atalho que levava a casa de seu pai e Charles se segurou com mais força à porta, Anna reduziu ainda mais a velocidade. Uma SUV cor verde giz com distintivos do governo estava estacionado junto à porta principal: Serviço Florestal. Fosse qual fosse a razão pela que seu pai lhe tinha chamado devia ter alguma relação com o lobo solitário das Cabinets. Talvez tinha aparecido outro corpo.

Anna deteve o veículo atrás do SUV.

—Cheira isso? —perguntou a Anna enquanto esta rodeava a caminhonete até onde ele a esperava.

Anna inclinou a cabeça e refletiu sobre o que estava cheirando.

—Sangue?

—Fresco —disse ele, — Você se importa?

—Não. Deveria?

—Se fosse como qualquer outro lobo, e não uma Omega, agora mesmo estaria faminta.

Anna franziu o cenho e Charles respondeu a seu olhar:

—Sim, eu também. Mas sou o suficientemente velho para que não me incomode.

Não se incomodou em bater na porta; seu pai lhe teria ouvido chegar. Seguiu o rastro do sangue até o dormitório de convidados.

Samuel tinha estado ali. Apesar de não reconhecer ao homem de meia idade deitado sobre a cama, reconheceu a limpa disposição das bandagens. O homem era tão humano como Heather Morrel, que estava sentada junto à cama lhe sustentando a mão.

Heather levantou a cabeça. Charles viu o brilho de pânico em seu semblante mas não fez nada por mitigá-lo. Assustar às pessoas formava parte do que lhe convertia em um assassino tão eficaz. Além disso, até que não falasse com seu pai e soubesse o que estava ocorrendo, nada do que pudesse dizer aliviaria sua dor.

—Onde está o Marrok? —perguntou.

—Está-te esperando em seu escritório —lhe disse ela.

Deu um passo atrás e fez gesto de ir, mas Heather disse seu nome brandamente. E ele se deteve.

—Jack é um bom homem — sussurrou Heather.

Charles olhou por cima do ombro e viu que lhe estava olhando fixamente. Poderia haver perguntado a que se referia, mas antes queria falar com seu pai.

Embora Anna não disse nada, recebeu por sua crescente tensão que tinha captado parte do assunto. A menos que seu instinto lhe enganasse, tinha sérias dúvidas sobre a sobrevivência do amigo de Heather, Jack.

De modo que se limitou a assentir e se dirigiu ao escritório com Anna em seus calcanhares.

O fogo estava aceso: um mau sinal. Papai só o acendia quando algo lhe preocupava. Seu pai estava sentado com as pernas cruzadas no chão frente ao lar e com a vista fixa nas chamas.

Charles se deteve na soleira mas Anna passou junto a ele e aproximou as mãos ao fogo. Nenhum dos três falou durante um momento.

Finalmente, Bran suspirou, ficou em pé e caminhou lentamente ao redor de Charles.

—Como se sente? — perguntou-lhe quando voltou a situar-se frente a ele.

Ardia-lhe a perna, e ainda estava muito fraco para poder correr. Apesar de que não queria lhe mentir a seu pai, tampouco gostava de enumerar suas dores e achaques.

—Melhor. O que necessita?

Bran se cruzou de braços.

—Esta semana já matei a alguém contra minha vontade; não quero voltar a fazê-lo.

—Jack tem que morrer?

Queria seu pai que o fizesse ele? Olhou a Anna com certa ansiedade enquanto esta se aproximava mais ao fogo e se encurvava, lhe dando as costas a ambos. Ele tampouco queria matar a ninguém mais aquela semana.

Bran se encolheu de ombros.

—Não. Deve-se fazer, eu me encarregarei. Espero poder evitá-lo. É um dos companheiros de Heather. Estavam trabalhando no bosque, fazendo um trabalho para os Serviços de Emergência. Procuravam a outro caçador desaparecido quando foram atacados por um homem lobo. Não há nenhuma dúvida do que era. Heather o viu claramente. Disparou-lhe e o espantou; esteve levando balas de prata desde que identificou ao assassino do outro caçador. Disse-me que seu amigo Jack fez a conexão entre seu atacante e o caçador morto enquanto perdia e recuperava a consciência de caminho para aqui.

—Trouxe-o aqui porque se transformou?

—Ela diz que poderia havê-lo feito, mas Samuel não está de acordo. Os danos não são maciços, e não se cura o suficientemente rápido. —Fez um daqueles gestos que lhe saíam tão bem; aquele dizia: *Sou somente um amador, deixo isso aos peritos*. Conforme parece, seu problema tem mais que ver com a perda de sangue que com a ferida em si. E nossa Heather se arrepende de havê-lo trazido desde que Samuel fez sua declaração.

—No que está pensando?

Charles não podia evitar pensar que Anna estava escutando tudo. Uma parte dele queria ocultar-lhe protegê-la do lado desagradável de sua vida. Entretanto, negava-se a ter uma relação com sua companheira apoiado em meias verdades e segredos. Além disso, ela já sabia muito sobre quão desagradável podiam chegar a ser certas coisas. Bran se recostou em sua cadeira e suspirou.

—Se um guarda florestal afirmar que foi atacado por um homem lobo, um homem tão experiente e respeitado como Jack, as pessoas lhe acreditarão. E, antes de ficar pouco comunicativa, Heather me disse que Jack é um homem sincero. Se acreditar que outros podem correr perigo, difundirá a notícia tanto como possa, por muito absurda que possa parecer a verdade.

Charles sustentou o olhar que lhe dirigiu seu pai. Em outras circunstâncias poderiam deixá-lo passar. Se matavam ao lobo problemático e não se produziam mais mortes, o incêndio que pudesse provocar o guarda se consumiria por falta de combustível. Não obstante, seu pai acreditava que não demorariam muito em sair à luz pública. Em questão de meses. Não podiam permiti-la má publicidade.

Para ganhar um pouco de tempo e pensar se existia alguma saída para aquele dilema, Charles perguntou:

—Como conseguiu tirá-lo dali?

Charles conhecia as Cabinets. Naquela época do ano, a maior parte daquelas montanhas só podiam percorrer-se com raquetes ou a quatro patas. Heather não era uma mulher lobo e, portanto, não podia carregar com alguém que pesasse mais que ela.

—Chamou a seu tio. Tag o tirou dali.

Ah. De modo que aquela era a razão pela que Bran parecia meramente pensativo e não completamente encerrado em si mesmo, seu estado habitual quando devia resolver algum assunto desagradável.

Charles olhou a seu pai com um sorriso de alívio.

—Vá com a mucosa —disse Charles. Embora Heather tinha quarenta e três anos, Charles a tinha visto nascer e ainda a considerava uma menina pequena, e, o que era ainda mais importante, seu imponente tio, Colin Taggart, também. — Assim se fizer o que deveria fazer e elimina a este aparentemente respeitável e responsável inocente, enfrentaria a um levante?

Tag era extremamente protetor com aqueles que considerava deles, e o fato de resgatar àquele guarda, convertia-o automaticamente em dele. Se Bran decidia eliminar ao guarda de Heather, teria que recorrer ao Tag para que o levasse a cabo. Graças a Deus.

Bran emitiu um suspiro que queria expressar que estava sendo utilizado.

—Sentir-me-ia mais tranquilo se não tivesse que te enviar ferido gravemente a perseguir um lobo solitário. Estou bastante seguro de que se eliminarmos a ameaça, e demonstramos ao Jack que seu atacante era um criminoso além de um monstro, quão único desejará será conservar a paz e a tranquilidade. Necessito a esse lobo morto antes de que Jack se recupere e exija que lhe deixemos partir.

—Não pode enviar a ninguém mais? —perguntou Anna em voz baixa.

Bran negou com a cabeça.

—Isto deve realizar-se de forma rápida e silenciosa, e permanente. Charles é o único em quem posso confiar para manter às autoridades humanas afastadas se as coisas ficam feias. —Sorriu ligeiramente. — E sei que não se unirá ao assassino neste carnaval de carne humana.

Charles observou a seu pai brevemente: não poderia havê-lo expresso em menos palavras... nem de um modo mais desesperado.

—Não é provável que o lobo seja mais dominante que eu, de modo que não poderá me enganar nem me recrutar —explicou a Anna. — E se as coisas ficarem «feias», minha magia pode encobrir as provas. Não sou tão bom como uma bruxa de verdade, mas não acredito que enviem a um grupo de forenses de primeira classe às montanhas.

—Além disso, não existe nenhum outro lobo em Aspen Springs que possa enfrentar a um assassino destas características sem perder seu rastro. —Bran se deu a volta para olhar a Anna, quem seguia com a vista cravada no fogo. —Matar a um ser sensível é muito mais viciante que caçar coelhos sob a luz da lua. Entre outras coisas, Aspen Creek é um santuário para os lobos problemáticos, ou para quem está em vias de sê-lo. Os lobos que poderiam caçar a outro homem lobo já estão o suficientemente recuperados para retornar ao mundo. Normalmente não os retenho mais do necessário.

—De modo que todos os lobos de sua Alcateia são psicóticos? —perguntou Anna.

Charles não soube se o havia dito em brincadeira ou não. Talvez, pensou, agora que refletia nisso com maior parada, não estava tão longe da verdade.

Bran jogou a cabeça para atrás e estalou em gargalhadas.

—Absolutamente, querida. Mas não estão preparados para isto. Se acreditasse estar pondo a vida de Charles em perigo, enviaria a outro. Será incômodo, e complicado, mas não existe outro lobo em todo o país que conheça as Cabinets tão bem como meu filho. E apesar de estar ferido, pode dominar a qualquer lobo que exista.

—Vai enviar lhe sozinho?

Charles não reconheceu nada naquelas palavras, mas era evidente que seu pai tinha intuído algo que lhe intrigava.

—Não necessariamente. —E adotou a expressão que estava acostumado a utilizar quando achava uma solução satisfatória a um problema que lhe tinha estado torturando. Charles demorou muito tempo em compreender ao que se referiam e, quando o fez, não pôde lhe deter. —Pode lhe acompanhar.

—Não —disse Charles com autoridade, embora também com a inquietante sensação de que era muito tarde. Bran não lhe prestou a mais mínima atenção. —Não será divertido. Essas montanhas são muito duras, e é uma garota de cidade.

—Sou uma mulher lobo —disse ela com o queixo levantado. —Não deveria me custar muito me adaptar a um ambiente hostil, não acha?

—Não tem roupa adequada, nem luvas, nem botas —grunhiu Charles desesperado. Sabia que seu pai já tinha tomado uma decisão, embora não tinha nem ideia de por que se mostrava tão decidido. —Nesta época do ano têm que usar-se raquetes, e ela não tem experiência. Irá me atrasar.

Seu pai estava acostumado a pôr aquela *expressão* quando queria utilizá-lo.

—Mais que a ferida de sua panturrilha? —cruzou-se de braços e se balançou na cadeira com os calcanhares. Devia reconhecer a obstinada negativa no rosto de Charles, já que suspirou e passou ao galês: — Necessitam tempo para arrumar certas coisas entre vós. Ela não confia em nenhum de nós. Aqui há muita gente que lhe morderia o rabo. —Seu pai era um cavaleiro, jamais diria algo contra sua companheira, mas os dois souberam que se referia a Leah. —Anna tem que te conhecer, e você não é precisamente fácil nesse sentido. Leve-a daqui e passem alguns dias sozinhos. Lhe sentará bem.

—Para que me veja matar ao intruso? —Charles lhe respondeu na mesma língua que tinha utilizado seu pai. Anna sabia o que era ele, mas não queria ter que esfregar-lhe pela cara. Embora estava acostumado a aterrorizar às pessoas, não queria fazer o mesmo com ela. — Estou seguro de que servirá para que esteja muito mais segura de mim.

—Talvez.

Não havia volta quando seu pai decidia o curso dos acontecimentos, e todo aquele que se interpor em seu caminho acabava deitado como um pino de boliche.

Ao Charles não gostava de ser um pino de boliche. Olhou a seu pai em silêncio.

O velho bardo sorriu fracamente.

—De acordo —disse Charles em inglês. — Muito bem.

Anna levantou o queixo.

—Tentarei não te atrasar.

E Charles se sentiu como se lhe tivesse dado um murro no estômago: quão único tinha conseguido é que ela se sentisse rechaçada, justamente o contrário do que tinha pretendido. Apesar de que as palavras não eram seu forte, tentou arrumar a situação de todos os modos.

—Não me preocupa que me atrase —lhe disse. — Papai tem razão. Com esta perna não vou bater nenhum recorde de velocidade. Isto não vai ser divertido, não nessas montanhas e no inverno.

Não queria que lhe visse matar outra vez. Às vezes estava bem, e o outro lobo resistia, como tinha feito Leo. Mas outras gritavam e suplicavam. E, apesar de a tudo, devia matá-los.

—De acordo —disse Anna.

A tensão de sua voz lhe disse que ainda não tinha arrumado o dano, embora não podia lhe mentir lhe dizendo que queria que fora com ele. Não queria. E embora sabia que a capacidade de Anna para captar uma mentira era bastante imprevisível, negava-se a lhe mentir a sua companheira.

—Entendo-o —disse Anna sem apartar a vista do chão. —Não será divertido.

—Farei uma chamada para que lhes abram a loja —disse Bran. Resultava impossível saber o que pensava, salvo que tinha decidido não ajudar ao Charles. — Equipa-a com todo o necessário.

Charles desistiu e dirigiu sua atenção a algo que controlava melhor.

—Lhes diga que estaremos ali em uma hora —disse. — Primeiro tenho que falar com Heather e Tag. Sairemos pela manhã.

—Agarra meu Humvee —disse Bran extraindo uma chave de seu chaveiro. — Chegarão mais longe que com sua caminhonete.

Por que está sendo tão útil?, pensou Charles com frustrado rancor. Bran não podia ler as mentes, mas o fugaz sorriso no rosto de seu pai lhe disse que não lhe custava muito ler a expressão de seu filho.

Charles não se surpreendeu ao encontrar Heather lhes esperando. Estava frente à porta do quarto de convidados, apoiada na parede e com a vista cravada em seus pés. Não a levantou quando se aproximaram dela, mas disse:

— Matei-o trazendo-o aqui, não é certo?

— Tag partiu para casa? — perguntou Charles.

Então Heather lhe olhou, lhe examinando o rosto.

— Disse que já tinha suficiente sangue para alguns dias e partiu para ver um filme.

— Jack estará bem — disse Anna, aparentemente impaciente pela neutralidade de Charles. — Charles e eu nos ocuparemos do homem lobo que lhe atacou. Esperemos que com isso seu amigo não perca a cabeça com a imprensa.

Heather olhou a Anna durante um segundo.

— Graças a Deus que há alguém por aqui que não atua como se a informação fosse mais valiosa que o ouro. Deve ser a Omega de Chicago.

Anna sorriu, embora se deu conta de que devia praticar mais.

— Os lobos deveriam ser bastante reservados, não é certo? Se te servir de algo, acredito que o fato de que trouxesse aqui ao outro lobo... Chamava-se Tag?... Foi o que desequilibrou a balança.

Heather olhou para Charles pela extremidade do olho e este soube que aquilo é o que tinha pretendido quando chamou a seu tio lhe pedindo ajuda. Mesmo assim, percebeu a verdade em sua voz quando disse:

— Foi o único que me ocorreu. Sabia que se o pedia, viria.

Tag era assim.

— Poderíamos despertar ao Jack? — perguntou Charles.

— Está descansando — lhes disse ela. — Agora está dormido, não inconsciente.

O humano era mais velho que Heather. Tinha a cara pálida e tensa. Assim que Heather o despertou, o aroma de seu pânico alagou a habitação.

Interessante, pensou o Irmão Lobo ao reconhecer a uma presa ferida. *Comida fácil*.

Charles ainda não tinha descoberto se o Irmão Lobo dizia as coisas a sério ou se brincava, pois nunca lhe tinha permitido alimentar-se de um humano. Tinha a incômoda suspeita de que não era nem o um nem o outro. Fez retroceder ao Irmão Lobo e esperou a que o humano lhe visse por cima do ombro de Heather.

— Meu nome é Charles — disse. — Sou um homem lobo. Heather, não vou comê-lo.

Apesar de que Heather finalmente se apartou, Charles estava convencido de que tivesse preferido ficar entre ambos para proteger a seu amigo.

— Por que nos atacou? — disse Jack em um sussurro, fazendo um esforço para que as palavras saíssem de sua boca.

— Não fui eu — lhe disse Charles. — Pergunte a Heather. Ela lhe dirá isso. Ouvimos falar do lobo solitário faz uns dias. Eu estava ferido, e meu pai queria esperar até que me recuperasse para me enviar atrás dele. Pensávamos que,

terminada a temporada de caça, não haveria muito perigo se esperássemos um par de semanas.

—Ferido?

Charles apertou os dentes para controlar ao lobo, o qual demonstrava abertamente sua desaprovação, enquanto desabotoava a camisa e se voltava. A queimadura que lhe atravessava os ombros era mais que evidente, mas tinha estado cheirando seu próprio sangue desde que Anna entrou no atalho, assim estava bastante seguro de que a bandagem que lhe cobria a ferida das costas estaria manchada de sangue.

Embora nem Jack nem Heather representavam uma ameaça, ao Irmão lobo lhe dava o mesmo: mostrar as debilidades a outros estava mau. Entretanto, era importante que Jack compreendesse por que tinham esperado. Se queriam que não contasse nada, Jack devia entender que, em circunstâncias normais, eram capazes de controlar aos seus.

—Queimadura de bala —disse Jack.

—E dois mais que deram no branco —confirmou Charles, voltando a fechar camisa.

—Jack antes era policial —apontou Heather.

Durante aqueles minutos tinha mantido a vista apartada, para evitar olhar para Charles, um gesto que este agradeceu.

—Tive alguns problemas em Chicago faz uns dias — disse Charles.

—Deveria te curar —sussurrou Jack.

Charles negou com a cabeça.

—Não se houver um homem lobo caçando humanos. —Olhou a Heather. —Houve alguma provocação?

Ela se encolheu de ombros.

—Não estou segura. Simplesmente saiu do nada e atacou. Existem muitas razões para que aquele lobo solitário o fizesse. Talvez estabeleceu seu território ou deve proteger a alguém ou algo.

—Embora também poderia estar caçando —concluiu Charles. — Não podemos nos permitir o luxo de esperar a que encontre uma nova vítima.

Anna seguiu Charles escada abaixo em busca do tio de Heather, Tag. As escadas terminavam em um estreito corredor cheio de portas metálicas, cada uma com grossas barras de ferro preparadas para baixar sobre os suportes instalados a ambos os lados.

Em uma das portas, as barras estavam baixadas. Quem estivesse atrás dela, tinha estado fazendo ruído até que eles chegaram ao corredor. Então o corredor ficou em completo silêncio, e Anna pôde sentir como escutava seus passos enquanto se aproximavam.

Poderia haver perguntado para Charles, mas este parecia encerrado em si mesmo. Não sabia se estava molesto com ela ou simplesmente pensativo. De qualquer dos dois modos, não queria lhe incomodar. Já o tinha feito suficiente. Teria que lhe haver dito que ficaria em casa.

Mas aquilo teria significado que partiria sozinho, ferido, para enfrentar a um lobo solitário desconhecido. Seu pai parecia confiar em que podia arrumar-lhe sozinho,

mas ele não tinha estado em sua casa ontem de noite quando Charles estava muito dolorido inclusive para mover-se sem sua ajuda.

Se Charles decidia que não a queria a seu lado, o que podia fazer ela?

Havia uma porta um pouco mais aduladora ao final do corredor; não tinha nem ferrolhos nem chaves. Entretanto, enquanto se aproximavam dela, Anna ouviu o som de uma explosão.

—Uau —disse alguém com feroz satisfação.

Charles abriu a porta sem chamar.

Anna teve uma fugaz visão de uma enorme tela de televisão conectada a uma grande variedade de lustrosas caixas negras e alto-falantes mediante o arco íris formado por uma rede de cabos. Entretanto, o que captou sua atenção e a manteve foi o homem corpulento deitado sobre um sofá como um gato doméstico gigante. E «gigante» é a palavra que melhor o definia.

Charles era um homem alto, mas Anna estava disposta a apostar que Colin Taggart era uns centímetros mais alto que ele e alguns mais de largo. Apesar do frio, levava postas umas enormes sandálias Birkenstock por cima de grossas meias três quartos de lã, usadas e desfiadas, mas limpas. Umas calças soltas cor cáqui ficavam cobertas por uma camiseta manchada que lhe pendurava por debaixo das coxas. Tinha o cabelo de uma espetacular cor laranja e tão tosco como a crina de um pônei; tinha-o encaracolado e emaranhado de tal forma que poderia dever-se tanto a um estilo deliberado como a simples despreocupação. Apartou-se toda a juba do rosto com uma grossa borracha de cabelo manchada de tinta.

Não estava no funeral, pensou Anna. Lembraria dele. Provavelmente estivesse nas montanhas resgatando a sua sobrinha.

Sua pele tinha a palidez típica dos celtas, com numerosas sardas lhe povoando as bochechas. Entre o tom de sua pele e suas afiadas facções poderia ter tido tatuado «Irlandês» na testa. Cheirava a uma estranha variedade de incensos que envolvia um agradável aroma a terra que Anna não sabia exatamente onde se localizar. Parecia quinze ou vinte anos mais jovem que sua sobrinha, e o único que ambos tinham em comum eram os olhos cinzas.

Depois de uma rápida olhada em Charles quando entraram na habitação, Tag voltou a dirigir sua atenção ao televisor para contemplar o final da explosão. Então apontou o comando a distancia na direção aproximada do televisor e deteve o filme.

—Bom —disse em uma voz surpreendentemente aguda. — Não cheira a morto.

Não era um soprano, mas um homem de sua corpulência deveria soar como um tambor grande. Soava mas bem como um clarinete: seu acento era igual ao de um locutor de televisão.

—Se o amigo de Heather mantém a boca fechada, estará a salvo —disse Charles. — Saímos de caça a primeira hora da manhã. Agradeceria se pudesse fazer umas coisas por mim.

Anna compreendeu que a pose relaxada tinha sido uma artimanha quando o outro lobo se incorporou e se permitiu o luxo de deslizar-se pelo sofá e utilizar o impulso para ficar em pé. Tudo com a controlada velocidade e elegância de um bailarino da corte.

De pé, ocupava mais espaço do que lhe corresponderia na reduzida habitação. Anna deu um passo atrás involuntário que passou despercebido aos dois homens.

Tag sorriu, mas seus olhos desprendiam cautela e os manteve cravados em Charles.

—De acordo. Sempre e quando não matar a meu pequeno amigo, estarei encantado de te agradecer.

—Necessito que tanto você como Heather recordem onde estavam exatamente quando lhes atacou, melhor sobre um mapa. A ver se podemos localizar com exatidão onde estava a outra vítima do homem lobo, e também o estudante. — Charles olhou a Anna, repassando-a de acima debaixo de um modo impessoal antes de dirigir de novo sua atenção ao outro homem. —Depois te passe por casa do Jenny e comprova se tiver roupa suja, algo com seu suor.

Os olhos do lobo se aumentaram.

—Vais fazer isso do rastro? Harrison é mais ou menos de sua mesma estatura. Quer que agarre algo de sua roupa para ti?

—Perfeito. Encontraremos-nos em minha casa em um par de horas com o mapa e a roupa.

—Bran não executará ao homem de Heather.

Embora foi uma afirmação, a voz do Tag estava tinta de certa incerteza.

Charles se encolheu de ombros.

—Pelo menos ainda não. A menos que dita fazer alguma estupidez.

A Anna aquilo não pareceu muito tranquilizador. Entretanto, Tag o considerou suficiente.

—De acordo —disse com um assentimento. — Vejo-lhes em um par de horas.

Charles estacionou o Humvee em frente à casa, provavelmente porque não cabia na garagem. Estava tenso e coxeava ligeiramente, mas quando Anna tentou carregar os pacotes que tinham recolhido na loja, Charles se limitou a olhá-la. Ela levantou ambas as mãos em sinal de rendição e lhe deixou carregar os pacotes.

Não tinha feito nenhum comentário pessoal desde que abandonaram o escritório de seu pai.

—Talvez deveria ir com outra pessoa —disse ela finalmente enquanto fechava a porta ao frio invernal. — Outro lobo poderia te ser mais útil.

Charles deu a volta e a olhou fixamente. Tirou as luvas com parcimônia enquanto seguia olhando-a com seus olhos negros a tênue luz da casa. Devolveu-lhe o olhar durante um ou dois segundos antes de baixar os olhos.

—Eu não gosto de levar reforços para matar —lhe disse depois de um momento. — Muitos lobos tendem a danificar as coisas.

Tirou a jaqueta e a deixou deliberadamente sobre o respaldo do sofá.

—Enfrentamos a um homem lobo que mata a humanos. Poderia ser um infiltrado, alguém que tenta evitar que meu pai revele pouco a pouco nossa existência aos humanos. Embora tenha estado refletindo sobre isso e não acredito que seja o caso. Tem que ser uma pessoa desesperada para ocultar-se nas Cabinets nesta época do

ano, quando poderia estar muito mais confortável na Missoula ou Kalispell. Onde além disso atrairia muito mais atenção. Mover-se pelas montanhas em pleno inverno é muito complicado para um ataque planejado ou um assassino habitual. Acredito que enfrentamos a um lobo solitário. Alguém que não sabe muito e que tenta manter-se afastado do mundo. Perigoso, como demonstrou repetidamente, mas nada que não possa controlar.

—Farei o que me diga —disse Anna ao chão, sentindo-se estúpida por insistir em lhe acompanhar e doída porque ele não a quisesse a seu lado. — Tentarei não te incomodar.

—Nem sequer me teria passado pela cabeça te levar comigo se não tivesse sido pela insistência de meu pai — disse ele lentamente. — E me teria equivocado.

Suas palavras a agarraram completamente despreparada. Com a suspeita de que lhe tinha interpretado mal, levantou a vista e se topou com um sorriso envergonhado.

—Acredito —disse ele — que inclusive um homem lobo merece uma oportunidade, não acha? Um lobo solitário oculto nas Cabinets resulta bastante desesperado, e existe uma possibilidade de que também ele seja uma vítima, como o caçador morto ou Jack. Mas, se fosse eu sozinho, inclusive se soubesse com total segurança que estava louco ou fora de controle além de sua responsabilidade, provavelmente teria que matá-lo de todos os modos. Olhe o que tem feito com o Asil esta manhã. Se vier comigo, pode ser que possamos lhe dar uma oportunidade a este lobo.

Apesar de que parecia dizê-lo com sinceridade, Anna mediu suas palavras:

—Não está zangado? Não teria preferido que mantivesse a boca fechada?

Charles percorreu a distância que lhes separava e a beijou. Quando se apartou, o coração de Anna pulsava acelerado, e não só de medo. Sentiu seu pulso contra sua garganta. Cheirava a bosque coberto de neve.

—Não —murmurou ele. — Não quero que se cale. —Percorreu-lhe brandamente a mandíbula com um dedo. — Tag chegará em qualquer momento. Será melhor que vá preparando a comida.

Apesar de estar ainda dolorido e lhe assegurar que não era um grande cozinheiro, preparou o guisado que ela tinha estado organizando quando chamou Bran. Embora a enviou em busca das batatas, as quais estavam armazenadas em um saco no porão, pareceu satisfeito de encarregar-se de todo o trabalho.

Observou-lhe cozinhar, e a euforia provocada pelo beijo se desvaneceu. Frente a ela tinha a um homem habituado a estar sozinho, a depender de si mesmo. Não a necessitava, embora ela dependia completamente dele.

Enquanto esperavam que o guisado fervesse a fogo lento, Charles ligou a pequena televisão da sala de jantar, o único aparelho que tinha visto na casa, e uma mulher alegre com batom brilhante lhes disse que ao dia seguinte faria mais frio. Charles se sentou e ela tomou assento ao outro lado da mesa de carvalho.

—Isso é o mais local que conseguiremos —lhe disse Charles enquanto viam a previsão meteorológica. — Missoula e Kalispell.

Anna não soube por que não permitia que a televisão enchesse o silêncio.

—Seu pai me disse que te perguntasse se eu poderia contatar minha família — disse Anna enquanto a locutora informava sobre as vendas de Natal durante o fim de semana: baixa nas vendas em referência ao ano anterior, aumento das compras por Internet.

—Ocorre algo?

—Não sei. Não falei com eles desde pouco depois de minha transformação.

—Não fala com sua família há três anos? — Charles franziu o cenho. Então sua cara se iluminou pela súbita compreensão. — Não lhe permitia isso.

Anna lhe olhou fugazmente.

—Leo disse que mataria a qualquer humano que tivesse a mínima suspeita do que somos. E que qualquer contato prolongado com minha família era causa suficiente para sua eliminação. Seguindo suas indicações, zanguei-me por algo que disse minha cunhada e não voltei a falar com eles.

—Idiota — cuspiu Charles antes de sacudir a cabeça. — Você não. Leo. Por que...? Suponho que pensava que sua família se oporia ao trato que estava recebendo e que armariam um escândalo, e acredito que tinha razão. Se quer chamar agora, adiante. Ou se preferir, quando acabarmos com isto podemos ir fazer-lhes uma visita. Certas coisas se explicam melhor em pessoa.

Notou como lhe ressecava a garganta e teve que conter umas repentinas e estúpidas lágrimas.

—Sinto-o — conseguiu dizer.

Charles se inclinou para ela mas, antes de que pudesse dizer alguma coisa, ambos ouviram o inconfundível som de um carro aproximando-se.

Sem bater na porta, Tag entrou na casa como uma brisa cálida, com uma bolsa de papel em uma mão e um mapa na outra.

—Aí estão. — deteve-se e farejou atentamente. — Me digam que há de sobra para os três. Levo horas com seus recados e ainda não comi nada.

—Se sirva você mesmo — disse Charles com brutalidade ao comprovar que Tag tinha soltado todos os sacos e já estava na cozinha.

Anna lhe ouviu mover potes durante um momento e depois lhe viu aparecer no salão com três terrinas de guisado em suas grandes mãos. Deixou um frente a Anna, outro frente a Charles e o último em um lugar próximo a ele. Outra viagem à cozinha e retornou com três copos de leite e colheres. Serviu os pratos com tal profissionalismo que Anna pensou que devia ter trabalhado em algum restaurante.

Não deixou de olhar ao Charles enquanto se sentava, e Anna se deu conta de algo que tinha estado percebendo desde fazia tempo. Apesar de seu comportamento casual, Tag tinha medo de Charles, como também o tinha tido Sage apesar daquele «Charlie».

Existia uma razão, pensou Anna, para que a companheira de Bran, Leah, tivesse vindo quando Charles estava ocupado em outro lugar, e também para que a casa lhe resultasse tão pouco familiar.

Anna tinha reconhecido o medo de Heather, mas Heather era humana. Os outros eram licantropos, e suas reações eram reconhecíveis pelos sutis movimentos de seus corpos, como a vigilância constante do Tag.

Tag comeu um par de ruidosas colheradas ante as quais a mãe de Anna teria respondido com uma bofetada na mão, e a seguir disse ao Charles:

—Precisa comer. Leo nunca soube cuidar dos presentes que recebia.

—Anna não foi um presente —disse Charles. —Ele a caçou.

O semblante do Tag se esticou.

—Transformou a uma Omega pela *força*?

Comoção, pensou Anna, e incredulidade.

—Não —disse Charles. — A caçou, e quando deu com ela, enviou a um cão raivoso atrás dela.

—Só a um bode louco lhe ocorreria atacar a uma Omega. Matou-lhe?

A naturalidade da voz do Tag era muito estudada para ser real.

—Sim.

—Também a Leo?

—Sim.

—Bem feito.

Tag voltou a olhá-la, sem que naquela ocasião seus olhos se encontrassem, e continuou comendo.

—Por então ainda não era uma Omega —disse Anna. — Era simplesmente uma humana.

Charles a olhou com um sorriso fugaz e retornou a seu guisado.

—Quando nasceu já era uma Omega, do mesmo modo que meu pai era dominante e perigoso desde que começou a caminhar, humano ou não. O homem lobo só o atira a superfície, e a idade o apura.

—Não sabia? —perguntou Tag.

—Leo fez todo o possível por mantê-la ignorante e sob seu punho —lhe disse Charles.

Tag levantou uma emaranhada sobranceira ruiva em sua direção.

—Nunca gostei de Leo, muito dissimulado para meu gosto. É muito difícil para um lobo dominante fazer mal a um submisso se este estiver são. Nossos instintos nos empurram a protegê-los. Os Omega estão um passo mais à frente. Quando foi humano, teria que ter sido muito mais frágil do que é agora, o que aumentaria esses instintos. Uma Omega humana somente poderia ser atacada por um cão raivoso, um lobo sedento de sangue.

Os dois homens tinham continuado comendo antes de que Anna decidisse questionar sua afirmação.

—Nenhum lobo na Alcateia de Leo parecia ter muitos problemas para me machucar, para me pegar.

Os olhos do Tag se encontraram com os de Charles, e Anna recordou que baixo aquela alegria se ocultava um lobo.

—Teria que lhes haver flanco —disse Charles severamente. —Se Leo não lhes tivesse empurrado, lhe teriam deixado em paz.

—Nenhum enfrentou a ele? —perguntou Tag.

—Já se tinha desfeito dos mais fortes —disse Charles. — Tinha ao resto sob seu punho. Dançavam a seu ritmo.

—Está seguro de que o matou? —perguntou Tag.

—Sim.

Os olhos do Tag voltaram a posar-se na Anna.

—Bom.

Assim que terminaram de comer, Tag aproximou o mapa que havia trazido e o estendeu sobre a mesa.

Anna recolheu os pratos sujos e os esfregou, enquanto Charles e Tag resmungavam sobre o mapa.

—Todos os ataques se produziram a poucos quilômetros do lago Baree —estava dizendo Tag quando Anna retornou e ficou a observar o mapa por cima do ombro de Charles. —Conforme ouvi, nesses bosques há uma velha cabana, embora nunca a vi.

—Sei onde está. É uma boa ideia. —Charles assinalou com o dedo um ponto do mapa. —Está por esta zona, não muito longe dos ataques. Faz uns dez ou quinze anos que não estive no lago Baree no inverno. Ainda é esta a melhor estrada?

—É a que eu peguei. Será melhor que pegue este atalho daqui. —Tag o assinalou sobre o mapa mas Anna não viu nenhum atalho.

—Muito bem —disse Charles. — Depois percorreremos a pé o caminho do Silver Butte.

—Bem. O primeiro ataque se produziu aqui. —E Tag assinalou ligeiramente os arredores do lago Baree. —Justo no atalho que está acostumado a utilizar no verão, a uns três quilômetros do lago. O cadáver do caçador foi encontrado aqui, aproximadamente a um quilômetro do lago. Provavelmente chegou através do caminho do Silver Butte, como farão vocês amanhã. Para estar a princípios de outubro há muita neve; em temporada de caça a velha estrada de serviço seria impraticável. Heather e Jack foram atacados aqui, a uns seis quilômetros de sua caminhonete. Eu pude me aproximar um quilômetro mais em meu veículo, de modo que no Humvee poderão avançar algo mais.

Charles cantarolou algo e depois disse:

—Pode ser que tenha piorado. Poderíamos tentar chegar ao Vimy Ridge.

Tag soltou uma breve gargalhada.

—O lugar ideal para ocultar-se. Eu não gostaria de ser o lobo que te seguisse em um lugar como esse a finais do verão, e menos ainda em pleno inverno. Por sorte, o lago Baree é o que mais se aproxima de uma excursão de verão em todo o parque Cabinet. —Tag olhou a Anna. —Não será fácil, acredite. Mas se pode fazer. O único modo de chegar ao Vimy Ridge com este tempo é em helicóptero. A neve pode alcançar os quatro metros em algumas zonas altas, como, por exemplo, nos contrafortes do Baree. Vai com este velho lobo, assim lhe faça caso em tudo, porque se não, por muito que seja uma mulher lobo, acabaremos procurando seu corpo congelado.

—Não é necessário que a assuste —disse Charles.

Tag se inclinou sobre a cadeira e sorriu.

—Não está assustada, verdade, pipoca? —E naquela última frase Anna percebeu um rastro de acento irlandês, ou talvez cokney. Pode ser que tivesse um bom ouvido, mas necessitava mais de três palavras.

Tag olhou ao Charles. — Heather teve que subir bastante para poder me chamar. Na maior parte das Cabinets ainda não há cobertura. Estacionei aqui —assinalou o

mapa com o dedo— e após caminhar um trecho encontrei cobertura. Sugiro-lhes que estacionem por ali e deixem os telefones no carro.

Charles lhe olhou com dureza.

—Em caso de que não se trate de um lobo solitário?

—Você e Bran não são os únicos que sabem somar dois e dois —disse Tag. —Se isto for um ataque premeditado, será melhor que os vilões não possam te rastrear graças a esse singelo localizador que hoje em dia levam todos os celulares.

—Não pretendia fazê-lo —confirmou Charles. Voltou a inclinar-se sobre o mapa. — Pelos ataques, parece que Baree é o centro deste território mas...

—Assim que começa a cair a neve, não está acostumado a haver muita gente nem ao leste nem ao oeste do lago —disse Tag convencido. — O lago Baree pode ser tanto o centro do território como seu limite.

Charles franziu o cenho.

—Não acredito que lhe encontremos ao leste. Se estava nesse grande vale ao outro lado da cordilheira que o separa do Baree, a extensão natural onde estabeleceria seu território seria através do vale e possivelmente até o lago Buck ou inclusive Wanless, mas não além da cordilheira. Nesta época do ano é quase impossível viajar do vale ao Baree, nem sequer a pé.

—Então ao oeste.

Charles percorreu com o dedo a distância desde o Baree até um par de lagos menores.

—Acredito que iremos ao Baree e dali viajaremos ao oeste, por cima dos lagos Bear, através do Iron Meadows e voltaremos atrás até esta montanha e Vee. Se por então não dermos com ele, acredito que será o momento de avisar a toda a Alcateia.

—Tome cuidado, no Bear existe um alto perigo de avalanches —disse Tag, mas Anna percebeu a aprovação em seu tom de voz.

Passaram algo mais de tempo planejando uma rota que lhes levaria uns quatro dias a pé. Quando terminaram, Tag se levou a mão à frente como se tocasse um chapéu invisível.

—Encantado de lhe conhecer, senhora —disse a Anna.

Continuando, sem lhe dar tempo a responder, partiu tão precipitadamente como tinha chegado.

Capítulo 6

—Cai-lhe bem —disse Charles enquanto pregava o mapa.

—Como sabe? —perguntou ela.

—Não fala com os que lhe caem mau. —Começou a dizer algo mais mas o pensou melhor e levantou a cabeça para ficar olhando a porta com o cenho franzido. —Não sei o que quererá?

Assim que Anna centrou sua atenção, também ouviu como se aproximava um veículo.

—Quem? —perguntou ela, mas ele não respondeu, simplesmente saiu do salão, mostrando-se pouco resistente a que lhe seguisse.

Charles abriu a porta de repente ao lobo do funeral: Asil. Tinha uma mão levantada com a intenção de golpear a porta. Na outra levava um buquê de flores composto principalmente por rosas amarelas, embora também havia algumas de cor violeta que pareciam margaridas.

Asil se adaptou rapidamente à nova situação, dando de presente a Anna um sorriso enquanto evitava o olhar de Charles. Pode ser que fosse a resposta adequada ante um lobo obviamente molesto e mais dominante que ele, salvo pelo fato de que seus olhos seguiam cravados na Anna.

—Vim me desculpar —disse Asil. — Com a dama.

Anna se deu conta de que era quase trinta centímetros mais baixo que Charles, uns dois ou três centímetros mais alto que ela.

Ao estar junto ao Charles, descobriu que ambos tinham a pele escura, iguais olhos e o cabelo; negros sob a luz artificial. Entretanto, o tom da pele era distinto, e as feições de Asil eram mais afiadas, mais do Oriente Próximo que nativas americanas.

—Para *minha* dama —disse Charles lentamente, com o rastro de um grunhido na voz.

Asil sorriu abertamente, o lobo pintado em seu rosto tão somente um instante.

—Para *sua* dama, é obvio. É obvio. —Entregou as flores ao Charles e acrescentou brandamente: — Não tem seu aroma, Charles. Desde aí o engano.

Olhou para Charles timidamente e voltou a sorrir. Deu a volta e retornou com a cauda entre as pernas por onde tinha vindo. O veículo ainda seguia com o motor ligado.

Anna cobriu o corpo com os braços para proteger-se da ira que percebia em Charles, embora não compreendeu por que lhe tinham incomodado tanto as últimas palavras de Asil.

Charles fechou a porta e lhe estendeu o buquê de flores. Entretanto, havia uma selvageria na tensão de seus ombros e de sua linguagem corporal que obrigaram a Anna a colocar as mãos atrás das costas e dar um passo atrás. Não queria ter nada a ver com as flores de Asil se provocavam tal ira em Charles.

Então ele a olhou atentamente, não só através dela, e algo se esticou com mais força nos músculos de sua cara.

—Não sou nem Leo nem Justin, Anna. As flores são para você. São formosas e cheiram muito bem, muito melhor que a maioria das flores de estufa. Asil tem uma, e

quase nunca corta suas flores. É sua forma sincera de te agradecer a ajuda desta manhã. Somente me provocou para divertir-se um pouco. Deveria as aceitar.

Suas palavras não encaixavam com a fúria que podia captar com o olfato. E embora Charles pensasse que não sabia utilizá-lo de um modo muito eficaz, tinha aprendido a lhe fazer mais caso que a seus ouvidos.

Embora não pôde lhe olhar aos olhos, agarrou o ramo e se encaminhou à cozinha. Não sabia onde procurar um vaso. Ouviu um ruído atrás dela e Charles deixou sobre o balcão um dos jarros de cerâmica do salão.

— Isso servirá — lhe disse ele.

Quando ela não fez gesto de mover-se, ele mesmo encheu o jarro de água. Lentamente — para não assustá-la, pensou ela, — agarrou o ramo, cortou o extremo inferior das flores e as dispôs no jarro com mais eficácia que bom gosto.

Demorou um pouco em superar a súbita sacudida produzida pelo pânico e a conseguinte vergonha que sentia por sua covardia. E tampouco queria arrumar as coisas dizendo algo inadequado. Ou fazendo algo inadequado.

— Sinto-o — disse. Tinha o estômago tão tenso que custava respirar. — Não sei por que sou tão idiota.

Charles terminou de colocar a última flor, uma das lilás. Lentamente, lhe dando a oportunidade de rechaçar seu gesto, colocou um dedo sob o queixo e a manteve levantada.

— Faz menos de uma semana que me conhece — lhe disse. — Não importa como se sinta às vezes. Não é tempo suficiente para aprender a confiar em mim. Não passa nada, Anna. Sou paciente. E não te farei mal se posso evitá-lo.

Ela levantou o olhar, esperando uns olhos negros mas encontrando em seu lugar uns dourados, entretanto, sua mão seguia sendo suave, inclusive com o lobo tão perto da superfície.

— Sou eu o que deve te pedir desculpas — disse ele. Desculpava-se, pensou ela, tanto por seu lobo como por seu breve estalo de mau gênio. — Isto também é novo para mim. — Um sorriso fugaz desapareceu tão rapidamente como tinha chegado. A estranha expressão infantil lhe dava um aspecto envergonhado apesar do sutil rastro de dureza. — Não estou acostumado a me sentir ciumento, nem a perder o controle com tanta facilidade. Não são somente as feridas de bala, embora tampouco ajudam muito.

Ficaram um momento mais daquele modo, com a mão dele sob seu queixo. Anna tinha medo de mover-se e provocar a ira do lobo que tingia seus olhos de amarelo ou fazer algo que pudesse lhe ferir do modo em que lhe tinha ferido com sua covardia. Não sabia o que esperava Charles dela.

Ele foi quem finalmente rompeu o silêncio.

— Meu pai me disse que havia algo que se preocupava quando te partiu da igreja esta manhã. Era pelo Asil? *Ou por outra coisa?*

Anna deu um passo para um lado. Ele o permitiu, mas sua mão passou de seu rosto a seu ombro, e ela não pôde dar outro passo porque aquilo significaria desfazer-se dele definitivamente. Se não conseguia controlar-se, Charles pensaria que não era mais que uma neurótica idiota.

— Não estava preocupada com nada. Estou bem.

Charles suspirou.

— Sete palavras e duas mentiras. Anna, vou ter que te ensinar a farejar as mentiras, assim não voltará a tentá-lo comigo. — Quando apartou a mão, Anna teve vontade de gritar pela perda, apesar de a que uma parte dela não queria saber nada dele. — Poderia me dizer simplesmente que não quer falar disso.

Cansada de si mesmo, Anna se esfregou a cara, inchou as bochechas e soltou o ar como um cavalo ofegante.

— Pareço uma confusão — lhe disse ela. — Basicamente não estou segura do que sinto nem por que... e ainda não quero falar das outras coisas.

Ou nunca. Com ninguém. Era uma estúpida covarde e se colocou em uma situação em que se sentia impotente. Quando retornassem das montanhas, procuraria trabalho. Com dinheiro no banco e algo construtivo que fazer, poderia voltar a orientar-se.

Charles inclinou a cabeça.

— Entendo-o. Arrancaram-lhe tudo o que te parecia familiar, lançaram-lhe entre estranhos e todas as normas que conhecia desapareceram da noite para o dia. Lhe custará um tempo te acostumar. Se tiver alguma pergunta, seja o que for, não o duvide nem um instante, me pergunte. Se não quiser falar comigo, pode recorrer a meu pai ou... A Sage? Cai-te bem Sage?

— Sim.

Tinha alguma pergunta? Apesar de saber que sua intenção não era tratá-la como a uma menina, não lhe custou muito lhe transladar a irritação que sentia consigo mesma. Charles não estava sendo condescendente, somente tentava ajudá-la. Não era culpa dela que seu tom tranquilizador lhe pusesse nervosa, especialmente quando sabia que seguia molesto por algo. Caía-lhe bem Sage? Como se tivesse que lhe buscar amigos.

Estava farta de sentir-se assustada e desorientada. Ela queria respostas. Tinham-lhe ensinado a não perguntar; os homens lobo guardavam seus segredos como ouro em pano. Perfeito.

— O que há dito Asil para que passasse de estar irritado a completamente enfurecido?

— Ameaçou-me te arrebatando de meu lado — lhe disse ele.

Anna repassou a conversação mas continuou sem compreender.

— Quando?

— Faz falta muito mais que esta atração que sentimos para que nos convertamos em um casal. Quando me disse que não cheirava, estava-me dizendo que sabia que ainda não tínhamos completado nosso emparelhamento e que te considerava uma presa disponível.

Anna franziu o cenho.

— Não temos feito amor — lhe disse ele. — E existe uma cerimônia sob a lua cheia para consolidar nossos laços. Uma espécie de bodas. Sem isso, Asil pode seguir jogando contigo sem medo de represálias.

Outra coisa mais da que não tinha ouvido falar. Se tivesse sido dez anos mais jovem, teria se posto a espernear.

—Não há nenhum manual? —disse acaloradamente. —Algun livro onde possa aprender todas essas coisas?

—Poderia escrevê-lo você —lhe sugeriu ele.

Se não tivesse estado lhe olhando os lábios, jamais teria percebido o tom sarcástico de sua resposta. Considerava-a graciosa?

—Talvez o faça —disse ela sombria, e deu a volta, salvo que não havia nenhum lugar ao que ir. Seu dormitório?

Encerrou-se no banheiro e abriu a ducha para cobrir qualquer outro som: uma segunda barreira, pois a porta que tinha fechado não lhe parecia suficiente.

Observou seu reflexo em um espelho que começava a empanar-se. A imagem imprecisa somente serviu para reforçar a ilusão de que estava olhando a uma estranha, alguém a quem desprezava por sua covardia e suas incertezas, alguém que somente servia para servir mesas. Embora tampouco era algo novo: odiou-se a si mesma do momento em que se converteu naquele... monstro.

E um monstro especialmente patético.

Tinha os olhos inchados, as bochechas pálidas. Recordou como se apartou aterrorizada de Charles atrás de sua breve demonstração de mau gênio, como se tinha desculpado por lhe haver obrigado a levá-la com ele naquela expedição. E aquilo fez que se desprezasse ainda mais a si mesma. Ela não era *assim*.

Não era culpa de Charles.

Então, por que estava tão zangada com ele?

Despiu-se apressadamente e se meteu na ducha, sentindo um pouco de alívio quando a água muito quente atravessou o estúpido matagal de emoções que a devoravam por dentro.

E naquele instante de claridade, compreendeu por que se havia sentido tão irritada ao final do funeral, e também por que estava tão zangada com Charles.

Até aquele momento não se deu conta do muito que desejava recuperar sua humanidade. Sabia que era impossível, que nada podia desfazer a magia que tinha provocado a transformação contra sua vontade. Mas isso não significava que o quisesse.

Durante três anos tinha vivido entre monstros, tinha sido um deles. Então apareceu Charles, tão diferente de todos, e ela tinha posto todas suas esperanças nele.

Mas não era justo. Não era culpa dela que uma parte dela tivesse decidido que não só estava deixando atrás sua Alcateia, mas também os monstros.

Charles nunca lhe tinha mentido. Tinha-lhe contado que era a mão executora de seu pai, e ela não o tinha posto em dúvida. Tinha-lhe visto brigar e matar. E apesar disso, de algum modo tinha conseguido convencer-se a si mesma que em Montana as coisas seriam diferentes. Que poderia ser normal, *humana*, todos os dias salvo durante a lua cheia, e que inclusive isso seria diferente ali, onde poderia fugir sem fazer mal a ninguém.

Teria que haver-se dado conta de que não seria assim. Era uma mulher inteligente.

Charles tampouco tinha a culpa de ser um monstro.

Sob os efeitos da prata, era compreensível a destruição que tinha provocado na cela de segurança da Alcateia de Chicago. Mas aquela noite, ao enfrentar ao Asil,

tinha-lhe demonstrado que não era muito diferente dos outros machos de sua espécie: irado, possessivo e perigoso.

Anna se tinha deixado enganar ao pensar que somente era um problema da Alcateia de Chicago. Que a destruição que Leo e seu parceiro tinham provocado era a causa da terrível situação em que se encontrava a Alcateia.

Tinha desejado um cavalheiro embainhado em uma brilhante armadura. A voz da razão em meio da loucura, e Charles a tinha proporcionado. Sabia ele que era isso o que tinha estado desejando? Tinha-o feito deliberadamente?

Enquanto a água emaranhava seu cabelo e corria por seus olhos e bochechas como se fossem lágrimas, a última pergunta esclareceu seu medo mais profundo: é obvio que Charles não tinha pretendido ser seu cavalheiro de forma deliberada, simplesmente ele era assim.

Era um homem lobo o suficientemente dominante para controlar ao Alfa de uma Alcateia sem os recursos típicos de um Alfa. Era o executor de seu pai, um assassino temido inclusive pelos outros membros de sua Alcateia. Poderia ter sido como Justin: cruel e desumano.

Mas, em lugar disso, conhecia a loucura própria de sua natureza e era capaz não só de controlá-la mas sim de utilizá-la em altares de algo melhor. A sua mente acudiu a repentina imagem de Charles dispondo as flores enquanto seu lobo desejava a pior das violências.

Charles era um monstro. O assassino de seu pai. Não se permitiria a si mesmo voltar a acreditar em uma mentira. Se Bran o tivesse ordenado, teria matado Jack, apesar de saber que o humano era somente uma vítima, que provavelmente era um bom homem. Mas não tinha sido casual. Ela tinha sido seu bálsamo Quando Bran descobriu uma alternativa à morte do humano.

Seu parceiro era um assassino, embora não gostava de sê-lo. Observando as coisas mais atentamente, sentiu-se bastante impressionada pela forma em que Charles tinha conseguido comportar-se tão civilizadamente e continuar cumprindo com o que se esperava dele.

A água começou a esfriar-se.

Anna ensaboou o cabelo, recreando-se na rapidez com que este se enxaguava: em Chicago a água era muito mais branda. Ele colocou um aparelho de ar condicionado que cheirava a ervas e hortelã e reconheceu nele o aroma que desprendia o cabelo de Charles. Por então a água já estava desagradavelmente fria.

Dedicou um bom momento a escovar o cabelo para desembaraçá-lo enquanto se concentrava em não sentir nada. Aquilo era bom; tinha-o aperfeiçoado durante os últimos três anos. Quando enfrentasse de novo a ele, não queria voltar a comportar-se como uma imbecil chorona e assustada de seus sentimentos. Tinha que controlar seus medos.

Conhecia um modo de consegui-lo. Apesar de ser um engano, permitiu-se fazê-lo, embora somente fosse aquela noite, porque se tinha comportado como uma idiota ao ocultar-se no lavabo.

Ficou olhando fixamente seu reflexo e viu como seus olhos marrons empalideciam até o azul prateado e voltavam de novo para marrom. Com aquilo era suficiente.

Sentiu como a envolvia a força e a audácia do lobo, lhe proporcionando calma e aceitação. Acontecesse o que acontecesse, sobreviveria. Já o tinha feito antes.

Se Charles era um monstro, era-o mais por necessidade que por escolha.

Vestiu-se com a camisa amarela e a calça jeans e abriu lentamente a porta do banheiro.

Charles, ainda com os olhos dourados, estava apoiado na parede frente ao lavabo. Além dos olhos, era a personificação do relaxamento, embora Anna sabia que os olhos eram a chave.

Ela mesma tinha comprovado os seus no espelho antes de abrir a porta.

—Cheguei à conclusão de que deve saber quem é Asil —lhe disse como se não se produziu uma pausa na conversa.

—Muito bem.

Anna ficou na soleira, com o banheiro quente e saturado de vapor a suas costas.

Charles falou lentamente e com clareza, como se cada palavra lhe custasse um grande esforço.

—Asil não é seu verdadeiro nome, embora quase todo mundo lhe chama assim. Também lhe chamam o Mouro.

Anna ficou tensa. Embora sabia muito pouco sobre os de sua própria espécie, tinha ouvido falar do Mouro. Um lobo com o que era melhor não relacionar-se.

Charles percebeu sua reação e entreabriu os olhos.

—Se existir um lobo neste mundo mais velho que meu pai, esse é Asil.

Anna se deu conta de que esperava um comentário, de modo que lhe perguntou:

—Não sabe quantos anos tem?

—Sim sei. Asil nasceu pouco antes que Carlos Martel, o avô de Carlomagno, derrotado pelos mouros na batalha do Tours.

A expressão de Anna lhe obrigou a precisar:

—Século VIII D.C.

—Isso significa que...

—... tem uns mil e trezentos anos.

Anna também se apoiou na parede. Tinha percebido o peso dos anos no Asil, mas jamais tivesse imaginado que fossem tantos.

—De modo que de quem não está seguro é de seu pai, não? —Mil e trezentos eram muitos anos.

Charles encolheu os ombros. Ficava claro que aquela reposta não era muito importante para ele.

—Papai é muito velho. —E apartou seus olhos ambarinos dela. — Asil chegou aqui faz uns anos, quatorze ou quinze, para pedir a meu pai que lhe matasse. Ficou a viver com a promessa da morte assim que meu pai decidisse que estava realmente louco.

Charles sorriu fugazmente.

—Asil aceita a meu pai como seu Alfa. Entretanto, resulta-lhe difícil que eu seja mais dominante que ele. Por isso acredito que papai é mais velho que ele; minha juventude relativa é como um espinho cravado em seu casco.

Anna refletiu sobre aquilo.

—Não lhes contou nada de seu Alfa na Europa? Não recordo nenhuma menção sobre seu Alfa em todas as histórias que circulam sobre ele. —Existiam milhares de histórias sobre o Mouro. Virtualmente era um herói popular —ou um vilão— entre os lobos.

—Não é fácil ser um Alfa —disse Charles. — Suporta muita responsabilidade, muito trabalho. Alguns dos lobos mais velhos são muito bons ocultando sua natureza. Essa é uma das razões pelas que os Alfas não gostam que os velhos lobos se estabeleçam em sua Alcateia. Asil é muito dominante. —Voltou a sorrir, embora aquela vez foi mas bem uma exibição de dentes. — Levava aqui um par de meses quando me interpus entre ele e um de nossos residentes humanos. Não se surpreendeu ao descobrir que era mais dominante que ele.

—Podia submeter-se a seu pai porque é mais velho, e os outros Alfas... bom em realidade não se submetia a eles. Mas ter que te obedecer a ti quando é muito mais jovem e nem sequer um Alfa...

Charles assentiu.

—De modo que me provoca e eu lhe ignoro. E então me provoca ainda mais.

—É o que ocorreu ontem à noite? —Anna sabia que sim. — Me utilizou para te provocar.

Charles inclinou a cabeça em um gesto que era mais lupino que humano.

—Não exatamente. O Mouro tinha uma companheira, mas a perdeu faz uns duzentos anos. Morreu antes de que eu nascesse, assim não cheguei a conhecê-la, mas dizem que era uma Omega, como você. —encolheu-se de ombros. — Nunca me disse diretamente, nem meu pai tampouco. Existem muitas histórias sobre o Mouro, e até que não vi sua reação no funeral do Doc, tinha acreditado que eram simples exageros, como muitas outras lendas associadas a seu nome.

A calidez que lhe tinha proporcionado a ducha estava desaparecendo, e a água fria dos últimos instantes a deixou congelada, ou talvez era a lembrança daqueles velhos olhos de lobo na igreja.

—E sua reação foi pensada?

Pelo assentimento de Charles soube que tinha feito a pergunta correta.

—Quando descobriu o que foi, deixou de me incomodar para chegar até ti e começou a interessar-se realmente por ti. —Respirou profundamente. — Por isso quando ameaçou te cortejar, me custou tanto manter o controle, porque sabia que ia a sério.

Anna decidiu refletir sobre aquilo mais tarde e manteve a atenção na conversa para não afastar o dela sem querer.

—Por que me fala de Asil? É uma advertência?

Charles apartou o olhar e a máscara voltou a cobrir seu rosto.

—Não. —Duvidou uns instantes e, com uma voz mais suave, acrescentou: —Não acredito. Pareceu-te uma advertência?

—Não —disse ela finalmente, frustrada pela precaução com a que lhe proporcionava uma informação que quase podia sentir; algo que mantinha a seu lobo virtualmente na superfície.

Antes de poder lhe perguntar pelo que lhe inquietava, Charles lhe disse, com a vista ainda no chão e tão rápido como pôde:

—Asil queria que soubesse que se, durante o tempo que fica até a próxima lua cheia, decide não me escolher, podia ter a ele. —Não lhe via a cara, mas percebeu seu amargo sorriso. — E sabia que podia me obrigar a lhe dizer isso.

—E por que me conta isso? —Sua voz era suave.

Charles voltou a olhá-la.

—Tem direito que, apesar de sermos compatíveis, pode me rechaçar.

—Você pode rechaçar a mim?

—Não sei. Jamais tinha ouvido falar de um emparelhamento ao reverso, como o nosso: o Irmão Lobo te escolheu, escolheu a sua loba e me obrigou a te seguir. Embora tampouco importa, não quero te rechaçar.

Em alguns aspectos, sua loba a fazia ver as coisas com maior clareza, mas sua loba tinha eleito àquele homem e não se andava com rodeios quando tinha que lhe indicar o que opinava de outros. Obrigou-se a apartar-se um pouco dela para poder pensar com mais clareza o que ia dizer-lhe.

—E *por que* ia fazer algo assim?

Queria que o rechaçasse?

Sentia a garganta seca como papel de lixa. Tanto sua natureza humana como a animal necessitavam Charles como a uma drogada, necessitavam todas as coisas que ele parecia lhe prometer: segurança, amor, esperança... um lugar ao que pertencer. Esfregou as mãos contra as coxas como se aquilo fora a lhe aliviar a tensão.

—Espero que não o faça —disse ele em um sussurro. — Mas deve conhecer suas opções.

Charles mantinha as mãos tensas sobre as coxas.

Anna percebeu um aroma penetrante nele que não tinha cheirado até então. Maldito Leo, por sua culpa devia enfrentar a todo aquilo como uma ignorante. Tivesse dado seu braço direito por saber o que sentia Charles naquele momento, por saber quando lhe dizia a verdade e quando simplesmente tentava não lhe fazer dano.

Charles esperava sua resposta, mas ela não sabia o que dizer.

—Opções.

Optou pela neutralidade. Charles abriu e fechou os punhos duas vezes. As narinas se alargaram e a olhou com uns chamejantes olhos amarelos.

—Opções —grunhiu ele em um tom tão baixo que Anna sentiu a vibração em seu peito. —Asil propagará o rumor e acabará rodeada de lobos dispostos a dar sua vida por te ter como companheira.

Tremia dos pés a cabeça, e se recostou na parede com mais força, como se temesse equilibrar-se sobre ela em qualquer momento.

Estava-lhe falhando. Estava perdendo o controle e não lhe ajudava; não sabia como fazê-lo.

Anna voltou a respirar profundamente e tentou desfazer-se de todas suas inseguranças. Tinha diante a um homem tentando comportar-se de forma honrável, lhe oferecendo uma opção por muito duro que fosse para ele. Era o correto, e aquela certeza a tranquilizou. Permitiu que retornasse seu lobo para lhe oferecer a confiança que necessitava.

Por sua culpa, Charles tremia como um alcoólico que deseja a genebra, porque acreditava que ela devia conhecer suas opções, sem lhe importar que seu lobo sentisse que a estava perdendo. Não cabia dúvida de que era seu cavalheiro.

A loba de Anna não gostou de perceber sua infelicidade. Queria atá-lo a ela, *aos dois*, com correntes e amor até que ele não voltasse a pensar na possibilidade de abandoná-los.

—De acordo —disse ela tão energicamente como pôde sob o peso daquela revelação, um peso que fez que sentisse confortável e segura enquanto tentava conter as lágrimas. Pelo menos conseguiu que a voz lhe soasse simplesmente rouca. —Eu gosto de que possamos fazer algo para solucionar este pequeno embrulho.

Ele ficou olhando como se lhe custasse processar o que acabava de dizer. Se contraíram as pupilas e voltou a abrir as narinas.

Então se separou da parede e se equilibrou sobre ela, seu enorme corpo empurrando-a com uma intensidade ameaçadora contra o marco da porta. Mordeu-lhe no pescoço freneticamente, alcançando um nervo que lhe enviou descargas pela espinha dorsal e fez que lhe dobrassem os joelhos.

À medida que sua pele desprendia um intenso aroma almiscarado, levantou-a nos braços em um movimento espasmódico e descoordenado que lhe fez golpear-se dolorosamente o ombro contra a porta. Anna permaneceu imóvel enquanto ele a levava em braços pelo corredor: conhecia as reações de um lobo no cio e sabia que o melhor era submeter-se mansamente.

Entretanto, não pôde evitar lhe tocar o rosto para comprovar se o matiz avermelhado em suas bochechas estava mais quente que o resto de seu corpo. E então seus dedos se detiveram na comissura de sua boca, onde frequentemente o mais sutil dos gestos delata o regozijo de outro modo dissimulado.

Charles girou ligeiramente a cabeça e lhe mordeu o polegar com a suficiente força para que o sentisse mas não para lhe machucar. Talvez, pensou ela enquanto lhe soltava o polegar e lhe deslocava a cabeça para lhe apanhar o lóbulo da orelha com outra dentada que lhe provocou uma quebra de onda de calor do lóbulo até lugares imprevisíveis, talvez ela também estava no cio. De algo estava segura: jamais se havia sentido daquele modo.

Apesar de que não havia ninguém mais na casa, Charles fechou a porta com o pé, encerrando-os na escura calidez do dormitório.

Seu dormitório.

Mais que tombá-la na cama o que fez foi cair com ela, ao tempo que emitia sons prementes mais lupinos que humanos. Ou possivelmente era ela quem fazia os ruídos.

Charles lhe arrancou as calças e ela lhe devolveu o favor. Sentiu-se bem com o pesado objeto entre as mãos, embora ainda era mais agradável sentir a cálida sedosidade de sua pele sob os dedos. Ele tinha as mãos calosas, e embora era óbvio que se esforçava por fazê-lo com doçura, de vez em quando a mordida ao tentar colocá-la como desejava enquanto seguia em cima dela.

Sob o domínio da loba, não se sentia ameaçada por ele absolutamente. A loba sabia que não lhe faria mal.

Anna entendeu sua paixão porque ela sentia o mesmo: como se nada fosse mais importante que o tato de uma pele contra a outra, como se fosse morrer se a abandonava. O medo e sua habitual aversão pelo sexo —nem sequer a loba tinha sido o suficientemente forte para suportar o que os outros lhe tinham feito— eram algo tão longínquo que nem sequer pareciam uma lembrança.

—Sim —lhe disse ele. — Já vou.

—Agora —lhe ordenou ela energicamente, embora não estava muito segura do que queria que lhe fizesse exatamente.

Ele ficou a rir, uma gargalhada que retumbou em seu peito.

—Paciência.

Sua camisa se rasgou e o sutiã não demorou para lhe ocorrer o mesmo. Sua pele nua sentiu a camisa de flanela de Charles. Anna puxou-a freneticamente e a rasgou, fazendo saltar botões pelo ar e, antes de consegui-lo, esteve a ponto de estrangulá-lo. Sua urgência pareceu lhe excitar, e lhe colocou os quadris em posição com uma sacudida.

Anna emitiu um gemido quando lhe sentiu dentro dela, embora se movia com muita lentidão para seu gosto. Mordeu-lhe o ombro para lhe indicar que não fosse tão cuidadoso. Charles grunhiu algo denso que poderiam ter sido palavras ou outra coisa. Somente liberou o controle que tinha estado contendo com as pontas dos dedos desde que Asil partiu quando teve a segurança de que ela estava preparada.

A primeira vez foi rápida e violenta, embora não o suficientemente rápida para ela. Pouco depois de terminar, ele começou de novo, daquela vez se encarregou de marcar o ritmo e a conteve quando ela tentava acelerá-lo.

Anna jamais havia se sentido nem um pouco parecido, nem a paz e a satisfação com que ficou adormecida. Poderia acostumar-se àquilo.

Anna despertou no meio da noite com o pouco familiar som da caldeira ficando em marcha. Enquanto dormia, apartou-se dele. Charles estava deitado no outro extremo da cama, com o rosto depravado. Roncava ligeiramente, quase um ronrono, o que lhe fez sorrir.

Alargou uma mão para ele, mas se deteve. E se despertava molesto por perturbar seu sonho?

Ela sabia perfeitamente que não lhe tivesse importado. Mas seu lobo, quem lhe tinha ajudado a superar tudo o que lhe tinham feito, quem lhe tinha permitido desfrutar de suas carícias, também dormia. Anna se aninhou em seu lado da cama, decidindo-se finalmente a deslizar-se e pegar-se a suas costas. Sua inquietação deveu lhe incomodar, já que a rodeou repentinamente com os braços e a acolheu com seu corpo. O súbito alarme que sentiu ante seu brusco movimento despertou ao lobo.

Charles lhe passou um braço por cima da cintura e lhe disse:

—Dorme.

Com o lobo protegendo-a, pôde entregar-se e sentir como seu calor corporal lhe relaxava os músculos e ossos, como se inundava na aceitação de sua presença. Anna lhe agarrou o pulso com uma mão e a sustentou sobre seu ventre antes de que o sonho voltasse a vencê-la. Era dele.

Quando despertou, ainda não tinha amanhecido.

—Bom dia —lhe disse, sua voz um ruído surdo junto a sua orelha.

Sentia-se tão bem que fingiu que seguia adormecida.

Ele a envolveu entre seus braços e deu duas voltas sobre a cama rapidamente. Anna conseguiu dar um grito antes de que ambos caíssem ao chão, ela em cima dele, o quadril sobre seu estômago vibrando por sua risada silenciosa.

—De modo que assim estamos, né? —disse ela em um murmúrio e, antes de recordar as feridas, apertou-lhe com os dedos o músculo sob suas costelas.

—Não, basta já —grunhiu ele meio em brincadeira enquanto lhe agarrava a mão para que não voltasse a lhe fazer cócegas. Deu-lhe a impressão de que o estava passando bem, de modo que não deveu lhe fazer dano. —Nos espera uma missão, mulher, e nos está atrasando.

—Estraga prazeres —disse ela contornando-se ligeiramente e lhe deixando claro que provavelmente aceitaria um pequeno atraso na expedição.

Então se contornou com mais determinação sobre ele e se desfez de seu abraço.

—Bom dia —lhe disse. —É hora de ir-se.

E saiu nua do quarto a caminho do banheiro.

Charles a observou partir com agradecimento, consciente da faísca de autêntica felicidade que lhe iluminava a alma. Aquela manhã não parecia derrotada, e aquele ligeiro movimento de seus quadris lhe disse que se sentia muito bem.

Ele a tinha feito sentir-se daquele modo. Quanto tempo fazia que não provocava aquele tipo de felicidade em outra pessoa?

Permaneceu deitado no chão, desfrutando daquela sensação até que sua consciência lhe obrigou a reagir. Tinham uma missão. Quanto antes adentrassem os bosques, antes retornariam, livres para voltar a jogar.

Com esse objetivo, comprovou o estado de suas feridas. Ainda lhe doíam, e lhe atrasariam grandemente, mas como Samuel lhe tinha prometido, sentia-se muito melhor. E não só graças a Anna.

Estava-se vestindo e recolhendo o equipamento de inverno do armário —teria que encontrar outro lugar para guardar tudo aquilo para que Anna dispusesse da metade do armário— quando Anna retornou ao quarto. Ia envolta em uma toalha, e teve a sensação de que a ducha lhe tinha feito perder parte de sua ousadia.

Decidiu lhe deixar um pouco de intimidade.

—Preparei o café da manhã enquanto se veste.

Manteve os olhos cravados no chão ao passar a seu lado. Se não tivesse sido por seu ouvido desenvolvido, não teria captado seu nervoso «Vale».

Embora jamais teria deixado de perceber o acre aroma de medo que desprendia. Deteve-se onde estava e observou como mantinha os ombros encurvados a modo de submissão enquanto se ajoelhava no chão junto à caixa onde guardava a roupa.

Tentou recuperar a conexão entre ambos... mas se deu conta de que não era mais intensa que a do dia anterior ou a do dia em que se conheceram.

Embora nunca tinha tido um casal, sabia como deviam ir as coisas. O amor e o sexo uniriam seu lado humano e então o lobo decidiria, ou não. Dado que parecia evidente que seus lobos já tinham eleito, pelo menos o seu, estava convencido de que o sexo selaria aquela união.

Observou-a atentamente. As protuberâncias da espinha dorsal e o contorno afiado de sua omoplata, um sinal visível do sofrimento que tinha experimentado na Alcateia de Leo, revelavam claramente que precisava ganhar um pouco de peso. As piores feridas não eram manifestas: os homens lobo não deixavam ter visíveis feridas.

Abriu a boca para dizer algo mas se deteve. Devia refletir sobre certas coisas antes de saber o que tinha que lhe perguntar. Ou sobre quem.

Preparou-lhe o café da manhã. Ainda era muito cedo para as perguntas que desejava lhe fazer. Não obstante, e apesar de a estar distraíndo, desfrutou com a satisfação que lhe proporcionava ver como comia, embora não lhe olhou nenhuma só vez.

—Sairemos um pouco mais tarde que o planejado —disse ele repentinamente enquanto pegava as panelas e as introduzia na lava-louça. —Tenho que falar com Heather para que me faça um par de recados, e também tenho que ver outra pessoa.

Embora Anna seguia na sala de jantar, seu silêncio era revelador. Ainda se sentia muito intimidada por ele ou pelo que aconteceu a noite passada para indagar mais a fundo. Agradecia-o. Não tinha intenção de lhe mentir, mas tampouco tinha vontade de lhe dizer com quem pretendia falar.

—Posso me encarregar dos pratos —se ofereceu ela.

—De acordo.

Secou as mãos e se deteve para beijá-la na parte superior da cabeça, um beijo rápido e desapaixonado que não aumentaria sua tensão mas que serviria para que o Irmão Lobo soubesse a quem pertencia. Ela era dele, querendo ou não.

Heather continuava na casa de seu pai, dormindo no quarto contíguo a de seu sócio. Com olhos cansados e meio adormecida, realizou várias chamadas, fez alguma sugestão e organizou as coisas até que Charles ficou satisfeito.

Aquilo lhe deixava tão somente a uma pessoa a que encontrar. Felizmente, descobriu que às cinco e meia da manhã a maior parte das pessoas é fácil de localizar.

Capítulo 7

Asil sonhou com uma casa familiar: pequena e bem construída, uma casa pensada para um clima quente com laranjeiras bem cuidados frente a porta. Deteve-se junto ao banco, em uma posição onde a sombra da laranjeira de maior tamanho incidiria quando o sol alcançasse seu apogeu. Enquanto percorria com um dedo a toska juntura entre duas peças que formavam o respaldo do banco, desejou em vão dispor de um pouco de tempo para arrumá-la.

Apesar de saber o que ia ocorrer a seguir, não pôde permanecer junto ao banco, não quando Sarai estava em casa. Não tinha nenhuma fotografia dela, e nenhum dos retratos com que tinha tentado imortalizá-la faziam justiça. Seus talentos artísticos eram bastante limitados. Somente podia vê-la em sonhos.

Deu um passo adiante e já estava na porta principal. Metade loja, metade cozinha, a habitação teria que ter sido utilitária, mas Sarai tinha pendurado cestas de novelo e tinha colocado ladrilhos com flores pintadas no chão, convertendo-a em um lugar muito agradável. Na mesa de trabalho no fundo da habitação, seu parceiro triturava com mãos rápidas e competentes um ramo de canela até convertê-la em pó.

Respirou fundo para saborear seu aroma, realçado pela especiaria com a que trabalhava, como era habitual nela. Seu aroma favorito era Sarai e baunilha, embora Sarai e canela tampouco estava nada mal.

Para ele era muito formosa, embora sabia que outros não opinavam o mesmo. Tinha as mãos calosas e fortes, com umas unhas perfeitamente recortadas. A curta saia de seu vestido revelava uns potentes músculos consequência tanto de seu trabalho como das corridas em forma de lobo pelas colinas das proximidades. Seu nariz, da que sempre se queixava, era largo e forte, com um delicioso empinado na ponta.

Alargou o braço mas não pôde tocá-la.

—Sarai?

Quando ela não se deu a volta, compreendeu que aquela noite foi um pesadelo. Lutou por liberar-se como o tivesse feito um de seus primos selvagens com uma pata apanhada em uma armadilha de ferro, mas não pôde soltar a pata nem abrir a armadilha que o mantinha ali parecido. De modo que teve que observar, impotente, como voltava a acontecer.

Uns cascos arranharam os paralelepípedos que ele mesmo tinha colocado no exterior da porta para o barro afastado da casa. Sarai estalou a língua ligeiramente contra o paladar para mostrar sua irritação; sempre tinha odiado que a interrompessem quando mesclava seus remédios.

Mesmo assim, deixou sobre a mesa o morteiro e o tolo e sacudiu o avental. Apesar de estar irritada, sabia que jamais deixaria escapar a um cliente. Nunca devia rechaçar o dinheiro, sobretudo naqueles tempos. E, para o Sarai, um visitante não representava nenhum perigo.

Um soldado humano não era nenhuma ameaça para uma mulher que também era um licantropo, e a chegada ao poder de Napoleão tinha interrompido aquela outra guerra muito mais perigosa. As poucas famílias com sangue de bruxa que ficavam na

Europa por fim tinham deixado de aniquilar-se entre elas, obrigadas a proteger-se dos ataques de um combate muito mais mundano. Não tinha razão para estar preocupada, e não pôde ouvir os frenéticos intentos de Asil por alertá-la.

A porta se abriu e durante um instante Asil viu o mesmo que Sarai.

A garota na soleira da porta era magra e de complexão frágil. Tinha o cabelo escuro, normalmente despenteado e encaracolado, mas naquela ocasião recolhido em um macacão, embora o estilo severo somente conseguia lhe dar um aspecto mais juvenil. Tinha dezesseis anos. Como Sarai, tinha o cabelo e os olhos escuros, mas ao contrário que sua mãe adotiva, suas feições eram refinadas e aristocráticas.

—Mariposa, carinho —exclamou Sarai. — O que faz cavalgando sozinha tão longe de casa? Há soldados por toda parte! Se queria vir para ver-me, deveria ter-me dito e teria enviado ao Hussan para que te acompanhasse.

Fazia mais de duzentos anos que ninguém lhe chamava daquele modo, e o mero som daquele nome lhe provocou uma pontada no coração.

A boca de Mariposa se esticou ligeiramente.

—Não queria te incomodar. Sei cuidar de mim mesma.

Inclusive em sonhos, Asil se deu conta de que a voz soava estranha, muito distinta do habitual: fria. Sua Mariposa, sua pequena mariposa, era uma menina muito emotiva que ia da ira ao ressentimento e deste à alegria em um abrir e fechar de olhos.

Sarai lhe franziu o cenho.

—Ninguém está o suficientemente a salvo. Não nestes tempos. —Mas inclusive enquanto a arreganhava, acolheu entre seus braços à menina que tinha criado como se fora sua. — Cresceu, pequena. Deixa que te olhe. —Deu dois passos atrás e meneou a cabeça. — Não tem bom aspecto. Encontra-se bem? Linnea me prometeu que se ocuparia de ti... mas vivemos tempos escuros.

—Estou bem, Sarai —lhe disse Mariposa, mas à voz da menina lhe ocorria algo, soava monótona e segura. Estava mentindo.

Sarai voltou a franzir o cenho e se levou as mãos à cintura.

—Sabe perfeitamente que não pode me mentir. Alguém te tem feito mal?

—Não —respondeu Mariposa em voz baixa.

Asil sentiu como seu poder a rodeava, um poder muito distinto a como tinha sido quando a enviassem pela primeira vez com os de sua espécie para que a adestrassem. Sua magia era então selvagem e fresca, mas aquele poder era tão escuro e frio como sua voz.

Sorriu, e durante um minuto Asil pôde ver a menina que tinha sido uma vez em lugar de à bruxa em que se converteu.

—Aprendi muito da Linnea. Ensinou-me o modo de me assegurar de que ninguém volte a me fazer dano. Mas necessito sua ajuda.

A campainha da porta despertou ao Asil antes de ter que presenciar de novo a morte de Sarai. Estava deitado em sua cama, cheirando o suor produto do medo e o desespero. Seu próprio suor.

Charles se acomodou no balanço do velho lobo e tentou desfrutar da concepção nativa do tempo. Era um truque que nunca tinha conseguido dominar de tudo; seu avô sempre lhe havia dito que o espírito de seu pai era muito intenso nele.

Sabia que Asil tinha ouvido a campainha pelo som da ducha, e não esperava que Asil tivesse a cortesia de lhe atender rapidamente, em especial quando sua visita se produzia a uma hora tão inoportuna da manhã. Ele e Anna saíam bastante tarde, embora de todos os modos sua presa não era precisamente uma peça que se pescasse ao amanhecer. E aquilo era muito mais importante para ele que capturar a um lobo solitário, inclusive um que matava a gente.

Depois de falar com Heather em casa de Bran, esteve tentado de voltar para sua casa em lugar de ir a de Asil. O aroma de sua madrasta foi o único que lhe impediu de bater na porta do dormitório de Bran. Aquela manhã, Charles não se sentia com vontade de dançar ao som que com toda probabilidade marcaria Leah. Quando lhe tirasse de suas casinhas (coisa que ocorreria), seu pai interviria: ninguém, nem sequer seus filhos, podiam mostrar-se desrespeitosos com a companheira do Marrok. E, portanto, teriam acabado discutindo.

De modo que recorreu à única pessoa além de seu pai que podia compreender o que tinha ocorrido, que saberia por que o vínculo entre ele e Anna não era completo: Asil, cuja companheira tinha sido uma Omega. Asil, que sentia tanta animosidade por ele como Leah, embora por distintos motivos.

O Irmão Lobo pensou que aquele bate-papo matinal tinha muitas probabilidades de lhe divertir. Diversão ou luta, e o lobo se regozijava tanto em uma como na outra.

Charles suspirou e observou o bafo de seu fôlego desaparecer no ar frio da manhã. Podia ser um esforço inútil. Uma parte dele queria lhe dar um pouco de tempo. Somente porque a parte lenta do processo de emparelhamento, quando o lobo aceitava ao lobo, concluía assim que a viu pela primeira vez, não significava que a outra parte tivesse que ser igualmente rápida.

Mas algo lhe dizia que havia outra coisa que não se solucionava unicamente com o tempo. E alguém cujo pai era um homem lobo e cuja mãe tinha sido uma curandeira sabia quando devia deixar-se guiar por sua intuição.

A porta atrás dele se abriu repentinamente.

Charles continuou balançando-se tranquilamente no balanço do alpendre. Os encontros com Asil sempre começavam com algum tipo de jogo de poder.

Depois de uns minutos, Asil passou junto ao balanço e se aproximou da grade que rodeava o alpendre. Subiu a ela de um salto, com um pé nu sobre o corrimão e uma perna dobrada. A outra pendurava descuidadamente pelo outro lado. Somente levava postos jeans, e o cabelo úmido, onde não lhe tocava a pele, começou a cristalizar-se com o frio, fazendo jogo com as marcas chapeadas que lhe percorriam as costas: Asil era um dos poucos homens lobo que conhecia que tinha cicatrizes. As marcas das costas enlaçavam com a que lhe percorria as costelas, onde lhe tinha ferido outro homem lobo; quase no mesmo lugar que as suas, pensou Charles. Embora as cicatrizes de Asil as tinham produzido garras, não buracos de bala.

Asil sempre se comportava com muita afetação, e Charles ainda não sabia se era um pouco deliberado ou um velho hábito.

Em lugar de olhar Charles, Asil contemplou os bosques além de sua casa, os quais ainda estavam revestidos pelas sombras da primeira hora da manhã. face à ducha, Charles podia cheirar o medo e a angústia. E recordou o que Asil havia dito no funeral: desde fazia uns dias tinham retornado os sonhos.

—Meu pai poderia te ajudar a fazê-los mais suportáveis —disse Charles em um sussurro.

Asil emitiu uma risada áspera, inclinou a cabeça e se beliscou o nariz.

—Este não. Já não. Por certo, o que faz aqui em uma manhã tão maravilhosa?

Realizou um gesto grandiloquente que pretendia monopolizar o inverno, o frio e a hora do dia em um único e pretensioso movimento de seu braço.

—Quero que me conte tudo o que sabe sobre os lobos Omega —disse Charles.

Os olhos de Asil se abriram em um gesto de surpresa comicamente exagerado.

—Já tem problemas, cachorrinho?

Charles se limitou a assentir.

—Anna não sabe nada dos homens lobo. Seria de grande ajuda que ao menos um dos dois soubesse algo sobre sua natureza de Omega.

Asil o olhou fixamente durante um instante e a diversão superficial se desvaneceu.

—Isto pode nos levar um pouco de tempo —disse finalmente. — Por que não entra e toma uma xícara de chá?

Charles se sentou a uma mesa pequena e observou como Asil preparava o chá como se fosse uma gueixa: cada movimento era significativo e preciso. Fora qual fosse o sonho que tinha tido, tinha conseguido que não levasse a cabo seu habitual jogo de homem lobo paranoico. Ao lhe ver daquele modo, Charles compreendeu que a maior parte dos histrionismos de Asil eram uma calculada representação. Aquilo é o que ocorria quando estava realmente preocupado: movimentos exageradamente precisos, traslado contínuo de coisas sem razão aparente.

Não o convertia em alguém menos louco ou perigoso, mas ao menos compreendeu a razão pela que seu pai não havia se desfeito de Asil; ainda.

—O chá não tem o mesmo sabor aqui —disse o Mouro deixando uma delicada taça de porcelana debruada em ouro para Charles. — A altitude não permite que a água se esquite o suficiente. O melhor chá é o que se prepara ao nível do mar.

Charles levou a taça aos lábios e deu um sorvo, esperando que Asil tomasse assento.

—Muito bem —começou o outro lobo sentando-se na mesa frente a Charles, — o que quer saber dos Omegas?

—Não estou seguro. —Charles percorreu o bordo da taça com um dedo. Agora que estava ali, mostrava-se resistente a expor seu problema com Anna a um homem que queria ser seu inimigo.

Finalmente se decidiu por lhe dizer:

—Por que não começa por me contar o que os diferencia exatamente dos lobos submissos?

Asil arqueou as sobrancelhas.

—Bom, se ainda acha que sua companheira é total, vai levar uma grande surpresa.

Charles não pôde evitar um sorriso.

—Sim. Isso já o deduzi sozinho.

—Nós, que somos dominantes, estamos acostumados a acreditar que isso determina a fila: os que obedecem e os obedecidos. Dominante e submisso. Mas também estão os que protegem e os que são protegidos. Um lobo submisso é capaz de proteger a si mesmo: pode lutar, matar com a mesma determinação que qualquer outro. Mas um lobo submisso não sente o instinto do combate, ao menos não como os dominantes. São algo muito valioso para a Alcateia. Uma fonte de equilíbrio e determinação. Por que existem os lobos dominantes? Para proteger aos que estão por debaixo, mas proteger a um submisso é muito mais gratificante porque estes nunca esperarão a que esteja ferido ou a que lhes dê as costas para comprovar se for realmente dominante. É fácil confiar em um lobo submisso. E o desejo de protegê-los e cuidá-los mantém unida à Alcateia.

Deu um sorvo de chá e soprou.

—Ao expressar tudo isto em inglês pode parecer que estou falando de relações sexuais... soa ridículo.

—Se se sentir mais confortável em espanhol, adiante —ofereceu Charles.

Asil se encolheu de ombros.

—Não importa. Tudo isso já sabe. Aqui há uns quantos lobos submissos. Conhece sua determinação.

—Quando conheci a Anna, pela primeira vez em minha vida o lobo ficou adormecido.

Uma vez quebrado o gelo, Asil deixou de olhar sua xícara para olhar ao Charles.

—Sim — ele sussurrou— Isto é. Podem fazer que seu lobo descanse, que se relaxe.

—Não sempre sinto o mesmo quando estou com ela.

Asil ficou a rir e cuspiu um pouco de chá em sua xícara, depois do qual, olhou-a compungido e a deixou sobre a mesa.

—Espero que não, sobretudo se for sua companheira. Por que quereria estar com alguém que te castra desse modo continuamente? Passar de dominante a submisso com sua mera presença? Não, ela não deve te acalmar todo o tempo.

Limpou os lábios com um guardanapo. Quando terminou, voltou-a a dobrar e a deixou junto à xícara.

—Quanto tempo faz que é uma mulher lobo?

—Três anos.

—Então suponho que por agora tudo é instinto. O que significa que se não sentir os efeitos continuamente, ou se sente segura a seu lado o... tem-na tão inquieta que não pode achar a tranquilidade que necessita para compartilhá-la contigo. —Um sorriso lupino. —Qual diria que é a explicação? Quanta gente conhece que *não* sinta medo de ti de um modo ou outro?

—É isso o que te preocupa? —perguntou-lhe Charles com sincera curiosidade. —Você não me teme.

Asil ficou imóvel.

—É óbvio que te temo.

—Não tem o suficiente sentido comum para fazê-lo. — Charles meneou a cabeça e retornou a sua pergunta. — Os Omegas têm uma função similar aos submissos dentro da Alcateia, embora com maior intensidade, não é certo?

Asil voltou a rir, aquela vez sinceramente.

—Agora tenho que me defender dizendo «é obvio que tenho o sentido comum necessário para te temer»?

Charles, cansado de jogos, limitou-se a suspirar.

—Existe uma diferença entre ser submisso e Omega. Posso senti-la, mas não sei o que significa. Em lugar de aceitar as ordens de todo o mundo, não seguem as de ninguém. Isso o entendo.

—Um Omega tem todos os instintos de amparo de um Alfa mas não as tendências violentas —disse Asil, molesto por ter que retomar aquela conversação. — Sua Anna vai resultar-te muito útil. Se assegurará de que toda a Alcateia seja feliz e os protegerá de algo que ameace lhes fazer dano.

Isso era. Quase podia atar os cabos soltos. O lobo de Anna não era violento... unicamente forte e protetor. Como tinham afetado a seu lobo os ajustes que se viu obrigada a realizar ao converter-se em mulher lobo? E os abusos sistemáticos?

Pensando em voz alta, Charles disse:

—A dor faz que o dominante seja mais violento, justamente o contrário do que ocorre aos submissos. O que ocorre a um Omega quando é torturado?

Se tivesse estado pensando no Asil em lugar de em Anna, jamais o teria expresso daquele modo.

O semblante do Mouro empalideceu e seu aroma corporal flutuou descontroladamente. Ficou em pé de repente, atirando ao chão a cadeira e lançando a mesa contra a parede do fundo da sala, onde deixou de dar voltas após chocar violentamente contra esta.

Charles se levantou lentamente e deixou a xícara de chá na mesa mais próxima.

—Sinto muito, Asil. Não pretendia te fazer recordar coisas que é melhor esquecer.

Asil permaneceu imóvel durante uns instantes, ao bordo de um ataque, e então todos seus músculos se relaxaram. Parecia ter até a alma cansada. Saiu da habitação sem dizer uma palavra.

Charles lavou sua xícara e a pôs a secar na pia. Normalmente não era tão descuidado. A companheira de Asil tinha sido torturada até a morte por uma bruxa que utilizou sua dor e sua morte para aumentar seu poder. Por muito que encontrasse ao Asil irritante especialmente após seu último e mais eficaz método de tortura: Anna, jamais teria utilizado deliberadamente a morte de sua companheira para martirizá-lo. Entretanto, tampouco conseguiria nada com outra desculpa.

Murmurou uma prece que protegesse à casa, como o irmão de sua mãe lhe tinha ensinado, e partiu.

Anna agradecia que aquela vez fosse Charles quem conduzisse. As estradas geladas não pareciam preocupar muito ao Charles, apesar de a ter patinado o suficiente como para que Anna mantivesse segurando firmemente a braçadeira que havia sobre a janela.

Aquela manhã não lhe havia dito muitas coisas quando retornou à casa após falar com a guarda florestal. Seus olhos pareciam distantes, como se o homem atento e brincalhão que tinha conseguido despertar tivesse desaparecido.

Era culpa dela.

Não esperava sentir aquilo quando obrigou a seu lobo a retirar-se enquanto tomava uma ducha. Os dois necessitavam um descanso após ter mantido um equilíbrio perfeito, e Anna confiava em que o lobo se levasse consigo aquele *desejo* que lhe retorcia as vísceras. Anna nunca havia sentido algo semelhante por nenhum homem. E lhe resultava embaraçoso e inquietante ao mesmo tempo.

Apesar da longa ducha, aquela sensação não desapareceu. Pode que se encontrou melhor de não ter sido pelo bom humor exibido por ele aquela manhã... Embora não estava segura. Sentir tão intensamente lhe fazia muito vulnerável, e tinha medo de que seu rosto a delatasse.

Quando teve que sair da ducha, esforçou-se tanto para que ele não percebesse a intensidade de seus sentimentos que não se deu conta de como seu estranho acanhamento... Seu medo... Afetavam a ele. Charles tinha chegado a suas próprias conclusões; todas equivocadas, temia.

Observou seu semblante compungido. Não sabia como solucioná-lo. O movimento do veículo aproximou seu rosto à roupa emprestada que levava posta. Levantou o braço, cheirou a manga da camisa e enrugou o nariz.

Anna teve a sensação de que Charles não tinha afastado os olhos da estrada, mas de todos os modos lhe ouviu dizer:

— Não empresta.

— É estranho cheirar a humano — disse ela. — Não pensa muito em seu aroma até que se produz alguma mudança.

Antes de partir, Charles tinha pegado a roupa que Tag trouxe no dia anterior e lhe tinha feito vestir-se com uma suja camiseta e um moletom igualmente sujo. Então lhe tinha percorrido o corpo com suas mãos de um modo algo impessoal, recitando uma litania em uma língua desconhecida para ela, a um tempo nasal e musical. Quando terminou, Anna cheirava como a mulher humana a que pertencia aquela roupa, e ele como um humano.

Charles lhe havia dito que sabia um pouco de magia, um dom que tinha herdado de sua mãe. Perguntou-se que outras coisas poderia fazer, embora lhe parecesse descortês perguntar-lhe diretamente. Nunca tinha estado com alguém que pudesse praticar magia, e aquilo a fez sentir-se um pouco mais intimidada. Na Alcateia de Chicago circulavam histórias sobre gente com poderes mágicos, mas nunca lhes tinha prestado muita atenção: já tinha suficientes problemas tentando ser uma mulher lobo.

Anna estendeu os dedos sobre a coxa e os estirou.

— Deixa de lhe preocupar-se — disse Charles com uma voz doce, mas sem a inflexão que estava acostumado a utilizar com ela, como se dirigisse a alguém que acabasse de recolher na estrada.

Aquela manhã, quando deixou de lhe falar, deu-se conta de que o tinha estado fazendo de um modo diferente.

As montanhas cobertas de neve, mais altas que a Torre Sears, erigia-se a ambos os lados da estrada, tão frite e sólidas como o homem a seu lado. Perguntou-se se aquele seria seu semblante habitual quando trabalhava. Talvez se isolasse do mundo para poder matar a alguém que não conhecia de nada em altares da segurança da Alcateia. Talvez não fora culpa dela.

Anna estava incômodada e assustada. E se esforçava por ocultá-lo. Asil lhe havia dito que todo o mundo lhe tinha medo. Desejou saber o que podia lhe dizer para solucioná-lo. Para, solucionar algo, o que fora.

Desde que partiu da casa de Asil, lhe tinha estado dando voltas ao assunto. Ou melhor dizendo, assuntos, embora começava a acreditar que eram simplesmente dois aspectos da mesma questão. O primeiro era o medo que lhe tinha provocado aquela manhã, ou possivelmente medo pelo prazer que tinham experimentado ambos a noite anterior. Tinha a suficiente experiência para saber que *ela* o tinha passado muito bem. Não pareceu lhe preocupar até que se meteu na ducha. Dado que sua casa não estava povoada de monstros (além dele), estava bastante seguro de que algo em Anna tinha que ter trocado.

Um dos sinais nas que estavam acostumados a fixar-se quando vigiavam a um novo homem lobo eram as mudanças súbitas de personalidade ou de humor sem motivo aparente, um indício de que a besta começava a controlar ao humano. Se não fizesse três anos que Anna era uma mulher lobo, e além disso uma Omega, Charles teria pensado que a besta se estava fazendo com o controle.

Embora também podia estar ocorrendo justamente o contrário. Segunde Asil, os Omegas têm o mesmo instinto de amparo que os Alfas. Podia ser que seu lobo a tivesse dominado durante a última noite?

Seu pai ensinava aos novos lobos que a besta formava parte deles, que não era mais que uma série de necessidades que deviam ser satisfeitas. Aquilo parecia ajudar à maioria deles durante a transição. Assustar-lhes dizendo que tinham a um monstro vivendo em suas cabeças evidentemente não lhes ajudaria a fazer-se com o controle necessário que lhes permitisse seguir interagindo com o vasto mundo.

Tratava-se de uma ficção valiosa que, tal e como o via Charles, em ocasiões podia chegar a ser certa. Seu pai, por exemplo, parecia harmonizar ambas as naturezas sem problema. Entretanto, a maioria dos lobos que sobreviviam, com o tempo acabavam por considerar o lobo como uma entidade separada.

Charles era incapaz de recordar um instante em que não fora consciente de ter duas almas que faziam pulsar um único coração. O Irmão Lobo e ele viviam em harmonia durante a maior parte do tempo, recorrendo às habilidades especializadas de cada um em função do objetivo. Por exemplo, o encarregado da caça era o Irmão Lobo, mas se a presa era humano ou outro homem lobo, Charles passava a ser o executor.

Ao longo dos anos Charles tinha visto como os homens lobo cuja parte humana e animal estavam completamente separadas —como Doc Wallace— não sobreviviam muito tempo. Ou atacavam a alguém mais velho e forte que eles ou Charles devia matá-los porque não podiam controlar ao lobo.

Um homem lobo que sobrevivia aprendia a integrar ao homem e ao animal e deixava que o primeiro ocupasse o assento do condutor durante a maior parte do tempo; salvo durante a lua cheia, quando ficavam furiosos... Ou quando os atacavam. Torturar a um dominante significava que o lobo tomaria o controle. Torturar a um submisso significava que somente ficaria o humano.

Com todos os instintos de amparo de um Alfa e nem um ápice de suas tendências violentas... Além dos três anos de abusos, era provável que o lobo de Anna tivesse descoberto um modo de protegê-la. Isso explicaria por que Leo jamais conseguiu dobrá-la.

Possivelmente quando se assustou por sua agressão da noite anterior, seu lobo tinha tomado o controle. E possivelmente por isso suas almas humanas não tinham conectado do modo em que o tinham feito seus lobos.

Embora houvesse algo que não encaixava, pois Charles teria que ter percebido o ascendente de seu lobo. Inclusive se lhe tivesse passado por cima a mudança em seus olhos, os quais passavam do marrom ao azul céu, teria que ter reconhecido a mudança em seu aroma.

Charles estava bastante seguro de que era algo que lhe tinha feito Leo, ou que este tinha obrigado a alguém a fazer. Aquela era a raiz de seus problemas atuais.

Zangar-se com ela não lhe ia ajudar em nada, daquilo estava seguro. De modo que deixou de pensar nas diversas formas de tortura que poderia aplicar a Leo, quem, de todos os modos, já estava morto, e tentou centrar-se em encontrar uma solução.

Para Charles lhe dava melhor assustar as pessoas que aliviar aquele temor. Não sabia como tratar o tema do que tinha ocorrido aquela manhã, a noite anterior ou a razão pela que seu emparelhamento não se completou sem piorar ainda mais as coisas.

Se as coisas não melhorassem, iria a seu pai para lhe pedir conselho... Ou, que o céu os ajudasse a todos, outra vez a Asil. Se lhe explicava tudo com clareza, pode ser que Asil risse dele, mas era um cavalheiro e não deixaria que a Anna ocorresse nada mau.

Aquilo lhe deixava com uma tarefa pendente: Anna devia saber que os outros machos ainda podiam oferecer-se a ela, já que era algo perigoso tanto para ela como para quem estivesse perto dele quando algum o tentasse.

E porque tinha o direito, ou seja, que podia aceitar a qualquer dos outros machos. Ao menos, isso era o que opinava Asil. Charles pensou que, assim que o vínculo entre seus lobos se completou, aquilo o converteu em permanente, embora não conhecia ninguém a quem lhe tivesse acontecido antes que a parte humana conectasse. Talvez Anna pudesse encontrar a outra pessoa que não a assustasse tanto como parecia fazê-lo ele.

O Humvee era um oásis artificial, pensou Anna. Os assentos de pele com calefação e o clima controlado da cabine pareciam desconjurados na ilimitada extensão de bosques congelados e silenciosos.

Os troncos escuros, quase negros, das árvores de folha perene contrastavam de um modo inóspito com a brancura da neve. De vez em quando, alguma estrada, distinguível mais pelo modo em que interrompia a linha de árvores que pelos sulcos deixados pelos veículos, surgia da autoestrada pela que circulavam. À medida que esta se foi estreitando até não ser mais que uma cicatriz branca entre agrestes montanhas, Anna se perguntou se o término «autoestrada» era o mais adequado.

—Nosso vínculo de emparelhamento não se fez permanente a noite anterior — disse ele repentinamente.

Ela ficou olhando enquanto sentia a familiar sacudida de pânico. O que significava aquilo? Faria algo mal?

—Disse que quão único devíamos fazer era...

Descobriu que não podia dizer a seguinte palavra. À fria luz do dia soava muito crua.

—Parece ser que me equivoquei —lhe disse ele. —Acreditava que após superar a parte mais complicada, quão único faltava era a consumação.

Anna não soube o que lhe responder.

—Provavelmente seja melhor assim —disse ele bruscamente.

—Por que?

Não tinha sabido se seria capaz de dizê-lo, mas quando o fez, pareceu-lhe que simplesmente transmitia curiosidade e não aquele sentimento de pânico que lhe bloqueava as palavras na garganta.

Apesar de tudo, não conseguiu que sua voz soasse com a desinteressada neutralidade que tinha pretendido.

—A razão principal pela que não queria que viesse hoje comigo é que não queria que me visse matar de novo, pelo menos não tão logo. Mas fui o assassino de meu pai durante mais de cento e cinquenta anos, e não acredito que isso vá trocar no futuro. É justo que, antes de escolher, veja-me como sou quando me possuí a caça.

O volante rangeu sob a pressão de suas mãos, mas sua voz continuou tranquila, quase indiferente.

—Na Alcateia de meu pai há uma série de lobos dispostos a adorar o chão que pisa. Lobos que não são assassinos. —Respirou brevemente e tentou sorrir para tranquilizá-la, embora ficasse em algum ponto intermédio que o único que conseguiu foi mostrar seus dentes fortes e brancos. — E não todos estão loucos.

De novo tentava a afastar dele.

Anna olhou suas mãos e viu que tinha os nódulos brancos pela tensão. De repente, pôde voltar a respirar. Dizer-lhe que ainda podia procurar a outro o estava pondo muito nervoso, desbaratando a calma aparente que mantinha do café da manhã. Anna recordou o ataque de ciúmes da última noite e sentiu como a confiança lhe acalmava o coração: Charles a amava, independentemente de quão estúpida tinha sido aquela manhã. Podia aceitá-lo. Não podia seguir tendo vergonha pelo fato de querer estar com ele para sempre, verdade? Em uma semana ou duas o superaria. E dentro de um ano a intensidade do que sentia por ele deixaria de assustá-la definitivamente.

Sentindo-se melhor, Anna se acomodou no confortável assento do Vee para poder ter uma melhor perspectiva de Charles. Do que tinha estado falando antes de lhe oferecer a possibilidade de deixá-lo?

Sobre o fato de ser um assassino.

—Conheci a outros assassinos — disse. —A Alcateia de Leo tinha ao Justin. Recorda-lhe? Justin era um assassino. — esforçou-se por deixar clara a diferença entre ambos. — Você é justo. — Aquela não era a forma, soava muito estúpido.

—«Uma rosa sempre será uma rosa...» — citou Charles, apartando o rosto dela.

Anna respirou profundamente para comprovar se seu olfato podia lhe ajudar a decifrar o que Charles sentia, mas o único que pôde cheirar foi aos dois estranhos que

lhes tinham emprestado a roupa. Talvez Charles conseguisse controlar-se melhor que outras pessoas.

Charles era um homem prudente. Prudente tanto com o que dizia como com a gente que lhe rodeava. Anna só tinha necessitado passar uma noite com ele para dar-se conta daquilo. Preocupava-se com a gente. Preocupava-se com ela, por seu pai, inclusive pelo amigo de Heather. Seu estômago se estabilizou a medida que as pistas e as ações isoladas tomavam sentido de conjunto. Para um homem que se preocupava tanto por outros deveria ter resultado muito duro aprender a matar, por muito necessário que fosse, pensou Anna.

— Não — disse ela com firmeza.

Frente a eles e um pouco à direita, uma série de picos espetaculares se erigiam desafiantes contra o céu. As cúpulas nevadas, sem rastro algum de árvores ou vegetação, reluziam ao sol de tal modo que inclusive através das luas tintas lhe deslumbraram os olhos e chamaram a seu lobo. Aquele era um lugar onde um homem lobo podia correr.

— Um assassino sempre é um assassino — lhe disse ela. — Mas você segue umas normas, aplica a justiça, de modo que não se castigue muito por fazer bem seu trabalho.

Sua opinião, depois da derrota da última noite, agarrou ao Charles com a guarda baixa. Quando a olhou, já tinha fechado os olhos e se dispunha a tirar uma soneca. Sua Anna, que não fazia nem cinco minutos tinha estado aterrorizada dele. Não era exatamente a reação que provocava na gente quando lhes contava que era um assassino.

A estrada pela que circulavam tinha mais sulcos do que os habituais naquela época do ano, certamente pelos veículos do serviço de emergências. Confiava em que não se cruzassem com nenhum.

Quão chamadas tinha feito Heather pela manhã deveriam assegurar que nenhum outro voluntário inexperiente ou excursionista amador adentrasse naqueles bosques. Pretendia reduzir ao máximo o dano que podia provocar o lobo solitário.

Por expressa petição de Charles, Heather lhes tinha informado que o homem que procuravam levava muito tempo desaparecido e que, certamente, por então somente procuravam pouco mais que um cadáver, por isso era melhor deixar de arriscar mais vidas. Também lhes tinha falado do Jack — embora responsabilizasse a um puma do ataque — e lhes recordou que se estava aproximando uma borrasca.

As poucas pessoas que seguiam batendo o terreno concentravam seus esforços a uns trinta quilômetros ao oeste do lugar onde Jack tinha sido atacado pelo lobo solitário, nas proximidades do lugar no que o homem desaparecido tinha deixado sua caminhonete, uma zona muito afastada do cenário no que o lobo solitário estava acostumado a fazer suas aparições. Charles e Anna não deveriam cruzar-se com nenhum rastreador.

A estrada começava a fazer-se mais abrupta. As rodas do Humvee rangiam e gemiam continuamente ao avançar sobre a neve profunda. À esquerda, de vez em quando alcançava a vislumbrar o riacho congelado, embora a maior parte do tempo ficava oculto pela espessa vegetação da parte baixa do vale. À direita, cabos elétricos

de alta tensão se estendiam entre inóspitas torres metálicas ao longo de uma fileira estéril aberta em metade do bosque. Aqueles cabos, e sua ocasional manutenção, eram as únicas razões pelas que existia aquela solitária estrada de serviço pela que circulavam.

Um jorro de ar quente evitou que o para-brisa se congelasse. O calor no interior do veículo fazia que a paisagem invernal resultasse quase surrealista, algo que não ia com eles. E apesar de que normalmente aborrecia aquela sensação, tinha sofrido muitas vezes as inclemências da neve e o frio no lombo de um cavalo ou a quatro patas para desprezar as comodidades que proporcionava um veículo moderno.

A inclinação se fez ainda mais pronunciada e Charles diminuiu a marcha grandemente enquanto o Vee saltava e ricocheteava sobre pedras e fossas ocultas pela neve. As rodas começaram a patinar, de modo que reduziu ainda mais a velocidade e apertou o botão que bloqueava os eixos. O ruído despertou a Anna.

Em ocasiões a largura adicional do Humvee não resultava muito útil. Viu-se obrigado a colocar as rodas da parte esquerda do veículo sobre o aterro para manter as da parte direita sobre a estrada. A inclinação do veículo fez que Anna olhasse pela janela, fechasse os olhos e se encolhesse sobre seu assento.

—Se cairmos, certamente não morrerá —disse ele.

—Perfeito —disse ela em um tom impertinente que Charles agradeceu ao não reconhecer nele nem o mais mínimo sinal de medo, pelo menos não dele. Desejou saber se o responsável por aquilo era o lobo ou Anna. — Não tenho que me preocupar com uns quantos ossos quebrados ou esmagados porque provavelmente não morrerei, não é isso?

—Talvez deveríamos ter vindo no velho Land Rover do Tag —lhe disse ele. —É quase tão bom como este em terreno escarpado, mas muito mais estreito. Embora seja mais difícil de conduzir, tem uma calefação péssima e não passa dos cem na autoestrada.

—Acreditava que estávamos em um Parque Nacional —disse ela com os olhos entreabertos. —Não está restringido o caminho aos veículos motorizados?

—Sim, mas estamos em uma estrada. Por aqui se pode circular.

—Isto é uma estrada?

Charles lançou uma gargalhada ante seu tom irônico e Anna lhe respondeu com um gesto grosseiro.

Alcançaram o cume e Charles conseguiu avançar uns três quilômetros mais através das árvores até que o terreno se fez muito acidentado para continuar. Alguém tinha passado por ali de motos de neve —provavelmente o serviço de emergência— mas a maioria das marcas de veículos desapareciam meio quilômetro depois. A última o fez a uns trezentos metros, supôs que a do Tag.

—Quanto tempo estaremos fora? —perguntou Anna ajustando a mochila junto ao Vee.

—Isso depende da presa —lhe disse ele. — Levamos provisões para quatro dias. Caminharemos em um círculo que nos trará de volta a este lugar. Se por então não topar conosco, deixaremos de nos fazer passar por humanos e lhe daremos caça. — encolheu os ombros. — Estas montanhas têm uma extensão de uns três mil

quilômetros quadrados, de modo que pode nos custar um pouco encontrá-lo se sua intenção é permanecer oculto. Se está protegendo seu território e acredita que somos intrusos humanos, nos caçará e economizará muito tempo.

Anna tinha ido um par de vezes de excursão com sua família em Wisconsin quando era pequena, embora a nenhum lugar tão isolado como aquele. Quando respirava muito forte, o ar lhe congelava as fossas nasais, e notou as pontas das orelhas frias antes de que Charles as cobrisse com o gorro.

Adorou aquilo.

—Devemos manter um ritmo lento —lhe disse Charles, — isso lhe indicará que somos humanos, além do aroma.

Embora o ritmo que começou a marcar pareceu a Anna muito vigoroso.

Caminhar com raquetes de neve não era tão difícil como tinha imaginado. Assim que Charles lhe ajustou as correias adequadamente, disse-lhe que os outros sistemas para caminhar pela neve não eram muito úteis. As novas raquetes eram um dos poucos inventos da vida moderna que parecia passar sem reservas.

Anna teve que engatinhar um pouco para seguir seu ritmo. Se aquilo era um passo lento, perguntou-se se habitualmente corria quando estava nos bosques, inclusive em forma humana. Não dava a sensação de que lhe incomodassem as feridas, e aquela manhã não tinha as bandagens manchadas de sangue.

Apartou aquela linha de pensamentos que a levaria a perguntar-se por que tinha podido fixar-se tão atentamente nas bandagens aquela manhã. Apesar de tudo, não pôde evitar lhe olhar e sorrir, embora mais para si mesma que para ele. Rodeada de neve por toda parte e embutida em numerosas capas de roupa e o agasalho impermeável, sentia-se isolada dos terrores que lhe provocava a intimidade e podia apreciar melhor o lado bom das coisas.

E Charles tinha muitos lados bons. Conhecia perfeitamente a amplitude de seus ombros sob seu agasalho impermeável e o modo em que sua pele se obscurecia ligeiramente detrás de suas orelhas. Sabia que seu aroma o fazia pulsar o coração mais depressa, e como o peso de seu corpo a ancorava mais que prendia.

Ao caminhar atrás dele, a salvo daquele penetrante olhar que sempre via coisas que a incomodavam, podia observá-lo quanto desejasse.

Apesar das raquetes de neve, movia-se com elegância. Detinha-se de vez em quando e contemplava as árvores, tentando distinguir, conforme lhe disse, qualquer movimento fora do comum. Nos bosques, o lobo se fazia mais presente. Podia vê-lo no modo em que usava seu nariz, às vezes detendo-se com os olhos fechados para respirar e conter o fôlego. E no modo em que se comunicava com ela, mais com gestos que com palavras.

—Veremos mais animais aqui que mais adiante, quando estivermos a maior altura —disse após assinalar com o dedo um cervo que lhes observava meio oculto depois de um denso arbusto. — Quase todos os animais grandes ficam aqui, onde não faz tão frio e há mais comida e menos neve.

E isso foi a única coisa que disse durante muito tempo, inclusive quando se detinha para lhe entregar um pouco disto ou daquilo que pretendia que comesse, sustentando silenciosamente carne-seca ou um pequeno pacote de maçãs secas. Quando rechaçou o segundo punhado deste último, as introduziu no bolso.

Embora normalmente preferisse a conversa ao silêncio, não sentiu nenhum impulso de interromper os sons do bosque com suas palavras. Havia algo naquele lugar que exigia ser reverenciado, e de todos os modos teria resultado muito complicado falar e resfolegar ao mesmo tempo.

Ao cabo de um momento, a atmosfera reinante começou a lhe parecer horripilante, o que resultava especialmente estranho tendo em conta que era uma mulher lobo. Não esperava que as árvores fossem tão escuras, e a sombra da montanha fazia que parecesse muito mais tarde que o que era.

De vez em quando sentia um *déjà vu*. Custou-lhe um momento concretizá-lo, e então se deu conta de que tinha a mesma sensação que quando percorria o centro de Chicago. Embora as montanhas fossem muito mais altas que os arranha-céus, os picos que pareciam cravados no céu lhe produziam a mesma sensação de claustrofobia.

A volumosa mochila de cor amarela de Charles, escolhida para obter a máxima visibilidade, como a sua de rosa shock, era um elemento tranquilizador. Não só pelo matiz civilizado que contribuía sua presença naquele lugar, mas também porque o homem que a conduzia parecia mover-se pelo território com a mesma confiança com que ela o fazia por seu velho apartamento. O rifle negro não era tão tranquilizador. Anna sabia disparar —seu pai estava acostumado a levá-la ao campo de tiro— mas aquele rifle se parecia tanto ao 38 de seu pai como um lobo a um caniche.

A primeira vez que subiram por um pendente escarpado, Anna teve que deter-se e pensar o melhor modo de subi-lo com raquetes de neve. Caminhar com aquilo os atrasava muito e já começava a notar as coxas tensas pelo cansaço. Charles ficou atrás dela durante toda a ascensão. Levou-lhes mais de uma hora, mas valeu a pena.

Quando alcançaram a cúpula e se detiveram brevemente entre as árvores, Anna ficou muda de assombro ao contemplar a vista que se abria ante eles. O vale pelo que tinham estado ascendendo, pintado de branco e verde glacial, estendia-se até onde lhes alcançava a vista. Era espetacular... E solitário.

—Sempre foi assim? Em todas as partes? —perguntou Anna quase em um murmúrio.

Charles, quem se encontrava mais adiante porque somente se deteve quando o fez ela, jogou uma rápida olhada à paisagem.

—Não —disse. — Os páramos⁴ sempre foram páramos. Esta primavera te levarei às missões a fazer um pouco de escalada. Se você gostar disto, aquilo te vai encantar.

De modo que ele também a tinha estado observando, pensou Anna, e se tinha dado conta do muito que estava desfrutando.

—As missões são ainda mais espetaculares, embora muito complicadas se tenta as atravessar. Vamos, abaixo e pouca no meio. Embora isto tampouco vai ser fácil. Quando começaram a proteger as zonas selvagens, quão único ficava por aqui era bastante escarpado.

Meteu a mão no bolso e tirou uma barrinha de muesli.

—Coma-a.

⁴ Os páramos, também conhecidos apenas como páramo, são um ecossistema neotropical de montanha.

E ficou olhando até que Anna tirou uma luva e deu uma dentada à barra antes de fazer o mesmo ele.

—Comporta-te como uma galinha com seus pintinhos —lhe disse ela, não muito segura de se mostrar-se irritada ou não. Charles grunhiu.

—Se fosse humana, sentiria o frio. Somente estamos a uns quantos graus abaixo de zero, mas não subestime a montanha. Está consumindo muita energia para manter seu calor corporal, e além não tem precisamente o peso necessário para combater. De modo que vá se acostumando porque seguirei te alimentando quando o considerar necessário, pelo menos enquanto dure esta expedição.

Capítulo 8

—Saímos mais tarde do que o que esperava — disse Charles a Anna. — Apesar de tudo, avançamos a bom ritmo. O lago Baree ainda está a um quilômetro ou algo assim, mas acamparemos aqui antes que anoiteça. O vento tem feito cair quase toda a neve das árvores, e os ramos nos protegerão se nevar esta noite.

Anna olhou ao seu redor sem convicção.

Sua expressão fez rir a Charles.

—Confia em mim. Estará cômoda esta noite. O difícil é levantar-se pela manhã.

Anna pareceu aceitar suas explicações, coisa que agradeceu.

—Quando chegaremos ao lugar onde Heather e Jack foram atacados?

—Não iremos lá —lhe disse ele. — Não quero me aproximar desse lugar com este aroma. Quero que pareçamos presas, não uma espécie de investigadores oficiais.

—Acha que ao lobo lhe importa que sejamos uma coisa ou a outra?

Charles tirou a mochila e a deixou sobre uma rocha que sobressaía da neve como uma baleia emergindo do oceano.

—Se for um lobo solitário defendendo seu território, não. Se estiver aqui para causar problemas a meu pai, não atacará às pessoas que possa contar ao mundo o que está fazendo.

Anna lhe imitou e deixou a mochila em um lugar espaçoso de neve. Charles extraiu um pacote de passas de um bolso da manga de seu agasalho impermeável; o último que tinha à mão, de modo que teria que repô-lo pela manhã. Ela o aceitou com um suspiro de vitima, mas o abriu e começou a comer dele.

Com Anna ocupada, Charles dedicou uns segundos a examinar o lugar que tinha escolhido para acampar. Havia um melhor perto do lago ao que tinha tentado chegar à primeira hora da tarde para que Anna pudesse recuperar-se bem. Não obstante, tinha experiência com outros novatos que tinha levado às montanhas, e sabia que o primeiro dia de caminhadas não era o decisivo, a não ser o terceiro ou o quarto.

Entretanto, a primeira regra quando um adentra os bosques é ser flexível. Poderiam ter chegado ao primeiro cume antes do anoitecer, mas pensou que era mais importante deixar que Anna descansasse após sua primeira caminhada.

Já tinha dormido ali antes. A rocha não tinha trocado desde que era menino. A última vez... Refletiu sobre aquilo um minuto, mas não pôde precisar quando tinha sido. Os arbustos na base da rocha não estavam ali da última vez, e reconheceu o toco da velha conífera que lhe tinha protegido do vento do leste a última vez que passou ali à noite. Apoiou o dedo gordo no podre toco e a madeira se esmiuçou. Cinquenta anos, talvez setenta.

Charles estendeu um tecido impermeável no chão, mas não se incomodou em instalar a barraca. Enquanto o tempo se comportasse, não tinha intenção de fazê-los tão vulneráveis a um ataque. Se pudesse evitá-lo, quase nunca utilizava a barraca, e nunca se estava dando caça a algo que também podia lhe caçar a ele. A barraca bloqueava sua visão, amortecia os sons e dificultava os movimentos. Havia-a trazido pela Anna, mas somente se fosse estritamente necessário.

Embora a velha conífera estivesse muito úmida para fazer fogo com ela, havia mais árvores cansadas. Meia hora depois, tinha recolhido uma generosa quantidade de lenha seca extraída dos cadáveres de um par de velhos abetos.

Quando retornou, Anna estava encarapitada na grande rocha, junto a sua mochila e com as raquetes apoiadas na base da mesma. Ele também tirou as suas e se dispôs a acender uma pequena fogueira, consciente de estar sob o atento olhar de Anna.

— Pensava que os índios acendiam fogo com um pau — disse ela quando viu que extraía da mochila uma lata e um acendedor.

— Sei como fazê-lo — disse ele. — Mas eu gostaria de comer algo quente nas próximas horas. Com o Sterno e um Bic tudo é muito mais fácil.

Voltavam a estar bem, pensou ele. Tudo tinha começado quando Anna ficou adormecida no carro, e durante a ascensão tinha conseguido relaxar ainda mais. Até que, durante os últimos quilômetros, tinha-lhe pego pelo agasalho impermeável em várias ocasiões para lhe assinalar isto ou aquilo: os rastros de um lobo, um corvo que lhes observava do ramo alto de um pinheiro ou um coelho com a pelagem branca do inverno.

— O que você gostaria de comer? — perguntou-lhe ele após ter a fogueira como desejava e colocar sobre ela uma chaleira com neve.

— O que seja, menos carne-seca — disse ela. — Estou cansada de mascar.

— O que te parece frango agri-doce? — perguntou-lhe.

Charles verteu o azeite de oliva e entregou a Anna o papel de alumínio. Ela olhou o conteúdo com certa reticência.

— Não parece frango agri-doce — disse.

— Tem que prestar mais atenção a seu olfato — admoestou ele antes de provar o guisado. Embora não podia comparar-se com o jantar da noite anterior, tampouco estava tão mal para algo ao que lhe jogava água e lhe comia isso. — E ao menos o frango agri-doce não tem o aspecto de comida para cães.

Anna se inclinou para jogar uma olhada ao interior de seu envelope.

— Aagg. Por que têm que fazer isso?

— Só podem secar coisas pequenas — lhe disse ele apartando o envelope antes de que Anna colocasse o cabelo dentro. — Come.

— Então — perguntou Anna de novo desde sua atalaia sobre a rocha, — quanto durará nosso disfarce olfativo?

Agradou-lhe comprovar que, depois da primeira colherada, Anna engolia sua comida como um lenhador.

— Não importa — lhe disse ele enquanto fazia o mesmo com a sua, — sempre e quando continuarmos falando sobre o que fazemos para que possa nos ouvir qualquer lobo que se encontre nas proximidades.

Anna deixou de comer e abriu a boca para desculpar-se, mas se deteve meia palavra e franziu o cenho. Charles se perguntou se devia sorrir para lhe indicar que lhe estava tirando o sarro; mas ela se deu conta antes, o que demonstrou com um gesto de sua colher.

— Se houvesse um homem lobo dentro de seu campo auditivo, saberia. Responde à pergunta.

Quase nunca falava de sua magia com ninguém, nem sequer com seu pai, já que o Irmão Lobo lhe dizia que quanto menos gente soubesse, mais eficaz seria como arma. Entretanto, o Irmão Lobo não tinha nenhuma objeção em contar a Anna tudo o que queria saber.

De modo que após tragar uma parte de vitela, admitiu:

—Não sei. O tempo necessário, a menos que deixemos zangados os espíritos e decidam ajudar a nossos inimigos.

Anna deixou de comer pela segunda vez, nesta ocasião para olhá-lo fixamente.

—Esta vez não me tirou o sarro, verdade?

Ele encolheu os ombros.

—Não. Não sou um bruxo, de modo que não posso manipular o mundo a minha vontade. Quão único posso fazer é pedi-lo, e se os espíritos se mostram compassivos, concedem-me isso.

Anna tinha uma colherada de comida na boca, de modo que teve que tragar-lhe antes de perguntar:

—É cristão? O...

Ele assentiu.

—Mais que o jumento de Balaão. Mas, além disso, ao ser um homem lobo, sei que também existem outras coisas: demônios, vampiros, espíritos e coisas pelo estilo. Assim que descobre que esse tipo de coisas circulam pelo mundo, deve admitir a presença de Deus. É a única explicação possível para entender por que o diabo ainda não se fez com o mundo e escravizou à raça humana. Deus faz que o diabo se mantenha oculto entre sombras. —terminou a comida e guardou a colher.

—O jumento de Balaão? —Murmurou Anna para si, e então conteve o fôlego. —O jumento de Balaão viu um anjo. Significa isso que você também viu um?

Charles sorriu fracamente.

—Só uma vez, e não estava interessado em mim... Embora siga me acompanhando. — De fato, tinha-lhe dado forças na metade da noite. — Embora Deus exista, isso não significa que não haja espíritos nestes bosques.

—Rende culto aos espíritos?

—Por que teria que fazê-lo? —Não estava louco nem era um estúpido, e um homem tinha que ser uma coisa ou a outra para atrever-se a propiciá-los. — Somente conseguiria que me dessem mais trabalho, e meu pai basta e sobra para isso.

Anna franziu o cenho, de modo que decidiu explicar-lhe melhor.

—De vez em quando me ajudam nisto ou aquilo se o peço, mas a maioria das vezes necessitam que eu lhes ajude. E já não há tanta gente como antes que possa ouvi-los, o que significa que os poucos que podemos temos mais trabalho. Meu pai me carrega com o trabalho de três pessoas. Se me dedicasse a procurar espíritos, não teria tempo nem para me atar os sapatos. Samuel dedica muito tempo a refletir sobre o lugar que ocupam os espíritos na Cristandade, mas não me preocupa tanto.

Pensou que ia ter que lhe recordar que devia terminar a comida, mas Anna ficou olhando um instante e meteu na boca outra colherada.

—O que faz se lhe pedem que faça algo mau?

Charles negou com a cabeça.

—A maior parte dos espíritos são mais bem agradáveis ou desagradáveis que bons ou maus. —E como ainda sentia aquela intensa necessidade de tomar o cabelo, acrescentou: — Salvo os espíritos que se alimentam de cérebros e que vivem nestes bosques esperando que algum incauto excursionista acampe embaixo destas árvores. Não se preocupe, não deixarei que se aproximem de ti.

—Insensível — disse a seu frango agriço, embora não parecia molesta.

Um lobo uivou em algum lugar da escuridão que lhes rodeava. Estava muito longe, um lobo selvagem, pensou. Vinte anos atrás não havia lobos nas montanhas de Montana, mas durante a última década se produziu um fluxo contínuo do Canadá. O som lhe fez sorrir. Seu pai temia que não houvesse espaço no planeta para os predadores, mas ele imaginava que se os humanos tinham permitido aos lobos retornar ao lugar que já tinham ocupado anteriormente, com o tempo também podiam habituar-se à presença dos homens lobo.

Walter encontrou o cadáver, embainhado em roupa de caça laranja, apoiado em uma árvore. Por seu aspecto, tinha caído de um grupo de rochas junto a um atalho de caça que serpenteava pela margem de um escarpado não muito alto. Apesar de ter uma perna quebrada, tinha conseguido arrastar-se alguns metros. Provavelmente tinha morrido de frio fazia uns dias.

Aquele homem devia ser a razão pela que todos aqueles rastreadores tinham estado percorrendo os bosques. Devia haver-se extraviado, já que ninguém com um pouco de sentido comum sairia para caçar por uma zona tão afastada da estrada mais próxima sem algum animal de carga. Era um lugar tão afastado da zona que estavam batendo, que as possibilidades de que lhe encontrassem estavam em algum ponto entre poucas e nenhuma. Quando chegasse a primavera ficaria pouco para se encontrar.

Pensou em enterrar o corpo, mas teria que cavar através de vinte e cinco ou trinta centímetros de neve e outros vinte de chão congelado. Além disso, não levava nenhuma pá. Os pés do homem eram do mesmo tamanho que os do Walter, de modo que lhe tirou as botas, além das luvas e a jaqueta, embora deixasse o colete laranja. Deixar a arma foi uma decisão mais complicada, mas a munição era difícil de encontrar e não queria revelar sua posição quando a utilizasse.

Inclinou a cabeça e começou a recitar uma prece. Não era a mais adequada, já que a única que recordava era a que estava acostumado a entoar quando criança antes de ir para a cama. Apesar de tudo, centrou-se nela porque lhe ajudava a ignorar a sua besta interior, a qual via o caçador simplesmente como carne fresca. Estava faminta, e não lhe importava de onde vinha.

Estava terminando a prece quando ouviu o uivo do demônio. Notou como um rugido pugnava por sair de sua garganta: o desafio a seu inimigo. Não obstante, conseguiu contê-lo. Conhecia o modo em que o mal estava acostumado a espreitar... Durante um instante retornou à guerra junto ao Jimmy, passando sigilosamente de uma sombra a outra enquanto se aproximavam da barraca de seu comandante. Os soluços da menina atenuavam seus passos.

Por um instante viu o rosto de Jimmy tão claramente como se estivesse de novo a seu lado. E de repente voltava a estar no presente, de pé junto ao cadáver de um

homem; o corpo congelado de um homem ao que lhe tinha fatiado o pescoço com sua faca, como fez com o do oficial no comando fazia tantos anos.

Aquela menina nunca tinha contado a ninguém o que tinha ocorrido apesar de que ele e Jimmy se esconderam entre a maldade durante semanas. Também poderiam ter matado a ela, mas aquilo lhes teria convertido no monstro que tinha sido seu comandante. Oficialmente, morreu pelo disparo de um franco-atirador. Ele e Jimmy se riram com ironia daquilo. Os franco-atiradores não estavam acostumados a utilizar facas.

Agachou-se e recolheu o corpo. Não podia permitir que o encontrassem com uma ferida de faca no pescoço. Levaria-o a algum lugar mais afastado dos atalhos habituais.

Carregou com o corpo aproximadamente o meio quilômetro e o deixou com suavidade sob um matagal de uvas do Óregon. Lambeu os lábios e notou o sabor do sangue. Surpreso, olhou o corpo e viu que a ferida do pescoço estava limpa, com a pele ao redor reluzindo ligeiramente pela saliva.

Agarrou um punhado de neve e limpou a boca, dividido entre a fome e a náusea. Apesar de tudo, sabia que não tinha podido sorver muito porque o corpo estava congelado.

Afastou-se dali o mais rápido que pôde sem pôr-se a correr.

— Anna?

Charles terminou de subir a zíper dos dois sacos de dormir.

Não lhe respondeu. Despojou-se do agasalho impermeável e as botas e voltou a encarapitar-se à rocha. Estava descalça, com os meias três quartos de lã na mão.

De ter estado em outro lugar, Charles teria acreditado que estava desfrutando da vista, mas se encontravam rodeados de árvores e quão único podia ver eram mais árvores. De fato, mais que contemplar a paisagem, esforçava-se por não olhar os sacos de dormir. Assim que terminaram de comer, havia tornado cerrar-se em si mesma.

A temperatura tinha descido dez graus depois do pôr do sol, e fazia muito frio para que continuasse sobre a rocha descalça e sem agasalho impermeável. Pode ser que fosse uma mulher lobo, mas sua pele acabaria por congelar-se de todos os modos.

Entretanto, não ia conseguir que se metesse dentro dos sacos sem recorrer à força ou a coação. Ele também tirou as botas e guardou as meias três quartos na mochila. Extraiu um par de meias três quartos limpas e as colocou no fundo do saco, para que estivessem quentes na manhã seguinte.

Havia trazido um cobertor de reposição. Sacudiu-o e lhe cobriu os ombros com ele. Então se aproximou da rocha e se sentou a seu lado. Embora não havia muito espaço, conseguiu acomodar-se junto a ela, ombro com ombro.

— Meus primos cortejavam a suas mulheres com mantas — lhe disse sem olhá-la.

Ela não disse nada, limitou-se a erguer os dedos gordos dos pés e a esfregar-lhe para que entrassem em calor.

— Chama-se manta de atração — disse ele. — Um deles se aproximava da garota que estava cortejando e alargava lentamente um braço. — Charles sustentou uma

ponta da manta e rodeou o ombro de Anna com um braço. —E a envolvia com a manta. Se a garota não lhe rechaçava, ele se aproximava ainda mais. —Charles a atraiu para ele, e ela se moveu para um lado até que ambos ficaram completamente cobertos pela manta.

—Manta de atração? —Parecia divertida, embora seu corpo seguisse tenso.

O lobo, pensou ele, mas não de todo. Se não tivesse dedicado toda sua atenção, provavelmente não teria percebido o inconfundível aroma de seu lobo misturado com o da fragrância característica de Anna.

—Meu irmão Samuel é ainda mais habilidoso com ela que eu —lhe disse ele enquanto se movia até ficar frente a ela, com seus frios pés em cima dele.

Anna respirou profundamente e deixou escapar o ar de uma só vez, formando uma densa nuvem produto da condensação. Charles notou como seu corpo começava a relaxar-se.

—Me fale do emparelhamento —disse ela.

Charles a abraçou com mais força.

—Para mim também é novo.

—Alguma vez se emparelhou?

—Não. —Respirou seu aroma corporal e deixou que penetrasse em seu interior e que lhe esquentasse o peito. — Já te contei quase tudo. A maior parte do cortejo é similar ao dos humanos. Depois se casam e, habitualmente, seu lobo a aceita como casal.

—O que ocorre se não o faz?

—Porque não o faz. —Não sentia nem a metade de otimismo do que seu comentário sugeria. — Quando te conheci, tinha decidido deixar de procurar uma companheira. —Não pôde evitar sorrir ao recordar o desconcerto que tinha sentido durante seu primeiro encontro. —O Irmão Lobo te escolheu como minha companheira assim que te viu, e eu somente posso aplaudir seu bom gosto.

—O que teria passado se me tivesse odiado?

Charles suspirou sobre seu cabelo.

—Que não estaríamos aqui. Eu não gostaria de acabar como meu pai e Leah.

—Ele a odeia?

Charles se encolheu de ombros.

—Não. Parece-me. Não sei. —Como tinham chegado a aquele tema?—Ele nunca disse nada, nem em um sentido nem em outro. Mas as coisas não vão muito bem entre eles. Uma vez me disse, faz muito tempo, que seu lobo necessitava uma companheira para substituir a minha mãe.

—Então, o que saiu mal? —perguntou Anna à medida que seu corpo se apaziguava pego ao dele.

Charles negou com a cabeça.

—Não tenho intenção de fazer essa pergunta ao Marrok e te sugiro que você tampouco o faça.

Anna recordou outra coisa.

—Disse algo sobre uma cerimônia sob a lua cheia.

—Assim é —disse ele. — Existe uma cerimônia sob a lua para consagrar nossa união, suponho que uma espécie de cerimônia matrimonial, embora algo mais

privada. Quando isso ocorra, significará que também pertence à Alcateia de meu pai.

— Notou como Anna se esticava: a cerimônia da Alcateia, durante a qual se compartilhava a carne e o sangue do Alfa, literalmente, podia resultar bastante aterradora se não estava preparado para ela. Por que o teria feito Leo quando tinha feito mal todo o resto? Decidiu que era algo que podiam discutir em outro momento, quando não estivesse tentando relaxá-la e fazê-la descer da rocha para que se metesse com ele no saco de dormir. — Se o prefere, também podemos fazer uma cerimônia na igreja. Poderia convidar a sua família.

Anna girou a cabeça para poder lhe olhar à cara.

— Como sabe que o vínculo não é completo?

— É algo similar à magia da Alcateia — lhe disse ele. — Alguns lobos quase não podem senti-la. A magia da Alcateia é o que permite a um Alfa recorrer a seus lobos para ser mais rápido ou curar-se mais depressa. O que permite controlar aos lobos sob seu poder ou encontrá-los quando os necessita.

Anna ficou imóvel.

— Ou saciar sua ira? Acredito que é o que fez Isabella: desfrutava quando os membros da Alcateia se enfrentavam entre eles.

— Sim — confirmou Charles. — Embora nunca vi o meu pai fazer isso. Mas entende o que quero te dizer?

— Sim. O que do emparelhamento é um pouco parecido?

— A uma escala menor. Varia segundo os casais, às vezes é só uma questão de saber onde está sua companheira. Meu pai diz que isso é o único que o une a Leah. Para outras é algo mais. O casal de um dos lobos de Oklahoma é cego, mas quando está junto a ele pode ver. A coisa mais habitual como ser capaz de compartilhar a força ou qualquer das outras coisas que um Alfa extrai de sua Alcateia.

Charles ficou em silêncio, esperando seu seguinte pergunta.

— Tenho os dedos dos pés gelados — sugeriu pouco depois.

— Sinto-o — disse ela, e Charles lhe acariciou a bochecha com o polegar.

Normalmente evitava o contato físico dado que permitia ao outro aproximar-se dele, uma cercania que não podia permitir-se se queria manter seu emprego como capanga de seu pai. Mas, como resultado disso, o Irmão Lobo estava faminto. Com Anna, saltava-se as normas habituais. Existiam razões que o explicavam: ela era sua companheira e não lhe faria mal nem sequer se seu pai o ordenava. Era uma Omega e existiam poucas probabilidades de que se convertesse em uma loba solitária. Mas a autêntica razão, admitiu finalmente, era que não podia resistir à sensação da pele de Anna contra a sua.

— Roma não ganhou em um dia — lhe disse ele. — Vamos dormir. — E então, quando a notou tensa junto a ele, disse-lhe: — Faz muito frio para outras coisas mais interessantes.

Anna ficou imóvel.

— Não o diz a sério, verdade?

Charles enterrou seu frio nariz no pescoço de Anna, provocando nela uma risada efêmera.

— Está melhorando. Que tal se te digo que está muito cansada?

Charles saiu de debaixo da manta e lhe cobriu os ombros com ela. Então a pegou no colo e desceu de um salto da rocha, dobrando os joelhos para amortecer a queda. Esqueceu-se das feridas; enquanto a carregava até os sacos de dormir, a panturrilha começou a lhe dar ferroadas de dor que ignorou como pôde. O peito tampouco estava muito contente com ele, mas quando Anna se acomodou a seu lado sob os sacos, fazia falta algo mais que um par de feridas de bala para lhe fazer sentir infeliz.

Anna dormiu muito antes que ele.

Detiveram-se no lago Baree, mas o único sinal de que alguém tivesse estado nas proximidades eram os sulcos de uma moto de neve que cruzavam as águas geladas. Era um parque natural, mas também era Montana. As motos de neve não lhe preocupavam tanto como os motociclistas porque as primeiras não deterioravam a vegetação. Fazia um par de anos se topou com dois motociclistas e os tinha seguido até o lago Wanless, a uns trinta quilômetros da estrada mais próxima, onde finalmente estacionaram os veículos e ficaram a nadar. Ainda se perguntava quanto tempo demoraram para chegar à estrada sem as velas.

No inverno, não era fácil deslocar do lago Baree Bear. Com a ajuda do Tag, tinha marcado no mapa uma rota que parecia viável, mas se resultava ser muito escarpada, encontraria outra. Quão único queria era que o lobo solitário lhes visse e lhes desse caça.

Mas não pôde tirar-se da cabeça os sulcos da moto de neve. A maior parte das Cabinets eram muito agrestes para circular com elas. Embora se somente queria chegar ao lago Baree e retornar, por exemplo, para encontrar algumas vítimas e que a imprensa decidisse que o responsável era um homem lobo, era uma boa opção.

Uma Alcateia organizada de renegados, decididos a impedir que Bran revelasse a existência dos homens lobo, exigiria um tratamento muito diferente ao de um lobo solitário. Teria presente as motos de neve e estaria preparado para enfrentar a múltiplos oponentes se era necessário.

Anna era uma boa companheira. Era evidente que o estava passando muito bem, apesar da passageira tensão daquela manhã. Não se queixou quando o atalho se fez exigente e lhe obrigou a aplicar mais músculo. A maior parte do tempo avançava em silêncio, o que lhe permitia concentrar sua atenção nos outros monstros do bosque. Dado que de vez em quando tentava ser sigiloso, agradeceu que Anna não falasse em excesso. Levantou-se bastante alegre e relaxada, e tinha continuado desse modo... Até que chegaram a um vale pequeno e escarpado.

Charles reconheceu seu crescente nervosismo pelo modo em que se reduzia a distância entre ambos.

Quando se decidiu a falar, estava tão perto dele que lhe golpeou acidentalmente a parte traseira da raquete com a sua.

—Sinto muito.

O tropeção lhe enviou uma descarga de dor pela panturrilha, mas jamais a teria recriminado.

—Tranquila. Encontra-te bem?

Viu como baralhava a possibilidade de lhe mentir educadamente e como o descartava.

—Isto é um pouco horripilante — disse finalmente.

Charles pensava o mesmo: havia uma série de lugares nas Cabinets que transmitiam aquela sensação. Embora não estava muito seguro, pareceu-lhe que aquele lugar era ainda pior que o habitual; certamente pior que a zona montanhosa que tinham percorrido no dia anterior.

O comentário de Anna lhe fez inspecionar mais atentamente a zona em que se encontravam, no caso dela tinha percebido algo que a ele lhe tinha escapado. Mas não viu nada fora do comum, nem nada mais ameaçador que um precipício que se elevava frente a eles e que inundava com sua sombra tanto o vale como as árvores verdes e negras que cresciam densamente a ambos os lados. Embora não descartasse a presença de outro tipo de forças.

Os espíritos das montanhas não eram muito hospitaleiros, não como os *Bitterroots* ou os *Pintlers*. Não aceitavam de boa vontade a presença de intrusos.

Pode ser que a atividade dos espíritos fosse mais intensa naquele vale... Ou pode ser que tivesse acontecido algo. Quanto mais voltas lhe dava, mais convencido estava de que era algo mais que uns simples espíritos fazendo travessuras. Não estava seguro de que se devia a algo ocorrido fazia uma semana ou cem anos, mas algo escuro estava sepultado sob toda aquela neve.

—É uma mulher lobo — lhe disse ele. —Não deveria te afetar tanto.

Anna deu um bufo.

—Nunca tive medo dos monstros, até que me converti em um. Agora tenho medo até de minha sombra.

Charles percebeu o escárnio dirigido a si mesma e lhe respondeu com outro bufo.

—Mentira. Eu... —Respirou profundamente e deixou de falar, colocando-se na direção do vento para voltar a captar o rastro.

Anna ficou imóvel, lhe observando. Charles esperou até que o aroma se fez mais intenso; a seu perseguidor não preocupava que pudessem localizá-lo.

—Cheira-o? —perguntou-lhe ele em voz baixa.

Anna agarrou o ar e fechou os olhos.

—Árvores, a pessoa que nos emprestou a roupa e... —ficou tensa assim que percebeu quão mesmo ele. — Gato. Algum tipo de gato. Uma pantera?

—Quase —lhe disse ele. — Um lince, acredito. Bastante chateado, mas inofensivo para nós.

—Genial —disse ela. — O que é...? —Naquela ocasião tocou a ela deter-se. —O que é isso?

—Um coelho morto —disse ele com satisfação. —Começa a confiar em seu olfato. —Voltou a agarrar ar e o pensou melhor. — Poderia ser um camundongo, mas provavelmente é um coelho. Por isso o lince segue perto, lhe interrompemos a refeição.

Surpreendia-lhe ter encontrado um lince naquele lugar: os gatos normalmente se mantinham afastados das zonas que transmitiam aquela sensação. Poderia ter chegado ali empurrado por outro predador?

Anna estava pálida.

—Odeio que uma parte de mim sinta fome ao cheirar carne crua.

Não lhe tinha incomodado cheirar o sangue de Jack. Embora não fizesse mais de uma hora que não comia nada e começava a ter fome. Seu corpo consumia calorias rapidamente para manter a temperatura adequada. Entretanto, estivesse ou não faminta, não era o momento de que se alimentasse com carne de verdade; tinha que afastar-se daquele pequeno impulso. De modo que entregou uma bolsa de bolachas de manteiga de amendoim e a obrigou a seguir adiante. A manteiga de amendoim faria que comesse a beber de seu cantil; não estava seguro de que se estivesse hidratando corretamente.

Continuaram avançando até deixar atrás o vale, e também aquela sensação perturbadora, o que confirmou sua suspeita de que não se tratava da atividade dos espíritos.

—Hora de comer —disse enquanto lhe oferecia uma barrinha de cereais e uma tira de carne-seca.

Anna o agarrou, apartou quase toda a neve que cobria uma árvore cansada e subiu nela.

—Tudo era normal até chegar a esse vale. Agora me sinto cansada e congelada, e só é a uma da tarde. Como o fazem os humanos?

Charles se sentou junto a ela enquanto mascava sua própria carne-seca; caía muito melhor que o pemmican⁵ apesar de que não era nem a metade de energético ao carecer de gordura.

—A maioria nem o tenta, sobretudo nesta época do ano. Impus um ritmo mais forte do que o habitual para sair do vale, por isso está mais cansada. —Franziu o cenho. — Não suou, verdade? Tem as meias três-quartos molhadas? Trouxe uma muda. Se lhe molham, podem congelar-se, e isso significa que poderia perder um dedo.

Anna meneou as raquetes, as quais estavam a uns trinta centímetros do chão.

—Pensava que os homens lobo fossem indestrutíveis e imortais.

Algo em seu semblante disse a Charles que estava pensando nas surras que tinha recebido para tentar que aceitasse algo para o que não se sentia preparada.

—Te Voltaria crescer —disse Charles ao tempo que tranquilizava ao Irmão Lobo, a quem não gostava de nada ver sofrer a Anna. —Embora não seria muito agradável.

—De acordo. —E, como quem não quer a coisa, acrescentou: — Estão secos.

—Diga-me isso assim que deixem de está-lo.

Começava a notar o peso das raquetes. Dirigiu a Charles um olhar de recriminação, sentindo-se segura porque o fez a suas costas. Apesar das feridas de bala, era evidente que não lhe custava avançar. Mal coxeava enquanto escalavam a vertente de outra montanha. Tinha reduzido o ritmo, mas aquilo não a ajudou como esperava. Se não lhe tivesse prometido que acampariam no cume da montanha que avançavam naquele momento, provavelmente se teria desabado ali mesmo.

—Não fica muito —lhe disse ele sem olhar atrás.

⁵ Pemmican é um alimento feito para longas viagens. Uma fonte compacta e concentrada de energia que não precisa de preparação durante o percurso, normalmente composta por gordura de urso, berries (framboesas, amoras, morangos) e qualquer outra coisa nutritiva que esteja disponível.

Era indubitável que seus fôlegos lhe indicavam tudo o que precisava saber sobre o nível de seu cansaço.

—Em parte é por culpa da altitude —lhe disse ele. — Está habituada a mais oxigênio no ar e deve respirar mais frequentemente para compensar a diferença.

Estava-lhe oferecendo desculpas, o que provocou que sua espinha dorsal se enrijecesse. Ia terminar aquela ascensão embora lhe custasse a vida. Cravou o bordo da raquete na neve para impulsionar seu seguinte passo, quando um grito selvagem ressoou através das árvores, lhe arrepiando o cabelo da nuca enquanto o uivo se estendia pelas montanhas.

—O que foi isso? —perguntou.

Charles a olhou por cima do ombro com um sorriso sombrio no rosto.

—Homem lobo.

—Sabe de onde veio?

—Do leste —disse ele. —Pelo tempo em que demorou para chegar o som, diria que está a uns quilômetros daqui.

Apesar de que não deveria sentir medo, não pôde evitar um estremecimento. Depois de tudo, ela também era uma mulher lobo, não? E tinha visto o Charles limpar o chão com seu anterior Alfa apesar de ter recebido vários disparos.

—Não te fará mal —disse Charles.

Anna não disse nada, mas ele a contemplava fixamente e seus olhos se suavizaram.

—Se você não gostar que utilize meu olfato para saber o que sente, poderia usar perfume. Costuma ser bastante eficaz.

Anna farejou o ar, mas somente captou o aroma das pessoas que tinham emprestado a roupa ao Charles.

—Você não usa perfume.

Sorriu abertamente, seus dentes brancos contra seu rosto moreno.

—Muito estranho para meu gosto. Tive que aprender a controlar minhas emoções.

—Então eliminou um pouco da geada que tinha ficado aderida no joelho de Anna e acrescentou com pesar: — Até que te conheci.

Recomeçou a marcha montanha acima, deixando-a confundida atrás dele. Quem era ela para poder afetar daquele modo a um homem como ele? Por que ela? Somente porque era uma Omega? De algum modo soube que não era somente isso. Não com aquele reconhecimento irônico ainda no ar. Pertencia-lhe.

Só para assegurar-se, contou os dedos sob as luvas. Fazia só uma semana estava servindo mesas no Scorci's, jamais tinha ouvido falar de Charles nem sabia como caminhar com raquetes de neve. Nem sequer tinha a remota esperança de voltar a sentir algo ao beijar a um homem. Agora avançava pela neve com uma temperatura abaixo de zero e um sorriso estúpido no rosto, a caça de um homem lobo, ou, melhor dizendo, seguindo Charles enquanto este caçava a um homem lobo.

Estranho. E bastante agradável. E existiam outros incentivos para seguir ao Charles. A paisagem, por exemplo.

—Está rindo? —perguntou Charles com sua voz de Sr. Spock.

Olhou-a por cima do ombro e a seguir executou um daqueles giros complicados e necessários quando leva raquetes de neve e quer trocar de direção. Tirou uma luva e

lhe tocou o nariz, justo onde sabia que se congregavam mais sardas. Seus dedos se moveram até percorrer a covinha de sua bochecha esquerda.

— Eu gosto de ver-te feliz — lhe disse ele com o olhar fixo nela.

O olhar deteve sua risada, mas não a cálida e confusa sensação em seu estômago.

— De verdade? — disse ela sarcasticamente. — Então me diga que este foi o último declive e que este lugar tão plano no que estamos agora é onde vamos acampar e que não tenho que dar um passo mais por hoje.

Anna lhe contemplava como um gato em frente a um bolo, e ele não tinha a menor ideia de por que o fazia. Não estava habituado àquilo. Ele era muito bom em interpretar as intenções das pessoas, maldita seja. Tinha muita experiência, e o Irmão Lobo estava acostumado a ter muita empatia. Apesar de tudo, não tinha nem ideia de por que continuava olhando-o com aquele riso secreto dançando ainda em seus olhos.

Inclinou-se até que pôde apoiar a cabeça contra seu gorro de lã e fechou os olhos, desfrutando de seu aroma e deixando que seu calor corporal se estendesse até seu coração. Seu aroma liberou as ataduras que o manietavam e lhe percorreu todo o corpo como a fumaça de um cachimbo.

Nem rastro do aroma humano neles, mas, ao estar completamente absorto nela, não pôde evitar deixar-se ir.

Não obstante, teria que havê-lo ouvido. Ou cheirado. Algo.

Em um segundo passou de estar junto à Anna a estar de boca para baixo sobre a neve com algo a suas costas — um homem lobo, concluiu muito tarde seu olfato — e Anna debaixo.

Umas presas se cravaram no duro tecido de sua jaqueta e lhe rasgaram a mochila. Ignorou ao homem lobo pelo bem de Anna e levantou todo seu peso (e o do outro homem lobo) para permitir que ela saísse de debaixo de seu corpo, apesar de saber que provavelmente seria uma decisão fatal.

Anna saiu a rastros com a mesma rapidez com que o teria feito o ajudante de um mago. Entretanto, não fez caso a sua ordem que a ameaçava se saísse correndo.

O lobo atacante não pareceu reparar em sua presença. Estava tão ocupado rasgando a mochila de Charles que não prestava atenção a nada mais. Charles concluiu que se tratava de um lobo fora de controle após comprovar que não soltava seu objetivo inicial apesar de existir outro perigo mais urgente. Embora tampouco se queixasse por isso.

A forma humana de Charles era um pouco mais frágil que a do lobo, mas quase igualmente forte. Sem Anna debaixo dele, não demorou nem um segundo em rasgar as correias das raquetes e liberar seus pés.

A ambos os lados voaram pacotes de alumínio como o confete em umas bodas: comida. Indubitavelmente, a Samuel lhe teria ocorrido algo gracioso naquela situação: *vejamos quem dos dois acaba sendo a comida fria*.

Grunhindo pelo esforço, Charles estirou as pernas com toda a velocidade e poder que pôde reunir e, aquele movimento, unido ao peso do outro homem lobo rasgou definitivamente o tecido da jaqueta e a mochila de Charles. Sujeitando-se unicamente ao tecido, o lobo caiu de costas enquanto esta se rasgava; uma patada e o lobo se

deslocou trezentos metros pelo ar. Não o suficientemente perto mas tampouco muito longe. Ficou entre o Charles e Anna; mais perto dela.

Enquanto se desfazia dos últimos restos de sua mochila —rasgando sem piedade algo que ameaçasse limitando seus movimentos, —Charles refletiu sobre a estranha natureza do ataque. Nem sequer um lobo solitário fora de controle teria permitido que uma simples mochila lhe impedisse de alcançar seu objetivo. Charles tinha recebido uma dentada ou um golpe em algum lugar de seu corpo, mas além disso estava completamente ileso.

O lobo ficou em pé, mas não fez nenhum gesto de atacar. Estava assustado. O aroma de seu medo alagou o ar enquanto cravava seus olhos nos de Charles, desafiando-o.

Não obstante, ficou onde estava, entre Charles e Anna. Como se estivesse protegendo-a.

Charles entreabriu os olhos e tentou localizar ao lobo; tinha conhecido a muitos durante sua vida. Cinza sobre cinza era muito comum, embora estava ainda mais magro que o lobo de Anna, quase cadavérico. Seu aroma não lhe resultava familiar. Tampouco cheirava a Alcateia, mas sim mais bem a abetos, cedros e granito; como se nunca se deu um banho com sabão ou xampu ou algum outro dos produtos da vida moderna.

—Quem é? —perguntou Charles.

—Quem é? —repetiu Anna, e o lobo a olhou a ela.

Com os olhos acesos, igual a Charles. Quando fazia aquilo, podia conter a qualquer lobo que quisesse de um modo tão eficaz a como o fazia Bran, embora este o conseguisse simplesmente com a força de vontade. Anna fazia que desejasse aninhar-se a seus pés para se deleitar com a paz que transmitia.

Charles percebeu o momento em que o lobo se deu conta de que não havia nenhum humano ao que proteger. Cheirou o aumento de sua ira e seu ódio, e como estes se desvaneciam ao alcançar a Anna, deixando atrás de si... Só desconcerto.

O lobo fugiu ao trote.

—Encontra-te bem? —perguntou Charles enquanto se tirava a roupa o mais rápido que pôde. Poderia ter utilizado a magia para fazê-lo, mas não queria arriscar-se a esgotá-la para aquilo quando mais tarde podia lhe resultar mais útil. A maldita bandagem que lhe cobria as costelas era resistente, e lhe doeu quando o fez farrapos com as unhas à medida que estas se alargavam. Um fragmento de correia da raquete se enredou com o cordão de uma bota. Partiu o cordão pela metade.

—Estou bem.

—Não se mova daqui —lhe ordenou enquanto permitia que o Irmão Lobo fluír através dele e lhe deixasse sem fala.

Estremeceu quando sua outra forma veio acompanhada da chamada da caça e a cada minuto que passava sua forma humana se ia afastando.

—Aqui estarei —lhe disse ela, e, à medida que a forma do lobo se assentava e solidificava, mais palavras fluíam através dele. —Não lhe faça mal.

Assentiu antes de desaparecer no bosque. Naquela viagem não ia ter que matar a ninguém. Com a ajuda de Anna, conseguiria salvar aquele lobo solitário.

Assim que Charles partiu, Anna começou a tremer, como se alguém lhe tivesse tirado o agasalho impermeável e a tivesse deixado nua no meio do gelo e a neve. Olhou ao seu redor nervosa enquanto se perguntava por que as sombras das árvores lhe pareciam subitamente mais profundas. Os abetos, que um instante antes eram simples árvores, agora pareciam equilibrar-se sobre ela com uma ameaça silenciosa.

—Sou um monstro, maldita seja — disse em voz alta.

A modo de resposta, o vento deixou de soprar e se impôs o silêncio; um silêncio denso e pesado que parecia ter vida própria, embora nada se movesse nem produzisse nenhum som. Inclusive os pequenos pássaros, os carvoeiros e trepadores azuis, permaneciam imóveis.

Anna olhou fixamente as árvores e se tranquilizou. Embora a sensação de que alguém a estava observando não deixava de aumentar. Seu olfato lhe dizia que não havia nada, mas tampouco tinha detectado a presença do lobo que lhes tinha jogado em cima. Agora que este se escapuliu, seus sentidos continuavam completamente alerta. Um pouco realmente útil.

Entretanto, ao pensar no lobo, recordou a estranha sensação que lhe tinha invadido fazia uns instantes, como se pudesse ver diretamente sua alma através daquela pele tão estranha, sentir seu sofrimento, suas necessidades. Tinha estendido a mão e lhe tinha perguntado seu nome; uma parte dela estava convencida de que se aproximaria e lhe responderia.

Quando, em lugar disso, tinha fugido, aquele estranho convencimento a abandonou. Não podia precisar a maior parte dos sentimentos que lhe tinha transmitido o lobo; sentia-se como uma cega vendo as cores pela primeira vez. Embora estivesse bastante segura de que tinha atacado para protegê-la, e que tinha feito todo o possível por não ferir o Charles.

Algo a estava observando. Farejou o ar, mas unicamente reconheceu os aromas habituais do bosque.

Percorreu o perímetro da clareira, mas não detectou nada nem com os olhos, nem com o ouvido, nem com o olfato. Decidiu voltar a tentá-lo, mas teve a mesma sorte. Uma terceira vez não ia servir de muito. Tinha que acalmar-se, porque se não acabaria saindo em busca de Charles completamente aterrorizada. Sim, aquilo lhe impressionaria muito.

Embora tampouco tivesse feito nada até agora para lhe impressionar.

Cruzou os braços sobre o estômago, justo onde lhe tinha começado a formar um nó por algum tipo de emoção que não podia nem queria precisar. Raiva, provavelmente.

Tinha resistido durante três anos porque, por muito mal que soasse, necessitava à Alcateia. Era uma exigência visceral sem a qual seu lobo não podia subsistir. De modo que lhes tinha permitido que lhe arrebatassem todo seu orgulho e que Leo controlasse seu corpo para fazê-la circular entre seus lobos como uma puta.

Por um instante pôde cheirar o fôlego de Justin em sua cara, o peso de seu corpo sujeitando o seu, a dor nos pulsos e a pressão no nariz, que lhe tinha quebrado com um golpe preciso de sua mão estendida.

O sangue lhe escorregou pelo lábio, caiu sobre seu novo agasalho impermeável e salpicou a neve. Surpreendida, levou-se a mão à cara. Apesar de que segundos antes

tinha notado que lhe sangrava como a noite que lhe golpeasse Justin, não lhe acontecia nada.

Mas o sangue seguia ali.

Agachou-se, agarrou um punhado de neve e a pressionou contra o nariz até sentir um agradável formigamento. Levou a mão ao nariz e aquela vez não havia nem rastro de sangue em sua mão, por isso concluiu que tinha deixado de sangrar. A pergunta era: por que tinha começado a fazê-lo? E por que se recordou de Justin?

Talvez, pensou, a hemorragia nasal tinha que ver com a altitude. Charles saberia. Agarrou um pouco mais de neve limpa e esfregou a cara com ela, assim como uma parte manchada da mochila. Tocou o nariz e comprovou que seus dedos estavam limpos. Fosse qual fosse a causa, a hemorragia se deteve. Esfregou as manchas do agasalho impermeável, mas quão único conseguiu foi estender ainda mais o sangue.

Com um suspiro, procurou um lugar onde guardar a roupa manchada. Tirou-se a mochila quando começou a inspecionar o curso. Estava ilesa, rodeada de envelopes de alumínio pulverizados formando extravagantes desenhos sobre a neve, junto aos restos da mochila de Charles.

Típico dos homens, pensou com certa exasperação, deixar que a mulher se encarregue de recolher a desordem.

Juntou a roupa dispersa de Charles e a sacudi para eliminar a neve. Guardou-a em sua mochila e começou a colocar sobre ela os envelopes de comida liofilizada⁶. Com um pouco de ordem, pôde guardar a maior parte da comida que não tinha sofrido imperfeições em sua mochila, mas não havia forma de preenchê-la com nada mais. Contemplou com frustração os restos da mochila de Charles, o saco de dormir e as raquetes.

Se não se encontrassem em metade de um parque nacional, não lhe teria preocupado tanto, mas ali não podiam deixar nada atrás deles. Observou com atenção a mochila feita farrapos. O fuzil também tinha sofrido danos. Embora não sabia muito de armas, suspeitava que para funcionar o cano teria que estar reto.

Não obstante, teve sorte ao encontrar sob os restos da mochila o tecido isolante sobre a que tinham dormido aquela noite.

Cheirou algo ao agachar-se para estender o duro tecido sobre a neve. Fez todo o possível por não reagir ao aroma enquanto recolhia os restos do ataque e os empilhava no centro. Tudo menos o fuzil. Apesar de estar torcido, continuava sendo tranquilizadamente sólido.

Fora quem fosse quem a observava, mantinha-se completamente imóvel: um humano, não um homem lobo.

Terminou fazendo um fardo com o tecido que seria fácil de transportar. Quando Anna transladou o improvisado vulto junto a sua mochila, ouviu como seu observador saía de entre as árvores, a suas costas.

⁶A Liofilização de alimentos é um processo diferente da desidratação. Enquanto a desidratação aquece o alimento até que a água evapore totalmente, na liofilização o produto é submetido a baixas temperaturas e pressão assim a água existente no alimento não evapora, na verdade, passa diretamente do estado sólido para gasoso. O resultado são alimentos que mantêm a pigmentação e o formato originais. O sabor varia um pouco: o da banana e o do abacaxi, por exemplo, são acentuados, já o mamão pode perder um pouco do seu sabor e parecer um tanto insosso.

—Parece que tem um pequeno problema entre as mãos — disse uma voz agradável. — Se topou com um urso?

Parecia bastante agradável. Anna se deu a volta para olhar à mulher que tinha saído do bosque após ter estado observando-a durante um tempo suspeitosamente comprido.

Como Anna, levava raquetes de neve, embora também se ajudasse com uns paus de esqui. Uns olhos marrons a observavam por debaixo de um gorro, mas o resto de seu rosto permanecia oculto depois de um cachecol de lã. Sob o gorro cinza, uns cachos morenos se precipitavam sobre seus ombros.

Anna respirou profundamente, mas seu olfato lhe disse que era humana. Seria tão pobre o ouvido de um humano para confundir a luta entre dois homens lobo com o ataque de um urso? Não tinha nem a mais remota ideia.

—Um urso, isso. —Anna sorriu para tentar dissimular o tempo que tinha demorado para responder. —O sinto, ainda estou um pouco aturdida, e tampouco me sinto muito a gosto com a Mãe Natureza em plena ação. Sim, um urso. Afugentamo-lo, e então nos demos conta de que levou uma de... —O que podia ser tão vital para que um humano saísse detrás de um urso?— ... das mochilas em que guardávamos o acendedor.

A outra mulher jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

—Não é isso o que sempre ocorre? Meu nome é Mary Allen. O que faz aqui em metade do inverno se não está habituada à alta montanha?

—Meu nome é Anna... Cornick. —De algum modo lhe pareceu que o melhor era utilizar o sobrenome de Charles. Anna olhou a Mary Allen com outro sorriso irônico. —Não faz muito que nos casamos. Você também deve estar procurando o caçador, verdade? Disseram-nos que não encontraríamos a ninguém tão longe. Pode ser que eu seja uma novata, mas meu marido está curtido nestes lances.

—Sou do serviço de emergências — lhe disse Mary.

—Não se supõe que devem ir em duplas? —perguntou Anna.

Não estava segura daquilo, mas parecia o mais lógico. Heather e Jack trabalhavam juntos.

Mary se encolheu de ombros.

—Minha companheira está por aqui perto. Discutimos e foi embora zangada. Mas lhe acontecerá logo e deixará que a apanhe. —Sorriu de forma intrigante. —Tem muito mal humor.

A mulher deu um passo em direção a Anna, mas se deteve de repente e olhou a seu redor. Anna também o percebeu: um poderoso vento maligno soprando entre as árvores.

Algo emitiu um rugido.

Capítulo 9

Asil podava rosas mortas em sua estufa. Apesar de não ser nem a metade de formosas que as da Espanha, resultavam uma melhora considerável em relação às flores que tinha adquirido em princípio. Suas rosas espanholas tinham sido o resultado de séculos de cuidadoso cultivo. Quando teve que as abandonar, não pensou muito nisso, mas agora lamentava sua perda.

Embora não tanto como perder a Sarai.

Confiava em que alguém se encarregou delas, mas o estado em que tinha deixado sua propriedade teria significado quase com toda segurança a morte das flores antes que alguém decidisse o que fazer com o imóvel. Mesmo assim, tinha estado intercambiando caules e cepas com outros aficionados de rosas durante décadas antes de ver-se obrigado a fugir, de modo que seu trabalho não tinha sido completamente em vão. Em algum lugar do planeta provavelmente floresceriam os descendentes de suas rosas. Talvez se Bran lhe permitisse viver uns quantos anos mais, poderia viajar para as encontrar.

Alguém golpeou com os nódulos brandamente na porta interior e a seguir a abriu sem esperar resposta. Nem sequer se incomodou em levantar a vista. Sage tinha estado invadindo sua estufa virtualmente desde que a construiu, tempo atrás teria feito pedaços a qualquer que ousasse interromper sua solidão. Não obstante, pegar a Sage seria tão gratificante como pegar a um cachorrinho: quão único conseguiria seria sentir-se como um maltratador.

—Olá? Olá? —chamou Sage, embora seu olfato lhe dissesse exatamente onde se encontrava.

Era sua forma habitual de aparecer. Asil acreditava que o fazia para assegurar-se de que aquele dia não se sentia especialmente dado à reclusão. Tinha tido um par de dias como aqueles após instalar-se em Aspen Creek. Quando Sage começou a lhe visitar, perguntou-se se em realidade o Marrok a enviava para comprovar se seguia o suficientemente são para deixar que continuasse vivendo. De ser assim, somente o fazia por prudência, e a Asil fazia tempo que tinha deixado de lhe importar.

—Estou aqui —disse ele sem incomodar-se em subir a voz.

Teria-lhe ouvido embora o houvesse dito em um sussurro, e já não gostava de aparentar que era humano.

Não levantou os olhos de seu trabalho quando ela se aproximou e se colocou a suas costas. Seus padrões de beleza tinham evoluído ao longo dos anos, mas embora não o tivessem feito, Sage teria despertado o desejo nele.

Sarai frequentemente lhe tinha golpeado sonoramente na cabeça por olhar a outras mulheres, embora soubesse que não era capaz de desencaminhar-se. Agora que já não estava, mal olhava a alguma. O fato de flertar não lhe parecia uma deslealdade a sua companheira falecida, mas tinha descoberto que jogava muito em falta suas recriminações. Embora, é obvio, ante a possibilidade de irritar ao cometido Charles, tinha deixado de lado com satisfação todas aquelas lembranças.

—Olá, Asil. Está rindo, morreu-se alguém? —Evidentemente não esperava que respondesse a aquilo, de modo que continuou: —Quer que te ajude em algo?

—Estou podando as flores murchas —lhe disse apesar de que podia vê-lo por si mesmo.

Às vezes se mostrava muito impaciente com tudo aquilo: conversas sem sentido que reproduziam outras que tinha tido centenas, milhares de vezes. Também lhe cansava a gente com a que devia tratar os mesmos temas uma e outra vez.

Perguntou-se como conseguia Bran manter aquele aspecto de sincero interesse ante os insignificantes problemas de sua gente. *Mesmo assim*, pensou Asil com certa perplexidade amarga e autoimposta, *não devo estar tão cansado da vida quando me agarrei com todas minhas forças à oportunidade que me ofereceu Bran*.

Sage respondeu a seu silêncio com uma alegria implacável. Era uma das coisas que mais gostava dela, o fato de que jamais tivesse que desculpar-se por seus voláteis estados de ânimo.

Quando Sage tirou a jaqueta e se colocou justo a sua direita para começar com a seguinte fila de arbustos, soube que estava disposta a lhe escutar. Se não tivesse sido assim, teria começado pelo outro extremo da estufa, onde não interromperia seu trabalho.

—O que opina da companheira de Charlie? —perguntou ela.

Asil emitiu um grunhido. Tinha sido uma estupidez provocar ao menino de Bran, mas não tinha podido evitá-lo: não era habitual pilhá-lo com a guarda baixa. E Anna recordava muito a Sarai; não no aspecto físico —Sarai era tão escura como ele— mas ambas transmitiam a mesma serenidade interior.

—Bom, me cai bem —disse Sage. —Tendo em conta o modo em que abusou dela seu antigo Alfa, tem mais integridade do que poderia esperar-se.

Asil mostrou certa comoção.

—Abusou de uma Omega?

Sage assentiu.

—Durante anos. Suponho que Leo era todo um personagem. Matou a metade de sua Alcateia ou deixou que sua companheira desequilibrada o fizesse por ele. Inclusive ordenou a um de seus lobos que forçasse a transformação de Anna. O que não entendo é por que Charles não massacrrou a toda a Alcateia: nenhum deles fez nada por protegê-la. Custava tanto agarrar o telefone e chamar o Bran?

—Se Leo o proibiu, não podiam fazê-lo —disse Asil distraído. Ele tinha conhecido a Leo, o Alfa da Alcateia de Chicago, e lhe tinha caído bem. — A menos que fossem tão dominantes como Leo, o que é bastante improvável.

Leo tinha sido um Alfa poderoso, e, teria posto a mão no fogo, um homem honorável. Talvez Sage estivesse equivocada. Asil cortou umas quantas rosas com as pontas murchas e lhe perguntou:

—Sabe por que fez Leo todas essas coisas?

Sage levantou a vista de sua tarefa.

—Suponho que a idade tinha desenquadrado a sua companheira. Matou a todas as fêmeas da Alcateia por ciúmes, e depois converteu a homens atraentes, somente por diversão. Parece ser que Leo confiava em que uma Omega na Alcateia tranquilizasse a sua instável companheira. E funcionou, mais ou menos. Para manter a Anna controlada fez com que a maltratassem.

Asil se deteve enquanto um calafrio lhe percorria as costas. Quando se falava de uma fêmea sem parceiro no seio de uma Alcateia, o término «mau trato» era algo extremamente perturbador, muito pior que «abuso». A definição de «abuso» naquela época diferia grandemente do predominante durante a primeira parte de sua vida. O término «mau trato» não tinha trocado tanto.

—Como a maltrataram? —perguntou com voz rouca ao recordar subitamente a estranha ira que tinha reconhecido em Charles.

Uma imagem fugaz foi a sua mente: o semblante de Anna por cima do ombro de Charles. Estava assustada?

Arrependeu-se por sua afeição criar problemas. O que tinha feito?

Sage introduziu os dedos na terra. Era evidente que estava recordando o brutal ataque do que ela tinha sido vítima e que tinha propiciado que procurasse refúgio em Aspen Creek uns anos antes de sua chegada. Também deveria desculpar-se por isso. *Torpe, torpe, Asil.*

—O que você acha que lhe *fizeram*? —disse ela finalmente com a voz marcada pela dor.

—*Por Alá* —disse Asil brandamente.

Jamais tinha conseguido desenquadrar ao Charles daquele modo. E tinha deixado que aquela pobre criatura enfrentasse às consequências após acreditar que todos os Omegas eram capazes de tranquilizar a sua companheira. Não se tinha dado conta de que Anna tinha passado por uma situação muito traumática. Estava claro que Bran deveria lhe haver matado faz muito tempo.

—O que ocorre?

—Tenho que falar com o Charles —disse Asil soltando a faca e ficando em pé.

Estava fazendo muito velho e complacente, e aquilo o fazia acreditar frequentemente que sabia tudo. Tinha pensado que o menino estava esperando a que se curassem suas feridas para consumir o vínculo, quando, em realidade, o que estava fazendo era tentar dar à garota um pouco mais de tempo.

O fato de que Charles tivesse vindo àquela manhã para lhe perguntar sobre os Omegas podia significar que algo ia mal... E, depois de compreender aquilo, deu-se conta de que Charles não se referiu a Sarai quando se interessou pelas consequências da tortura em uma Omega. Referia-se a Anna.

—Agora mesmo é um pouco complicado falar com o Charles —disse Sage friamente. —Se foi com a Anna a perseguir um lobo solitário nas Cabinets. Ali não têm cobertura.

—As Cabinets? —Franziu o cenho ao recordar a claudicação que Charles tinha tentado dissimular durante o funeral do dia anterior. Embora aquela manhã parecesse estar em melhor estado, Asil tinha percebido certa rigidez em seus movimentos. —Está ferido.

—Mmm. —Sage assentiu. —Ouvi que lhe dispararam em Chicago. Balas de prata. Mas há um lobo solitário solto que está atacando gente. Matou a um e feriu a outro em menos de uma semana. O companheiro de Heather Morrell é o que resultou ferido. Se quisermos que a imprensa não intervenha, devemos capturar ao lobo o quanto antes possível, para que não faça mal a ninguém mais. E a quem mais pode enviar Bran para lhe seguir o rastro? Samuel não é o mais adequado, e além disso

esta manhã saiu para Washington. Conforme parece, ao Bran preocupa que possa tratar-se de um ataque orquestrado pelos lobos europeus. Se causarem suficientes problemas, pode ser que Bran reconsidere a decisão de fazer pública a existência dos homens lobo. De modo que necessita um lobo dominante.

Fazia muito tempo que a Asil tinha deixado de lhe surpreender o fato de que Sage soubesse tanto sobre o que ocorria na Alcateia do Marrok.

— Poderia me haver enviado — disse Asil, embora sem prestar muita atenção a suas próprias palavras.

Era uma boa notícia que Anna tivesse ido com Charles. Significava que sua provocação não tinha causado um dano irreparável.

Sage lhe olhou fixamente.

— A ti? Sério? Assisti a sua atuação de ontem na igreja.

— Poderia me haver enviado — repetiu Asil.

Sabia que Sage estava começando a suspeitar que sua loucura fosse fingida. Bran provavelmente pensava o mesmo, já que não lhe tinha matado apesar de a suas repetidas petições: quinze anos de «ainda não». Era uma lástima que tanto Sage como Bran estivessem tão equivocados. Sua loucura era algo extremamente sutil que podia provocar a morte de todos eles quando menos o esperassem.

Asil era um perigo para todos os que lhe rodeavam, e se não fosse um covarde teria obrigado Bran a enfrentar ao problema assim que chegou a Aspen Creek, ou qualquer outro dia após.

Ao menos poderia haver-se encarregado do lobo solitário; ao Bran devia isso e muito mais.

— Não acredito que as feridas de Charles fossem muito importantes — disse ela em tom conciliador.

De modo que Charles tinha conseguido ocultar a Sage a autêntica gravidade de suas feridas. Embora ele não se deixasse enganar. Fazia falta muito para que o *velho lobo* se movesse com tanta dificuldade no funeral, diante de tanta gente.

Asil respirou profundamente. Charles era um tipo duro, e conhecia as Cabinets melhor que ninguém. Apesar de estar ferido, um lobo solitário não seria competidor para ele. Tudo iria como a seda. A próxima vez que os visse se asseguraria de desculpar-se ante ambos. Confiava em não ter provocado nenhum dano irreparável com sua perseguição. Havia se sentido tão ciumento. A paz que Anna prometia lhe tinha feito recordar...

Ah, Sarai, estaria tão decepcionada.

— Encontra-te bem?

Asil voltou a ajoelhar-se e a agarrar as tesouras.

— Sim.

Mas por que enviariam os europeus só um lobo? Talvez não fossem eles. Possivelmente Charles necessitasse ajuda.

Suspirou. Devia uma desculpa ao menino. Uma desculpa que não podia esperar. Se soubesse de onde tinham saído, poderia rastrear Charles e assegurar-se de que não tinha feito um dano irreparável ao vínculo entre ele e sua companheira.

— Tenho que falar com Bran — disse.

Voltou a deixar as tesouras no chão e saiu pela porta como uma exalação, fechando atrás dele a porta da estufa.

Quando deixou atrás a sala de despressurização, o ar gelado o envolveu como o manto da rainha do inverno. O contraste entre o exterior e o ar artificialmente quente e úmido da estufa lhe obrigou a ofegar antes que seus pulmões se aclimassem. Sage saiu pouco depois enquanto colocava a jaqueta, mas Asil não a esperou.

—Não estou seguro de que sejam os europeus —lhe disse Bran com calma depois de que Asil lhe expressasse em termos pouco diplomáticos sua opinião sobre a decisão de enviar a um convalescente Charles depois da pista de um inimigo desconhecido. —O mais provável é que seja um lobo solitário. As Cabinets são um lugar isolado e muito atraente para alguém que deseja fugir do que se converteu. Inclusive se for obra dos europeus, somente há um lobo. Se fossem dois, Heather não teria podido escapar do que lhes atacou.

Deteve-se, mas Asil se limitou a cruzar os braços e lhe fazer saber mediante a linguagem corporal que seguia acreditando que Bran se comportou como um estúpido.

Bran sorriu e pôs os pés sobre a mesa de seu escritório.

—Não o envie sozinho. Inclusive se fossem dois ou três lobos, Charles e Anna as arrumarão. Se fossem mais de três os tivesse detectado assim que se aproximassem tanto a Aspen Creek.

Aquilo tinha sentido. Então por que sentia aquele temor crescente? Por que todos seus instintos lhe diziam que enviar ao Charles atrás daquele lobo era uma estupidez? E em que momento tinha deixado de preocupar-se com o Charles para fazê-lo pelo objeto de sua perseguição? Pelo homem lobo ao que perseguiam.

—Que aspecto tem esse lobo?

Trocou o peso de seu corpo de um pé ao outro, mas não se incomodou em controlar-se. Estava muito ocupado refletindo sobretudo aquilo.

—Como um pastor alemão — disse Bran. —Cor canela com bolinhas brancas e uma franja negra no lombo, com algo de branco nas patas dianteiras. As descrições do estudante e de Heather coincidem.

A porta do escritório de Bran se abriu e Sage entrou como uma exalação.

—Há...? Vejo que está aqui. O que ocorre?

—Nada —disse Bran amavelmente. — Asil, volta para casa. Quero que descanse. Avisarei-te assim que saiba algo.

Asil passou junto a Sage sem reparar nela. Tinha deixado de estar preocupado por Charles. Aquele tipo de pelagem era comum nos pastores alemães, mas não nos homens lobo.

Sarai tinha sido assim: canela e marrom escuro com uma franja negra nas costas. Com a pata dianteira esquerda branca.

Muito zangado para controlar sua força, partiu o cabo da porta de seu carro e teve que entrar nele pela porta do passageiro. Não recordava o caminho até sua casa; somente sentia a urgente necessidade de ocultar-se, mais imperiosa que a necessidade de obedecer a seu Alfa.

Não se incomodou em estacionar o carro; aquela noite teria que suportar os elementos, como ele. Foi a seu dormitório e abriu o armário. Desprendeu o cabide com sua camisa favorita, desfiada pelo uso e o tempo. Já não cheirava a Sarai, nem sequer para seu olfato, mas havia tocado sua pele e era o único que ficava dela. Colocou-a sobre a almofada e se meteu na cama, esfregando a bochecha contra a camisa. Por fim tinha acontecido, pensou. Estava louco. Não podia ser Sarai. Em primeiro lugar, jamais teria matado a alguém sem um motivo. E em segundo, estava morta. Ele mesmo a tinha encontrado, uns dias depois de morrer. Tinha recolhido seu pobre corpo e o tinha lavado. Tinha-o queimado com sal e água benta. Ao saber quem a tinha matado, queria eliminar toda possibilidade de que lhe devolvesse a vida, apesar que nem a família de Mariposa nem a bruxa a que a tinham enviado para adestrá-la pertenciam ao tipo de bruxas que jogam com a morte.

Não, não era Sarai.

Doía-lhe o estômago, a garganta, e os olhos lhe ardiam por culpa das lágrimas... E pela velha ira que corria por suas veias. Deveria ter matado à bruxa, mas, em lugar disso, tinha fugido. Enquanto a assassina de sua esposa seguia com vida, ele tinha fugido porque lhe tinha pavor ao que se converteu Mariposa. Havia-se sentido aterrorizado da bruxa que lhe perseguia, como tinha açoitado a Sarai.

Embora, quando não pôde seguir fugindo, quando compreendeu que o tempo não ia acabar com ela como deveria fazê-lo, refugiou-se ali. Para morrer e retornar finalmente junto a sua adorada esposa. Entretanto, deixou que o Marrok e, mais tarde, suas rosas lhe convencessem para que esperasse.

E agora lhe tinha encontrado. Talvez tivesse deixado de lhe buscar ao fazer-se mais poderosa com cada novo ano até que chegou um ponto em que deixou de lhe necessitar. Talvez o poder do Marrok lhe protegesse como protegia ao resto da Alcateia.

Enquanto seguia ofegando na cama, a convicção de que tinha chegado sua hora se fez cada vez mais evidente. Dobrou a camisa com supremo cuidado sobre o travesseiro e retornou rapidamente à porta principal. Aquela vez convenceria ao Bran.

Mas não pôde abrir a porta, nem sequer pôde tocar o pomo. Rugiu de raiva, mas aquilo não trocava nada. Não podia desobedecer ao Bran. Estava tão aflito que não se deu conta de que Bran lhe tinha dado uma ordem cortante: até o dia seguinte teria que permanecer ali, na casa em que tinha vivido os últimos anos, ocultando-se da assassina de sua mulher.

Amanhã, então. O pensamento o acalmou. Mas antes arrumaria o que tinha quebrado. Amanhã ajudaria ao Charles com o lobo solitário, lhe ofereceria todo seu apoio para que conseguisse relacionar-se com uma Omega, e então tudo se teria acabado. Notou como o alívio lhe percorria o corpo e encontrou as forças necessárias para sorrir. Se Bran não estava disposto a matá-lo, até ontem, estava convencido de que Charles estaria encantado de lhe fazer aquele favor.

Quando retornou à cama se sentia relaxado, o peso dos anos aliviado pela proximidade do final. Acariciou a camisa com uma mão e imaginou que ela estava ao seu lado.

A dor foi desaparecendo paulatinamente, amortecido pelo convencimento de que logo teria desaparecido para sempre e seria substituído pela paz e a escuridão. Mas, por agora, só ficava o vazio. Deveria haver ficado adormecido, mas a curiosidade, seu pecado mais urgente, obrigou-lhe a refletir sobre o lobo que estava matando a gente inocente tão perto do território do Marrok.

Asil conteve o fôlego e se incorporou sobre a cama. Um lobo assassino que se parecia muito a sua querida esposa. Perto do território do Marrok ou perto de Asil?

E também estavam os sonhos... Os sonhos sempre eram mais intensos quando a bruxa estava perto.

Sarai caçando humanos? Esfregou os olhos. Sarai mal saía de caça as noites de lua cheia. Além disso, Sarai estava morta.

Apesar do horror de imaginar à bruxa tão perto, descobriu que em seu coração havia esperança. Entretanto, sabia que Sarai estava morta, do mesmo modo que sabia que Mariposa lhe arrebatou de algum modo o vínculo que unia a sua companheira.

Aquilo teria que ter estado fora de seu alcance, fora do alcance de qualquer bruxa. Os lobos mantinham oculta sua magia ao resto dos lobos. Se uma das famílias tivesse descoberto o modo de apropriar do vínculo entre homens lobo, com toda segurança o teriam utilizado mais de uma vez; e por então teria que ter ouvido algo sobre isso. Provavelmente tinha sido um acidente, um efeito secundário de algo mais, mas durante todos aqueles anos nos que tinha estado fugindo, não tinha conseguido averiguar o que era, a menos que fora a imortalidade que Mariposa parecia ter obtido com a morte da Sarai.

Apesar de que se esforçava por mantê-lo tudo tão oculto como podia, às vezes podia sentir o impulso daquele vínculo. Como se Mariposa tentasse usá-lo como o tinha feito o primeiro dia, antes que ele se desse conta de que algo andava mau.

Sarai tinha penetrado em sua mente. Soube que algo não ia bem, mas a distância entre ambos lhe impedia de compreender o que era exatamente. Então despertou em metade da noite com lágrimas nos olhos, embora não recordava o que tinha estado sonhando. Tinha alargado o braço... Para tocar a loucura alheia.

Tinha percorrido o caminho até em casa correndo, durante dois dias, com o vínculo cuidadosamente oculto em seu interior para não voltar a tocar... Aquela monstruosidade. E quando encontrou o corpo de Sarai e a casa impregnada do aroma de magia e a Mariposa, soube o que tinha acontecido.

Dois meses mais tarde, a bruxa começou a lhe caçar: nunca chegou a descobrir o que queria exatamente dele. Ele, que nunca tinha fugido de ninguém, agora fugia de uma garota que logo que alcançava sua segunda década naquele mundo. Porque tinha conseguido levar a Sarai, não podia garantir que não fizesse o mesmo com ele. Era muito velho, muito poderoso para converter-se no instrumento de uma bruxa, morto ou vivo.

E sua Sarai estava morta. Apartou qualquer esperança vã que aninhasse em seu coração. Embora ela estivesse morta, talvez Mariposa tivesse descoberto um modo de usar a forma de seu lobo, uma ilusão possivelmente.

Parecia possível. Três ataques, e em dois deles a vítima tinha escapado. Os humanos não escapam do ataque de um homem lobo.

Asil não estava familiarizado com a magia negra. Sua mulher tinha sido uma herborista; tinha sido ela quem lhe ensinou a criar novelo de interior. Tinha vendido seu novelo a bruxas até que as vinganças entre famílias o converteram em um negócio muito perigoso. As ilusões eram um dos princípios básicos da bruxaria. Mas criar uma ilusão que pudesse ferir ou matar a alguém... Jamais tinha ouvido algo semelhante. Não obstante, a suspeita de que Mariposa estava atrás dos ataques se converteu em uma convicção: raciocinou ainda mais para encontrar Charles e lhe contar a que se enfrentava.

Além disso, sua personalidade não lhe permitia que outros lutassem suas batalhas. E se aquela era uma das travessuras de Mariposa, significava que ele era o objetivo.

Fechou os olhos, mas voltou a abri-los quase imediatamente. Estava fazendo uma montanha de um grão de areia. Bran se tinha referido ao homem lobo como «ele». Era um simples lobo solitário. Estava permitindo que seus medos lhe dominassem.

Mas quem viu o lobo solitário não tinha sido um homem lobo, disse-lhe uma voz interior. *Um par de humanos distinguiriam se o lobo era uma fêmea?* As mulheres lobo não eram muito comuns: Bran poderia ter concluído que era um macho sem pensar-lhe duas vezes.

Fazia mais de meio século que não via a bruxa. Desde que chegasse ao novo continente não tinha percebido seu aroma. Havia talher seu rastro e lhe tinha pedido ao Bran que mantivera em segredo sua presença em Aspen Creek.

E se estava ali e o buscava, por que não tinha vindo ainda a por ele?

Não era ela... esperou que lhe alcançasse de novo o alívio. *Provavelmente* não era ela.

Sarai era inalcançável para ele. Levava dois séculos morta: ele mesmo a tinha enterrado. Jamais tinha ouvido falar de uma ilusão que pudesse fazer mal a alguém.

Talvez a ilusão fosse o corpo que enterrou...

Descansa, disse-lhe Bran, e Asil notou como seu corpo se relaxava face à frenética atividade de sua mente. Pôs o alarme às 12:01, um alarme que logo que utilizava. Pode que Bran lhe tivesse ordenado descansar até amanhã, mas Asil podia interpretar esse «amanhã» como quisesse. E pela manhã, sairia em busca de respostas.

Anna descobriu que estava se movendo inclusive antes de pensar em fazê-lo. Mary estendeu a mão e lhe arrancou um molho de seus cabelos quando Anna se colocou em posição, entre a humana e o que fosse que tinha saído de entre as árvores. Pareceu-lhe um homem lobo, mas o vento não cooperava e afastava o aroma dela. Teria dado meia volta o lobo que perseguia Charles?

Entretanto, o monstro que emergiu de entre as sombras dos arbustos era muito maior que o outro. Parecia um pastor alemão, com a exceção de que pesava uns cinquenta quilos mais, tinha presas mais largas e se movia mais como um gato que como um cão.

Havia dois homens lobo.

E se havia mais? E se Charles tinha saído atrás da pista de um lobo e lhe tinham cercado?

O homem lobo ignorou à outra mulher, centrando-se totalmente em Anna. Quando se equilibrou sobre ela, Anna também correu. As raquetes não lhe ajudaram muito, mas não tinha que ir muito longe, e além ela também era uma mulher lobo.

Três pernadas e recolheu da neve o fuzil quebrado de Charles pelo canhão. Plantando os dois pés na neve, fez-o oscilar contra o monstro atacante com a experiência de quatro verões de softball e a força de uma mulher lobo.

Ficou claro que o outro lobo não esperava que Anna tivesse tanta força. Nem se tinha incomodado em esquivar seu golpe. Ninguém ia utilizar nunca mais aquele rifle, mas Anna golpeou totalmente ao lobo no ombro com um rangido que falava de ossos quebrados. Aproveitou o impacto para rodar pelo chão, mas emitiu um uivo de dor enquanto voltava a ficar de quatro patas.

Algo lhe roçou o ombro e o lobo voltou a uivar ao tempo que começava a lhe emanar sangue do quadril. Uma rocha de pequeno tamanho golpeou o chão. O lobo olhou por cima do ombro de Anna e com um último grunhido desapareceu entre as árvores. Anna não fez gesto de ir atrás dele, mas manteve os olhos cravados no bosque, justo por onde o lobo com aspecto de pastor alemão se esfumou.

—Encontra-te bem, carinho?

O som da cautelosa voz de Charles lhe fez girar a cabeça com um alívio sincero. Pensava que tinha sido ele quem tinha arrojado a pedra, mas também poderia ter sido o companheiro desaparecido de Mary. Deixou cair os restos do rifle e correu a seus braços.

—Ouça — disse ele enquanto Anna lhe abraçava. —Somente era um cão. Um cão muito grande. Está a salvo.

Apesar de estarem interpretando o papel de humano, seus braços a pressionaram com força contra seu casaco; um casaco vermelho escuro que lhe assentava muito melhor que o agasalho impermeável de diversas cores que o lobo tinha despedido.

Era uma sorte, pensou, que pudesse vestir-se depois de transformar-se, porque de não ser assim tivessem tido sérios problemas para explicar por que perseguia um urso com seu traje de aniversário.

—Miúdo lançamento — lhe disse em um sussurro enquanto reprimia uma risada pouco apropriada.

Tinha-o feito, pensou. Defendeu-se do ataque de um monstro e tinha ganhado. Ao sentir-se segura entre os braços de Charles, a alegria eclipsou o resto de sentimentos que tinha tido até então. Não só tinha evitado que fizesse mal a ela, mas sim também tinha defendido a outra pessoa.

Inalou uma última vez pelo nariz e se separou do calor que emitia Charles. A mulher estava agachada, com os olhos muito abertos, apoiada no tronco de uma árvore.

—Mary, este é meu marido, Charles. Charles, esta é Mary...

—Allen — disse a mulher com a voz tremente. —*Mãe de Deus*, o que era isso?

Evidentemente, Anna acreditava que a mulher era uma simples montanheira. A jaqueta de Anna estava manchada de sangue, mas tinha o aspecto de ser simplesmente produto de uma hemorragia nasal, bastante frequente quando se estava a grande altura. Charles esfregou o rosto de Anna com sua mão e deixou que

seu rosto se iluminasse com a expressão a que Samuel tinha apelidado como a do «Velho e Bom Índio».

Samuel sempre dizia que resultava aterrador ver aquela expressão jovial e saber o que se ocultava por trás dela. Embora a maioria das pessoas não fosse tão perspicaz como seu irmão.

—Prazer em conhecê-lo.

Charles deixou que o sorriso alcançasse seus olhos e que estes se iluminassem ao olhar à mulher.

Tinha o rosto coberto para proteger do frio, de modo que não pôde observá-la como tivesse desejado. Embora tampouco importasse muito. Sua memória olfativa era muito mais confiável que a visual, e seu nariz lhe dizia que não a tinha visto antes.

Seguia pensando que havia dois homens lobo nas proximidades. Mas antes as tinha visto com o primeiro monstro à mão.

Soltou a sua companheira e deu duas pernadas para frente, duas pernadas que lhe situaram, não acidentalmente, entre Anna e a outra mulher.

—Sinto ter estado perseguindo a esse...

Podia arrepender-se se cometia uma distração; não queria admitir ainda que ia depois da pista de um homem lobo. Não é que aquela mulher soubesse o que era o que ele e Anna tinham afugentado, mas se ainda não se deu conta de que eles eram também homens lobo, não queria que acabasse por descobri-lo. E se o fazia, bom, então não queria que soubesse que ele sabia que ela era um ser sobrenatural, ou ao menos um que usava magia. Daria-lhe tão pouca informação como pudesse. De modo que se deteve meia frase, mas antes que a pausa se alargasse muito, Anna a terminou por ele.

—...urso *estúpido*. — Anna lhe dirigiu um olhar de repreensão como se acreditasse que sua pausa se devia a que estava a ponto de dizer um palavrão. Não tinha esperado que fosse tão rápida. — Encontrou a mochila com o acendedor?

Era isso o que se supunha que estava fazendo? Negou com a cabeça.

—Recorda que dizem que os ursos correm mais que os humanos? Pois é verdade. Sobretudo quando lhe deixam sem raquetes e deve caminhar sobre a neve.

Aquele lobo era uma das presas mais inteligentes que tinha procurado. Não lhe tinha visto nem ouvido antes do ataque, e tinha desaparecido com a mesma rapidez com que tinha aparecido. Ao princípio pensou que Anna lhe tinha distraído e que por isso não lhe tinha ouvido aproximar-se, embora jamais lhe tivesse ocorrido algo semelhante. Não obstante, havia algo estranho no modo em que esse lobo tinha desaparecido.

Assim que compreendeu que lhe tinha perdido a pista, Charles não se incomodou em voltá-la para recuperar e deu meia volta. Não queria arriscar-se a que o lobo houvesse retornado para atacar a Anna. Assim que o deixou ir e retornou. Bem a tempo, conforme podia comprovar.

Mary Allen se endireitou e deu um tropeção, como se tivesse perdido o equilíbrio. O movimento a deixou frente a ele, com uma mão sobre seu peito. Sentiu como a malha do feitiço desarmava todas suas defesas.

O aroma da fúria de Anna se propagou por todo o bosque, Estava *ciumenta*? Aquela era uma situação muito perigosa para permitir que algo lhe distraísse... mas, não sabia Anna que não estava interessado em ninguém mais?

— Não deveria haver ursos nesta altitude e nesta época do ano — disse a mulher.

Parecia agitada. Charles não pôde decidir se sabia o que era ou não.

— Os ursos não dormem todo o inverno, senhora — disse Charles olhando-a de cima como se não lhe importasse a mão em seu peito, embora sim lhe importava. Tivesse-lhe importado inclusive se não lhe arrepiasse a pele. Não era uma feérica, decidiu. Nem tampouco um espírito ou um demônio; topou-se com ambos naquelas paragens uma ou duas vezes. Era algo humano. Tampouco uma feiticeira, embora seu lobo reagisse ante ela como se fosse: algo maligno então. — A hibernação não é continuada. Despertam de vez em quando. Não é algo muito habitual, embora de vez em quando apareçam inclusive em metade do inverno. Má sorte que nos tenhamos topado com um. Embora o lobo que te atacou era realmente estranho.

Magia negra, a isso cheirava. Uma bruxa, então, uma bruxa negra. Maldita seja. Teria preferido enfrentar-se a uma dúzia de demônios que a uma bruxa negra.

— Não há cães selvagens? — perguntou Anna à ligeira. — Pensava que formavam Alcateias, como os lobos.

— Este lugar é muito isolado para isso — lhe disse Charles sem apartar o olhar da bruxa. — De vez em quando aparece um cão solto, mas a maior parte dos cães domésticos não poderiam sobreviver um inverno de Montana sem ajuda.

Algo se agitou atrás da mulher e Charles deixou que seus olhos se desfocassem para ver com mais claridade o espírito. A sombra de um lobo lhe mostrou as presas e desapareceu subitamente, como se necessitasse outra advertência além de seu olfato para saber que aquela mulher era perigosa.

Talvez fosse o momento de esclarecer algumas coisas antes que Anna decidisse sentir-se ferida e não só ciumenta.

Charles se desfez de sua máscara e sorriu amavelmente a Mary, que não estava o suficientemente atenta para perceber a presença do Irmão Lobo. Ou isso ou desfrutava com o perigo, já que se apoiou ainda mais em sua mão enquanto olhava para cima.

— Embora souber que um animal doméstico não teria sobrevivido a este inverno não importa muito, verdade, Mary Allen? Sabia perfeitamente que era um homem lobo.

A mulher adotou um semblante carente de expressão. Se não tivesse sabido o que era, o teria confundido por uma expressão de surpresa.

— Um quê? Os homens lobo não existem.

Tentou lhe olhar aos olhos, mas não o conseguiu; tinha-os estado evitando todo o tempo. Embora uma mulher acostumada a olhar aos olhos de um homem sem pestanejar, às vezes esquecia não fazê-lo com um homem lobo. Não retrocedeu, mas Charles viu em sua cara que desejava fazê-lo.

— Não? E tampouco existem as bruxas?

A voz de Charles se suavizou ainda mais.

Mary deixou cair sua mão.

— Quem é?

—Não. —Charles sacudiu a cabeça. — Acredito que é você quem deve responder a essa pergunta.

—Estou procurando o caçador desaparecido — disse ela.

Até onde podia perceber, estava-lhe dizendo a verdade. Charles franziu o cenho enquanto tentava convertê-la em uma verdade pela metade.

—Para salvá-lo? —disse em um sussurro. — Ou para te fazer com sua magia?

Mary lhe olhou com um sorriso triste.

—Duvido muito que isso tenha importância agora mesmo. Esteve perdido nos bosques com um lobo solitário. Quantas probabilidades acha que tem de encontrá-lo com vida?

—De modo que sabia do homem lobo?

Mary levantou o queixo.

—O homem lobo é a razão que me trouxe até aqui. —Verdade. — Quem é? E por que sabe tantas coisas de bruxas e homens lobo?

Era possível que fosse quem dizia ser. Charles sabia que algumas bruxas estavam acostumadas a trabalhar para diversas agências governamentais. Também sabia que pelo mero feito de que ser uma bruxa negra não significava que não pudesse estar procurando o homem desaparecido. De vez em quando, as bruxas aceitavam certos trabalhos, e às vezes, embora somente fosse por acaso, uma bruxa negra podia unir-se ao bando dos anjos.

Não obstante, Mary tinha sido muito cuidadosa com suas respostas, e Charles não descartava o que lhe sugeriam os espíritos. Não era sua aliada. Normalmente o espírito do lobo era seu guia, embora às vezes pensasse que teria sido mais irônico se o tivesse sido o do cervo ou o do coelho. Embora a exibição de presas não significasse necessariamente que fora sua inimizada, indicava pouca predisposição a ser sua aliada.

—Nos encarregaremos do homem lobo — lhe disse ele. — Não é teu assunto.

—Sim o é — disse ela com calma.

Outra vez a verdade. Naquela ocasião, toda a verdade. Interessante que uma bruxa considerasse que um homem lobo era um assunto que a concernia.

—Não quer te intrometer em meu caminho — lhe disse Mary brandamente, seu fôlego lhe acariciando o rosto com um fluxo doce.

—Não — disse ele, dando um passo atrás e agitando a cabeça, embora não pôde recordar contra o que estava objetando.

—Agora me toca te fazer algumas perguntas.

Se tivesse sido capaz, teria amaldiçoado sua própria arrogância, a qual lhe tinha impedido de agarrar a Anna do braço e sair correndo assim que se deu conta do que era aquela mulher. Pelo contrário, quão único pôde fazer foi esperar a que a bruxa começasse com suas perguntas.

Bruxa. Charles a tinha chamado daquele modo e ela não o tinha negado. Embora Anna soubesse que significava algo, não podia precisar exatamente o que. A bruxa lhes tinha estado seguindo? Ou ia atrás dos homens lobo?

Fora o que fosse não se apartava das mãos de Charles logo, Anna o faria por ele, usando um método que implicaria dor e talvez sangue.

O impulso violento a agarrou despreparada, e a vacilação durou o suficiente para que fosse Charles quem se separasse da bruxa. Tinha ocorrido algo, algum equilíbrio tinha trocado. O ar cheirava ligeiramente a ozônio, como se, apesar da época do ano, estivesse a ponto de estalar uma tempestade elétrica.

Arrepiou-lhe o pelo da nuca. Como se necessitasse mais evidências de que algo não ia bem. Lástima que o pelo não pudesse lhe dizer o que ocorria exatamente e o que podia fazer para remediá-lo.

—Estou procurando um homem — disse Mary com uma voz que continuava soando como a de uma animadora. — Se chama Hussan, embora também lhe conhece pelo nome de Asil ou o Mouro.

—Conheço-lhe — respondeu Charles.

Sua voz soava espessa e relutante.

—Ah — disse ela com um sorriso. — É um homem lobo. Pertence ao Marrok? Asil também está em Aspen Creek? É um dos lobos do Marrok?

Anna olhou ao Charles com o cenho franzido, mas a este não pareciam lhe incomodar as perguntas da bruxa, nem a quantidade de informação que obtinha delas.

Charles se limitou a assentir com rigidez e disse:

—Sim — como se lhe estivessem arrancando as palavras.

Algo ia muito mal. Anna deu um passo para um lado e os restos do rifle produziram um ruído seco ao se chocar com o bordo de alumínio de sua raquete.

A bruxa murmurou uma palavra e a lançou contra Anna com um movimento de seus dedos, deixando-a completamente imóvel.

Charles emitiu um grunhido.

—Tranquilo, não lhe tenho feito mal — lhe disse a bruxa. — Não tenho intenção de me enfrentar ainda ao Marrok, de modo que não farei nada a seus lobos. Suponho que ela também o é, não? Isso explicaria por que pôde golpear com tal força a meu guardião. Me diga, qual acha que é a forma mais rápida de que Asil venha até aqui?

—Asil nunca sai de Aspen Creek — lhe disse Charles, sua voz áspera pela ira.

Anna guardou sua ira para si mesma; era muito melhor alternativa que o pânico. Seu lobo se revolveu assim que o chamou. Que a contivessem contra sua vontade era algo que detestava inclusive mais que Anna.

Anna não sabia quase nada de magia, nem sequer se a magia que conhecia era algo habitual em todas as Alcateias. Leo lhe havia dito que não precisava saber nada, e ela não tinha tido a coragem para voltar a perguntar-lhe. Não sabia o que podia fazer Charles, ou o que não podia fazer, mas estava bastante segura de que não estariam ali respondendo as perguntas da bruxa se Charles pudesse fazer algo para evitá-lo. Tinha medo de que sua ignorância e estupidez tivessem consequências para ambos.

Quando seu lobo lhe pediu para tomar o controle, Anna o permitiu. Se ela não podia fazer nada com sua metade humana no comando, talvez ao lobo fosse melhor.

Embora não começou a transformar-se, sua percepção do mundo mudou: as sombras se retiraram. Podia ver mais longe e com maior clareza, embora a beleza e intensidade das cores se esfumaçaram. O silêncio não era tão profundo como tinha acreditado. Havia pássaros nas árvores; podia ouvir o suave som de suas patinhas ao passar de um ramo a outro.

Embora o mais interessante que percebeu foi à rede luminosa que imobilizava Charles mediante pegajosos fios amarelos e verdes. Ao não poder baixar a cabeça, não pôde distinguir a rede que também envolvia a ela. Não obstante, a sensibilidade de sua pele lhe permitiu sentir os suaves filamentos como se tratasse de uma rede de fio dental.

Se somente tivesse estado ela em perigo, Anna estava convencida de que teria permanecido no mesmo lugar até a chegada da primavera. Seu lobo se submeteu submissamente a todas as surras e a todo o sexo não desejado, lhe proporcionando unicamente a força necessária para aguentá-lo e um lugar no que ocultar-se quando se fazia insuportável. Mas seu companheiro estava em perigo. Um rugido de ira começou a crescer sob seu diafragma, lhe dificultando a respiração, mas a prudência lhe disse que devia esperar o momento oportuno.

—Se morrer, a quem enviaria o Marrok? —perguntou a bruxa.

A ameaça velada propiciou em Anna um rugido que ficou amortecido pela resposta de Charles. Uma ira abrasadora pugnava contra o feitiço que a mantinha imóvel.

—Viria ele mesmo.

A bruxa franziu os lábios como se tentasse decidir se aquilo era o que realmente desejava.

Anna tinha os pés imobilizados, mas com o lobo ao comando pôde mover a mão apesar da agonia provocada pelo feitiço da bruxa. Agarrou o extremo da rede em forma de cabo que a rodeava corno se fosse uma vilã de um gibi do Spiderman. Enrolou-o várias vezes ao redor de sua mão e depois a passou à outra.

Não podia olhar durante muito tempo os múltiplos filamentos que a imobilizavam porque lhe deslumbravam os olhos e começava a lhe doer a cabeça, mas não tinha necessidade de fazê-lo: o cabo mágico da bruxa passava por cima de suas mãos, de modo que sabia onde estava.

Colocou a mão livre justo onde o cabo se alargava para formar a rede ao redor de seu corpo e estirou com ambas as mãos. Tinha esperado que se rompesse ou que ficasse como estava, como se fora um cabo de verdade, mas, em lugar disso, começou a apertar ainda mais, rodeando-a com mais força à medida que tentava desfazer-se dele, como se fosse elástico.

Se a bruxa tivesse olhado em sua direção, teria visto o que Anna estava fazendo. Mas a bruxa só tinha olhos para o Charles.

Dominante, pensou Anna com satisfação, era algo mais que uma simples fila na Alcateia. A presença de Charles exercia tal fascinação que, ao entrar em qualquer lugar, todo mundo lhe olhava. E a aquilo devia acrescentar o frágil aspecto de Anna e sua absoluta carência de domínio. Seria necessário um esforço monumental por parte da bruxa para fixar-se em Anna enquanto Charles estivesse presente. Um esforço que Mary Allen não estava fazendo.

Anna deixou de prestar atenção à sessão de perguntas e respostas relutantes. Todo seu ser estava centrado em seu trabalho. Inclusive as coisas elásticas terminavam por romper-se em algum ponto.

Anna ficou imóvel quando o cabo se dissolveu sozinho. A bruxa não pareceu dar-se conta de que já não mantinha a Anna sujeita.

E agora o que?

Concentrou-se na rede que rodeava ao Charles.

Tinha que ser muito rápida.

Os homens lobo são muito rápidos.

Equilibrou-se até situar-se entre ambos e agarrou os cabos mágicos com ambas as mãos. O feitiço que a bruxa usava com o Charles era muito mais potente. Quando tocou os cabos, sentiu uma quebra de onda de dor que lhe irradiou da pele até os ossos e que se assentou em sua mandíbula com um mal-estar intenso e agudo. Começou a cheirar a carne chamuscada, mas não havia tempo para avaliar os danos. Um violento puxão e o feitiço se desvaneceu.

Entretanto, Anna não se deteve. Recolheu o fuzil quebrado da neve e o lançou com todas suas forças. Golpeou à bruxa na cara com um ruído seco.

Colocou-se em posição de ataque, mas Charles a agarrou pelo braço e a empurrou para a afastar dele.

—Corre — lhe gritou. — Sai de sua linha de visão.

Capítulo 10

Anna não demorou nem segundo meio em descobrir que correr com raquetes de neve era um pesadelo. Tropeçou com as rochas, com os arbustos, golpeou-se duas vezes nos joelhos e só a mão de Charles sob seu cotovelo evitou que caísse rodando pela ladeira da montanha. Saltar por cima de árvores caídas era... Excitantemente difícil. Não obstante, Charles, ao não levar raquetes, afundava-se na neve até os joelhos, e cada vez mais a cada passo que dava, por isso se sentiu agradecida das levar postas.

Apesar de tudo, não avançavam precisamente devagar. Anna se surpreendeu ao descobrir o que o pânico podia fazer aumentar sua velocidade. Depois da primeira corrida pela ladeira abaixo que tinham demorado horas em escalar, perdeu a noção do tempo e do espaço. Manteve a vista cravada no casaco vermelho de Charles e não se separou dele. Quando reduziu finalmente o ritmo, achavam-se completamente sozinhos em metade do bosque.

Mesmo assim, não se detiveram. Charles continuou impondo um ritmo alto durante uma hora ou um pouco mais, mas escolheu o caminho com maior atenção, optando sempre pelas zonas onde a neve era menos profunda e a carência de raquetes, em seu caso, não lhes atrasasse.

Não havia dito uma palavra desde que lhe deu a ordem de fugir, embora Anna supusesse que era incapaz de fazê-lo: e não por culpa precisamente do feitiço.

Tinha os olhos de cor amarela brilhante e mostrava as presas. Devia existir uma boa razão para que continuasse em forma humana, embora resultasse evidente que lhe custava um grande esforço. O lobo de Anna havia tornado a retirar-se assim que se desvaneceu o pânico inicial da fuga, mas o de Charles estava a ponto de tomar o controle.

Anna tinha muitas perguntas que lhe fazer. Algumas eram preocupações imediatas como: Podia a bruxa correr tão rápido como eles? Podia usar sua magia para lhes localizar? Outras eram simples curiosidades: Como se deu conta de que era uma bruxa? Por que somente tinha podido ver a magia quando seu lobo se fez com o controle? Existia um modo mais singelo de romper o feitiço de uma bruxa? Uma hora depois, seguiam lhe ardendo e lhe doendo as mãos.

—Acredito... —disse Charles finalmente à medida que suas rápidas pernadas se transformavam em uma claudicação vacilante. Intumescidas as pernas de Anna agradeceram que se estivesse ficando sem forças— ...que Asil me deve umas quantas explicações.

—Acha que Asil a conhece? Por que lhe busca? —perguntou Anna.

Desde fazia tempo supunha que os homens lobo —além dela— ocupavam o elo superior da cadeia alimentícia, mas a derrota de Charles às mãos da bruxa lhe tinha obrigado a modificar certas presunções. Estava disposta a acreditar que *qualquer lobo* teria fugido daquela bruxa.

—Não sei se Asil a conhece. Nunca a vi por Aspen Creek, e devia ter uns dez anos quando ele se refugiou aqui. Mas se lhe está procurando, é possível que ele conheça o motivo.

Tudo aquilo o disse em uma rápida sucessão enquanto tentava controlar os fôlegos.

Anna se aproximou dele e confiou em que parte da paz que supostamente era capaz de conferir lhe ajudasse naquele momento. A respiração de Charles se normalizou muito antes que a sua perdesse o irregular bufo produzido pela corrida, embora recuperou a regularidade antes de que ele continuasse falando.

—Não deveria ter podido fazer *isso*. Fez-me beijar seus pés como se fosse um cachorrinho.

Sua voz se escureceu até ser um simples grunhido.

—Não deveria te haver controlado com sua magia? —perguntou Anna. — Acreditava que as bruxas podiam fazer esse tipo de coisas.

—Talvez a um humano. O único que deveria ter esse tipo de controle sobre eles é seu Alfa. — Charles grunhiu, apertou os punhos e disse com uma voz rouca muito pouco habitual nele: — E nem sequer meu pai pode obter essa reação de mim. Pode me deter, mas não pode *me obrigar* a fazer algo que não quero fazer.

Charles respirou profundamente.

—Talvez não seja culpa dela, a não ser minha. Não ouvi o aproximar do primeiro homem lobo. Estive pensando nisso e acredito que tínhamos o vento a favor. Teria que lhe haver ouvido, ou cheirado... E não teria que ter escapado tão facilmente.

A primeira reação de Anna foi tentar tranquilizá-lo, mas o pensou melhor. Ele sabia muito mais de magia que ela, por não falar de seguir uma pista. Em seu lugar, decidiu procurar explicações. Ao modo de tentativa atreveu-se a propor:

—Recebeu vários disparos faz um par de dias.

Charles meneou a cabeça.

—Não é isso. Estive ferido outras vezes e nunca me impediu de fazer o que tenho que fazer... E normalmente o fato de estar ferido me faz estar mais alerta, não menos.

—Acha que os homens lobo que perseguimos estão conectados de algum modo com a bruxa? —perguntou Anna. — Quer dizer, se controlou a você, possivelmente posso fazer o mesmo com eles. Talvez fizesse algo para que não pudesse detectar sua presença.

Charles encolheu os ombros, embora Anna se desse conta de que aquilo lhe preocupava. E algo lhe doía. Ao observá-lo de perto, compreendeu que não era somente a perna o que lhe inquietava. A fuga teria que lhe haver afetado também a ferida do peito.

—Necessita novas bandagens? —perguntou-lhe.

—Talvez — disse ele. — Te deixaria comprová-lo, mas não temos nada para poder remediá-lo. No carro de meu pai há um estojo de primeiro socorros muito completo, e é ali aonde nos dirigimos.

Anna estava a uns dois passos atrás dele, de modo que Charles não pôde ver a surpresa desenhada em seu rosto. Os lobos dominantes não estavam acostumados a retirar-se tão facilmente.

—Não vais segui-la?

—Já me caçou uma vez —disse ele. —E ainda não sei como. Em circunstâncias normais, minha magia me teria permitido me desfazer de seu feitiço de contenção. É um feitiço muito comum. Três bruxas distintas o provaram comigo. Embora não sei

como o fez, não vale a pena tentar enfrentar a ela e nos arriscar a que nos derrote antes de alertar a papai. Os dois lobos não me preocupam tanto como ela. Papai tem que saber o que está ocorrendo; e talvez Asil possa colocar um pouco de luz sobre quem é essa bruxa e quais são suas intenções.

Embora a Anna preocupasse algo, demorou uns dez metros em precisá-lo.

—Por que aqui? Quero dizer, sei que está procurando o Asil, e parece ser que tem informação que o situa em Aspen Creek. Fixou-te em seu entusiasmo quando lhe confirmou que estava aqui? Até então não estava segura. Portanto, o que está fazendo aqui em lugar de em Aspen Creek?

—Pondo a ceva — disse ele com semblante severo. —Meu pai tinha razão, embora se equivocasse de objetivo e de motivação. Quão único devia fazer era matar a umas quantas pessoas e que parecesse obra de um homem lobo. O Marrok se encarregaria de enviar a alguém para investigá-lo, e então poderia capturá-lo e interrogá-lo. Muito mais seguro que aproximar-se de Aspen Creek e enfrentar a meu pai.

—Acha que os dois lobos são deles?

Já lhe tinha perguntado antes o mesmo... Mas era algo que a inquietava. Tinha estabelecido certa conexão com o primeiro deles, que tinha açoitado Charles. Não gostava que estivesse aliado com uma bruxa.

Como a primeira vez que o perguntou, Charles encolheu os ombros, fez um gesto de dor e emitiu um grunhido surdo.

—Não sei mais que você. —Avançou com dificuldade alguns passos. —É provável. O lobo que te atacou o era quase com toda segurança. Ao ser uma Omega, um lobo normal a teria atacado a ela em primeiro lugar.

Deteve-se bruscamente e ficou imóvel.

—Fugimos na mesma direção que o lobo que te atacou.

Anna teve que pensar um instante. Tinha razão.

—Havia um atalho entre os arbustos.

—Viu algum rastro? Sangue? Golpeou-lhe no ombro com o rifle e estava sangrando muito.

—Eu... —fixou-se naquilo? Repassou atentamente sua fuga, quando Charles a tinha obrigado a avançar. — Havia sangue na neve, no lugar onde o golpeei, e o rastro continuava entre as árvores. Mas assim que deixamos atrás a clareira, avançamos sobre neve virgem. Ela deve ter tomado outra rota.

Charles deu meia volta para olhá-la. As comissuras de seus lábios estavam tensas pela dor, e pelo tom cinzento de sua pele, Anna compreendeu que se encontrava em pior estado de que estava disposto a reconhecer.

—Ela? —disse ele brandamente.

—Sim. Vi-a de perto, de um modo muito pessoal. Confia em mim.

—Ela — repetiu — Isso Charles faz as coisas ainda mais interessantes. Sua pelagem tinha uma cor muito pouco habitual.

—Não. —Anna franziu o cenho. —Parecia um pastor alemão.

—Habitual para um pastor alemão — reconheceu ele. — Mas nunca tinha visto um homem lobo assim. Embora tenha ouvido falar dela.

—Quem?

—A companheira de Asil.

—Não se supõe que a companheira de Asil está morta? —disse Anna. —Acha que em realidade está viva e trabalha para uma bruxa? Por isso procuram o Asil?

—Asil disse a meu pai que estava morta e que ele mesmo queimou o corpo e pulverizou as cinzas. —E quase como se lhe tivesse ocorrido no último instante, acrescentou: —Ninguém pode mentir a meu pai. Nem sequer Asil. Embora isso faça muito interessante a inexistência de um rastro.

—A que te refere? Não era um fantasma. A culatra do rifle golpeou contra *algo*. Se a companheira de Asil está morta, a semelhança tem que ser casual.

Charles negou com a cabeça.

—Não sei o que era, mas não acredito nas coincidências. —E recomeçou a marcha.

—Acreditava que quase todas as bruxas eram humanas —disse ela após refletir durante um momento.

—Assim é.

—Então não são imortais. Disse-me que a companheira de Asil morreu faz séculos. E esta bruxa não é muito mais velha que eu. Acha que talvez o lobo esteja no comando?

—Não sei —disse Charles, sujeitando um ramo para que não golpeasse a Anna. — É uma boa pergunta.

Voltou a ficar em silêncio enquanto a conduzia por outra ladeira. As montanhas pareciam muito simples vistas de longe: uma larga caminhada de ascensão e outra de baixada pelo outro lado. Mas, na prática, requeriam uma série de escaladas e descidas que pareciam estender-se interminavelmente, mas que em realidade não levavam a nenhuma parte.

Deviam ter se deslocado mais do que supunha porque estava começando a anoitecer. Começou a tremer.

—Charles?

—Mmm?

—Acredito que tenho as meias três-quartos molhadas. Não sinto a ponta dos dedos. — Charles não disse nada, e Anna temeu que pensasse que se estava queixando. —Não passa nada. Ainda posso seguir um pouco mais. Quando chegaremos ao carro?

—Esta noite não —disse ele. —Sobretudo se tiver os dedos intumescidos. Deixa que encontre um lugar onde possamos nos refugiar. Esta noite haverá tormenta.

Anna tremeu com maior intensidade ante aquela ideia. Ao final de um calafrio particularmente largo, começaram-lhe a tocar castanholas os dentes.

Charles posou uma mão sobre seu ombro.

—Uma tormenta irá bem. Quando golpeou ao lobo ouvi o som de ossos partindo-se. Se não for algum tipo de fantasma, lhe custará um pouco voltar a estar em forma. Uma boa nevada e vento forte lhe impedirá de seguir nossa pista.

Charles viu algo no cume de uma ladeira, e, antes de alcançar um pequeno planalto rodeado de árvores cansadas, Anna teve a sensação de que a ascensão se fazia eterna.

—Provavelmente fico assim depois de uma tormenta da primavera — lhe disse ele.

— Às vezes ocorre.

Anna estava muito cansada para fazer outra coisa além de assentir enquanto ele avançava entre as árvores até encontrar o que procurava: uma árvore enorme apoiada em outra e ambas escoradas sobre um montículo de terra que formava uma cova coberta por uma pouco acolhedora capa de neve.

—Não temos comida — disse Charles lugubrememente. —E a necessita para combater o frio.

—Posso caçar — se ofereceu Anna.

Charles não podia, já que tinha estado coxeando visivelmente fazia um momento. Estava tão cansada que poderia haver ficado adormecida de pé, e tinha muito frio. Mas, mesmo assim, estava em melhores condições que ele.

Charles negou com a cabeça.

—Estaria louco se deixasse que saísse por estas paragens com uma tormenta aproximando-se, por não mencionar à bruxa e aos dois homens lobo.

Charles levantou o queixo e farejou o ar.

—Falando do diabo —disse brandamente.

Anna também farejou, mas não percebeu nada. Só árvores, inverno e lobo. Voltou a tentá-lo.

—Será melhor que saia — grunhiu Charles com a vista cravada na escuridão mais à frente do planalto. —Sei que está aí.

Anna deu a volta, mas não viu nada fora do normal. Então ouviu o som de umas botas na neve e olhou com mais parada. Um homem avançava pelo bosque a uns dez metros ladeira abaixo. Se não tivesse estado em movimento, provavelmente não lhe teria visto.

O primeiro que lhe chamou a atenção foi o cabelo. Não levava chapéu, e a cor de seu cabelo era uma estranha mescla entre o vermelho e o dourado; pendurava-lhe em irregulares matagais pelas costas e se unia a uma barba que poderia ter competido com a de Hill ou Gibbons dos ZZ Top.

Vestia uma estranha combinação de peles de animais e farrapos, além de umas botas e umas luvas novas. Em uma mão sustentava o fardo que Anna tinha confeccionado com as coisas que não cabiam na mochila de Charles, e sua mochila rosa brilhante lhe pendurava de um ombro.

Lançou ambas as coisas em direção a Charles e estas aterrissaram a meio caminho entre ambos.

—Suas coisas — lhe disse com uma voz rouca e sobressaltada, com um forte acento do Tennessee ou Kentucky. — Vi como te dominava com sua besta, o que te converte em seu inimigo. Então recordei a entrevista: «o inimigo de meu inimigo é meu amigo», e pensei que devia te trazer suas coisas. E que depois podíamos falar.

Não tinha sido o aroma o que disse ao Charles que alguém lhes seguia, a não ser uma série de pequenos detalhes: um pássaro elevando o voo, o rastro de um som e a sensação de que estavam sendo observados.

Assim que o estranho saiu de entre as árvores, Charles pôde cheirá-lo como teria que havê-lo feito desde fazia momento, pois o vento soprava a seu favor. Homem lobo.

Apesar de trazer com ele uma oferenda de paz e a mostrar sua intenção de parlamentar, sua linguagem corporal disse ao Charles que estava disposto a sair fugindo.

Fazendo um esforço por não lhe olhar diretamente nem fazer nenhum movimento que pudesse lhe incomodar, Charles se separou de Anna e desceu pela ladeira para recolher a mochila e o tecido isolante, o qual supôs continha tudo o que tinha estado em sua mochila. Sem dizer uma palavra, deu as costas ao estranho e retornou sobre seus passos.

Embora tivesse a precaução de não perder de vista os olhos de Anna para perceber qualquer sinal de ataque por parte do estranho. Continuando, limpou a neve acumulada sobre o toco de uma árvore e se sentou nele. Descobriu que o homem lhe tinha seguido até o lugar onde tinham aterrissado os vultos, embora não passou dali.

— Acredito que é boa ideia que falemos — disse Charles. — Você gostaria de comer conosco?

Cruzou o olhar com o homem e tentou lhe transmitir o peso do convite apesar de tratar-se quase de uma ordem.

O homem trocou o peso de seu corpo de um pé ao outro, como se preparasse para sair correndo.

— Cheira igual a esse demônio lobo — lhe disse com aspereza. E então dirigiu a Anna um tímido olhar. — Essa coisa esteve matando sem parar por aqui acima. Cervos, alces, humanos, inclusive um urso pardo.

Disse-o como se a morte que mais sentisse fosse a do urso pardo.

— Sei — disse Charles. — Me enviaram para que me encarregasse do lobo.

O homem baixou o olhar como se não pudesse suportar nem um segundo mais os olhos de Charles.

— O problema é... O problema é... Que também me apanhou. Infectou-me com seu mau.

Deu um passo atrás, cauteloso como um velho veado.

— Quanto tempo faz que é um homem lobo? — perguntou-lhe Anna. — Eu sou há três anos.

O homem levantou a cabeça para ouvir a voz de Anna, como se tratasse de música. E durante um instante sua agitação se desvaneceu.

— Dois meses — conjecturou Charles quando compreendeu que o estranho estava muito dominado pelo feitiço de Anna para poder articular palavra.

Entendia aquela sensação. A súbita paz que seguia à calma do Irmão Lobo resultava tão alarmante como aditiva. Se ele não a houvesse sentido já em sua própria carne, é provável que ele também ficasse mudo.

— Se interpôs entre o homem lobo e o estudante este outono. Como se interpôs entre nós quando achou que eu ia lhe machucar.

Encaixava, pensou Charles, embora acrescentasse certas complicações à pergunta de quem era o outro homem lobo. Apesar de que somente um homem lobo podia infectar a um humano, estava seguro de que o rastro da besta se detinha justo no ponto em que deixava de ser visível.

A voz de Charles fez que o homem apartasse os olhos de Anna. Sabia perfeitamente quem dos dois era o mais perigoso.

— Ia deixar morrer. O estudante, eu quero dizer — disse o outro homem, confirmando a Charles sua teoria. — Se aproximava uma tormenta, e provavelmente lhe teria matado por ter seguido no bosque. Estas montanhas exigem respeito. Se não o mostra, comem-lhe para o jantar. — Fez uma pausa. — Se aproxima outra tormenta.

— Então por que não deixou que o matasse o homem lobo? — perguntou Anna.

— Bom, senhora — disse o homem com os olhos cravados em seus próprios pés para não ter que olhá-la. — Morrer por uma tormenta, ou às mãos de um urso, são coisas que ocorrem.

Deteve-se. Era evidente que lhe custava expressar com palavras àquela diferença.

— Mas o homem lobo não pertencia a este lugar — disse Charles com a ligeira suspeita de por que aquele lobo era tão difícil de rastrear e por que não tinha captado nenhum sinal de seu ataque. Pelas roupas que levava, parecia que vivia naquele lugar desde fazia muito tempo.

— É maligno. E me converteu no mesmo monstro que ele é — murmurou o homem.

Se Charles tivesse sido um décimo de segundo mais rápido, poderia ter contido Anna. Mas estava cansado, e concentrado no outro lobo. Antes de dar-se conta, Anna já estava deslizando-se pela montanha. Fê-lo muito rápido, e a uns quatros passos do recém-chegado as raquetes fizeram às vezes de uns excelentes esquis.

Charles se obrigou a permanecer imóvel enquanto o outro homem agarrava a sua companheira pelo ombro para evitar que despencasse pela ladeira da montanha. Estava virtualmente seguro de que aquele homem não representava nenhum perigo para ela. Charles conseguiu convencer ao Irmão Lobo para que seguisse oculto e dar a oportunidade a Anna de que utilizasse sua magia e domasse ao lobo solitário; depois de tudo, era para aquilo que a tinha enviado seu pai.

— OH, mas *você* não é maligno. — lhe disse Anna.

O homem ficou petrificado com a mão ainda apoiada sobre a manga de Anna. Então as palavras brotaram dele em uma corrente incontrolável:

— Conheço o rosto do mal. Combati sob seu manto e contra ele até que o sangue emanou como a chuva. Ainda vejo suas caras e ouço seus alaridos, como se estivesse acontecendo agora e não quarenta anos atrás.

Apesar de tudo, a tensão de sua voz foi diminuindo à medida que falava.

Então soltou a Anna e lhe perguntou:

— Quem é? — ficou de joelhos junto a ela, como se suas pernas não pudessem sustentá-lo por mais tempo. — Quem é?

O estranho se moveu muito rápido, e o Irmão Lobo não pôde conter-se mais. Com a rapidez do raio, e completamente indiferente a suas feridas, Charles se situou junto à Anna. Conseguiu manter as mãos afastadas do lobo solitário somente porque ao chegar junto à Anna, os efeitos de sua magia também afetaram a ele.

— É uma domadora de lobos — lhe disse Charles ao outro homem. Nem sequer Anna pôde evitar que sua voz se tingisse de uma ira possessiva. — Uma pacificadora.

— Anna Cornick — disse Anna.

A Charles gostou o modo em que suas palavras tropeçavam com sua língua, e o aroma de verdade que continham. Pertencia-lhe, e com aquela simples evidencia, o

Irmão Lobo recuperou, satisfeito, o equilíbrio. De modo que não lhe agarrou a mão quando Anna a estendeu para tocar ao estranho no ombro enquanto lhe dizia:

—Ele é meu companheiro. Chama-se Charles. Como se chama você?

—Walter. Walter Frise. —Ignorando Charles como se este não representasse nenhuma ameaça, Walter fechou os olhos e se balançou ligeiramente sobre os joelhos. Tinha-os cravados na neve. —Não me sentia assim desde... Desde antes da guerra, acredito. Poderia ficar adormecido. Acredito que poderia dormir eternamente sem ter nem um só sonho mais.

Charles alargou a mão.

—Por que não come antes algo conosco?

Walter duvidou uns instantes e olhou atentamente a Anna uma vez mais antes de aceitar a mão enluvada de Charles e ficar em pé.

O homem que dizia ser Walter comeu como se estivesse faminto; talvez o estivesse. De vez em quando, não obstante, deixava de comer para olhar sobressaltado para Anna.

Sentado entre ambos, Charles conteve um sorriso, algo que ultimamente estava fazendo com maior assiduidade do que o tinha feito, nunca antes de conhecer a Anna. Contemplar como se encolhia ante o olhar reverente de Walter resultava muito divertido. Charles confiava em que ele não a olhasse daquele modo, sobretudo em público.

—Não é algo que faça conscientemente — murmurou ela sem levantar a vista do guisado com cenouras. — Não pedi ser uma Omega. É como ter o cabelo preto.

Anna se equivocava, mas Charles pensou que já se sentia o suficientemente envergonhada para discutir com ela de algo sobre o que não estava muito seguro de ter o direito de ouvir. Ou, ao menos, não era toda a verdade. Como ocorria com os dominantes, ser uma Omega dependia fundamentalmente da personalidade. E, como gostava de recordar a seu pai, a identidade era em parte herança, em parte educação, mas, sobretudo dependia das decisões que tomava na vida.

Anna contribuía com paz e serenidade em qualquer lugar a que fosse sempre e quando não estivesse assustada, ferida ou irritada. Parte de seu poder dependia do fato de ser uma mulher lobo, o que elevava o efeito de sua magia. Mas a parte mais importante era sua firmeza de aço, o que lhe permitia sair graciosa de qualquer situação em que se encontrasse, a compaixão que tinha mostrado a Asil quando este tentou assustá-la e o modo em que não pôde deixar ao pobre Walter desamparado com aquele frio. Aquelas tinham sido decisões conscientes.

Um homem se convertia em Alfa, não era um simples acidente de nascimento. O mesmo ocorria com os Omegas.

—Em uma ocasião —disse Walter com calma, deixando de comer, —depois de uma semana muito má, passei uma tarde sobre uma árvore, observando um povoado. Já não recorro se devíamos protegê-los ou lhes estávamos atacando. Uma garota se aproximou para estender sua roupa sob a árvore. Teria uns dezoito ou dezenove anos e era muito magra. —Seus olhos viajaram de Anna ao Charles e de volta a sua comida.

Sim, pensou Charles, sei que ainda está muito magra, mas somente tive uma semana para alimentá-la.

—De igual modo — continuou o velho veterano, — ao olhar àquela garota, dava-me conta de que era como presenciar algo mágico. Os objetos saíam da cesta feito uns fardos, ela as sacudia uma só vez e ficavam perfeitamente prontas para ser penduradas. Tinha pulsos muito magros, mas fortes, e uns dedos ágeis. Aquelas camisas não ousavam lhe desobedecer. Quando partiu, estive a ponto de chamar a sua porta, para lhe dizer obrigado. Ajudou-me a recordar que existia um mundo de tarefas cotidianas, onde se lavava a roupa e tudo tinha uma ordem.

Voltou a olhar a Anna.

—Certamente teria se aterrorizado ao ver um sujo soldado americano em sua porta, e além tampouco teria entendido por que lhe agradecia, inclusive se entendesse inglês. Somente fazia o que estava acostumada a fazer. —Fez uma pausa. —Embora tivesse que haver agradecido de todos os modos. Aquilo me meteu em alguns problemas.

Depois daquilo, ficaram uns minutos em silêncio. Charles não sabia se Anna tinha entendido a história, mas ele sim o tinha feito. Anna era como aquela garota. Recordava-lhe os invernos frente ao fogo enquanto seu pai tocava o violino. Os tempos em que todo mundo era feliz e contente, quando o mundo era um lugar seguro e ordenado. Não é que isso ocorresse muito frequentemente, mas era importante recordar que existia essa possibilidade.

—De modo que — disse Charles enquanto Walter devorava o terceiro sobre de comida liofilizada— vive nestas montanhas a muito tempo.

Walter contemplou Charles com perspicácia enquanto sujeitava a colher a metade de caminho de sua boca. Então soprou e sacudiu a cabeça.

—Isso já não tem muita importância, não acha? Notícias caducas.

Comeu outra colherada, tragou e continuou:

—Quando retornei da guerra, tudo foi bem por um tempo. Tive meus maus momentos, claro, mas nada do outro mundo. Até que piorou. —Começou a dizer algo, mas se deteve para comer outra colherada. —Suponho que essa parte tem ainda menos importância agora. Enfim, comecei a reviver a guerra, como se estivesse ainda nela. Podia ouvi-la, saboreá-la, cheirá-la, e então descobria que era simplesmente um carro com o escapamento quebrado ou um vizinho cortando lenha. Coisas assim. Parti antes de fazer mais dano a minha família do que já lhes tinha feito. Então, certo dia, um inimigo me atacou pelas costas. Foi pelo uniforme, sabem? Fiz-lhe mal, talvez lhe matei...

A última frase soltou após engasgar-se, era mentira.

Walter baixou o olhar, soprou e girou a cabeça para encontrar-se com os olhos de Charles. Quando voltou a falar, sua voz era fria e controlada, a voz de um homem que tem feito coisas horríveis... Como Charles.

—Matei-lhe. Quando já estava morto, vi que não era um soldado Vietcong a não ser o carteiro. Foi então quando compreendi que ninguém ao meu redor estava a salvo. Pensei em me entregar, mas a delegacia de polícia... Bom, os polis também levam uniformes, não é certo? A estação de ônibus estava justo ao lado da delegacia de polícia e acabei subindo a um que se dirigia a Montana. Tinha estado aqui uma ou

duas vezes, acampando com a família, de modo que sabia que aqui estaria afastado de gente. Aqui não há ninguém a quem fazer mal.

—Não saiu das montanhas em todos estes anos?

Anna apoiou a cabeça em sua mão, e Charles se deu conta de que tinha duas unhas quebradas. Procurou a seu redor até encontrar suas luvas.

Walter assentiu.

—Asseguro-lhes que me dá muito bem a caça. Apesar de não ter fuzil... Bom, a metade das vezes os fuzis não servem de nada na selva.

Extraiu de algum lugar uma faca quase tão larga como seu antebraço e a contemplou atentamente. Charles tentou imaginar de onde teria saído aquilo. Não havia tanta gente que pudesse mover-se com sua rapidez, fossem ou não homens lobo.

Walter olhou para Anna de soslaio e depois seguiu contemplando a faca, mas Charles soube que tinha lido a compaixão no rosto de Anna, já que tentou rebaixar o mérito de sua sobrevivência.

—Não foi tão horrível, de verdade, senhora. Os invernos são muito duros, mas há uma velha cabana em que me refugio de vez em quando, quando as condições são extremas.

Walter não era o primeiro em fugir às montanhas, pensou Charles. Em alguns lugares, vinte anos atrás, comunidades inteiras de homens transtornados se refugiaram nos bosques. A maior parte daqueles soldados se curou e partiu fazia anos, mas muitos outros morreram.

Antes de começar aquela viagem, não lhe tivesse passado pela cabeça a ideia de que ainda ficasse alguém: as Cabinets não eram um lugar muito agradável para viver. Charles nunca tinha passado por ali sem sentir que aquele lugar tão antigo queria desfazer-se dele. Não era adequado para o homem, nem sequer para um que convivía com o Irmão Lobo. Inclusive, anos atrás, os trapaceiros e caçadores evitavam aquela zona, preferindo naturezas menos agressivas.

Embora um homem que fizesse trinta anos que vivia ali podia ter deixado de ser um intruso. Pode ser que tivesse sido aceito como parte da montanha.

Charles contemplou o céu noturno enquanto pensava que um homem que tivesse vivido tanto tempo naquele lugar poderia haver-se convertido em um aliado dos espíritos. Uns espíritos que podiam ocultar-se inclusive dos penetrantes sentidos de Charles.

Walter limpou a colher na neve e a devolveu para Charles.

—Obrigado. Não comia assim desde... Faz muito tempo.

Então, como tivesse ficado sem palavras, fechou os olhos e se apoiou na árvore mais próxima.

—O que sabe do homem lobo que te atacou? —perguntou-lhe Charles.

Walter se encolheu de ombros sem abrir os olhos.

—Chegaram no outono em uma SUV e se instalaram em uma cabana. Depois de que me transformei... Saí de caça. Oxalá o tivesse visto antes que se topasse com aquele guri. Se aquele dia tivesse sido um pouco mais rápido, teria acabado com ele. Se tivesse sido um pouco mais lento, me teria matado ele. Me alegro de que a prata não lhes sente muito bem aos homens lobo.

Walter deixou escapar um comprido suspiro, abriu os olhos e voltou a extrair a comprida faca de sua capa sob o braço. Naquela ocasião Charles viu como o fazia, embora agora que o pensava, não tinha visto como a guardava.

—Agora esta velha faca me abrasa a mão quando a limpo. — contemplou as mãos, ou possivelmente a faca. —Imaginei que estava morto. Esta folha fez muito dano a esse demônio... Tem gravuras de prata, vê? Mas o monstro me fatiou as tripas antes de fugir.

—Se o ataque de um homem lobo quase te mata, então se converte em um — disse Anna em voz baixa.

Ainda se arrependia disso? Charles se sentiu invadido pelo desejo selvagem de voltar a matar a todos. A Leo e a sua companheira, a toda a Alcateia de Chicago... Mas ao mesmo tempo se sentia pateticamente agradecido porque sua companheira fosse uma mulher lobo que não se murcharia nem morreria como o tinham feito todas as companheiras de Samuel.

O Irmão Lobo se agitou e voltou a acalmar-se, do mesmo modo que tinha feito Walter.

—Então, o lobo que te atacou não retornou depois da transformação? —perguntou Charles.

Normalmente, quando um homem lobo transforma a alguém, sente-se atraído pelo novo lobo durante um tempo. Conforme tinha teoria de Samuel em uma ocasião, algum tipo de imperativo genético se assegurava que um homem lobo descontrolado e sem instrução não chamasse a atenção mais do que necessário.

Walter negou com a cabeça.

—Como hei dito, fui eu quem seguiu o rastro dela, até a primeira lua cheia, tanto a ela como à outra mulher. Por certo, o que é essa mulher? Por todos os diabos, sei que não é humana... Sinto muito, senhora. A primeira vez que me transformei, tentou me atrair. Não sabia o que era somente que cheirava muito mal... Como a besta. Ao princípio acreditei que ela e a besta eram a mesma criatura, mas então as vi juntas.

Uma hora antes tinha começado a nevar brandamente, mas agora os flocos aumentaram de tamanho e começaram a acumular-se nas pestanas e o cabelo. Notou como a tensão se desvanecia ainda mais: a neve os manteria ocultos.

—Viu alguma vez ao lobo em sua forma humana?

Charles não sabia que aspecto tinha tido a companheira de Asil em forma humana, mas uma descrição poderia lhe ser útil.

Walter negou com a cabeça.

—Não. Talvez não tenha.

—Talvez não.

Charles ignorava por que estava tão seguro de que o outro homem lobo não era o que aparentava ser. Haviam estando fugindo; entrava dentro de quão possível tivessem perdido seu rastro. Embora quando seus instintos insistiam tanto, estava acostumado a lhes fazer caso.

Voltou a centrar sua atenção em Walter. Dois meses e já tinha o controle necessário para deter um ataque assim que compreendeu que Anna era uma mulher lobo e não uma vítima. Muito mais controle que o que tinham a maioria de homens lobo.

—Seu controle está muito desenvolvido para alguém que faz tão pouco que se transformou, sobretudo para alguém que não teve ajuda — observou Charles.

Walter lhe dirigiu um olhar funesto e depois se encolheu de ombros.

—Estive controlando a minha besta interior desde que acabou a guerra. A única diferença é que agora têm presas e garras. Tenho que ser prudente, como quando te segui o rastro. Quando o lobo toma o controle, desfruto com o sabor do sangue. Se tivesse mordido carne em lugar de sua mochila... Bom, não pensaria o mesmo de meu controle. — Voltou a olhar a Anna, como se temesse o que ela podia pensar dele.

Anna olhou ao Charles com inquietação. Estava preocupada com o Walter?

A ideia de que pudesse proteger a outro macho formou um grunhido no peito que, entretanto, não permitiu que se refletisse em seu rosto. Esperou a que o Irmão Lobo se acalmasse para dizer:

—Para alguém que faz somente duas luas que é um lobo e que não dispôs de ajuda é *extraordinário*.

Olhou diretamente ao Walter, e o outro homem lobo baixou os olhos. Era dominante, julgou Charles, mas não o suficiente para desafiar ao Charles; quase nenhum lobo o era.

—Acreditava que Anna estava em perigo, verdade? —disse brandamente.

O homem magro encolheu os ombros, fazendo que sua costurada capa de peles costurada por ele mesmo rangesse com o movimento.

—Não sabia que ela também era um lobo. Não soube até que me coloquei no meio.

—Mas sabia que eu o era.

O homem assentiu com a cabeça.

—Sim. É o aroma, chama-me. — Voltou a encolher-se de ombros. —Faz muito tempo que vivo sozinho, mas cada vez é mais difícil.

—Os lobos necessitam uma Alcateia — lhe disse Charles.

Nunca lhe tinha inquietado o fato de necessitar a presença de outros lobos, embora alguns nunca se adaptassem.

—Se quiser — disse a Walter, — pode vir conosco.

O homem ficou imóvel, com os olhos cravados ainda em seus pés, mas o resto de seu corpo centrado em Charles.

—Não me dou muito bem com gente, nem os ruídos —disse Walter. —Em troca... Aqui não tem muita importância se esqueço de que é um bosque em lugar da selva.

—OH, encaixaria a perfeição — disse Anna friamente.

Walter levantou a cabeça com um movimento brusco para olhá-la. Quando esta lhe devolveu um olhar de afeto, Charles viu que as orelhas do Walter se avermelhavam.

—Na Alcateia do pai de Charles há muita gente que não encaixa — lhe disse ela.

—A Alcateia de meu pai é um lugar seguro — disse Charles. — Ele se encarrega de que o seja. Mas Anna tem razão, há uns quantos lobos que não poderiam viver em outra parte. Se mais tarde quer te transladar a outra Alcateia, ele se encarregará de te buscar um lugar acolhedor. Se não puder suportá-lo, sempre pode voltar para as montanhas... Assim que nos tenhamos ocupado da bruxa e de seu homem lobo.

Walter voltou a olhar para cima e a apartar o olhar.

—Bruxa?

—Bem-vindo a nosso mundo — disse Anna com um suspiro. — Bruxas, homens lobo e coisas que fazem ruído de noite.

—O que vão fazer com ela?

—A bruxa nos disse que procurava o Asil, um lobo muito velho que pertence a meu pai. De modo que pretendemos descer das montanhas e ter uma longa conversa com o Asil — disse Charles.

—E enquanto isso? — Walter esfregou os dedos contra o antebraço, onde sua faca descansava em sua capa.

—Tem que vir conosco e conhecer meu pai — disse Charles. —Se não o fizer, me enviará para que te leve ante ele, embora seja contra sua vontade.

—Acha que pode me obrigar a formar parte da Alcateia de seu pai?

A voz do homem soou rouca e mortífera.

—Oh, bom intento — disse Anna bruscamente, obviamente molesta com Charles, embora este não sabia exatamente por que.

Seu pai não toleraria a presença de um lobo solitário tão perto de sua Alcateia, e não consideraria Walter um lobo solitário até conhecê-lo pessoalmente.

Não obstante, Anna havia tornado a fixar sua atenção em Walter.

—O que quer fazer? Ficar aqui sozinho? Ou nos acompanhar para pedir ajuda e retornar para enfrentar ao lobo solitário e à bruxa?

Charles arqueou uma sobrancelha e Anna lhe devolveu o gesto.

—Esse lobo que lhe atacou. Para nós é uma missão da Alcateia, mas para ele é algo pessoal. —E voltou a olhar para Walter. — Não é assim?

—O mal tem que ser destruído — disse Walter. — Se não o fizermos, conquistará tudo o que toque.

Anna assentiu, como se suas palavras tivessem sentido.

—Exato.

Charles decidiu que aquela noite dormiriam como lobos e Anna não fez nenhuma objeção, apesar de que seu estômago se esticou com somente pensá-lo.

Foi-se acostumando a dormir com Charles, mas o outro lobo a punha nervosa apesar do trato diferente que lhe dispensava. Entretanto, assim que o sol desapareceu, a temperatura abaixou outros dez graus. Com somente um saco de dormir, soube que Charles tinha razão: não havia alternativa.

Anna se transformou a uns duzentos metros dos dois homens, tremendo ao sentir os pés descalços sobre a neve. Transladou-se ali após tentá-lo primeiro sobre o chão espaçoso de neve sob um grande abeto. A pessoa que lhes pôs o nome de agulhas sabia do que estava falando.

O frio incrementou a dor da transformação, e Anna começou a ver estrelas em seu campo visual. Tentou respirar pausadamente. As lágrimas lhe alagaram as bochechas à medida que as articulações e ossos se reajustavam, os músculos se adaptavam a suas novas proporções e a pele se convertia em pelo.

Demorou muito, muito tempo.

Quando terminou, ficou estendida sobre a neve cristalizada, ofegante, muito cansada para mover-se. Até o frio, descobriu, tinha seu próprio aroma.

Gradualmente, à medida que a dor ia remetendo, descobriu que, pela primeira vez desde a última noite, quando Charles se aninhou junto a ela e a envolveu com seus braços, sentia-se protegida do frio. À medida que a agonia inicial se convertia em uma série de moléstias e pequenas dores, se espreguiçou e estendeu as unhas como se fosse um enorme gato. As costas lhe rangeram e estalaram em toda sua extensão.

Não queria retornar e aninhar-se com um estranho a poucos metros dela. O lobo não tinha medo do macho, pois sabia que não era provável que atuasse como os outros. Mas tampouco gostava da ideia de tocar a outro que não fosse Charles.

Perto mas fora de seu campo visual, um lobo, Charles, emitiu um som suave, algo entre um latido e um uivo. Tremendo como um potro, ficou de quatro patas com dificuldade. Deteve-se para sacudir a pelagem de neve e dar um pouco de tempo para acostumar-se a caminhar a quatro patas antes de retornar com sua roupa entre os dentes. Charles trotou até ela, colheu com a boca suas botas, dentro das quais tinha guardado as luvas, e a escoltou até o leito que compartilhariam aquela noite.

Walter lhes esperava justo no limite do refúgio que Charles tinha escolhido. Assim que seus olhos posaram nele, Anna compreendeu que não era a única a quem não o fazia muita graça dormir com o focinho pego ao rabo de um estranho. Walter tinha um aspecto lamentável, curvado e com o rabo entre as pernas.

Charles indicou a Walter com um movimento de sua orelha que se tombasse no refúgio que tinha encontrado para eles. Walter lhe fez caso e chegou o turno de Anna. Charles a empurrou para que seguisse o exemplo do Walter, deixou as botas onde não se enchessem de neve e se tombou frente a eles, de onde poderia protegê-los. Apesar de que Walter se colocou o mais perto possível das árvores, não ficava muito espaço.

Quando Anna se acomodou a seu lado, Walter se removeu inquieto. Pobrezinho, pensou ela. Tanto tempo só e agora devia ajustar-se rapidamente ao comportamento típico de uma Alcateia. Seu sofrimento exerceu um estranho efeito no mal-estar de Anna. Preocupada com ele, alargou o pescoço e enterrou o focinho sob a pelagem de Charles. Tentou relaxar-se, confiando em ajudar ao Charles a fazer o mesmo.

Aquilo era uma Alcateia, pensou, à medida que o calor dos dois lobos se estendia por seu corpo. Confiar que Charles vigiasse com seus sentidos mais desenvolvidos. Saber que os dois lobos tinham demonstrado estar dispostos a defendê-la de qualquer perigo. Saber que podia dormir segura. Aquilo era muito mais do que lhe tinha devotado sua primeira Alcateia.

Passou muito tempo até que Walter deixou de parecer uma estátua de pedra e se relaxou próximo a seu corpo. Não obstante, não permitiu que o sono a vencesse até notar seu focinho sob seu quadril.

Capítulo 11

A dor manteve ao Charles acordado enquanto sua companheira e o lobo solitário dormiam. Tanto a perna como o peito lhe deixaram claro que se havia ultrapassado. Se não se andasse com cuidado, não iria conseguir descer das montanhas. Entretanto, o que lhe manteve alerta enquanto a tormenta de neve rugia a sua redor era a lembrança da bruxa.

Nunca se havia sentido daquele modo: capas e capas de obediência lhe cobrindo de um modo impossível até que não ficou outro remédio que responder a suas perguntas. Embora fosse muito dominante incluso para seu pai, tinham-lhe contado como era a sensação. As descrições ficavam curtas. Se não tivesse estado convencido de quão necessário resultava o meticuloso controle dos dominantes por parte de seu pai antes de converter-se em Alfas, teria se vindo abaixo. A sensação de sentir-se dominado por alguém era aterradora, inclusive quando confiava nele. O respeito pela valentia dos lobos submissos da Alcateia de seu pai tinha aumentado um par de níveis.

Se Anna não tivesse distraído à bruxa e tivesse quebrado o feitiço... Conteve o fôlego e Anna emitiu um ruído com a garganta. Reconfortava-lhe inclusive enquanto dormia.

Depois de deixar atrás o pânico — ou a maior parte dele, — tinha tido tempo para refletir sobre a natureza do conjuro. Entretanto, ainda não tinha nem ideia de como a bruxa tinha sido capaz de utilizar daquele seu modo... *Os vínculos com a Alcateia de seu pai.*

Devia informar a seu pai, lhe contar que uma bruxa podia penetrar na magia da Alcateia. Até onde sabia, nunca tinha acontecido nada parecido. Somente sua dor, e a compreensão que ia ter que prestar mais atenção aos limites que lhe impunha seu corpo, obrigou-lhe a seguir onde estava ao invés de sair correndo em direção ao carro. Devia alertar a seu pai.

Se Anna não tivesse estado a seu lado... Como teria sabido o que devia fazer?

Longe da Alcateia, a maioria dos lobos dispunham de muito pouca magia, e teria jurado que Anna não era uma exceção. Conhecia perfeitamente seu aroma, e não percebia nada de magia nele. Se seu emparelhamento tivesse sido completo, Anna poderia ter recorrido a seu...

Ergueu a cabeça e sorriu com os dentes. Anna ainda não se havia emparelhado, mas seu lobo sim. Tinha percebido como recorria a ele quando a bruxa lançou seu feitiço, embora não tivesse acreditado que servisse de muito. Ainda ficava muito por aprender. O lobo tinha utilizado sua magia para romper o feitiço da bruxa. E Anna ainda não tinha sido aceita na Alcateia do Marrok, de modo que a infiltração da bruxa nos vínculos da Alcateia não lhe tinha permitido imobilizar a Anna do mesmo modo que a ele.

Captou um som quase imperceptível por cima do uivo do vento que interrompeu seus pensamentos: algo se movia entre as árvores. Apesar de estar a uma distância de segurança de onde estavam dormindo, manteve-se alerta e esperou a que o caprichoso vento trocasse de direção e lhe trouxesse algum aroma. Se for a bruxa,

recolheria a seus pintinhos e sairia correndo; suas doloridas pernas e peito teriam que sacrificar-se uma vez mais.

Entretanto, quem saiu de entre as árvores e se deteve para que Charles lhe visse perfeitamente era outra pessoa: Asil. Lentamente, Charles saiu engatinhando de debaixo da árvore. Anna suspirou e se recolocou, embora o cansaço lhe impedisse de despertar. Charles ficou completamente imóvel até que sua respiração recuperou a cadência anterior.

Então começou a aproximar-se do intruso.

Desde que Asil se uniu à Alcateia, Charles nunca lhe tinha visto fora de Aspen Creek; não era coincidência que a primeira vez fora ali e naquele momento. Soube que, independentemente do que lhe dissesse, não conseguiria que sua vida fosse mais fácil. Tampouco lhe agradou sua incapacidade para ocultar a claudicação.

Embora Charles não fosse muito dado a presumir, sentiu que aquela ocasião o requeria. Convocou a magia e deixou que esta se estendesse por seu corpo, lhe transformando enquanto caminhava. Embora fosse doloroso, esforçou-se para que a dor não se refletisse em seu rosto nem lhe obrigasse a coxear ainda mais. Se houvesse se sentido melhor ou os espíritos tivessem sido mais cooperativos, inclusive poderia ter conjurado um novo par de botas para não ter que caminhar com tanta dificuldade. Pelo menos, na maior parte do planalto, a neve, regularmente penteada pelo vento, não passava dos trinta centímetros de profundidade, e a metade tinha cansado aquela noite.

Asil sorriu fugazmente, como se reconhecesse o jogo de poder exposto por Charles, mas baixou a vista. Embora Charles soubesse que não devia confiar na submissão que lia em sua linguagem corporal, decidiu que por agora lhe serviria.

Charles falou em voz baixa:

—Como nos encontrou?

Era uma pergunta importante. Não estavam muito perto do lugar no que deveriam estar acampados de ter seguido a rota que estabelecesse com o Tag. Tinha cometido algum engano que lhe permitiria também à bruxa dar com eles? As peculiaridades das últimas vinte e quatro horas tinham afetado negativamente a sua confiança. Aquilo, unido a seu corpo meio aleijado, convertiam-no em alguém mais suscetível do que o habitual.

Asil manteve os ombros relaxados sob o grosso casaco com que se cobria do frio.

—À medida que nos fazemos maiores, todos aprendemos novas habilidades. Seu pai pode comunicar-se com seus lobos, por muito afastados que estejam. E eu sempre posso rastrear a meus companheiros de Alcateia. Se não tivessem saído de correria como coelhos assustados, lhes teria encontrado faz horas.

—O que faz aqui? —disse Charles com os dentes apertados.

Não lhe tinha incomodado o comentário sobre o «coelho assustado». De verdade.

Não era boa ideia zangar-se com Asil. O arrogante e narcisista Mouro estava acostumado a devolver a ira com uma dose dobrada de humilhação. Charles nunca tinha cansado de suas armadilhas, apesar das numerosas humilhações, mas tinha presenciado como outros o faziam. Não se pode sobreviver como o tinha feito Asil sem ser um ardiloso predador.

— Vim me desculpar — disse Asil enquanto elevava os olhos para que Charles pudesse ler a sinceridade de suas palavras neles. — Sage me contou algo sobre o que teve que suportar Anna. Se tivesse sabido pelo que estava passando, jamais teria interferido na relação com sua companheira.

— Não interferiu nada — disse Charles.

Não tinha nenhuma dúvida de que Asil falava com sinceridade.

— Bem. E também estou aqui para lhes ajudar, a ti e a sua companheira, em tudo o que necessitem. — Olhou em direção ao tronco sob o que dormiam Anna e Walter. — Após me sentir arrependido pensei que o melhor era lhes ajudar com o lobo solitário. Embora pareça que o tem sob controle.

Charles sentiu como suas sobrançelas se arqueavam. *Sob controle* não era exatamente como descreveria os acontecimentos do último dia.

— As aparências enganam. Tem alguma ideia de por que te busca uma bruxa?

O rosto de Asil ficou branco como a neve e seu corpo rígido como uma pedra.

— Uma bruxa?

— Para ser exato, perguntou por você. — Charles esfregou a testa porque teria que ter estado louco para esfregar o peito diante de Asil. — Ou como pôde interceptar a conexão da Alcateia de meu pai para me controlar de um modo que ele jamais conseguiu?

— Uma bruxa — disse Asil. — Aqui?

Charles assentiu com brutalidade.

— Se não sabe nada dela, que tal uma mulher lobo que parece ter algum tipo de conexão com ela? Uma cuja pelagem é muito similar ao de sua companheira...

Sua voz se desvaneceu porque Asil, com o rosto ainda estranhamente pálido, caiu ao chão de joelhos; não como se ajoelhasse ante Charles, mas sim mais bem como se as articulações tivessem deixado de lhe sustentar. Charles recordou que a Walter tinha ocorrido um pouco parecido, mas no caso de Asil não se devia ao assombro nem ao inesperado milagre que representava a presença de Anna.

Embargou-lhe o aroma das violentas emoções de Asil, embora lhe resultasse impossível desentranhar algo específico naquela tormenta salvo que a dor e o pânico levavam a iniciativa.

— Então é ela — murmurou Asil. — Confiava em que tivesse morrido faz tempo. Inclusive quando descobri que aspecto tinha o lobo solitário, confiava em que se tratasse de outra pessoa.

Por isso Charles não acreditava nas coincidências.

— Conhece a bruxa?

O Mouro contemplou as mãos cobertas com umas luvas negras e as enterrou na neve. Fechou os olhos e se encolheu de ombros. Quando voltou a abri-los, desprendiam reflexos dourados.

— É ela. Ela me roubou isso, e já não pode ocultar-se de mim se a observar, como tampouco eu posso já seguir me ocultando dela.

Charles respirou profundamente e decidiu armar-se de paciência.

— O que te roubou exatamente e quem é?

—Já sabe —disse Asil. —A que matou a minha Sarai. —Tirou as mãos enlurvadas da neve e esfregou a testa com elas. Então acrescentou a parte insuportável — Roubou o vínculo que me unia a minha companheira.

Charles sabia, como todos os que tinham ouvido as histórias do Mouro, que o vínculo entre Asil e sua esposa gozava de um dom pouco comum: a empatia.

Não fez nada estúpido, como lhe perguntar se estava completamente seguro. Apesar de tudo, nunca tinha ouvido falar de algo semelhante. Estar unido a uma bruxa, a uma bruxa negra, mediante a empatia era provavelmente uma das piores coisas que podiam te ocorrer. Agora compreendia por que Asil pediu a seu pai que lhe matasse.

—Esta bruxa parece uma adolescente, e Sarai morreu faz dois séculos.

Asil inclinou a cabeça e disse em voz muito baixa:

—Juro-te que não esperava que me encontrasse. Os amparos de seu pai serviram até agora; a não ser por isso, lhe teria obrigado a me matar no primeiro dia que cheguei a Aspen Creek. —deteve-se para tragar saliva. —Não deveria lhe haver permitido que me convertesse em um membro da Alcateia. Se a bruxa penetrou no vínculo da Alcateia, somente pôde fazê-lo através de mim, através de nosso vínculo.

Rígido pelo frio, Charles contemplou ao Mouro e se perguntou se de verdade podia estar tão louco como ele mesmo assegurava. Porque se não o estava, aquela bruxa representava um problema maior do que Charles tinha acreditado em um princípio.

Uns olhos de lobo cristalinos lhe contemplaram de um rosto escuro camuflado pela neve.

—Me fale do lobo que se parece com Sarai.

O desespero e o receio tingiram a voz de Asil.

—Não conheci sua companheira. —A voz de Charles se suavizou. —Mas o lobo que vai com a bruxa é muito grande, inclusive para ser um homem lobo. Parece um pastor alemão: bege com franjas negras nas costas. Acredito que na pata dianteira esquerda tem uma mancha branca.

—Nos dois primeiros dedos —soltou Asil, ficando em pé com uma ira que não podia ser fingida. Era muito o que tinha tido que aceitar. —Como se atreve a usar a forma de Sarai para criar suas ilusões?

Charles cruzou os braços. Ia ter que sentar-se dentro de pouco, já que a dor começava a ficar forte.

—Não é uma ilusão. A menos que uma ilusão possa contagiar a licantropia. O lobo solitário que encontramos foi sua primeira vítima. Atacou-lhe e ele conseguiu desfazer-se dela... E se transformou na seguinte lua cheia.

Asil ficou imóvel.

—Como?

Charles assentiu.

—Esse lobo tem algo estranho. Sua solidez é intermitente. Anna a golpeou e fugiu, mas assim que se perdeu de vista, o rastro e o sangue desapareceram.

Asil conteve o fôlego.

—Sabe algo?

—Estavam todas mortas —murmurou.

—Quais?

—Todas as bruxas que sabiam... Mas todas subestimaram a Mariposa.

—*Mariposa*? Como o inseto?

Os olhos de Asil reluziam negros na escuridão.

—Eu não sou uma bruxa.

O que lhe pareceu uma resposta algo estranha a sua pergunta. Charles o estudou atentamente.

—Mas faz muito, muito tempo que está viva —sugeriu Charles. —E Sarai era herborista, não é certo? Sabe bastante de bruxaria. Sabe o que é esse lobo.

—Mariposa é a bruxa. Nós a criamos, Sarai e eu —disse Asil acidamente. —Provinha de uma família de bruxas que conhecíamos... Minha companheira era herborista. Conhecia quase todas as bruxas naquela zona da Espanha, subministrava-lhes o que necessitavam. Certo dia um caldeireiro chegou a nossa casa com a Mari, que então tinha uns oito ou nove anos. Por isso pudemos averiguar mais adiante, a mãe de Mariposa utilizou seu poder para proteger a sua filha pequena do ataque de outro clã de bruxas. Seus pais, avós, irmãos e irmãs morreram. O caldeireiro a tinha encontrado perambulando pelos restos carbonizados de sua casa e pensou que minha mulher poderia encarregar-se dela, pois sabia que Sarai fazia muitos negócios com aquela família.

Asil suspirou e girou a cabeça, contemplando o estreito e escuro vale que se estendia a seus pés.

—Aquela época foi muito ruim para todos na Europa. Dois séculos antes, a Inquisição cobrou um terrível preço, e quando aquilo chegou a seu fim, as bruxas começaram a enfrentar-se pelo poder. Somente Napoleão conseguiu evitar que se exterminassem entre elas definitivamente.

—Conheço a história —lhe disse Charles.

A única estirpe de bruxas na Europa ocidental que sobreviveu à luta de poder foi a dos Torvalis, a qual tinha sangue cigano. As bruxas continuaram nascendo aqui e lá no seio de famílias mundanas, mas raramente tinham mais de uma décima parte de seu antigo poder. As bruxas da Europa oriental e as asiáticas jamais tinham estabelecido o tipo de dinastias típicas na Europa ocidental.

—Mantinhem em segredo os feitiços no seio da família —disse Asil. —De modo que cada uma tendia à especialização. A família de Mariposa era uma das mais poderosas. —Duvidou um instante. —Mas ela era somente uma *menina*, e este era seu feitiço melhor guardado. Não posso acreditar que o confiassem.

—Que tipo de feitiço?

—Comentava-se que sua família dispunha de guardiães em suas propriedades, grandes bestas que patrulhavam e matavam por eles... E que não precisavam comer nem beber. Rumorejava-se que as tinham criado a partir de criaturas vivas; tinham uma reserva de animais selvagens. —Suspirou. —Esse tipo de feitiços tão poderosos, como saberá, não se conseguem sem sangue e morte.

—Acha que Mariposa o utilizou contra Sarai?

Asil encolheu os ombros.

—Não sei nada. Quão único posso fazer é especular. —Respirou fundo. —Antes de enviá-la com outra bruxa para que a adestrasse, disse-me que o único lugar no que se sentia segura era a nosso lado.

Deteve-se, e a seguir acrescentou com desespero:

—Eu estava na Romênia quando aconteceu. Tive um sonho no que torturavam e consumiam a Sarai. Apesar de que seu coração deixou de pulsar e seus pulmões se bloquearam, continuou vivendo, consumindo-se em um inferno de dor e domínio. Sonhei que Mariposa a devorava até que deixou de ser ela. Demorou muito tempo em morrer, mas não o suficiente para poder retornar da Romênia. Quando cruzei a soleira de nossa casa, Sarai levava vários dias morta.

Asil contemplou o bosque, mas seus olhos não viam as árvores a não ser algo que ocorreu fazia muitos anos.

—Queimei o corpo e enterrei as cinzas. Dormi em nossa cama e, quando despertei, Mariposa me estava esperando... Em minha cabeça, onde só Sarai podia entrar.

Suspirou de novo, recolheu um punhado de neve e o lançou para um lado.

—Eu não estava tão cego como Sarai, que somente viu a menina que tinha sido. Além disso, podia sentir sua maldade. Soube quando Mariposa decidiu que também me queria, de modo que fugi. Parti para a África, e a distância debilitou nosso vínculo. Por então pensava que se estava muito perto dela, podia me obrigar a fazer o que quisesse.

Abriu a boca e respirou entrecortadamente várias vezes, como se estivesse em forma de lobo e agitado.

—Esperei durante anos, convencido de que um dia ou outro a bruxa morreria. Mas não foi assim. —Asil voltou a encolher-se de ombros, deu-se a volta e olhou ao Charles uma vez mais. —Acredito que é algum tipo de efeito secundário provocado pelo que fez a Sarai; ao roubar nosso vínculo, roubou também sua imortalidade. Não tenho nem a mais remota ideia de por que fez tal coisa, mas se tentava criar a uma criatura com o feitiço pelo que era famosa sua família... Tudo teria sentido. Presenciou a morte de toda sua família, viu como sua mãe morria protegendo-a do feitiço destinado a matar a todos os que se encontravam em sua casa.

Charles distinguiu a compaixão na voz de Asil e tentou rebater aquele sentimento com um banho de realidade.

—De modo que matou a sua mulher, que a tinha acolhido, protegido e cuidado. Torturou-a até a morte para fabricar-se algo que pudesse protegê-la. —Seus instintos não lhe tinham enganado: bruxa negra, e as bruxas negras sempre eram algo desagradável, cada uma delas. —E agora quer a você, provavelmente pela mesma razão.

—Sim —murmurou Asil. —Faz muito tempo que estou fugindo.

Charles voltou a esfregar a testa, naquela ocasião porque sentiu como se aproximava a dor de cabeça.

—E agora decidiu vir aqui para se apresentar ante ela a modo de presente.

Asil emitiu uma risada afogada.

—Suponho que isso é o que parece. Até que me disse que ela estava aqui, seguia convencido de que minhas hipóteses eram infundadas. —Seu rosto perdeu parte de

seu regozijo e acrescentou: — Me alegro de ter vindo. Se tiver uma parte de minha Sarai devo detê-la.

— Estava baralhando a possibilidade de avisar ao Bran — disse Charles. — Mas começo a acreditar que não seria o mais inteligente.

Asil franziu o cenho.

— Quem é mais dominante? — perguntou-lhe Charles. — Você ou eu?

Os olhos de Asil se foram obscurecendo durante a conversa, mas a pergunta de Charles voltou a iluminá-los com força.

— Você. Já sabe.

— Portanto — disse Charles olhando ao Asil fixamente até que os ambarinos olhos deste se apartaram derrotados, — como pôde a bruxa me controlar *utilizando* o vínculo com sua companheira e seus laços com a Alcateia?

Assim que Charles partiu para falar com Asil, Anna tinha começado a transformar-se. Devia enfrentar-se aquele lobo com a palavra em lugar de com presas e garras. Tinha certa habilidade irritando a sua companheira... E Charles ainda era imprevisível após seu encontro com a bruxa.

Não pensou no Walter até que se encontrou nua e ofegante em metade do ar congelado. Pode que ela tivesse disposto de três anos para acostumar-se a estar nua diante de estranhos, mas ele não.

Quando lhe olhou, viu que Walter tinha a cabeça na outra direção e que olhava fixamente um tronco próximo: o perfeito cavalheiro.

Deixou de preocupar-se com ele e colocou a fria roupa e as botas porque começava a perceber a ira crescente de Charles: Asil tinha posto em perigo a sua Alcateia e ao Marrok. Mas, mais que isso, preocupava-lhe o fato de que nem Charles nem Asil se dessem conta do perto que estava Charles do colapso. Resultou-lhe surpreendente que ela sim o fizesse.

Quando terminou de vestir-se, Anna avançou a rastros para sair de seu esconderijo e ficou em pé. Não se incomodou em agarrar as raquetes; ainda era noite fechada. Contemplou a lua crescente e recordou que ainda faltavam alguns dias para a lua cheia. Pela primeira vez aquilo não lhe pôs os nervos na borda. Com o Walter em forma de lobo a seus pés, avançou pela planície até onde estavam Charles e Asil.

Era um mau sinal, pensou, que nenhum dos dois desse amostras de ter percebido sua presença.

— Poderia estar interferindo com o Marrok em busca de poder, como faz Leah? — perguntou Anna.

Os dois homens deram a volta. Era evidente que Charles se sentia incômodo por não ter reparado neles antes. Asil, que tinha as pernas das calças de seus jeans empapadas, parecia mais preocupado por Walter, que mantinha as orelhas alerta e mostrava as presas.

Anna apoiou uma mão em seu pescoço enquanto fazia as apresentações.

— Asil, este é Walter. Walter, este é Asil, o lobo do que lhe falamos.

Asil olhou ao lobo com o cenho franzido, que lhe devolveu o olhar e apareceu ainda mais as presas.

— Já basta — disse Anna a Walter, confiando em que lhe escutasse. O que menos necessitavam agora era uma luta pelo domínio. Aos lobos novos sempre custava um pouco estabelecer seu lugar na Alcateia. Resultava interessante que Walter não assumisse imediatamente que Asil era o de maior fila. — Todos devemos estar nas melhores condições para o combate.

— Walter protegeu a uma das vítimas do lobo e este acabou lhe transformando — disse Charles. — Aceitou nos ajudar.

Poderia havê-lo expresso de um modo completamente diferente, pensou Anna. Acariciou a parte superior da cabeça de Walter de forma protetora. Com aquilo, em lugar de desprezar ao novo lobo, Charles pretendia deixar claro que Walter estava sob seu amparo e que era um elemento valioso em seu intento de capturar a bruxa.

Aquilo encheu de satisfação a Anna, e como além não queria que Charles e Asil voltassem a discutir, disse:

— Poderia estar Mary... Mariposa recorrendo ao poder do Marrok através do vínculo da Alcateia?

Charles deixou de franzir o cenho a Asil para responder:

— É indubitável que se parecia muito ao poder de meu pai. Mas ele não poderia me controlar desse modo.

Asil parecia desolado. Uma bruxa o suficientemente poderosa pode controlar a qualquer homem lobo sem uma Alcateia que possa lhe proteger. Está proibido pela lei de bruxaria, mas é possível.

— Um dos problemas que Sarai e eu tivemos com Mariposa foi sua tendência a obrigar às pessoas a fazer coisas contra sua vontade, como matar a seus animais de companhia. E teve tempo de fazer-se ainda mais poderosa. Agora, graças a mim, converteu-se em um membro de fato da Alcateia. Pode ser que tenha conseguido combinar os poderes de seu pai com os seus próprios.

Anna não estava segura das implicações daquilo, mas era óbvio que Charles não estava muito satisfeito.

— O plano segue sendo descer das montanhas para falar com o Marrok? — perguntou Anna. — Embora não possa vir, não deveríamos alertá-lo?

Charles ficou completamente imóvel.

— O que acha que fará seu pai quando lhe contarmos o que ocorre? — perguntou Asil.

Charles não respondeu.

— Exato — corroborou Asil. — O mesmo acredito eu. Viria ele mesmo em pessoa... Depois de nos obrigar a todos a retornar a casa. Não importa que seja uma estupidez, o Marrok protege aos seus e tem tanta confiança na reputação de sua invulnerabilidade como o resto de lobos. A morte do Doc Wallace foi um duro golpe para ele, e não se arriscará a perder o outro dos seus. Sobretudo se for seu filho.

— Nenhuma bruxa pode controlar o meu pai — disse Charles. Embora Anna percebesse certa dúvida em sua voz. Possivelmente ele também se deu conta, já que girou a cabeça e disse, mais brandamente: — teremos que fazê-lo nós.

Asil ergueu a cabeça de repente e farejou o ar com os olhos fechados. Então ficou imóvel.

Charles deu a volta para o refúgio. Anna fez o mesmo, mas não viu nada. A princípio.

Parecia fundir-se com o vento e a neve. Sua pelagem brilhava com tons cinza, dourados e tenebrosos. Todos ficaram petrificados, contemplando como a loba observava a Asil. Depois de uns segundos, saltou por cima do toco e se aproximou lentamente sem deixar de choramingar e agitar ligeiramente o rabo.

Asil fez gesto de aproximar-se da loba, mas Charles lhe agarrou pelo ombro, lhe impedindo de avançar.

— Sarai? — disse Asil com voz rouca enquanto Charles continuava lhe segurando.

A loba inclinou a cabeça e baixou a cauda adotando a posição clássica de submissão. Voltou a gemer. Junto à Anna, Walter grunhiu e se colocou entre ela e a outra loba. Entretanto, a mulher lobo só tinha olhos para o Asil.

A loba emitiu um som suplicante, aflito. Continuando, deu a volta e saiu correndo. Anna a estava olhando, de modo que não viu o que fez Asil, tão somente que, de repente, liberou-se da mão de Charles e corria detrás da loba que tanto se parecia com sua companheira.

Charles não lhe perseguiu. Limitou-se a observar como os dois desapareciam na escuridão.

— Isso não é muito bom, verdade? — murmurou Anna.

— Não — disse Charles com severidade. — O que fazemos? Seguimo-los?

— Não. — Charles olhou ao Walter. — Embora não acredito que seja necessário, não acha? A bruxa continua na velha cabana do serviço florestal.

Walter ladrou para demonstrar sua conformidade.

— Não o contaremos ao Marrok? — O vento voltou para soprar com força e Anna começou a tremer. — Está seguro de que é o mais inteligente? Seu pai não tem uma bruxa que possa nos ajudar? Minha velha Alcateia compartilhava uma com a outra Alcateia de Chicago.

— A bruxa de Asil encontrou o modo de controlar a um homem lobo que tem o amparo da Alcateia — disse Charles. — É a primeira vez que ouço algo semelhante, de modo que sua intenção não parece ser fazê-lo público. Felizmente, as bruxas mantêm bem ocultos seus poderes. Mas se esta é quão única sabe como fazê-lo, temos que procurar que siga sendo assim. Não podemos envolver a outra bruxa.

Charles continuava com a vista fixa no lugar por onde tinha desaparecido o mascote da bruxa.

— Asil tem razão. Meu pai quereria encarregar-se sozinho da bruxa.

— E poderia fazê-lo?

Charles começou a encolher-se de ombros, mas se deteve a meio caminho, como se lhe doesse.

— Não teve nenhum problema comigo. O que não significa que meu pai não possa rechaçá-la, mas se não o conseguisse... Meu pai controla a todos os homens lobo da América do Norte, Anna. Se o capturasse, poderia controlar a todos.

— É isso o que quer?

Anna se deu conta de que Charles se balançava ligeiramente.

— Não sei. Leva muito tempo procurando o Asil, mas meu pai é uma peça mais valiosa.

Anna deu um passo para Charles e lhe rodeou a cintura com o braço para acalmá-lo.

—Estaremos a salvo o resto da noite? Ou virá atrás de nós?

Charles a olhou de acima e suspirou.

—Não mais que em qualquer outro lugar; espero. Asil a manterá ocupada. Pobre Mouro. Se estivesse em melhores condições, teria ido atrás deles. Mas esta noite está sozinho. —Um sorriso amargo cruzou por seu rosto. —Não tem outro remédio que passar o resto da noite aqui —lhe disse. —Preciso comer e descansar antes de poder percorrer um quilômetro mais.

Anna o acompanhou até uma das árvores cansadas, um lugar protegido do vento, e reacendeu a fogueira. Walter bloqueou o vento enquanto ela usava uma gotinha do Sterno e o acendedor para fazer prender os ramos mais secos que tinha podido encontrar nos arredores. Enquanto a água se esquentava, Anna trocou ao Charles a bandagem das costelas utilizando uma camiseta limpa que previamente tinha feito farrapos. Durante todo o processo, ele se mostrou dócil como um menino.

Obrigou-lhe a comer dois envelopes de comida liofilizada, deu outro para Walter e ela comeu outro. Quando terminaram, cobriu a fogueira com neve até extingui-la completamente e acompanhou Charles ao refúgio. Sentia-se muito cansada para voltar a transformar-se, e Charles ainda estava em piores condições. Walter se aninhou em frente a ambos, bloqueando de forma eletiva o vento e a neve que tentavam lhes golpear.

* * *

Anna abriu os olhos na escuridão, convencida que algo havia tornado a despertá-la. Ergueu a cabeça, separou-se da cálida e doce pele de Charles e olhou a seu redor. Não havia rastro do Walter, e em algum momento da noite, ela e Charles tinham mudado suas posições, de modo que agora ele se interpunha entre ela e o perigo.

O vento e a neve tinham cessado, deixando o bosque silencioso e à espreita.

Transmute-me sursum, Caledoni, murmurou Anna. Uma lástima que Scotty não estivesse ali para teletransportá-los⁷ a um lugar seguro. Havia algo na atmosfera carregada que resultava aterrador.

Anna escutou com toda sua atenção, mas não percebeu nada. O entristecedor silêncio palpitava com força em seus ouvidos, e os batimentos de seu coração se fizeram ainda mais audíveis na quietude da noite invernal.

Só ouvia os batimentos do coração de seu coração e sua própria respiração.

—Charles? —sussurrou enquanto lhe tocava um ombro com vacilação. Não lhe respondeu, por isso começou a sacudi-lo.

Seu corpo se afastou dela. Estava deitado de lado, e rodou flácido até o exterior do reduzido refúgio, ficando sobre a neve. A luz da lua lhe iluminava com a mesma claridade que o tivesse feito a luz do sol.

⁷ Referência série Jornada nas Estrelas, onde quando um dos personagens estava em perigo utilizavam um dispositivo chamado teletransporte para levá-los a um local seguro.

Anna conteve o fôlego e uma quebra de onda de pânico lhe encheu os olhos de lágrimas: o sangue lhe empapava a parte do casaco que cobria suas costas. Olhou-se as mãos e viu seus dedos manchados de sangue: do sangue de Charles.

—Não —disse enquanto se incorporava. Golpeou-se a cabeça no tronco da árvore cansada sob o que se refugiaram, mas ignorou a dor e alargou os braços. —Charles!

Bran se ergueu sobre sua cama. O coração lhe pulsava desbocado e respirava com dificuldade. O ar frio do dormitório lhe percorreu o corpo empapado em suor. *Bruxa*.

—O que ocorre? —Leah deu a volta e apoiou a cabeça sobre as mãos, seu corpo relaxado e satisfeito.

—Não sei.

Respirou profundamente, mas não percebeu nenhuma presença estranha no dormitório. Apesar de que a cabeça lhe esclareceu rapidamente, o sonho que acabava de ter lhe evitava. Tudo salvo aquela única palavra: *bruxa*.

O móvel começou a soar.

—O que ocorre, papai? —Samuel parecia estar completamente acordado. —Por que me chamou?

Bran demorou uns segundos em compreender que Samuel não se referia a uma chamada telefônica. Esfregou o rosto e tentou recordar. *Bruxa*. Por alguma razão, aquela palavra lhe produzia calafrios nas costas.

Talvez tinha sonhado com o passado. Já não lhe ocorria tão frequentemente como antes. E quando o fazia, não sonhava com a bruxa, mas sim mais bem com toda a gente que tinha morrido entre suas presas depois da morte da bruxa.

Não, aquele não parecia um sonho de lembranças. Parecia um aviso. Assim que pensou nisso, voltou a sentir o alarme que lhe tinha despertado. Algo ia mal.

—O que hei dito? —Sua voz lhe obedeceu, transmitindo unicamente calma e curiosidade.

—Acorde —disse Samuel friamente.

—Isso não me ajuda muito. —Bran se aparou o cabelo com uma mão.— Sinto te haver incomodado. Estava adormecido.

A voz de Samuel se suavizou:

—Era um pesadelo, papai?

Como em resposta a sua pergunta, Bran viu uma imagem que *tinha formado parte de seu sonho*:

—Charles está em perigo.

—Um lobo solitário? —Samuel falou com educada incredulidade. —Nunca conheci a um lobo solitário que fizesse perder o sonho ao Charles.

Bruxa.

Embora não sua bruxa, a bruxa que lhe tinha convertido em um monstro fazia muitos anos. Morta, mas não esquecida. Outra bruxa.

—Papai?

—Espera, me deixe pensar.

Depois de um momento, disse:

—Charles e Anna saíram faz dois dias em busca do lobo solitário.

Em ocasiões dizer as coisas em voz alta lhe ajudava a recordar o que tinha estado sonhando. Os sonhos de alerta sempre eram os piores; embora terminava recordando-os, às vezes o fazia quando *tudo* tinha terminado.

—Asil veio para ver-me àquela tarde. Estava molesto comigo por ter enviado ao Charles sem esperar a que se recuperasse de suas feridas — disse Bran.

—Asil estava preocupado pelo Charles? —disse Samuel com um de leve de cepticismo na voz.

—Justo o que eu pensava. Surpreendente. Embora não se mostrou muito inquieto até...

—O que?

Bran se esfregou a frente.

—Sou muito velho. Esqueci-o. Que estúpido... Bom, Isso o explica tudo.

Ficou a rir.

—Sinto muito. Asil partiu ontem pela manhã, presumivelmente para encontrar ao Charles, mas acabo de entender a razão. A descrição do lobo solitário encaixa com a do lobo de Sarai... A companheira de Asil.

—Leva muito tempo morta.

—Duzentos anos. Asil me disse que ele mesmo a incinerou e enterrou as cinzas. E por muito velho que seja, não pode me mentir. Sarai está morta.

Leah desceu da cama por seu lado e recolheu sua roupa. Sem olhar Bran, saiu do dormitório deste para retornar ao dele. Bran ouviu como fechava a porta e soube que tinha ferido seus sentimentos ao manter aquela conversa com Samuel em lugar de com sua companheira.

Mas não tinha tempo para desculpas; acabava de ter uma estranha revelação.

Bruxa.

—Samuel —disse deixando-se levar por esta, —por que razão queimaria um corpo?

—Para ocultar sua identidade. Porque é muito duro enterrar um corpo. Porque o exige sua religião. Porque há muitos corpos e ninguém tem à mão uma escavadora. Estou-me aproximando?

Bran estava muito preocupado para brincadeiras.

—Por que Asil incineraria o corpo de Sarai na Espanha durante as guerras napoleônicas?

—Bruxa.

Bruxa.

—Sonhei com uma bruxa —disse Bran, seguro já de que tinha dado no prego.

—A companheira do Mouro foi torturada até a morte durante dias —refletiu Samuel em voz alta. —Sempre pensei que foi obra de um vampiro. Uma bruxa não teria podido controlar durante tantos dias a um homem lobo. Matá-la, talvez, mas não torturá-la.

—Conheço uma que teria podido.

—A avó leva morta muito tempo, papai —disse Samuel com cautela.

—Morta e devorada — disse Bran com impaciência. —Quão único pretendia era assinalar que existiu uma exceção. Se houve uma, pode haver duas.

—Sarai era a companheira do Mouro, e os dois formavam parte de uma Alcateia. É diferente do que nos ocorreu. E Sarai foi assassinada faz duzentos anos. As bruxas vivem os mesmos anos que os humanos.

—Asil me disse que ultimamente tinha estado sonhando. Com *ela*. Supus que se referia a Sarai.

Silêncio ao outro lado do telefone. Samuel também conhecia aqueles sonhos.

—Não sei *nada* —disse Bran. —Possivelmente Sarai morreu às mãos de um vampiro, e o lobo que se parece com ela é somente uma coincidência. Talvez Asil incinerou seu corpo porque não podia suportar a ideia de que se apodrecesse na tumba. Talvez meu sonho só fosse isso, um sonho, e Charles retorna nestes momentos a casa com o lobo solitário.

—Sabe uma coisa? —disse Samuel pensativamente— demonstrou melhor sua opinião argumentando contra que a favor. Pergunto-me se isso diz algo sobre como funciona seu cérebro.

—Ou o teu —disse Bran com um sorriso involuntário. — Irei comprovar como vão as coisas ao Charles.

—Bem —disse Samuel. — Quer que volte?

—Não. Está na casa do Adam ou da Mercy?

—Sou teu filho —disse com petulância apesar da preocupação que transmitia seu tom de voz. —Na de Mercy, é obvio.

Bran sorria ao pendurar o telefone. Saiu da cama e se vestiu para o passeio.

Deteve-se frente à porta fechada de Leah mas decidiu que não podia fazer nada por arrumar o que não funcionava entre eles. Nem sequer queria tentá-lo, somente lamentava ferir seus sentimentos com tanta facilidade.

Anna, tombada sobre o corpo cada vez mais frio de Charles, notou a garganta dolorida de tanto chorar. O rosto, úmido pelas lágrimas e o sangue, lhe estava congelando rapidamente. A neve lhe queimava a ponta dos dedos.

Estava morto, e era culpa dela. Teria que haver-se dado conta de que a hemorragia era pior do que ele estava disposto a admitir. Somente tinha estado com ele uns quantos dias.

Apoiou-se nele para sentar-se com as pernas cruzadas sobre o chão congelado enquanto estudava seu exótico e belo rosto.

Tinha vivido duzentos anos ou mais e Anna sabia muito poucas coisas de todo aquele tempo. Queria conhecer todas as histórias. O que tinha sentido ao crescer sendo um homem lobo? Que travessuras lhe teriam ocorrido? Nem sequer sabia sua cor favorita. O verde? Como seu dormitório?

—Vermelho. É o vermelho — lhe sussurrou ao ouvido, assustando-a.

Mas aquilo era impossível. Ou não?

Alargou a mão para tocar o corpo de Charles, mas o único que conseguiu foi piscar. Estava tombada de costas sob o peso de um Charles completamente vivo, embora na parte esquerda de seu rosto viu a marca de uma garra.

Anna estava ofegando, e sentiu uma dor aguda nas mãos à medida que estas recuperavam lentamente a forma humana. *Tinha sido ela quem lhe tinha feito aquilo?*

Sentiu como se o coração lhe tivesse deixado de pulsar durante vários minutos e agora voltasse a fazê-lo.

— Charles? — conseguiu dizer com um grande esforço.

Apesar de que este não fez nenhum gesto, Anna percebeu seu alívio. Também o sentiu no relaxamento da mão de Charles sobre seu braço.

Charles colocou brevemente seu rosto contra seu pescoço e respirou junto a sua orelha. Quando a retirou, apartou-se e lhe disse:

— Quão único devia fazer era perguntar.

Anna se ergueu. Sentia-se débil e desorientada.

— Perguntar?

— Qual era minha cor favorita.

Anna o olhou fixamente. O estava tomando a brincadeira?

— Estava morto — lhe disse. — Quando despertei, estava coberto de sangue e não respirava. Estava morto.

Um grunhido a suas costas a assustou; esqueceu-se completamente do Walter.

— Eu também o cheirei, lobo — disse Charles. As marcas de seu rosto desapareciam rapidamente. — Bruxaria. Anna tirou-te algo a bruxa? Pele, sangue, cabelo?

Quando tinha aparecido o lobo, Mary lhe arrancou uma mecha de cabelo.

— Cabelo. — Sua voz era tão rouca que quase não a reconheceu.

— Quando há bruxas perto, é melhor as manter a distância — disse Charles. — O cabelo lhe permitiu introduzir-se em seus sonhos. Se tivesse morrido neles, também o teria feito na realidade.

Anna soube que aquilo era importante, mas não naquele momento. Desabotoou-lhe a jaqueta freneticamente, mas Charles lhe agarrou as mãos.

— Que buscas? Posso te ajudar em algo?

Tinha as mãos quentes, embora antes também as tinha tido.

— Tenho que comprovar suas costas.

Charles a soltou, se desfez da jaqueta e ainda de joelhos, deu-se a volta para que comprovasse que os recortes da camisa com os que tinha enfaixado seu torso seguiam limpos. Anna apoiou a cabeça em seu ombro e respirou o aroma de sua pele além desta, também percebeu o sangue velho e o aroma penetrante da ferida curando-se.

Agarrou-lhe a camisa com ambas as mãos e tentou recuperar a calma.

— Só foi um pesadelo? — disse Anna, temerosa.

Temerosa de que o outro fosse à realidade e aquilo somente um sonho.

— Não — disse ele — Era a soma de seus piores medos — deu a volta e a rodeou com seus braços, envolvendo com seu calor o frio corpo de Anna. Sussurrou-lhe ao ouvido — levamos quinze minutos tentando te despertar. — Fez uma pausa e depois acrescentou: — Não foi a única que tinha medo. Te parou o coração. Durante quase um minuto não conseguia que voltasse a respirar... pen... pensei que te deixaria hematomas. A massagem cardiovascular é uma das coisas mais difíceis que há: a linha entre conseguir que saia o ar e romper uma costela é muito fina.

Charles intensificou ainda mais seu abraço e acrescentou:

—Um dos problemas de ter um irmão médico é saber que muito poucos casos sobrevivem a uma massagem cardiovascular.

Anna descobriu que lhe estava dando tapinhas nas costas, em uma zona bastante afastada da ferida.

—Sim, mas suponho que a maioria não são homens lobo.

Charles se separou depois de uns momentos e lhe disse com energia:

—Está congelada. Acredito que é hora de voltar a comer. Ficam um par de horas antes de que saia o sol.

—Como está?

Charles sorriu.

—Melhor. Muita comida, um pouco de descanso e estarei quase como novo.

Anna lhe observou atentamente enquanto extraía um par de envelopes de comida da mochila; escolheu um par que não necessitava água quente. Mais fruta liofilizada e carne-seca.

Anna abriu o pacote de carne-seca com os dentes e ficou a mascar.

—Sabe o que? Antes eu gostava muito de carne-seca.

Enquanto comia os pedacinhos que ia dando, Charles se estirou para lhe cobrir os pés. Dado seu grande tamanho, em pouco tempo notou como o calor lhe subia da ponta dos dedos.

Voltaram a tombar-se. Anna entre dos dois machos e Charles de novo a suas costas.

—Tenho medo de dormir — disse ela.

E não só porque a bruxa podia matá-la. Não poderia suportar outra vez ver o corpo sem vida de Charles.

Este a apertou ainda mais contra ele e começou a cantar brandamente. Era uma canção índia. Anna soube pelo tom nasal e a escala pouco familiar.

Walter suspirou e se removeu até encontrar uma posição mais cômoda enquanto os três esperavam que chegasse a manhã.

Capítulo 12

Ao Bran não preocupava a escuridão enquanto seguia as indicações de Tag até o lugar que este e Charles tinham considerado o mais adequado para iniciar a busca. Ao passar junto ao Subaru de Asil, duvidou um instante: se Asil ia em busca de Charles, teria seguido a rota mais rápida.

Mas se as coisas se haviam posto feias, Charles retornaria a seu carro. Bran decidiu avançar um pouco mais com seu veículo.

Também considerou outras possibilidades. Alguns lobos tinham contratado bruxas. Não sua Alcateia, já que ele nunca se relacionava com bruxas negras, e quase todas as bruxas brancas não eram o suficientemente poderosas para resultar úteis. apesar de tudo, podia recorrer a umas quantas.

Se tivesse a uma bruxa de duzentos anos capaz de imobilizar e torturar a um homem lobo durante dois dias, não faria correr a voz nem permitiria que outras bruxas a imitassem. Especialmente se a bruxa em questão, como a mãe de Bran, tinha obtido sua habilidade mediante algum tipo de vínculo com um homem lobo.

Não. O melhor era manter as bruxas afastadas.

Podia responder ao Charles.

Embora aquilo fosse ainda mais complicado. Sua mãe se valeu da telepatia para lhe rodear com suas asquerosas correntes. Por sua culpa, não podia ler os pensamentos de outros.

Depois de matar a bruxa que tinha sido sua mãe, a sacudida lhe tinha despojado daquele talento; um dos muitos presentes que deixou sua morte. Lentamente, conseguiu recuperar a habilidade de falar de uma mente a outra, mas nunca a de escutar.

O único motivo pelo que sua mãe foi capaz de interferir em seu talento é que ambos o compartilhavam. Um caso estranho, inclusive para o filho de uma bruxa. Ressaltava surpreendente que existisse outra bruxa na América do Norte com a mesma habilidade. Embora ainda não se atrevesse a tentá-lo até estar seguro de que seu filho estava livre da bruxa de Asil.

De entre todos os seres capazes de praticar a magia, Bran desprezava e temia por cima de todos às bruxas. Provavelmente porque, se as coisas tivessem sido de outro modo, ele mesmo teria sido um bruxo.

Saiu da autoestrada e foi pelo caminho que levava ao Silver Butte. Os sulcos de um veículo mais largo do normal lhe precediam. Charles tinha seguido o plano ao pé da letra.

Conseguir que a caminhonete de Charles avançasse pelo atalho que tinha percorrido o Vee foi uma tarefa árdua que lhe ajudou a se separar de sua mente o resto de preocupações. Estava começando a pensar que teria que ter estacionado junto ao carro de Asil quando, ao deixar atrás uma curva fechada, quase colide com o Vee, o qual estava estacionado junto a uma árvore.

Deteve-se a pouco menos de quinze centímetros do Vee. Desligou o motor e deixou a caminhonete onde estava porque o bosque era muito espesso para poder dar a volta, e além disso temia que a neve recém caída ocultasse a sarjeta.

Não tinha visto nenhum lugar onde dar a volta nos últimos quinhentos metros; perguntou-se se, quando retornasse, ia ter que conduzir de marcha ré. Permitiu-se um sorriso amargo; tampouco importaria muito se finalmente não conseguiam sair dali.

Asil tinha disposto do tempo suficiente para dar com o Charles, e além disso estava familiarizado com as bruxas. Seguro que seu filho e o Mouro poderiam enfrentar a qualquer situação. Se Charles seguia a rota marcada, Bran confiava encontrar a todo o grupo antes de que anoitecesse. Quando o fizesse, tiraria-os das montanhas.

Deixou a chave no contato. Não era provável que ninguém subisse até ali para roubar uma caminhonete... E se o fazia, bom, teria que ver-se com o Charles.

Não tinha pegado a jaqueta porque pretendia adentrar na montanha em forma de lobo. Tirou a roupa na cabine, armou-se de valor e saltou da caminhonete antes de completar a transformação. Abrir portas de carro em forma de lobo era possível, mas estava acostumado a provocar imperfeições nos veículos. E face aos habituais comentários de seu filho sobre o ódio que sentia pelos carros, sabia que Charles estava orgulhoso de sua caminhonete.

Bran adotou um trote regular que pudesse manter todo o dia. Fazia muito tempo que não caminhava por aquelas montanhas. Nunca tinham sido um de seus lugares favoritos de caça, embora não sabia exatamente por que. Segundo Charles, as Cabinet não aceitavam de bom grau aos intrusos, e supunha que essa era uma explicação tão válida como qualquer outra.

Seguir a rota de Charles à inversa lhe pareceu o melhor modo de começar. Todo o circuito não tinha mais de cinquenta quilômetros. Podia percorrê-lo tranquilamente e retornar aos carros antes do anoitecer.

À exceção do descascamento na pintura verde do pequeno alpendre, o resto da cabana não tinha mudado muito da última vez que Charles esteve ali, uns cinquenta anos atrás. Não era nada do outro mundo: uma pequena cabana de troncos similar a muitas outras repartidas pelos bosques de Montana, a maioria construídas durante a depressão por pelotões de desempregados.

Os troncos estavam estragados pelo sol, a chuva e a neve. Uma SUV amassada com as correntes colocadas nos pneus estava discretamente estacionada entre a parte traseira da cabana e o bosque.

Charles deteve Anna a uns trinta metros da cabana, em um lugar onde as árvores ainda lhes ocultavam, e a favor do vento quanto o fez, Walter tombou no chão junto aos pés dela, como se fosse seu devoto mascote... Um mascote que pesava o mesmo que um urso pardo e era capaz de provocar uma considerável destruição.

Era tão óbvio que a devoção do Walter não tinha nada a ver com o sexo, que Charles não podia fazer nada por opor-se a ela. Continuamente lhe vinha à memória a frase: «Acredito que poderia dormir». Sabia o que se sentia quando os pesadelos de morte e destruição não deixavam de te acossar. Se Anna conseguia lhe trazer um pouco de paz, quem era ele para impedi-lo.

Charles observou atentamente à cabana, desejando não sentir aquele pânico. Fazia muito tempo que não se sentia daquele modo. Estava acostumado a preocupar-se

com Samuel, por seu pai e, recentemente, pela Anna, mas não por si mesmo. A lembrança de como a bruxa de Asil lhe tinha controlado como se fosse seu Alfa tinha anulado parte de sua autoconfiança mediante um banho de realidade.

Acariciou o ombro de Anna ligeiramente. Sabia que não era tão frágil como sua aparência podia indicar; nenhum homem lobo o era. E o velho soldado era um sobrevivente, por isso Charles obteve um pouco de consolo com aquilo.

—Não lhes poderei ajudar diretamente —lhe disse Charles. —Se entrar em sua linha de visão, voltará a me controlar. Com o Alfa de uma Alcateia, a distância é crucial, e também o contato visual ou físico.

Nem Walter nem Anna eram membros da Alcateia de seu pai, de modo que não tinham conexão alguma com o Asil. Salvo o vínculo que unia ao lobo de Anna com o de Charles, aquilo os deixava tão vulneráveis como qualquer outro lobo solitário. Mas Charles sabia que às bruxas custava um tempo obter o controle de um lobo solitário; muito mais tempo do que ele podia oferecer.

Seu controle tinha sido instantâneo.

Ele odiava às bruxas. As habilidades de outros seres mágicos não lhe incomodavam tanto. Os druidas manipulavam a natureza: o clima, as plantas e alguns animais. Os bruxos jogavam com coisas inanimadas. Entretanto, as bruxas utilizavam a mente e o corpo. A mente e o corpo de qualquer um. Manipulavam coisas que estavam vivas, ou que o tinham estado. As bruxas brancas não eram tão desagradáveis, embora provavelmente porque a maioria delas dispunham de pouca mais magia que ele. As bruxas negras aumentavam seu poder matando e torturando seres: desde moscas a humanos.

—De acordo — disse Anna, como se enfrentasse a bruxas diariamente. —Se estiverem aqui, você se encarrega do lobo... E provavelmente de Asil. Isso te manterá ocupado, inclusive a você.

As horas de descanso, a comida e o ritmo lento e constante daquela manhã lhe tinham ajudado a recuperar-se, o que lhe permitiria dominar aos mascotes da bruxa.

Anna tremeu ligeiramente sob sua mão; uma combinação de impaciência e nervos, pensou Charles. Tinha reagido ao sonho como se tratasse de um ataque contra ele em lugar de contra ela, apesar de que tinha sido ela quem tinha deixado de respirar.

Walter ergueu a cabeça para olhar Charles, e este viu no olhar do outro lobo a determinação de proteger a Anna com todos os meios a seu alcance. Ao Irmão Lobo não lhe fez muita graça ver aquilo nos olhos de outro macho, mas, dadas as circunstâncias, Walter estava em melhor disposição que ele de proteger a Anna.

—Vou reconhecer a zona. No momento quero que fiquem aqui, de acordo?

—Esperarei —disse Anna.

—Não se impaciente, posso demorar um pouco.

A parte traseira da cabana estava ao lado do bosque; na parte frontal e por um dos lados havia uma distância de uns trinta metros. Não era precisamente o lugar que ele teria escolhido para ocultar-se de uma Alcateia de homens lobo... Embora soubesse que a bruxa não lhes tinha nenhum medo. Pelo menos não lhe tinha dado nenhuma razão para que os temesse.

Para sua surpresa, Walter lhe seguiu. Desapareceu nas sombras e Charles só pôde seguir seu rastro pelo olfato. Evidentemente, os espíritos daquele bosque lhe tinham

aceitado como um mais, lhe oferecendo seu amparo. Seu avô também podia desaparecer daquele modo.

Quando esteve a um passo da cabana, Charles chegou à conclusão de que não havia ninguém no interior. Walter apreciou a uns quantos metros por diante dele e meneou a cauda para confirmar sua suspeita. Entretanto, esperou a rodear toda a estrutura e a abrir a porta antes de enviar ao Walter em busca de Anna.

No interior mal havia espaço para a estreita cama de armar e a mesinha, os únicos móveis da moradia a menos que também se considerasse como tal o estreito suporte da chaminé. A cama de armar parecia nova e ainda tinha a etiqueta com o preço. A mesa parecia mais velha que a própria cabana.

O lar mostrava sinais de um fogo recente. Os animais mortos frente a este indicavam a natureza de seu ocupante: as bruxas e as coisas mortas sempre estavam juntas. Algumas bruxas não matavam, mas eram muito menos poderosas que suas irmãs negras.

No chão, tinham alguns pregos novos e reluzentes e as marcas de uma alavanca. A bruxa os tinha arrancado e voltado a cravar. Quando se aproximou da cama de armar, compreendeu a razão: não era a primeira vez que via círculos de poder. Algumas bruxas os usavam para fixar feitiços de amparo sobre coisas que consideravam valiosas ou para armazenar poder ao que podiam recorrer mais tarde. Dado que a cabana não lhe tinha impedido a entrada nem sentia a necessidade de abandoná-la, Charles compreendeu que devia tratar-se deste último; o que significava que sob o chão havia mais coisas mortas. Respirou profundamente. O aroma de morte podia proceder do animal junto ao lar; além disso, não percebeu nenhum rastro de putrefação. Ou o animal que tinha matado para rascar o círculo levava muito pouco tempo morto —e estava congelado— ou a bruxa conhecia um feitiço para ocultar o aroma e manter afastados aos catadores. Trocar o que outros podiam perceber era um dos poderes que melhor dominava aquela bruxa.

Seu pai lhe havia dito que, de ter estudado, ele também poderia haver-se convertido em um bruxo. Bran nunca lhe pressionou, embora tampouco lhe dissuadiu: alguém com poderes mágicos teria feito que a Alcateia fosse ainda mais poderosa. Mas a Charles tinha atraído muito mais a sutil magia do povo de sua mãe. Nunca se tinha arrependido do caminho que tomou, e muito menos agora, naquela mísera cabana turvada pelo mal.

O aroma que desprendia o saco de dormir sobre o cama de armar lhe disse que a bruxa tinha dormido ali a noite anterior. Sobre a mesa havia restos de uma grossa vela negra que cheirava mais a sangue que a cera e junto a esta, um morteiro com um pouco de cinza em seu interior; os restos do cabelo de Anna, pensou Charles. Algo pessoal que lhe tinha permitido introduzir-se em seus sonhos.

—O que é isso? —murmurou Anna da soleira da porta.

Sua presença lhe fez sentir-se imediatamente melhor, como se esta conseguisse aliviar o mal que se foi filtrando na madeira e o tijolo.

Algum dia o diria, somente para desfrutar da desconcertada incredulidade refletida em seus olhos: começava a conhecê-la o suficiente para predizer suas reações. Aquilo lhe deu certa satisfação.

Seguiu seu olhar até o corpo estripado e esfolado frente ao lar.

—Acredito que é um guaxinim. Ao menos cheira a isso.

Também cheirava a dor, e tinha deixado marcas de unhas no chão, provavelmente depois de que o cravasse na tábua. Não viu razão alguma para lhe dizer a Anna que provavelmente não estava morto quando a bruxa o mutilou.

—O que pretendia conseguir?

Não se tinha movido da porta, e Walter se colocou atrás dela. Nenhum dos dois fez gesto algum de entrar na cabana.

Charles se encolheu de ombros.

—Não tenho nem ideia. Talvez reforçar o feitiço que te lançou ontem de noite. Uma bruxa escura obtém seu poder do sofrimento e a morte de outros.

Anna parecia chateada.

—Há coisas piores que ser um homem lobo, verdade?

—Sim —reconheceu Charles. —Embora não todas as bruxas fazem coisas como esta, é difícil ser uma bruxa decente.

No chão, junto ao guaxinim, havia uma terrina de cerâmica negra cheia de água. A temperatura no interior da cabana não era muito mais alta que a exterior; se levasse ali muito tempo se teria congelado. Não tinham coincidido com a bruxa por muito pouco tempo.

Apesar de sentir as reticências, tocou o corpo do animal para comprovar quanto tempo fazia que o tinha torturado daquele modo. Ainda tinha a pele...

O animal se moveu ligeiramente, e Charles extraiu sua faca e lhe fatiou o pescoço tão rápido como pôde, sentindo náuseas ao compreender que seguia com vida quando chegaram: nada poderia ter sobrevivido a uma experiência como aquela. Observou com mais parada o chão. Talvez não tinha percebido o aroma de putrefação porque o que conservava aí debaixo, fixando o círculo de poder, tampouco estava morto.

Walter emitiu um grunhido, e Charles se ecoou do sentimento.

—Deixou-o com vida —murmurou Anna.

—Sim. E saberá que nós o matamos. —Charles limpou a faca no saco de dormir e voltou a guardá-lo na capa.

—O que fazemos agora?

—Queimar a cabana —disse Charles. —A maior parte da bruxaria consiste em poções e feitiços. Se queirmos seu centro de poder, a debilitaremos um pouco.

E também liberariam o que fosse que estivesse apanhado sob a cabana. Não queria dizer aquilo a Anna se podia evitá-lo.

Anna encontrou uma lata meio cheia de vinte litros de gasolina junto a SUV, e Charles orvalhou a cama de armar e a lenha que tinha acumulado no centro da cabana. Enviou a Anna e a Walter longe da construção antes de acender um fósforo. A gasolina lhe queimou o nariz quando o fogo se estendeu rapidamente. Esperou até assegurar-se de que ardia com a suficiente intensidade para consumir toda a cabana e partiu.

Aproximou-se de Anna e Walter a passo ligeiro. Quando esteve junto a eles, agarrou a mão de Anna e a afastou ainda mais ao sentir uma coceira entre as omoplatas. Quando a cabana explodiu, estavam a uns cinquenta metros de distância, mas, apesar disso, a explosão os lançou ao chão.

Anna levantou a cabeça da neve e cuspiu algo que lhe tinha metido na boca.

—O que ocorreu? Guardava dinamite ou algo assim?

Charles deu a volta e ficou sentado no chão, tentando não demonstrar quão doloroso resultava cair ao chão com uma ferida no peito.

—Não sei. Mas às vezes a magia e o fogo têm um estranho efeito sinérgico.

Observou o lugar onde tinha estado a cabana e assobiou sonoramente. Virtualmente não ficava nada, somente algumas pedras no chão que indicavam a presença anterior de uma chaminé. Os restos da SUV e da cabana estavam pulverizados por toda parte e chegavam quase a seus pés; as árvores mais próximas à cabana se estilhaçaram como palito de dentes.

—Uau —disse Anna. —Está bem, Walter?

O lobo se aproximou até seus pés e se esfregou contra sua perna enquanto a olhava com olhos que transmitiam adoração.

—A bruxa sabia que iríamos atrás dela —disse Charles. — Tentou nos ocultar este lugar. Não percebi seu rastro quando Walter e eu rodeamos a cabana. E você, Walter?

O grande lobo tampouco tinha cheirado nada.

—Então o que fazemos?

—Apesar de todos nossos temores, acredito que chegou o momento de avisar a meu pai. —Charles sorriu a Anna. — Não estamos muito longe do carro, e além disso, já sabe que algo saiu mau. Ontem à noite despertou, por isso soube que estava em perigo. Não é precisamente estúpido, e conhece algumas bruxas às que podemos recorrer.

Bran levava várias horas correndo quando lhes ouviu.

—Disse-te que o mais provável era que enviasse ao Tag se Charles tinha problemas —disse Asil. —Te disse que não cometeria a loucura de vir ele em pessoa.

Bran fincou as quatro patas na neve e se deteve. Embora Asil não tinha falado muito alto, sabia que Bran não teria dificuldades para lhe escutar. O que significava que era muito tarde para fugir.

As bruxas podem ocultar-se em pleno dia se exercerem algum tipo de controle sobre um. E como evidentemente Asil não estava falando com o Charles, soube que se encontrava sob a influência da bruxa. Mas Asil também estava sob a influência de Bran. Aquilo era suficiente para que um feitiço de ocultação funcionasse a olhos de Bran.

Deu a volta para olhar ao Asil e viu que se encontrava sobre um pedra bruta do tamanho de um elefante. A seu lado, uma mulher bem miúda parecia um novelo para proteger do frio e se agarrava ao Asil como se pensasse que o vento a ia arrancar da rocha.

—Não sei o que lhe faz acreditar que Tag o faria melhor que eu —continuou Asil com frieza.

Seus olhos brilhavam com fogo, mas o resto de seu rosto e sua linguagem corporal encaixavam com a voz.

—Vêem aqui, *senhor* —ronronou a mulher, emprestando-se ao encontro enquanto descia da rocha com uma elegância pouco habitual.

Tinha acento americano exceto quando falava em espanhol. Uma parte dele se surpreendeu ao descobrir que levava ali o tempo suficiente para ter pego o acento americano. Embora tinha um ouvido muito bom como para não reconhecer qual era sua língua materna, inclusive se não tivesse sabido que estava perseguindo à bruxa que assassinou a companheira de Asil na Espanha. E outra parte dele se sentia assombrada ante a destreza lupina com que saltou da rocha atrás de Asil. Nenhum humano podia mover-se daquele modo, fosse ou não uma bruxa. Entretanto, quando a mãe de Bran o escravizou, moveu-se de um modo similar.

Ficou horrorizado de não ser porque aconteceu algo ainda pior: Bran se aproximou quando lhe chamou como o mascote bem adestrado que um dia tinha sido... fazia muito, muito tempo.

—Tag —disse a bruxa em um ronrono enquanto caminhava a seu redor. —Colin Taggart. um pouco pequeno... para ser um homem lobo.

Bran era consciente, apesar de a que a bruxa parecia não sê-lo, da tensão com que Asil esperava o momento em que se desse conta de que não lhe tinha contado a verdade. Embora tampouco lhe tinha mentido. «Disse-te que enviaria ao Tag» não era quão mesmo «Olhe, aí está Tag». Asil fazia um grande esforço por manter o engano, e Bran o agradeceu, sabedor da dificuldade que entranhava mover-se por aquela linha tão fina.

Pelo medo que irradiava, Asil conhecia as consequências a que teria que enfrentar uma bruxa que tentasse converter ao Bran em seu mascote. Não havia muita gente que recordasse o que tinha ocorrido quando Bran obteve finalmente liberar-se de sua mãe: Samuel, Asil... Não pôde recordar a uma terceira pessoa, daquilo fazia muito tempo. De igual modo, as bruxas já não recordavam por que se proibiu a prática de converter a um homem lobo em mascote ou em familiar... Embora tampouco ficavam muitas com o poder para fazê-lo.

Bran decidiu esperar. Em primeiro lugar porque a bruxa podia cometer um engano, sobretudo se não sabia a quem estava controlando. E, em segundo, porque temia que naquela ocasião ninguém pudesse matá-lo. A última vez lhe tinha ajudado Samuel... Mas Samuel já não estava tão seguro de si mesmo como antes.

Teria que vencer o controle ao que lhe tinha a bruxa submetido com sangue e carne, e o único vínculo de carne e sangue era o que unia a sua Alcateia. Devia ter utilizado ao Asil para introduzir-se na Alcateia... Mas como?

Enquanto a bruxa lhe observava, Bran rastreou seu vínculo com o Asil para dar com algo que cheirasse a bruxa enquanto prestava muito pouca atenção às palavras que lhe dirigia esta. Com a destreza adquirida ao longo dos anos, Bran se deslizou brandamente através de Asil e encontrou a uma mulher morta; somente podia tratar-se da companheira de Asil. Impossível.

Ninguém podia estabelecer um vínculo com uma mulher morta: sabia por que quando morreu Blue Jay Woman, a mãe de Charles, ele tinha tentado sujeitar-se a ela.

Não obstante, o impossível se fazia possível quando acrescentava uma bruxa à mescla.

Não podia seguir explorando mais: a mulher estava morta, e seu vínculo passava através de Asil... Mas o único modo de que o controle da bruxa sobre ele funcionasse

era mediante uma relação estreita com a companheira de Asil. Daquele modo poderia aplicar sua magia ao vínculo para dominar a todos os lobos de Bran.

Tomou seu tempo para observar com frieza ao Asil. Este tinha que saber que o vínculo com sua companheira falecida estava intacto, e teria que haver o contado. Tinha a sensação de que deveria lhe haver contado muitas coisas.

A bruxa tinha encontrado o modo de manter intacto o vínculo de emparelhamento enquanto matava a Sarai.

Aborrecia as bruxas.

—Colin Taggart —voltou a ronronar a bruxa. —Agora me pertence. Sua vontade é minha.

Bran sentiu como sua magia lhe percorria o corpo. Uma parte da mesma se deslizou além dele como mel sobre uma torrada: acumulando-se aqui e lá de forma irregular. Mas então se fixou e solidificou ao tempo que a bruxa dava voltas a seu redor e sussurrava as palavras do feitiço. Não lhe doeu, mas bem lhe produziu uma sensação de claustrofobia, e quando tentou mover-se, não pôde.

O pânico fez ato de presença e um pouco enterrado tempo atrás começou a remover-se em seu interior. Tomou ar com dificuldade e tentou apartar à bruxa de sua consciência. O pânico era extremamente perigoso; muito mais que a bruxa.

De modo que dirigiu sua atenção a outras coisas.

Em primeiro lugar, tentou isolar ao Asil da Alcateia. Se conseguia romper o vínculo entre ele e Asil, poderia dispor de uma oportunidade para liberar-se da bruxa. Deveria ser capaz de fazê-lo, mas as singularidades do vínculo de Asil com sua companheira e o modo em que esta o tinha retorcido obstruíam a magia da Alcateia até tal ponto que chegou à conclusão de que não conseguiria isolar ao Asil de ninguém: nem de Sarai, nem da bruxa, nem de Bran, nem sequer mediante uma cerimônia de desterro de sangue e carne.

A bruxa modificou o ritmo de seu canto e Bran sentiu como seu controle se esticava a seu redor até que lhe resultou impossível respirar... Não.

Ignorou à bruxa completamente e se dispôs a minimizar o dano o melhor que pôde.

Comprimiu as conexões que lhe uniam à Alcateia até que virtualmente deixou das perceber. Se tivesse tido uma Alcateia normal, poderia haver-se arriscado a soltar as rédeas totalmente. Entretanto, muitos de seus lobos não podiam ficar sozinhos durante muito tempo. Comprimir os vínculos lhes protegeria da magia da bruxa, e dificultaria qualquer intento desta por utilizá-los.

A ele tinha conseguido controlá-lo através de Asil, mas se podia evitá-lo, a bruxa não contataria com ninguém mais de sua Alcateia. Se Asil continuava lhe fazendo acreditar que era Tag, nem sequer saberia para onde devia olhar.

Na Alcateia havia alguns lobos velhos cujo controle se debilitou muito: os entregou ao Samuel, isolando-os dele completamente. Para o Samuel seria uma situação difícil, mas os lobos conheciam seu filho e não se queixariam. Samuel poderia ocupar-se deles durante um momento.

Não sabia se a bruxa, que evidentemente tinha uns quantos atributos de homem lobo, conheceria estes o suficiente para rebater o que tentava fazer, mas lhe dificultaria as coisas tanto como pudesse. Como mínimo a atrasaria.

Embora o que realmente lhe preocupava era que quando... se perdia a cabeça, não queria arrastar a toda a Alcateia com ele. Alguém — Charles era sua melhor opção, embora Asil também poderia fazê-lo — teria que matá-lo.

Bran terminou seu trabalho antes de que a bruxa concluísse o seu. Fazia séculos que não sentia aquela solidão em sua própria mente. Em outras circunstâncias, inclusive teria desfrutado dela.

Não opôs resistência quando a bruxa estalou os dedos e lhe obrigou a segui-la. Ele caminhava a sua esquerda enquanto Asil, em forma humana, escoltava-a pela direita.

De algum modo, Bran soube que a bruxa não tinha reconhecido a presença da criatura-sombra que caminhava junto ao Asil. Ele mesmo não teria reparado nela se não tivesse sido pelas quase imperceptíveis marcas na neve que recordavam à garra de um lobo; apesar de tudo, podia cheirá-la, tanto a ela como a magia que se agitava em seu interior.

Guardiães, assim chamavam a aquelas coisas. Sempre tinha pensado que era um nome muito carismático para tais aberrações. Quando descobriu que a família que dominava aquele feitiço tinha sido aniquilada, havia-se sentido aliviado. Obviamente, a informação não era de todo correta. Embora jamais tivesse ouvido que convertessem a um homem lobo em sua mascote, nem sequer na cúpula de seu poder.

Bran olhou ao Asil, mas não soube se o Mouro era consciente de que uma parte de sua companheira lhes acompanhava, como se tivesse sido reclamada tantas vezes que tinha acabado por ter uma presença independente da chamada de seu criador. Os guardiães, recordou, eram destruídos a cada sete anos para evitar situações como aquela. O lobo de Sarai tinha mais de duzentos anos. Perguntou-se até onde chegava sua autonomia.

— Me diga, Asil — lhe ordenou a bruxa. Caminhava de braço dado com Asil, como se este fosse um cavaleiro de outra época e ela uma dama passeando por uma sala de baile em lugar de por um bosque coberto por dois metros de neve. — O que sentiu quando Sarai decidiu me proteger em lugar de seguir te sendo fiel?

Suas palavras eram sinceras; realmente acreditava que Sarai tinha tomado uma decisão. Pela vacilação no ritmo regular de seus passos, Bran soube que Asil também se deu conta.

— É isso o que fez? — perguntou.

— Me queria mais que a ti — disse a bruxa. — Eu sou sua mariposa, e se preocupa comigo.

Asil ficou um momento em silêncio e depois disse:

— Acredito que faz muito tempo que não é a mariposa de ninguém.

A bruxa se deteve e passou repentinamente ao espanhol.

— Mentiroso. *Mentiroso*. Não sabe nada. Ela me queria. A mim! Ficava comigo quando você partia de viagem. Somente me enviou longe por sua culpa.

— Queria-te — aceitou Asil. — Faz tempo. Agora já não existe. Já não pode querer a ninguém.

Olhando de soslaio as quase imperceptíveis pisadas sobre a neve a poucos centímetros das de Asil, Bran não esteve tão seguro daquilo.

—Sempre foi um estúpido — lhe disse a bruxa. — A obrigou a que enviasse a outro lugar. Ela preferia que ficasse em sua casa, onde pertencia.

—Foi uma bruxa, e não tinha controle sobre seus poderes — disse Asil. — Necessitava adestramento.

—Você não me enviou a que me adestrassem — gritou ela com lágrimas nos olhos enquanto liberava seu braço e dava um passo atrás. — Enviou ao *cárcere*. E sabia. Li as cartas que lhe enviava. Sabia que tipo de adestramento oferecia aquela bruxa. Linnea não era uma professora, era uma carcereira.

Asil olhou à bruxa com o rosto completamente pálido.

—Só tínhamos duas opções: te enviar com a Linnea ou te matar. Linnea tinha reputação de ser uma boa reabilitadora.

—Reabilitação? Eu não fiz *nada* mau!

Golpeou o chão com os pés como se ainda fosse uma menina pequena e não uma bruxa com cem anos mais dos que aparentava.

—Nada? —disse Asil com frieza. —Tentou envenenar a Sarai, duas vezes. A gente do povoado perdia a seus animais de forma inexplicável. E se fez passar por Sarai para penetrar em meu leito. Acredito que Sarai lhe tivesse perdoado tudo menos isso.

A bruxa deu um alarido: um grito de raiva incompreensível, quase desumano. E, longe de ali, produziu-se uma explosão.

A bruxa ficou petrificada onde estava e, pouco depois, inclinou a cabeça e levou as mãos às têmporas. Bran sentiu como se debilitava seu controle. Aproveitou a ocasião para atacar, embora não fisicamente. Ainda não tinha controle sobre seu corpo.

Recorreu aos vínculos, como ela tinha feito, lançando sua ira através da conexão entre o Asil, Sarai e mais à frente. Se tivesse disposto de cinco minutos, ou inclusive três, teria conseguido livrar-se dela. Modificou o vínculo que a unia a Sarai, mas não o suficiente.

A bruxa se recuperou muito logo... Mas a um alto custo. Separou-o do vínculo e cobriu com um feitiço os enlaces para que não voltasse a fazê-lo. Quando terminou, Bran seguia sendo seu lobo, mas lhe emanava sangue do nariz.

—Disse-me que era um lobo menor — cuspiu a bruxa, e Bran pensou que, de não ter estado tão afetada, teria matado ao Asil naquele preciso instante. —E eu acreditei... Como também acreditei quando me disse que enviava a outro lugar por meu bem. Teria que havê-lo sabido. Bran é muito preparado. Quando falharam, você e o outro lobo, Bran enviaria o melhor que tinha. Somente sabe mentir, embora achasse dizer a verdade.

.....Não quer me acreditar —disse Asil. —Mas pode saborear a verdade... O vínculo que une a Sarai é muito forte. Foi um perigo tanto para ti como para outros. Fizemo-lo por seu próprio bem. Era isso ou sua morte.

A bruxa lhe apontou com um dedo tremente.

—Se cale.

O rosto de Asil perdeu a compostura e fez uma careta. Quando continuou, fez-o com uma voz ofegante prenhe de dor.

—O que tem feito é uma abominação. A coisa em que converteu a Sarai não quer. Serve-te como o faria um escravo, sem a possibilidade de escolher, como eu. Não pode manipular ao Bran. Matará-te... E você será a única responsável.

—Não morrerei — gritou a bruxa. —Não o fiz quando Linnea tentou me matar. Ela não sabia quão poderosa era nem as coisas que me tinha ensinado minha mãe. Matei-a, a ela e a seus alunos, e estudei os livros que tinha em sua casa. Durante meses te escrevi e assinei as cartas com seu nome enquanto seguia estudando. Mas sabia que morreria sem alguém que me protegesse. Minha mãe também tinha morrido. De modo que converti a Sarai em minha guardiã, e ela me entregou sua longa vida para jamais separar-se de mim. Não se pode fazer algo assim contra a natureza de um. Não se pode. Se funcionou significa que tinha que me querer muito.

Aquilo não era certo para o feitiço do guardião, pensou Bran, mas podia sê-lo para o vínculo que permitiu à bruxa de Asil compartilhar a imortalidade de um homem lobo. Talvez por isso o tinha utilizado sua mãe, em lugar do mascote que usou em sua transformação e a de seu irmão Samuel.

—Queria-a? —perguntou-lhe Asil.

—É obvio que a queria!

Asil fez uma careta e lhe disse um sussurro:

—Eu teria dado a vida por ela, e você a arrebatou. Não tem nem ideia do que é o amor.

De repente, a bruxa se acalmou. Ergueu com majestade o queixo e disse:

—Viverei muito mais que você. Vamos, tenho assuntos que resolver. —Observou ao Bran de acima. —E você também, Colin Taggart. Há coisas que requerem nossa atenção.

Bran enviou uma pergunta ao Asil sem estar seguro de se a magia da bruxa o permitiria: *até que ponto é importante que não saiba quem sou?* Sua mãe se assegurou de que a única com a que pudesse comunicar-se telepaticamente fosse ela. Mas aquela bruxa não pertencia à família de sua mãe, de modo que deveria funcionar.

A bruxa alargou uma mão como o faria uma imperatriz e Asil lhe ofereceu seu braço.

—Bem, quanto acha que demorará Bran em vir em pessoa? E quantos lobos trará com ele?

Asil observou ao Bran, e assim que esteve seguro de que a bruxa não lhe olhava, assinalou com os olhos ao céu respondendo à pergunta deste. Era muito importante que ela não soubesse quem era.

—Logo — disse Asil à bruxa. — E não acredito que traga nenhum lobo. Assim que seja teu, também o será sua Alcateia.

A última frase estava dirigida ao Bran. De acordo, por agora tinha protegido à Alcateia o melhor que tinha podido.

—Bem —disse a bruxa. — Nos ocupemos de seu filho e dessa puta. Talvez prepare um pequeno presente para o Bran, um presente de boas-vindas. O que acha que gostará mais? Uma pele de lobo ou uma humana. A de lobo é suave e cálida, mas a pele humana é muito mais horripilante, e mais útil. Me leve até o Charles.

Algo se removeu em seu interior: o guerreiro reclamava sua presença. Dominou-o, e ele fez o mesmo. Sabia que Charles era um lobo velho e ardiloso, um caçador experiente. Se a bruxa ainda não o tinha feito dele, se era o responsável por aquela explosão, então Charles sabia ao que se enfrentava. Não lhe agarraria por surpresa.

Cuidado, filho. A bruxa te busca. Corre.

Charles tinha esperado que a bruxa lhes seguisse, mas não percebeu nenhum rastro dela enquanto se dirigiam ao Humvee. O lugar onde as coisas deixaram de estar sozinho em suas mãos.

— Não é essa sua caminhonete? — perguntou-lhe Anna.

— Sim — disse lugubrememente.

Abriu a porta e deixou que o olfato lhe dissesse o que já sabia. Seu pai havia a trazido até ali. A cabine estava fria. Fazia horas que partiu.

Como lhe tinha indicado Tag, não demorou para encontrar cobertura.

A chamada ao telefone de seu pai revelou que o aparelho estava na calça que tinha deixado perfeitamente dobrada no assento da caminhonete. A chamada a companheira de seu pai só serviu para confirmar algo que já sabia: seu pai tinha saído na metade da noite e a Leah não caía muito melhor o primogênito de seu pai por isso. Samuel foi mais útil, embora ao Charles não gostasse de nada o que tinha que lhe dizer.

Charles cortou a chamada depois de uns minutos bastante insatisfatórios.

— Ouviu-o?

— Seu pai sabe que podemos estar perseguindo a bruxa que matou a companheira de Asil. Sabe que Asil veio nos buscar.

Anna lhe tocou o ombro.

Em um intento por descobrir onde estava seu pai, Charles reuniu a magia que tinha herdado de sua mãe e tentou contatar com a Alcateia.

— Charles?

Surpreendeu-se ao tirar o chapéu completamente petrificado. Sentia a cabeça como se alguém a tivesse golpeado com um pau, e teve que pestanejar um par de vezes para ver algo. O único que lhe ocorreu parecia inconcebível: seu pai estava morto.

— Charles, o que ocorre?

Levantou uma mão ao tempo que se concentrava na escuridão que sempre tinha sido seu vínculo com seu pai, e através dele, com o resto da Alcateia. O que encontrou lhe permitiu recuperar o fôlego.

— Papai desconectou os vínculos com a Alcateia. — Observou a Anna com um sorriso tão sombrio como o que sentia em seu interior. — Não está morto. Não desapareceram.

— Por que faria algo assim? O que pretende?

— Não sei. — Olhou a Anna. — Quero que agarre ao Walter e que partam ao Kennewick, Washington, onde está meu irmão.

Anna cruzou os braços e lhe olhou com seu habitual gesto acintoso.

— Não. E não volte a tentá-lo. Notei o *empurrão*. Pode ser tudo quão dominante queira, mas recorda que comigo não funciona. Se a bruxa está usando os vínculos da Alcateia, Walter e eu somos seus ases na manga. Não vou te deixar aqui, e não volte a tentá-lo.

Charles a olhou com o cenho franzido, um olhar que tinha intimidado a gente muito mais velha e poderosa que ela, e Anna lhe golpeou com o dedo no esterno.

—Não funcionará. Se me deixar aqui, te seguirei.

Não estava disposto a atá-la, o único modo, concluiu, de impedir que lhe seguisse. Resignado a sua sorte, Charles voltou a organizar outra caminhada pelo bosque. Viajariam com pouco peso. Preencheu a mochila de Anna com mais comida, um equipamento para fazer fogo e a chaleira para esquentar água. Encontrou o par de raquetes que viviam no assento traseiro de sua caminhonete durante o inverno. Todo o resto deixou no veículo.

—Acha que já a terá encontrado? —perguntou Anna enquanto retornavam às montanhas depois do rastro de seu pai.

—Não sei —disse ele, embora temia que sim.

A menos que Bran pudesse ler as mentes, o único modo pelo que Bran podia saber que a bruxa estava usando a magia da Alcateia contra eles era havê-lo visto diretamente.

Teria gostado de estar seguro que seguir a seu pai era mais inteligente que meter-se no carro e conduzir até o sul do México. Uma parte dele queria acreditar no mito da invulnerabilidade do Marrok, mas uma parte menor, a que não tinha podido fazer nada para evitar responder obedientemente às perguntas da bruxa, sabia muito bem que seu pai era uma pessoa real, por muito velho e poderoso que fosse não era invulnerável.

Charles respirou fundo. Estava completamente esgotado, além da dor no peito e a perna. Estava muito pior que aquela manhã. Não era estúpido, sabia a razão. Seu pai lhe tinha estado emprestando forças da Alcateia.

Apesar das raquetes de emergência, resultava-lhe difícil avançar. Se a bruxa tinha ao Bran, as possibilidades de sobreviver se reduziam grandemente.

Não o disse a Anna. Não porque pensasse que se assustaria, se não porque ao verbalizar seus medos, temia fazê-los mais reais. De todos os modos, Anna já sabia; via-o em seus olhos.

Cuidado, filho. A bruxa te busca. Corre.

—Muito útil, papai — disse em voz alta. — Por que não me diz onde está ou para onde se dirige?

—Charles?

—Meu pai pode falar telepaticamente — lhe disse ele. — Mas, segundo ele, não pode escutar. O que significa que quando te diz algo, não pode lhe rebater nem lhe dizer o que necessita.

—O que disse?

—A bruxa lhe tem, e vem atrás de nós. Também tem ao Asil, por isso pode nos encontrar. Não me deu nenhuma informação útil, como, por exemplo, onde estão agora ou algo assim.

—Te disse que parta.

—Me disse que fuja — grunhiu Charles. Com os vínculos da Alcateia naquele estado, as ordens de seu pai eram, mas bem sugestões. —Não vou abandoná-lo à bruxa.

—É obvio que não — disse Anna —Mas estamos na direção equivocada.

—O que quer dizer?

—Irà à cabana que voamos pelos ares. Charles se deteve para observá-la.

— Por que acha isso?

— Se pedir ao Asil que nos encontre, ele a levará a cabana... Para nos dar a possibilidade de escapar. — Anna lhe olhou com um sorriso cansado. — Asil tem muita prática com as ordens de cobertura; eu também ouvi as histórias.

Encaixava com o modo de proceder do velho bastardo. Se não tivesse estado tão esgotado, a ele também lhe teria ocorrido. Seu pai tinha razão: deveriam pôr-se a correr. Todos seus instintos lhe diziam o mesmo. Mas enquanto existisse uma possibilidade de salvar ao Bran, Charles não podia abandoná-lo a seu destino. Seu pai estava acostumado a dizer que escutar seus instintos não é o mesmo que obedecê-los cegamente.

Anna compreendeu o impulso que tinha levado Charles a tentar enviá-los, a ela e ao Walter, com seu irmão para afastá-los do perigo. Ela sentia o mesmo.

O ritmo de Charles era cada vez mais lento. Em parte por um terreno que tinha uns cinco centímetros de neve em um ponto *e* pouco depois te cobria até o quadril, *e* que, apesar das raquetes, resultava exaustivo. Embora sobretudo, suspeitava Anna, era por culpa das feridas.

Walter, ainda em forma de lobo, colocou-se junto a Charles e lhe marcava o passo sem incomodá-lo, lhe oferecendo o ombro.

Quando Anna viu que Charles começava a tremer, deteve-se.

— Se transforme.

Sabia que não serviria de muito, mas o lobo repartiria o peso em quatro patas em lugar de duas. O lobo geraria mais calor que o humano, e sua pelagem o reteria. Sabia por experiência que o lobo funcionava melhor que o humano quando se estava ferido.

O fato de que não discutisse e começasse a tirar a roupa era um indicativo do cansaço ao que estava submetido Charles, guardando cuidadosamente sob um arbusto as raquetes, as bandagens, as botas e a roupa.

Ao ficar nu, Anna pôde comprovar o estado de todas suas feridas. Parecia uma horrível e aberta profanação da suave perfeição do músculo e o osso.

Charles ficou agachado para evitar cair de tão alto se perdia o equilíbrio ao transformar-se. A nova perspectiva do buraco de bala nas costas lhe permitiu comprovar a Anna que estava em melhor estado que no dia anterior. Apesar de tudo, estava-se curando.

A transformação não lhe levou mais tempo do habitual. Sobre as costelas do lobo, o buraco de bala tinha um aspecto estranho: as feridas de entrada e de saída já não estavam alinhadas; a de saída, muito maior, situava-se agora por cima da de entrada.

— Devemos descansar e comer antes de chegar à cabana — disse Anna. — Não serviremos de nada a seu pai se estivermos esgotados.

Charles não respondeu, limitou-se a baixar a cabeça e a seguir Walter.

O atalho de Walter os obrigou a circular por um terreno muito agreste, por isso passou o momento amaldiçoando suas raquetes e a vegetação que lhe enganchava na roupa e no cabelo. Quando avançavam por uma ladeira acidentada, os dois lobos se detiveram em seco e tombaram no chão.

Anna lhes imitou enquanto tentava descobrir o que lhes tinha alarmado.

Capítulo 13

Como a bruxa não lhe havia dito como encontrar ao Charles, Asil os conduziu à cabana. Tinha-lhe explicado cuidadosamente a Mariposa que tinha percebido a presença de Charles naquele lugar e que este poderia ter decidido esperá-los onde acreditava que retornariam.

Entrava dentro de quão possível Charles fizesse algo assim, de modo que não lhe estava mentindo. Bran tinha desligado os vínculos da Alcateia, por isso Asil não podia comprová-lo, mas estava bastante seguro de que Charles não se aproximaria da cabana. O menino era prudente, e estava com sua nova e frágil companheira. Teria partido dali a toda pressa para contatar com o Bran antes que o fogo provocado pela explosão se extinguiu. A bruxa e o lobo de Sarai eram uma coisa, mas o menino sabia que não tinha nenhuma opção frente à Asil.

Charles já devia estar perto dos carros. Embora Asil não conhecesse muito bem aquelas montanhas, tinha um bom sentido do espaço. Teria que lhe rastrear uma vez chegassem à cabana — ou ao que ficava dela — mas se Charles tinha o bom julgamento de fugir dali com o veículo, à busca da bruxa seria infrutífera.

Embora, é obvio se descobria que seu pai também estava ali, o maldito louco provavelmente retornaria à boca do lobo: Charles era esse tipo de idiota heroico.

Mesmo assim, demorariam bastante em chegar à cabana, de modo que Asil tinha conseguido lhe dar a iniciativa. Não sabia que mais fazer para lhe ajudar.

Além disso, não queria perder a cara de Mariposa quando visse os restos da explosão. Voar pelos ares a cabana tinha sido uma decisão inteligente, muito mais do que acreditava capaz ao Charles. Talvez não tivesse sido de todo justo com o valentão de Bran.

Confiava em que Charles tivesse matado ao pobre coitado apanhado entre a vida e a morte mediante a vontade e a magia de Mariposa. Não queria voltar a passar outra noite escutando os irregulares ofegos da pobre criatura torturada e presa sob o chão. Tinha demorado toda a noite em averiguar o que era. Durante um momento chegou a acreditar que era o caçador desaparecido que todo mundo andava procurando.

Tampouco desejava voltar a ver como alguém despedaçava a um animal vivo. Nem a sua amada Sarai possuída por um estranho que observava à bruxa como se esta fosse uma deusa e concordando todos seus desejos. Sua Sarai nunca teria dado a Mariposa um animal para que esta o torturasse. Nunca lhe teria dado Asil. E, além disso, tinha-o feito sem receber nenhuma ordem. Mariposa não lhe esperava.

Os guardiões deviam ser obedientes, incapazes de pensar por si mesmos. Asil acreditava que o lobo de Mariposa era algo mais que um simples guardião. A mesma esperança estúpida que os tinha conduzido àquela situação.

Se Anna não tivesse sido uma Omega, pensou, sua ira lhe teria impedido de cair nas garras da atração que sentia pela forma de Sarai. Agora sentia aquela raiva, um impotente pesar provocado pelo fato de que a bruxa lhe arrebatasse o lobo de sua Sarai e o convertesse em... Aquela coisa.

Se tivesse ficado com o Charles, poderiam ter esboçado um plano contra a bruxa; talvez tivessem tido uma oportunidade. Mas a presença de Anna tinha amortecido

sua dor, deixando tão somente o convencimento de que, independentemente do que a bruxa fez a Sarai, não tinha interrompido o vínculo que unia a ela. Quando o lobo que se parecia com sua Sarai se partiu, não teve outra opção que seguir seus passos.

Não, era muito velho para culpar a outros de seus enganos. Não tinha sido culpa de Anna, a não ser dele. Era muito velho para acreditar em finais felizes. O melhor que podia fazer pela Sarai era assegurar-se de que desta vez seu lobo morreria definitivamente.

Quando aquela manhã Mariposa tinha lido o futuro na água e descobriu que se aproximava outro lobo, Asil soube imediatamente de quem se tratava. E também foi consciente do desastre que se desencadearia se a bruxa punha as mãos em cima ao Bran. De modo que quando lhe perguntou que lobo enviaria Bran em busca de Charles, mentiu-lhe. E mentiu com a verdade. Se Bran não tivesse vindo, a única opção que ficava era Tag.

Asil se obrigou a não olhar ao Bran, que caminhava a seu lado com a ferocidade de um lavrador: Bran era um bode enganador; cordial e aprazível até que te fatiava o cangote. Também tinha seus pontos bons.

Asil estava convencido de que, apesar de quão debilitadas lhe tinha deixado as defesas, o velho lobo era capaz de sair-se com a sua. Talvez se tivesse podido pô-lo em antecedentes? Se lhe tivesse contado tudo o que sabia assim que chegou a Aspen Creck?

Muito tarde, muito tarde.

Asil não tinha problemas de modéstia. Conhecia perfeitamente seus pontos fortes, que eram muitos... E, apesar de tudo, não tinha podido fazer nada contra ela. Desconhecia por que se convenceu a si mesmo de que Bran poderia resistir sua influência quando ele não tinha sido capaz.

Pelo menos a bruxa não sabia que era Bran. Ainda.

Teria preferido que fosse Samuel quem viesse aos bosques em lugar de Charles. Charles era um valentão, um assassino. Não falava muito, simplesmente ficava atrás de seu pai infundindo o terror que Bran deveria provocar de não estar tão preocupado por aparentar ser um menino indefeso.

Asil tinha visto o Bran em ação uma ou duas vezes e devia reconhecer que resultava impressionante. Charles era forte e rápido, mas o que agora precisavam era sutileza, não força física. Samuel era velho e ardiloso. Culto. Charles era um assassino que estaria meio distraído por sua nova companheira, uma fêmea indefesa e frágil. Não como Sarai, quem tinha sido uma guerreira por méritos próprios.

Algo lhe roçou o quadril.

Olhou para baixo, mas não viu nada, nem tampouco quando voltou a lhe roçar. Discretamente, evitando atrair a atenção da bruxa, alargou a mão e esta se inundou em umas costas peludas; nenhum de seus outros sentidos o tinha detectado. Apesar de tudo, soube o que estava tocando. Uma vã esperança cresceu em seu coração quando seus dedos se fecharam sobre uma pelagem sedosa que tempo atrás lhe tinha resultado tão familiar.

A bruxa pode trocar de forma?

De novo Bran, lhe obrigando a voltar para a realidade. Por desgraça, Mariposa percebeu sua indecisão.

—Ocorre algo? —perguntou.

—Muitas coisas —lhe disse Asil.

Ela tinha razão, desfrutava confundindo-a com a verdade tanto como podia. Ainda não tinha desenvolvido a habilidade de todo bom Alfa para fazer as perguntas adequadas. Bran era muito mais difícil de enganar.

—Minha Sarai está morta, e eu não. —Degustou o ar com cautela e se relaxou à medida que o bosque lhe oferecia uma resposta melhor. — E algo se esconde entre as árvores... Um formidável predador que não é um urso. Ouvi que por esta zona há lobos selvagens.

Mariposa fez caso omissos do predador e deixou de prestar atenção ao Asil. Este se perguntou se seria consciente de estar cantarolando a canção favorita de Sarai. O fazia para lhe atormentar com a lembrança de sua perda ou porque lhe oferecia consolo?

Bran esperou a que Mariposa voltasse a centrar-se em seus próprios pensamentos para continuar falando com o Asil.

A bruxa dispõe da imortalidade, a força e a velocidade de um homem lobo. Também pode trocar de forma? É realmente uma mulher lobo? Mascara de algum modo seu aroma para cheirar a humana e a bruxa, mas não a lobo? Ou simplesmente o obtém de sua criação?

Asil encolheu os ombros. Nunca a tinha visto transformar-se. Seus olhos viajaram até sua mão, enterrada na pelagem invisível. Talvez existisse um modo de saber minhas coisas sobre Mariposa.

Durante quase dois séculos, assim que se deu conta de que o vínculo de emparelhamento permitia a Mariposa acessar a ele, Asil tinha bloqueado a conexão o melhor que pôde. Entretanto, seus piores pesadelos tinham terminado materializando-se, portanto, que sentido tinha já seguir fazendo-o?

Desfez-se das barreiras e só um controle de aço lhe permitiu seguir caminhando como se não tivesse acontecido nada à medida que o amor de Sarai lhe alagava como uma quebra de onda. Durante um bom momento quão único pôde fazer foi dar um passo depois de outro.

Alguns casais podiam comunicar-se telepaticamente, mas com Sarai sempre haviam primado as emoções. Com o tempo, e a prática, conseguiram desenvolver algo não muito distinto à comunicação mental.

Sarai não podia ocultar sua felicidade pelo fato de por fim lhe permitisse beber de suas energias, recrear-se a partir dele em lugar de Mariposa. Asil se abriu completamente a ela para que fizesse o que desejasse. Se a bruxa tivesse estado atrás dela, teria sido o final, mas Asil estava convencido de que era sua Sarai. Bebeu dele a pequenos sorvos enquanto contava tudo o que tinha ocorrido.

Sarai estava morta e jamais a recuperaria. Sabia por que era algo que aquela sombra meio vivente que tempo atrás foi sua companheira também sabia. Se conseguisse matar a Mariposa, a sombra desapareceria para sempre; se não o conseguisse, continuaria apanhada naquele inferno, entre a vida e a morte. Apesar de ser consciente de tudo aquilo, não conseguiu inquietar-se pela dor futura quando uma parte dele seguia assimilando a alegria ao descobrir que ainda ficava algo dela.

O que?

Sentia a frustração de Bran e se perguntou se poderia perceber algo do que Sarai e ele estavam fazendo. Era necessário que Bran soubesse? Sarai pensava que sim, por isso tentou contar-lhe.

—Agora sei que seu Guardião não é ela, embora se parecesse muito a Sarai. Às vezes me pergunto como seria voltar a falar com ela. Somente uma vez mais — disse Asil, e obteve o que procurava quando as unhas de Mariposa se cravaram na manga de sua jaqueta branca.

—Ela está aqui. É Sarai. Mas é *minha* — disse Mariposa. —Não pode falar com ela. Não te quer.

Mas Bran o tinha entendido; percebeu-o no olhar pensativo que lhe devolveu seu Alfa. Poderia havê-lo deixado aí. Mas Mariposa tinha reclamado sua autoridade sobre alguém que pertencia a *ele*.

—Ainda me ama — lhe respondeu Asil, consciente de que com aquilo somente conseguiria mais hostilidade por parte de Mariposa. — Ao menos uma parte dela. Vi-o em seus olhos quando veio a me buscar. — E agora se dava conta de que o que viu tinha sido *real*. Fez um grande esforço por guardar para si mesmo aquele pensamento. —Veio me buscar sem que você o pedisse.

—Ela me pertence. —A bruxa parecia nervosa. — Igual a você. —deteve-se enquanto refletia sobre suas palavras. Encontrou algo que a satisfizesse e deu a volta para olhá-lo com um sorriso sedutor. —Você também me quer.

Asil sentiu como lhe alcançava através do vínculo que compartilhava com o lobo de Sarai, e também o pânico desta porque a bruxa não descobrisse o que estavam fazendo. Sarai estava aterrorizada, e ele não pôde suportá-lo.

Decidiu distrair a Mariposa, e lhe resultou mais singelo do que tinha suposto em um princípio.

Inclinou-se para diante e tomou sua boca em um ataque carnal. Depois de um instante de vacilação, Mariposa lhe correspondeu. Durante todos aqueles anos tinha sido consciente da autêntica natureza de sua obsessão por Sarai. Asil tinha tentado contar-lhe quando se deu conta pela primeira vez, mas Sarai sempre ficava com o lado bom das pessoas. Havia-lhe dito que era muito desconfiado, e vaidoso, o que era certo, e que isso lhe nublava o julgamento, o que não era certo.

Sarai não lhe acreditou quando lhe disse que Mariposa estava obcecada com ele, até a noite em que a envenenou pela segunda vez. A garota se fez passar por sua companheira. Foi inútil, é obvio. Pode ser que seu aspecto físico fosse o mesmo, mas o aroma era inequívoco. Se Sarai tivesse sido somente humana, teria morrido envenenada; em lugar disso, passou três dias doente. A intenção de Mariposa era matá-la, só então Sarai concordou em reconhecer que à garota ocorria algo estranho que ela não podia arrumar. Somente então concordou em enviar a Mariposa a outro lugar.

Asil beijou a Mariposa até deixá-la sem fôlego, ofegante, até que a fragrância de sua excitação se estendeu em cálidas ondas. Então a soltou, limpou a boca com o dorso da mão e lhe disse a verdade:

—Não te quero. Nunca te quis.

Ela o percebeu em sua voz, sentiu-o em seu corpo impassível. Durante uns instantes seu rosto mostrou a palidez produzida pela comoção, e ele esteve a ponto

de sentir lástima por ela. A ponto. Mas então pensou em Sarai, no pobre coitado sob o chão da cabana, no guaxinim que tinha desmembrado e aprisionado enquanto ainda vivia, não porque o necessitasse com vida para seu feitiço, mas sim pelo prazer que lhe proporcionava.

A comoção inicial não demorou em evaporar-se. Mariposa lhe olhou com um sorriso cínico, o sorriso de uma puta.

—Talvez não, mas me desejava. Vi-o em seus olhos. Vejo-o agora. Sou jovem, formosa, e ela era velha e gorda como uma vaca. Desejava-me, e ela sabia. Desfez-se de mim porque estava ciumenta.

Asil arqueou uma sobrancelha.

—Está mesclando as histórias. Acreditava que era eu quem estava ciumento do grande amor que te professava Sarai. Acreditava que era eu quem me desfiz de ti porque Sarai te amava. Não é isso o que disse?

—*Bode!* —Mariposa golpeou o chão com os pés. —*Filho da puta.*

Resultava difícil acreditar que fora uma bruxa de duzentos anos em lugar da garota que aparentava ser. Como Peter Pan, tinha deixado de crescer.

—Ela me *queria*. Escolheu-me. Por isso está comigo e não contigo. Mas — e lhe assinalou com um dedo— *você* me queria. Por isso me separou de seu lado. Você me queria e isso lhe punha dos nervos. Era jovem e inocente, uma menina a seu cuidado, e me desejava.

—Por que ia desejar-te? —perguntou-lhe Asil com frieza. — Tinha a Sarai, que era mais mulher do que você poderá chegar a ser. Amava a Sarai, por ela vivi e por ela morri. Nunca foi mais que um cão abandonado ao que Sarai quis proteger.

Asil permitiu que a verdade ressoasse nos ouvidos da bruxa, e quando esta elevou as mãos carregadas com sua magia, não fez gesto algum por defender-se. Sabia que não lhe mataria, ao menos não antes de lhe convencer de que ela tinha razão. Ou quando conseguisse provocá-la o suficiente.

A honra lhe obrigava a enfrentar a ela até o último fôlego, para tentar deter a ameaça que por sua culpa tinha causado sobre o Marrok. Asil podia suportar algo menos a morte. E enquanto a bruxa estava concentrada nele, não reparava no que ele e Sarai tinham entre mãos. E, o que é mais importante, não prestava atenção ao Bran.

Não obstante, o lobo de Sarai não era tão calculista. Nos instantes prévios a que o poder da bruxa lhe alcançasse, bombardeou ao Asil com imagens de coisas que tinha presenciado fazer à bruxa. Coisas que lhe obrigaram a reconsiderar sua valoração anterior: a morte não era a pior das opções.

Se tivesse necessitado alguma outra prova de que aquela não era mais que a sombra de sua companheira, com aquilo se teria convencido. Sarai tivesse sabido que era inútil lhe assustar com o que se mostrava. Como mínimo serve para lhe recordar que se não cortava seu vínculo com ela, também sentiria sua dor. E apesar de ser somente uma sombra, não queria vê-la sofrer. Levantou as barreiras para bloquear a Sarai justo antes que a bruxa lhe golpeasse com mais fúria que delicadeza.

Gritou porque não se sentia acompanhado, porque lhe doeu mais do que acreditava possível e porque seu lobo decidiu que não ia permitir que se acovardasse e aceitasse seu castigo.

Transformar-se naquele momento era tão urgente como estúpido. A dor se quadruplicou, fazendo chispar as terminações nervosas que nem sequer sabia que tinha. O tempo adquiriu uma nova forma: os segundos se transformaram em horas até que somente existiu em um limbo de agonia. Então se deteve. Todo seu corpo ficou insensível enquanto enfrentava à última fase da transformação. Foi somente um instante, um espaço de liberdade que lhe proporcionou Sarai liberando-o de toda dor e que o deixou em forma de lobo ao meio metro de Mariposa e com o controle total de seu corpo.

Pela primeira vez, Mariposa parecia assustada, e Asil degustou aquele medo como se fosse carne fresca e succulenta. Depois de recrear-se em seu sabor, lançou-se sobre a bruxa. Entretanto, aquilo lhe deu o tempo necessário à bruxa para gritar o nome de sua companheira.

—Sarai!

E suas mandíbulas abertas encontraram cabelo em lugar de carne, o sangue de Sarai em lugar da de Mariposa. À medida que suas presas se cravavam com mais força, a dor produzida pela magia de Mariposa voltou a lhe rasgar por dentro e só se deteve quando Bran decidiu que tinha chegado o momento de intervir.

—Não está tão mau — disse Anna ao Charles. —Se tivesse, ponhamos, cinco anos e me seguissem gostando das coisas doces, poderia chegar a desfrutá-lo.

Anna falava apenas em um sussurro enquanto mascava gelo desidratado. Charles compreendeu que tinha acabado convencendo-se da importância de ingerir calorias. O único problema é que também obrigava a comer ao Walter e a ele. Embora Walter parecesse estar desfrutando.

Charles emitiu um grunhido enquanto observava o vale desde sua posição elevada e as pequenas figuras que atravessavam a pradaria. O vento trazia de vez em quando alguma palavra, mas soprava na direção contrária, por isso não podia alertar aos outros de que estavam sendo observados.

— Pergunto-me por que estará fazendo-o — disse Anna quando Asil começou a transformar-se.

Charles tinha a sensação de que não era deliberado; talvez algum tipo de castigo bizarro. Se era assim, à bruxa tinha saído o tiro pela culatra. Asil ficou em pé com dificuldade e, um instante depois, seus movimentos se fizeram repentinamente graciosos e precisos ao equilibrar-se: sobre a bruxa.

Charles, Anna e Walter ficaram em pé. Estavam muito longe para intervir, mas...

A coisa que se parecia com o lobo da companheira de Asil apareceu do nada para interceptar seu ataque. E foi então quando seu pai decidiu atuar. Quase surpreendo a bruxa, a qual estava distraída com o combate entre os dois lobos.

Quase.

E Charles se encontrava muito longe para poder evitar o que ocorreu a seguir.

Asil sentiu sua frustração, mas Sarai não podia ignorar a primeira diretriz de sua criação: proteger a Mariposa. Ainda não. Não lhe tinha dado suficiente de si mesmo. De modo que se enfrentaram porque Sarai não se deteria até que ele morresse ou até que a bruxa o ordenasse.

Em circunstâncias normais, o combate teria sido curto. Apesar de ser uma guerreira, Asil lhe tinha ensinado tudo o que sabia, e inclusive em forma de lobo lhe superava em mais de vinte quilos de músculo. Asil era mais rápido e forte, mas ela lutava para matá-lo. Ele lutava para proteger sua vida sem fazer dano a ela.

Se lhe matava, se arrependeria disso durante toda a eternidade, e Asil não podia permiti-lo. Sentiu como descendiam as ataduras da bruxa e viu a dúvida em Sarai quando esta também as percebeu.

E aquele instante de liberdade se evaporou.

— Asil, sente-se — disse Mariposa com voz rouca, e o açoite de seu poder se assentou sobre ele, lhe obrigando a lhe obedecer, lhe sujeitando e lhe imobilizando com forças renovadas.

— Sarai, detenha-se.

Não se tinha dado conta de que Sarai não tinha feito gesto de continuar a briga. Porque não estava olhando a Sarai; seguia com a vista cravada no Bran.

Asil seguiu seu olhar.

Ao princípio acreditou que Bran estava morto. Mas Mariposa avançou cambaleando-se até a imóvel figura e lhe deu um chute.

— Vamos. Levanta.

Bran ficou em pé com rigidez. O corpo seguia sendo o de Bran, um lobo cinza com uma ridícula mancha branca no extremo da cauda, mas quando levantou a cabeça para olhar à bruxa, não havia vida atrás de seus olhos.

Asil tinha conhecido a zumbis com mais personalidade. E se não tivesse sido um lobo, teria recorrido ao gesto que lhe ensinasse sua mãe para afastar aos maus espíritos. Embora tivesse sido inútil. Não teria funcionado a menos que o fizesse uma autêntica bruxa, e se Mariposa não sabia, não ia ser ele quem lhe informasse.

Inclusive o Guardião, uma sombra do que uma vez foi sua companheira, tinha mais vida em seu interior da que animava ao Marrok.

Satisfeita de que Bran voltasse a lhe obedecer, a bruxa dirigiu sua atenção ao Asil.

— Hussan, volta a te transformar em humano.

Por Alá, outra vez aquela dor. Muitas transformações em tão poucas horas, mas suas ordens eram implacáveis. Ficou em pé como pôde e notou o beijo cortante dos cristais de gelo sobre a neve. O frio não estava acostumado a lhe afetar; menos inclusive que à maioria de homens lobo. Mas naquele momento o sentiu.

— Vista-se — lhe ordenou.

Embora a roupa estava rasgada e manchada de sangue, era melhor que enfrentar nu àquele vento gélido. Tremiam-lhe as mãos, o que lhe dificultou atar as botas. Somente encontrou uma meia três-quartos, e estava tão empapada que decidiu não colocá-la pois seriam o menor de seus problemas.

Asil estava assustado, aterrorizado. Nenhum da baía tinha conhecido as bruxas, e durante sua longa vida tinha conhecido a muitas, tinha sido capaz de lhe fazer algo semelhante a um lobo com pouco mais que a magia ao seu dispor. A um humano sim; a um humano morto. Deu-se conta de que tinha cometido um engano. Tinha-a estado vendo como a menina que tinha sido, quem, por muito poderosa que fosse, não podia comparar-se com a bruxa que tinha disposto de duzentos anos para adquirir poder e conhecimentos.

Com precaução, sondou os enlaces da Alcateia para seu Alfa e... Não sentiu nada. Tinha feito ao Bran o mesmo que fez a Sarai? Dois séculos é muito tempo para estudar e aprender. Talvez tivesse descoberto o modo de criar outro guardião, um modo de fazê-lo em alguns minutos em lugar de quatro dias de torturas.

Então compreendeu que era Bran quem tinha bloqueado o enlace, que os vínculos da Alcateia seguiam intactos. Aquilo lhe deu esperanças: voltou a olhar ao Marrok, mas continuou vendo simplesmente uma tênue inteligência que tinha muito pouco que ver com o homem que tinha sido... Que *era*.

Para assegurar-se, Asil voltou a comprovar os vínculos da Alcateia, mas *alguém* os mantinha selados. E a única pessoa que podia fazer algo semelhante era o próprio Bran.

Embora não estavam perfeitamente selados.

Algo fluíu de Bran e lhe tocou com uns dedos frios e negros, estendendo-se lentamente por sua alma. Sarai gemeu levemente ao dar-se conta do que era antes que ele; ela sempre tinha sido melhor com aquele tipo de coisas. Sempre tinha acreditado que a ira era algo quente e afiado. Aquilo era pior.

Berserker.

Estava no norte da África quando ocorreu, fazia mais de um século. Mas inclusive até ali chegaram as histórias. *Doadores de Morte*. Povos inteiros massacrados, desde anciãs até meninos. Compuseram-se histórias e canções, a maioria delas perdidas fazia tempo.

Uma bruxa tinha forçado a transformação de seu filho e seu neto, pelo mero feito de jogar com eles. Durante anos os reteve como mascotes que lhe proporcionavam todos seus desejos. Aquilo a converteu na bruxa mais perigosa das ilhas britânicas. Até que um dia o filho se liberou.

Matou a sua mãe e a comeu. Logo matou a todo ser vivo a vários quilômetros à volta. Encontrou numa casa no mais recôndito dos bosques galeses e, durante anos, nada cresceu a um dia de distância de sua guarida.

Os grandes caçadores de sua geração, humanos, homens lobo e outros, pretenderam obter honra ou demonstrar sua coragem enfrentando a ele. Todos morreram. Alguns foram a seu encontro para vingar a seus entes queridos. Todos morreram. Também morreram quão perturbados não compreendiam as advertências e os desventurados que se aproximavam muito ao monstro.

Até que um dia, ou isso tinha ouvido, Bran saiu do bosque com seu filho a seu lado. Já não era um *berserker*, a não ser simplesmente um harpista, um contador de contos, e um lobo solitário.

Com o tempo, inclusive as histórias mais horripilantes se convertem em lenda e, mais adiante, desaparecem. Asil estava virtualmente seguro de ser o único, com a exceção de Samuel, é obvio que sabia o suficiente para entender o que tinha feito à bruxa.

Mariposa acreditava ter ao Marrok sob seu controle. Mas Mariposa sempre tinha interpretado a realidade segundo seus desejos.

—... *him of eagum stod ligge gelicost leoht unfæger* —citou Asil em voz baixa.

—O que disse? —Mariposa estava pálida e visivelmente esgotada, mas seu controle seguia sendo poderoso e inexpugnável.

—*Beowulf*— Ihe disse Asil. —Acredito que deveria ser algo assim como... «seus olhos desprendiam uma luz chamejante e maléfica». Não posso traduzi-lo em verso, não sou um poeta.

Mariposa observou com receio ao Bran, mas somente viu uns olhos apagados que pareciam mais marrons que ambarinos. Asil sabia por que não apartava o olhar dele.

Seus olhos desprendiam uma luz chamejante e maléfica. O tempo de Bran como Berserker devia bastante ao Grendel, como também outras histórias transmitidas ao longo dos séculos. Mas a falta de inteligência nos olhos do Alfa e a fria e negra ira que fluía lentamente de Bran e se estendia a todos os homens lobo conectados a ele resultava muito mais aterradora que Grendel⁸ ou a mãe do Grendel, os dois monstros do poema épico. Asil confiava em que somente estivesse propagando-a a sua Alcateia embora temesse que pudesse estender-se além desta.

A morte se estenderia pelo mundo como não o tinha feito da Peste Negra, quando uma terceira parte da Europa tinha sucumbido ante ela. Não voltaria a haver um instante de paz neste mundo para os homens lobo.

—Tem medo— Ihe disse Mariposa. —É compreensível. Por agora te permito que você seja mesmo, mas se continua me incomodando, te converterei em meu mascote, corno tenho feito com ele. Os mascotes não são tão úteis como Sarai, já que somente respondem a ordens diretas. Tinha planejado te converter em um guardião, como Sarai. Será melhor que não me faça trocar de ideia.

Mariposa acreditava que tinha medo dela. E o tinha tido, até que o monstro que tinha criado a superou. Não tinha nem ideia.

Mariposa avançou um par de passos para o Asil e o esbofeteou com força. Asil não fez gesto de defender-se. Sua escassa altura lhe dificultou o golpe, mas o fez com todas suas forças, as forças de Sarai. Asil lambeu o sangue do lábio de forma reflexiva.

—Isso é por me mentir sobre quem era realmente o homem lobo. É o Marrok, não um estúpido lobo menor. Sabia, e me tem feito acreditar que era outra pessoa. Poderia me haver feito mal. E se supõe que deve me defender, recorda-o? Deram-lhe minha tutela para que me mantivesse a salvo.

Com o tempo, os lobos perdem contato com a realidade. A primeira crise se produz quando morre toda a gente que conhecem e não fica ninguém que recorde quando eram humanos. A segunda varia segundo o lobo, quando as mudanças no mundo lhes deixam sem um lugar onde sentir-se seguros.

E Mariposa nunca tinha sido precisamente estável, nem sequer antes de matar a Sarai. Entretanto, se acreditava que desejava protegê-la... Significava que tinha perdido a cabeça definitivamente.

⁸ Grendel e sua mãe são personagens monstruosos do épico medieval anglo-saxão *Beowulf*. Grendel é um dos três oponentes derrotados pelo herói do poema. No poema, Grendel é uma criatura que frequentemente ataca durante a noite o salão de festas (Heorot) do rei dinamarquês Hrothgar. Em seus ataques, Grendel mata e come os guerreiros que tentam defender o salão, o que leva os dinamarqueses a abandonar o edifício. Muito tempo passa até que chega a corte o guerreiro gauta Beowulf, vindo de Götaland (atual Suécia). A pele de Grendel é invulnerável ao fio das espadas, mas Beowulf usa sua força descomunal para subjugar o monstro, que termina perdendo um braço.

—Embora sua traição não tenha importância — lhe disse com um movimento infantil da cabeça. — Sei como me proteger a mim mesma. Esse lobo me pertence. — Contemplou ao Bran. —Se transforme. Quero ver-te a cara. Nunca pude encontrar tua foto, Bran Cornick.

Asil se deu conta de que estava contendo o silêncio enquanto seu Alfa obedecia as ordens da bruxa. A dor da transformação liberaria o monstro de suas correntes?

Asil, a sombra que tinha sido sua companheira e a bruxa contemplaram a transformação no frio invernal. Seus fôlegos se elevavam como uma cortina de vapor, lhe recordando ao Asil, por alguma estranha razão, o dia em que Bran levou a Alcateia do Marrok, a todos os lobos que lhe pertenciam, em um ônibus alugado ao grande hotel do Parque do Yellowstone no mais cru do inverno. Tinha alugado todas as habitações para que a Alcateia pudesse correr e uivar toda a noite pela planície do geiser sem ninguém que lhes visse salvo alguns búfalos e alces.

—Não pode te ocultar eternamente em sua estufa — lhe havia dito quando Asil lhe pediu amavelmente que lhe deixasse ficar em Aspen Creek. — Algum dia deverá criar novas lembranças.

Asil fechou os olhos e rezou pela primeira vez desde o dia que perdeu a Sarai. Tempo atrás tinha sido um homem muito devoto. Rezou a Alá para que Bran não se convertesse em um monstro e destruísse sua criação: o lar, o refúgio que tinha construído para seus lobos.

Quando Asil voltou a abrir os olhos, Bran estava completamente nu sobre a neve. Embora estivessem a poucos graus acima de zero, não tremia. Tinha a pele branca e gasta, e através dela se viam as veias azuis que levavam o sangue a seu coração. Tinha algumas cicatrizes, uma que lhe cruzava as costelas e outra sob o braço direito.

—Um corpo muito bonito — disse Mariposa. — Mas todos os lobos o têm. Muito delicado para meu gosto. —mordeu os lábios e agitou a cabeça. — Esperava algo... Um pouco mais impressionante. Um Marrok deveria ser... —Girou a cabeça para olhar ao Asil. — Como Hussan. Um homem que atrai os olhares da gente. Um homem que faz que a gente caminhe com cautela quando está perto. Não alguém que necessita que seu filho impressione aos visitantes e execute suas ordens. Sim, fiz os deveres. Quando me inteirei, soube que foi muito fraco para controlar a todas as Alcateias.

Mariposa tentava provocar ao Bran, pensou Asil incrédulo. Comprovava seu controle sobre ele para assegurar-se de que seu escravo tinha perdido toda independência. Respirar profundamente não servirá de muito, pensou Asil exasperado. A bruxa não via o monstro interior debaixo daquela aparente imobilidade?

O único que lhe tranquilizava era saber que provavelmente a valorização da bruxa provocasse no Bran mais diversão que ira. Embora, é obvio Bran já não era o mesmo de antes.

—Pode te transformar outra vez? — perguntou ao Bran quando este não respondeu a seu comentário. — Não tenho sapatos para você, e prefiro não ter que te cortar os pés quando lhe congelarem.

—Sim. —Bran arrastou a palavra, desfazendo-se dela como se estivesse bêbado.

Mariposa esperou a que começasse a fazê-lo, mas finalmente emitiu um som de impaciência e lhe disse:

—Faça-o.

Antes que completasse a transformação, a bruxa chamou a Sarai e subiu a seu lombo como se sua guardiã fosse uma mula. Asil trouxe a ira; uma ira que não guardava relação com o insignificante ataque à dignidade de uma Sarai que já não era sua Sarai. Olhou nervosamente ao Bran e tentou acalmar-se com todas suas forças.

—Quando terminar, nos siga.

Sarai se esfregou contra ele, deixando uma esteira de afeto e inquietação. Assim que se perderam de vista, Asil sentiu aumentar em seu interior aquela ira insidiosa, como se a presença de Sarai lhe tivesse ajudado a permanecer em calma, como se ainda fosse a Omega que tinha sido... E por que não?

Cravou um joelho na neve e inclinou a cabeça com a vaga esperança de que quando o outro homem lobo se levantasse, continuasse dispondo de um vínculo, já fosse com a bruxa ou com sua própria vontade.

Embora não se atreveu a executar o movimento, completo, pois fazia muito tempo que tinha deixado de ser um bom muçulmano, não pôde resistir o impulso de rezar:

—*Allaahu Akbar...*

A bruxa estendeu as mãos. Embora Charles estivesse muito longe, pôde perceber o fedor de sua magia; uma magia corrupta e podre, mas poderosa. Muito poderosa.

Charles viu cair seu pai, e depois viu como desaparecia.

Tudo ocorreu de uma forma tão repentina que ficou petrificado, sem fôlego. A tranquilizadora presença que lhe tinha acompanhado durante tanto tempo deixou um silêncio vazio, difícil de assumir. Seus pulmões se negavam a seguir insuflando ar, mas, repentinamente, quando conseguiu aspirar uma baforada, o Irmão Lobo lhe apressou a uivar aos céus.

Charles se esforçou por controlá-lo, embora sentisse uma estranha inclinação selvagem completamente nova, muito mais escura e profunda que seus habituais impulsos violentos. E compreendia o motivo, ou ao menos acreditava compreendê-lo.

Bran não tinha desaparecido. Transformou-se.

Seu pai quase sempre falava do presente ou do passado recente. Dez anos, vinte, mas nunca de cem ou mais. Era algo que ele mesmo tinha aprendido a agradecer à medida que se fazia maior.

Mas às vezes tinha conseguido convencer ao Samuel para que lhe contasse algumas histórias. E a de Bran como berserker era uma de suas favoritas, até que cresceu o suficiente para compreender que não era uma simples história. Se não tivesse sido por isso, haveria sentido a tentação de passar por cima a escuridão que crescia em seu interior, poderia ter pensado que Bran tinha sido derrotado.

Utilizou aquela esperança para acalmar ao Irmão Lobo, e juntos percorreram a magia da Alcateia que os amparava sob o amparo do Alfa. Procuraram e procuraram até encontrá-lo, transformado, quase completamente isolado, até que uma pequena parte de sua ira envenenada se filtrou nele. Bran até vivia.

Mas com que forma?

Capítulo 14

Embora Charles sentisse o impulso de descer a colina o mais rápido possível assim que a bruxa desapareceu, dirigiu a descida com um ritmo lento e controlado para permitir a Anna seguir seu passo facilmente com as raquetes.

À medida que se aproximavam, as árvores e matagais lhes ocultaram o lugar onde esperavam Asil e seu pai. Precavidamente, Charles diminuiu o passo e se deteve.

Olhou a Anna e depois ao Walter. Ela assentiu em silêncio e se agachou. Walter adotou a posição do soldado que era. Se não tivesse sido por ele, Charles teria ficado ali. Não estava disposto a arriscar a vida de Anna por uma intuição. Mas se ocorria algo, Walter a protegeria, de modo que Charles podia permitir o risco.

Quando Charles apareceu na clareira, Asil já tinha terminado sua prece, mas permaneceu ajoelhado e com a cabeça inclinada, como se esforçasse por não ofender ao Marrok.

—Lentamente — murmurou sem levantar a cabeça. Asil sempre tinha tido um ouvido privilegiado, ou talvez tivesse reconhecido a Charles com o olfato. — Estamos unidos a ela, seu pai e eu. Devo obedecer à bruxa como se fosse meu Alfa. — Finalmente girou a cabeça e cruzou um olhar desesperado com Charles. — A seu pai o tem atado mais forte. Descobriu quem era e lhe arrebatou sua vontade como um homem que põe os fios a suas marionetes. Espero — continuou Asil com a mesma voz suave — que quando terminar de transformar-se continue bem. — arranhou-se o queixo com gesto cansado. — Tenho que esperar para comprová-lo, mas você não. Agarra a sua companheira e foge; reúne à Alcateia em Aspen Creek e esconde-a nos limites da terra. Se a bruxa consegue lhe controlar, todos os lobos que lhe devem lealdade serão deles. Está como uma cabra, embora nunca fosse muito estável, mas agora está unida ao lobo morto de Sarai. Os vivos e os mortos nunca têm feito muito bom casal.

Charles esperou.

Asil lhe olhou com um sorriso fugaz.

— Acredito que subestimou seu poder. Se não conseguir lhe controlar... — Olhou ao Bran. — Bom, então, *perdido*, será melhor estar muito longe daqui.

Bran ficou em pé com dificuldade e permaneceu daquele modo como um potro recém-nascido, com as pernas separadas para não voltar a cair. Seus olhos não transmitiam nada. Nada absolutamente.

Se não tivesse sido pelo nó gelado que começou a formar-se em seu estômago, um presente de seu pai, Charles teria acreditado que estava completamente derrotado.

Uma nova transformação, pensou Charles, e possivelmente poderia levar a cabo outra mais, embora ia ter a dor de cabeça do século. Não era a primeira vez em sua vida que desejava ter a capacidade de seu pai para falar diretamente com a mente das pessoas. Tivesse-lhe economizado muita energia.

Transformou-se, confiando em que Asil esperasse até poder falar com ele. Custou-lhe um pouco mais do habitual, e temeu ter que ficar em forma humana mais tempo de que tinha calculado.

Mas finalmente o conseguiu. Apesar de ficar completamente nu, não tinha tempo de satisfazer sua modéstia.

—É muito tarde, já vem para cá — lhe disse Asil. — Quando uma bruxa exerce este tipo de controle, pode ver através de seus olhos. — Seu irmão já lhe tinha informado sobre aquilo. — Para ela são golems viventes.

Asil fechou os olhos.

— Estamos condenados.

— Perde muito facilmente as esperanças — disse Charles. Não podia lhe falar de Anna e Walter sem arriscar-se a que a bruxa também se inteirasse. — Nossa Alcateia dispõe de uma Omega. Possivelmente com isso seja suficiente.

— Sabe o que era? — perguntou-lhe Asil.

— Sim.

Asil olhou ao Marrok.

— Mata-o agora, se puder. Se lhe quiser, se preocupa com a Alcateia.

Charles olhou a seu pai. Tinha um aspecto frágil, todo o frágil que podia parecer um homem lobo. Não parecia poder inspirar muito medo nos corações daqueles que lhe contemplassem como muito confundi-los.

Charles ficou a rir com aspereza.

— Se acha que posso matá-lo, tornaste-te louco. É o Marrok, e não está nem a metade de fraco do que parece. Nunca acredite em seus olhos quando se trata de meu pai.

Era a verdade, e além ele estava ferido. O machucava até respirar.

Deveria partir, pensou Charles enquanto os olhos sem vida de seu pai lhe examinavam. Já tinha demonstrado que a bruxa podia lhe controlar a seu desejo. Somente podia ser um estorvo.

Fique. Necessito-te.

— Para que? — perguntou.

Olhou-lhe, mas inclusive com a voz de seu pai em sua cabeça, somente pôde distinguir uma besta muda nos olhos do Marrok.

Porque é o único ao que sei que não matarei.

Anna se cobriu o corpo com os braços enquanto escutava atentamente a conversa. Sabia que Charles contava com ela; que ela e Walter eram seus ases na manga.

O problema era que não se sentia precisamente um ás. Talvez um par ou um curinga, mas não um ás. Walter tinha estado no exército, por isso era uma aposta mais segura.

— Conhece este lugar? Poderíamos nos aproximar um pouco mais e seguir nos ocultando? — sussurrou ao Walter.

O lobo começou a avançar mantendo a distância que os separava de Charles e Asil. Anna lhe seguiu fazendo tão pouco ruído como pôde. Walter se movia entre as árvores como Charles, como se formasse parte do bosque.

Levou-a mais perto do que acreditava possível, até uma velha árvore com uma densa ramagem que chegava ao chão a não mais de dez metros de onde o Marrok se mantinha sobre suas quatro patas e observava fixamente a seu filho.

O homem lobo se agitou sob os ramos e Anna avançou com as mãos e os joelhos até chegar a uma cova escura e seca coberta por um tapete de velhas agulhas que se cravaram em todas as partes de seu corpo que não protegia a roupa, mas que, ao menos, acolchoaram seus joelhos. Arrastou-se sobre elas e se tombou sobre seu estômago para poder ver por debaixo dos ramos e além das árvores.

Estavam um pouco mais altos que Charles, e, conforme pôde comprovar, com o vento ao contrário. Devia transformar-se. Como lobo era mais forte e dispunha de garras e presas em lugar das simples unhas. Não obstante, quando o tentou, compreendeu que era muito tarde e que não ia consegui-lo. O mero esforço a deixou cansada e tremendo.

Walter se acomodou a seu lado, e o calor que desprendia seu enorme corpo lhe permitiu dar-se conta de quão frio estava o seu. Tirou uma luva e enterrou a mão em sua pelagem para esquentá-la.

— Está falando contigo?

Charles fez um gesto com a mão para lhe indicar ao Asil que guardasse silêncio. Necessitava tempo para pensar. Seu pai tinha um plano, isso estava claro. Mas não parecia disposto a compartilhá-lo com ninguém... Se pudesse evitá-lo.

— O que quer a bruxa de mim? — perguntou Charles.

— Não o... — O rosto de Asil se iluminou com uma estranha expressão. — Sarai acredita que quer te matar para dobrar a seu pai e recuperar o poder que perdeu quando destruiu sua cabana. Acredito que já tem feito isto antes, refiro-me a assumir o controle de uma Alcateia. Pelas palavras de Sarai, parece ser uma espécie de padrão. — Fez uma pausa. — Embora, se não me equivocar, todos acabaram morrendo. Bom, não exatamente. Mas bem se foram debilitando até que não ficou nada deles. — levou as mãos às têmporas, como se lhe doesse à cabeça.

Ah, pensou Charles à medida que notava aumentar sua adrenalina, os laços do amor são muito fortes. Talvez a bruxa acabasse perdendo a Sarai para as mãos de Asil.

Deixou de lado aquele pensamento e se concentrou no que lhe havia dito Asil.

— Levará uma surpresa quando tentar controlar à Alcateia de meu pai — disse. — Segundo Anna, somos uma turma de psicóticos.

Asil sorriu sem muita convicção.

— E não anda muito desencaminhada.

Charles alargou uma mão e ajudou ao Asil a ficar em pé; cambaleou-se ligeiramente, como se estivesse bêbado.

— Parece um pouco cansado. Está ferido?

Asil se sacudiu a neve da rasgada perna da calça apesar de que estava completamente empapada.

— Não. Somente alguns arranhões. E a roupa feita farrapos. — Olhou ao Charles com ironia. — Ao menos eu tenho roupa.

Charles estava muito cansado para o estúpido jogo de superar aos competidores.

—De modo que a bruxa pretende me matar — disse olhando a seu pai e tentando descobrir o que tinha em mente o velho lobo.

—Talvez. —Asil voltou a sacudir a neve da perna da calça. —Ou ordenará a ele que o faça... Ou a Sarai ou a mim. O importante é sua dor, sua morte, não quem o leve a cabo. Sempre e quando estiver perto para alimentar-se dela. Embora acredite que o ordenará a seu pai. Sempre desfrutou com o sofrimento alheio.

Se não tivesse estado pensando no modo em que a presença de Asil tinha permitido a Sarai desfazer do controle da bruxa, provavelmente não teria captado o autêntico significado de suas palavras.

Velho lobo ardiloso. Charles observou a seu pai com admiração.

—De modo que é isso. O que te ordenou fazer sua mãe? Matar ao Samuel?

Asil arqueou as sobrancelhas, mas antes de poder dizer alguma coisa, um lobo saiu de entre as árvores como uma exalação. A bruxa ia montada escarranchada sobre ele. Charles sentiu a familiar frieza assentando-se em seu interior: o Irmão lobo se preparava para a luta. Pode ser que seu pai fosse um perito manipulando as pessoas, mas não se encontrava precisamente em sua melhor forma e havia muitos fatores que ninguém controlava.

Sarai se deteve fora de seu alcance, situando-se entre a bruxa e Charles, enquanto Mariposa descia de seu lombo. Parecia estar protegendo-a de um modo instintivo, como uma mãe cuidando de seus cachorrinhos.

A bruxa — ela se referiu a si mesma como Mary, embora Asil a tinha chamado Mariposa— era mais miúda do que recordava, embora talvez o parecia com o estar junto a companheira de Asil. Naquela ocasião não levava nenhum cachecol que ocultasse seu rosto. Parecia muito jovem, como se a fealdade do mundo não lhe tivesse afetado nunca.

—Charles — disse a bruxa. — Onde está sua mulher?

Charles esperou, mas o impulso que lhe tinha obrigado a lhe responder aquela vez não se produziu. Recordou os vínculos bloqueados da Alcateia e uma esperança repentina e intensa se estendeu por todo seu corpo. Seu pai havia resolvido um de seus problemas.

—Está por aqui — lhe disse.

Mariposa sorriu, mas seus olhos transmitiam frieza.

—Onde, exatamente?

Charles inclinou a cabeça.

—Não onde os deixei.

O Irmão Lobo estava seguro, embora Charles desconhecesse como podia sabê-lo.

A bruxa ficou imóvel, observando Charles atentamente, com os olhos entreabertos.

—Quantos lobos tem a Alcateia de seu pai?

—Se incluindo a ti e a sua criatura?

Mariposa abriu um pouco mais os olhos.

—Meu, mi... Parece ser que Asil não demorou muito em te contar nossos planos. Sim, é obvio, nos incluindo a nós.

—Trinta e dois... Possivelmente trinta e três.

Não existia razão alguma para lhe ocultar uma informação que tampouco lhe serviria de muito. Charles duvidou se incluir o Samuel ou não.

—Me diga por que deveria te deixar viver — disse a bruxa. — O que pode fazer por mim que seu pai não possa fazer?

Sarai estava concentrada no Asil. Pelo menos ela estava convencida de que a bruxa tinha ao Charles sob seu controle. Não ia dispor de outra oportunidade como aquela.

Uma das vantagens da experiência era que não se deixava levar pelos impulsos da adrenalina nem a ansiedade.

—Deveria me deixar viver porque é o único que te mantém com vida.

—A que te refere?

Arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça em um gesto quase lupino.

Podia confiar na avaliação de seu pai? Bran confiava em desfazer do controle da bruxa assim que esta lhe ordenasse atacar e matar a seu filho.

Havia outras coisas que Charles podia tentar. Talvez se apresentasse a oportunidade de atacá-la sem pôr tantas coisas em perigo. Quão único precisava era de meio segundo e tê-la a seu alcance enquanto os outros não o estavam.

Mas também podia lutar agora. Era bastante improvável que a bruxa baixasse o guarda em algum momento.

Charles baixou a cabeça como se cedesse ante sua autoridade e murmurou suas seguintes palavras muito lentamente; de forma inconsciente, a bruxa deu um passo adiante para escutar melhor:

—Meu pai...

E em metade da segunda palavra, equilibrou-se sobre ela com todas as forças que ainda ficavam.

—Sarai! —Gritou a bruxa aterrorizada.

Se tivesse estado em plena forma, não teria sido suficiente. Mas seus movimentos se ressentiram pelo cansaço e as feridas. O lobo que tinha sido Sarai lhe golpeou como um trem de mercadorias e lhe derrubou, lançando-o longe da bruxa antes que Charles pudesse contatar com ela.

Embora confiasse em que a surpresa lhe permitisse matar a bruxa no ato, também tinha sido realista. Portanto, preparou-se para a colisão: deixou que a força do contato fluísse através dele enquanto se afastava de Sarai para evitar outra fratura nas costelas.

Agora que a luta tinha começado, as velhas feridas deixaram de lhe incomodar. Era simplesmente um lastro: uma de suas pernas era mais lenta e seus golpes seriam menos eficazes.

Ao estar ferido e em forma humana, a maior parte da gente poderia pensar que o outro lobo dispunha de certa vantagem. Equivocavam-se.

Se de verdade tivesse sido a companheira de Asil, Charles teria estado em um dilema. Mas não o era. Charles sabia, inclusive se o pobre Asil estava apanhado em seu vínculo de emparelhamento, confundido pela habilidade daquela pobre imitação para copiar o comportamento de um ser vivo. Os espíritos das montanhas sabiam que estava morta, e assim o comunicaram ao tempo que lhe entregavam parte de sua força.

Sarai lhe deu um golpe em um flanco, mas, ao fim e ao cabo, não era mais que um simulacro de uma loba Omega, enquanto Charles passou meia vida caçando a outros homens lobo e matando-os. Apesar de suas feridas, era mais rápido que ela; movia-se

a seu redor como a água sobre uma rocha. Trinta anos de prática em diversas artes marciais lhe davam uma vantagem que nem sequer a idade de Sarai poderia superar.

Apesar de dominar a briga como quis, estava esgotado e sabia que o combate decisivo estava ainda por chegar.

Anna brigou com as correias das raquetes. A neve que se interpunha entre eles e Charles estava pisoteada e não parecia ter mais de quinze centímetros de profundidade. Se moveria mais rápido sem elas. Somente lhe faltava saber quando ia resultar mais útil.

Se tivesse tirado antes aquelas malditas raquetes antiquadas, teria intervindo assim que a loba atacasse ao Charles. Mas enquanto Anna arrancava e rasgava os passadores endurecidos pela neve, viu que Charles tinha a briga controlada. Ficou onde estava, relaxada e disposta, enquanto a maltratada loba dava voltas a seu redor, procurando uma saída. Mais acalmada, Anna arrancou literalmente a outra raquete. Não poderia voltar à utilizar, ninguém poderia, mas agora podia mover-se quando fora necessário.

Por desgraça, não foi à única que se deu conta de quem levava a iniciativa da briga.

— Asil — disse Mary. — Ajude-lhe.

O Mouro olhou fugazmente à bruxa, tirou a camisa e a deixou cair ao chão. Uniu-se à briga com a calma do guerreiro que conhece e aceita a morte. Se Anna não tivesse estado tão preocupada com Charles, se tivesse estado vendo um filme, teria se recostado tranquilamente para comer pipocas e desfrutar do espetáculo. Embora neste caso o sangue fosse real.

Inclinou-se para diante e se deu conta de que estava aferrando o pescoço de Walter com uma força desproporcionada. Relaxou a mão e lhe acariciou a pelagem a modo de desculpa.

Asil passou em um segundo de caminhar para a zona do combate a correr com todas suas forças. Passou junto ao Charles em um ângulo oblíquo e golpeou com o ombro a Sarai na parte lateral do pescoço. A loba caiu ao chão flacidamente e Asil a carregou ao ombro e saiu correndo.

— Asil!

Mas não era uma ordem, e Asil saltou um pendente e aterrisou com a ponta dos pés na parte mais escarpada da colina. Pela velocidade a que ia, poderia ter levado esquis.

Anna compreendeu que por ajuda podiam entender-se muitas coisas. Desde seu refúgio sob a árvore, não podia ver o Asil, mas ouviu o som de algo movendo-se rapidamente pelo pendente da montanha, afastando-se de qualquer outra ordem.

Tudo tinha ocorrido em uns vinte segundos. Anna tinha estado distraída, mas Charles não. Equilibrou-se sobre a bruxa, mas esta lhe lançou algo que acabou caindo sobre a neve pisoteada. A força do ataque permitiu ao Charles seguir avançando em direção à bruxa mediante uma estranha cambalhota.

— Não! — gritou a bruxa histericamente ao tempo que tentava apartar-se de seu caminho. Anna teve que recordar-se a si mesma que a bruxa era muito velha. Tão

velha como Charles apesar de aparentar ter uns quinze ou dezesseis anos. — *Tenho* que estar a salvo. Sarai! Sarai!

Anna se dispôs a intervir, mas viu que Charles apoiava as mãos no chão e ficava em pé. Era evidente que, fosse o que fosse o que lhe tinha feito, tinha-lhe doído, embora não o percebeu em seu rosto a não ser na tepidez de seus movimentos. Se a necessitava, seguro que encontraria o modo de indicar-lhe.

Anna contemplou ao lobo junto a ela, mas além de estar alerta e concentrado, não parecia estar muito preocupado. É obvio, não sabia muito mais sobre bruxas que ela. E só fazia um dia que conhecia o Charles.

Anna não foi à única em perceber a tepidez de movimentos de Charles. A bruxa levou as duas mãos à cara.

— Tinha-o esquecido — disse em um ofego. Com uma risada afogada, apontou com um dedo a Charles e disse algo que a Anna não souu absolutamente a espanhol. Charles estremeceu e se levou as mãos ao peito. — O tinha esquecido. Posso me defender a mim mesma.

Mas Anna não estava escutando-a porque estava concentrada no rosto de Charles. Não respirava. Fosse o que fosse que tinha feito à bruxa, podia ser fatal se não fazia nada para detê-la. Não sabia muito de bruxaria, e seguro que o pouco que sabia não era mais que disparates. Mas com a suficiente distração já tinha conseguido que a bruxa soltasse ao Charles. Talvez também funcionasse naquela ocasião.

Anna se cansou de esperar uma indicação.

Saiu de seu refúgio sob a árvore e alcançou a máxima velocidade à segunda pernada: seu antigo treinador de ginástica teria estado orgulhoso dela. Ignorou a persistente dor em suas cansadas coxas e a dentada gelada em seu peito, centrando-se somente na bruxa, apenas consciente do lobo que corria a seu lado.

Viu como a bruxa levantava as mãos e se concentrava na Anna. Viu-a sorrir e ouviu como dizia:

— Bran, Marrok, Alfa do Marrok, acaba com seu filho Charles.

Então elevou um dedo e apontou a Anna, que não teve tempo de preparar-se quando algo a golpeou de um lado e a fez cair ao chão, fora do alcance do feitiço.

Por fim, pensou Charles. A ordem da bruxa ressoou em seus ouvidos, os quais, de todos os modos, já estavam ressoando com o que fosse que lhe tivesse feito. Chegou ao pior momento possível porque estava meio cego e aturdido; além disso, não tinha nem ideia de quanto tempo demoraria seu pai em desfazer-se do controle da bruxa.

Se o conseguisse.

Mas não podia carregar sua morte na consciência de seu pai, de modo que se serenou e tentou estabelecer desde onde lhe atacava o lobo mediante seu olfato e o sentido que sempre lhe informava quando algo hostil lhe estava observando. Aquilo era o único que lhe funcionava corretamente.

Inclinou-se para diante, agarrou a pelagem com toda a força de que foi capaz e utilizou o impulso da investida quase silenciosa de seu pai para subir a suas costas e assegurar-se com os pés de que Bran continuasse para diante, longe dele.

Na prática, é obvio, não foi tão singelo. Seu pai era mais rápido que Sarai. Mais rápido, mais forte e muito mais habilidoso com suas garras. Mesmo assim, a arma mais formidável de seu pai — sua mente — estava nublada pelo controle da bruxa, e Charles pôde lançá-lo sem receber muitos danos. O impulso conseguinte lhe permitiu rodar sobre si mesmo, ficar em pé e preparar-se para o seguinte ataque de seu pai.

Walter era um peso morto sobre a Anna. Deu-lhe a volta para tirar-lhe de cima o mais delicadamente que pôde. Se lhe fizesse mal, não deu amostras disso. Seu corpo estava flácido e o moveu sem dificuldade; confiou em não lhe provocar mais danos dos que já tinha. Tinha-a afastado no meio para receber ele o feitiço da bruxa.

Ficou em pé e engatinhou em direção a esta. Não podia esperar a assegurar-se de que Walter estava bem. Antes devia fazer algo, o que fosse para evitar que a bruxa seguisse provocando mais dor.

— Não quer me fazer dano — disse a bruxa abrindo completamente seus olhos cor chocolate. — Quer te deter.

Anna deteve sua carreira até ficar virtualmente imóvel, a tão pouca distância da bruxa que podia cheirar a hortelã de sua pasta de dente. Durante um instante não soube o que estava fazendo nem por que.

— Fique aí.

A bruxa desabotoou a jaqueta e extraiu uma arma.

Os Omegas, recordou Anna, não obedecem nenhuma ordem. E graças a aquilo recuperou a mobilidade. Com a precisão adquirida depois das lições de seu irmão, o qual tinha praticado boxe na escola, e a velocidade e poder que lhe outorgava sua natureza de loba, deu à bruxa um murro na mandíbula. Anna ouviu o som do osso ao romper-se e Mary caiu ao chão como um fardo, inconsciente.

Respirou profundamente e dirigiu sua atenção ao atroz combate entre Charles e seu pai. Ao princípio não pôde distinguir nada porque se moviam muito rápido, mas então Charles ficou imóvel, salvo pelo frenético movimento de seu peito ao respirar, fora do alcance de seu pai, seu corpo preparado, torpe. Emanava-lhe sangue de alguns arranhões no ombro e a coxa. Um corte que começava sob seu braço esquerdo e que lhe percorria o abdômen até o quadril direito parecia mais preocupante. O Marrok permaneceu de pé frente a ele. Agitava a cabeça lentamente e deslocava o peso de seu corpo de um pé ao outro.

Se matasse a bruxa liberaria o Marrok.

Deu a volta e observou o corpo estendido no chão. A garota parecia muito inocente e jovem para ter causado toda aquela destruição.

Anna já tinha matado a alguém, embora virtualmente tivesse sido um acidente. Matar a sangue frio era muito diferente.

Walter sabia como fazê-lo. Instintivamente, girou a cabeça para lhe olhar, mas viu que seguia imóvel... Salvo seus olhos. Estava segura de que os tinha fechados quando se separou dele. Agora os deixava abertos, e um filme esbranquiçado os recobria.

Anna se encontrou ajoelhada a seu lado sem saber muito bem como tinha chegado até ali. Não lhe pulsava o coração; não respirava. Aquele homem tinha sobrevivido a uma guerra e a trinta anos de isolamento autoimposto, e tinha morrido por ela. Apertou os punhos — um enluvado, o outro não — contra sua pelagem.

Então se aproximou da bruxa, a qual seguia inconsciente, agarrou-lhe com uma mão o queixo e com a outra a parte superior da cabeça e a retorceu com um movimento seco e com algo mais de força da que teria utilizado um humano. Foi bastante fácil, como nos filmes. Um rangido e a bruxa estava tão morta como Walter.

Respirando muito depressa, soltou à bruxa, ficou de pé e deu um passo atrás. O bosque estava tão silencioso que teve a sensação de que o mundo estava contendo o fôlego. Como se ela fosse à única criatura que ficava em toda a terra.

Intumescida, deu a volta sobre seus pés congelados e viu o Marrok sobre o corpo de Charles. Não tinha sido suficientemente rápida.

À medida que o sol se ocultava pelo horizonte, tingindo o céu de vermelho sobre as escuras montanhas, Asil sustentou a Sarai, ainda inconsciente, entre seus braços. Enterrou seu rosto em seu pescoço e se deixou embargar por aquele aroma que lhe resultava tão familiar e que tinha acreditado que não voltaria a cheirar jamais. Era tão formosa.

Apesar de que não estavam muito longe de onde se desenvolvia a briga, tinha conseguido que a bruxa perdesse o contato visual, de modo que lhe custaria muito mais exercer seu controle sobre ele.

Asil esperou. Fazia tudo o que estava em sua mão para tirar ambos do combate. Se tivessem permanecido junto a Mariposa, teriam lutado no bando equivocado. Não podia fazer muito mais.

Sustentou a Sarai em seu colo e tentou esquecer que aquela seria a última vez que poderia fazê-lo.

Se Mariposa tivesse êxito, lhe mataria. Havia tornado a lhe arrebatara a Sarai, e aquela vez não o passaria por cima. Se Bran ou Charles conseguissem derrotá-la, sua Sarai desapareceria com ela. As criações de uma bruxa não sobreviviam a seu criador.

De modo que a sustentou entre seus braços e desfrutou de seu aroma e fingiu que aquele momento não terminaria jamais. Fingiu que era a autêntica Sarai... E quase percebeu um rastro de canela.

À medida que sua fragrância se desvanecia e era substituída pelo aroma dos abetos e os pinheiros, da neve e do lúgubre inverno, perguntou-se se, de ter sido capaz de vislumbrar o futuro aquele dia tão remoto em que uma menina assustada e machucada chegou a sua casa, teria tido a fortaleza para matá-la. Apoiou a cabeça sobre o joelho ao sentir um sombrio desespero, sujeitando com força um pequeno arbusto de maltratada pelagem castanha.

Não sentiu alegria alguma pelo fato de que Mariposa tivesse morrido e sua Sarai fosse livre finalmente.

O que, por outro lado, teria sido uma celebração antecipada, já que uma quebra de onda de loucura se estendeu por seu corpo como um fogo de agosto pelo bosque. Apesar de sentir-se muito cansado, a ira tinha vida própria e insistiu em acumular-se em seu interior de forma implacável, lhe exigindo que se transformasse. Um uivo selvagem ressoou nas montanhas e Asil respondeu à chamada.

A Besta se despertou.

Anna não pensou em correr até que esteve a meio caminho de onde se achava Charles.

Não podia estar morto. Teria que ter matado àquela maldita bruxa dois ou três minutos antes. Não podia ser que Charles tivesse morrido por culpa dela, que seu pai lhe tivesse matado.

Roçou ao Marrok ao passar junto a ele e seu poder rugiu em seu interior quando se deixou cair sobre a neve. Percorreu o último metro que a separava de Charles de quatro. Tinha os olhos fechados, e estava coberto de sangue. Anna estendeu a mão, mas teve medo de tocá-lo.

Estava tão segura de que estava morto que quando abriu os olhos, demorou um segundo em assimilá-lo.

— Não se mova — lhe murmurou com os olhos fixos em algo que estava além dela.
— Se puder, não respire.

Charles observou avançar ao lobo que já não era seu pai. Seu rosto transmitia uma estranha combinação de loucura e astúcia.

Bran o tinha calculado mal. Talvez se a bruxa não tivesse morrido o controle não se teria desvanecido de um modo tão repentino. Talvez se Charles lhe tivesse mostrado o pescoço a seu pai ao princípio da briga, para lhe demonstrar que era incapaz de lhe matar apesar de encontrar-se sob o peso de semelhante compulsão. Talvez Samuel o tivesse feito melhor que ele.

Ou talvez tivesse acontecido o mesmo fora quem fosse o protagonista assim que a bruxa subjugou completamente a seu pai. Do mesmo modo que a mãe de Bran lhe tinha subjugado muitos anos atrás.

Embora tudo aquilo já não tivesse importância, pois seu inteligente e camaleônico pai tinha deixado de existir. Frente a ele tinha à criatura mais perigosa que jamais tinha pisado naquelas montanhas.

Charles estava seguro de que aquele era o final. O peito lhe ardia e lhe custava muito respirar. Uma daquelas afiadas garras se cravou em seu pulmão; tinha-lhe ocorrido muitas vezes para não reconhecer a sensação. Estava a ponto de render-se, mas Anna apareceu de repente, emprestando a seu pai a mesma atenção que tivesse dedicado a um cachorrinho.

Com Anna em perigo, Charles descobriu como aumentava seu estado de alerta, apesar de que sua atenção estava dividida pela urgente necessidade de saber se Anna se encontrava bem.

Seu aspecto era desastroso. Tinha o cabelo completamente empapado em suor e deformado por um gorro que já não levava. Tinha o rosto avermelhado pelo vento e não se deu conta de que também o tinha muito sujo a não ser pelos sulcos que lhe tinham deixado as lágrimas ao precipitar-se de forma irregular dos olhos até o queixo. Tentou alertá-la em um sussurro, mas ela se limitou a sorrir (como se não tivesse escutado nenhuma palavra ou descartasse o perigo que estas implicavam). Apesar do terror que o dominava, ficou mudo durante uns instantes.

— Charles — disse ela. — Eu também acreditava que tinha morrido. Não. Não se mova... — E lhe pôs uma mão no ombro para assegurar-se de que não o fazia. — Eu...

Asil grunhiu com avidez e Anna deu a volta para observá-lo.

O lobo de Asil não era precisamente pequeno, embora não tão grande como o de Samuel ou o de Charles. Tinha a pelagem de um marrom tão escuro que na penumbra do crepúsculo parecia quase negro. Tinha as orelhas alerta e lhe emanava saliva da boca.

Mas Anna não era estúpida; sua atenção, como toda a que podia dedicar Charles, estava centrada no Marrok. Bran lhes observava como um gato que espera que o camundongo faça algo interessante. Como pôr-se a correr.

Sentiu o fôlego de Anna muito perto, e o medo que percebeu nele lhe obrigou a incorporar —um movimento estúpido— mas seu pai agora estava concentrado na Anna, ignorando a ele.

Apanhada no olhar perturbado de Bran, Anna alargou a mão de forma instintiva e agarrou a mão de Charles.

E aconteceu.

Inesperadamente, sem avisar, o vínculo de emparelhamento se assentou nele como uma camiseta velha, e durante um instante não sentiu dor alguma, nem cansaço, nem moléstias, nem atordoamento, nem terror. Durante um segundo, a ira de seu pai que lhe devorava das sombras, ficou eclipsada pela sorte do momento.

Anna respirou profundamente e lhe dirigiu um olhar cristalino que lhe dizia: *Disse-me que devíamos fazer amor para que ocorresse isto. Supõe-se que você é o perito.*

E então a realidade retornou com toda sua intensidade. Charles puxou-a para deixá-la entre ele e os dois lobos furiosos, que a observava com dolorosa intensidade.

Quando ela se liberou brandamente de sua mão, Charles o agradeceu; necessitava das duas para defendê-los. Sempre e quando conseguisse ficar em pé.

Embora esperasse que opusesse resistência, comprovou satisfeito como Anna retrocedia ainda mais a suas costas. Mas então duas mãos frias se posaram sobre seus ombros manchados de sangue e Anna se apoiou em suas costas, um de seus peitos incomodamente perto da ferida de bala.

Agarrou ar e começou a cantar. E escolheu a canção Shaker que seu pai tinha interpretado no funeral do Doc Wallace: «Simple Gifts».

A paz se estendeu por todo seu corpo como um vento tropical, como não lhe tinha ocorrido das duas primeiras horas depois de conhecê-la. Asil lhe havia dito que para transmitir aquela sensação ela também devia sentir-se relaxada. Não podia comunicar uma calma que não sentia. De modo que cantou e deixou que a paz da canção fluísse por seu interior, para depois transmitir-lhe aos lobos.

Na terceira estrofe, Charles se uniu a ela, contribuindo um contraponto a sua rica voz de contralto. Cantaram-na duas vezes e, quando terminaram, Asil emitiu um suspiro e se tombou sobre a neve como se estivesse muito esgotado para mover-se.

Charles deixou que Anna escolhesse as canções. A seguinte foi uma canção irlandesa, «The Black Velvet Band». Descobriu surpreso que Anna decidiu dotar ao tema de uma suave cadência que recordava ao gaélico. Pelo modo em que pronunciava, compreendeu que a tinha aprendido ao escutar a versão dos Irish Rovers. Na metade de «The Wreck of the Edmund Fitzgerald», seu pai se aproximou lentamente a Anna e com um suspiro colocou a cabeça sobre o colo dela.

A próxima vez que visse Samuel lhe contaria que sua Anna tinha derrotado a um Marrok desbocado com um par de canções quando ele havia, demorado anos em conseguir o mesmo.

Anna continuou cantando enquanto Charles ficou em pé trabalhosamente. Não foi uma experiência agradável, embora, ao menos, as garras e presas de seu pai não eram de prata, e inclusive as piores feridas recentes já tinham começado a curar-se. Apesar da escuridão reinante, a lua brilhava intensamente. Ainda não era cheia, mas faltavam poucos dias para que o fosse.

Aproximou-se de Asil, comprovou que estava sumido em um sono profundo e reparador, e depois se dirigiu para onde jaziam os corpos. A bruxa tinha o pescoço quebrado, mas se sentiria melhor assim que a tivessem queimado e espalhado suas cinzas. Walter também estava morto.

Anna terminou a canção e disse:

— O fez por mim.

Charles levantou a cabeça para olhá-la.

— A bruxa me lançou um feitiço e Walter se interpôs em seu caminho.

Anna estava pálida, e lhe estava começando a aparecer um hematoma na bochecha. Apesar de toda a comida que lhe tinha obrigado a ingerir, teve a sensação de que durante os últimos dias tinha perdido peso. Tinha as unhas destroçadas, e a mão direita, com a que acariciava brandamente o focinho de seu pai, tinha um corte à altura dos nódulos. Tinha golpeado a alguém, certamente a Mariposa.

Tremia ligeiramente, e não soube se devido ao frio, a comoção ou a uma mescla das duas coisas. Enquanto refletia sobre aquilo, Bran a agasalhou com seu corpo para lhe transmitir todo seu calor.

Walter tinha razão: Charles não cuidava dela como merecia.

— Walter morreu como viveu — disse a sua companheira. — Como um herói, como um soldado, como um sobrevivente que escolheu proteger o que considerava mais valioso. Se pudéssemos lhe perguntar, acredito que não se arrependeria de nada.

Capítulo 15

Finalmente foi o frio. Apesar de que Anna não pudesse seguir contemplando os corpos, o homem que tinha morrido por ela e a mulher que tinha matado, foi o frio, lhe arrebatando o calor de seu corpo, o que lhe deu o ímpeto necessário para mover-se.

Ficou de pé com dificuldade, desconcertando aos lobos que a rodeavam em um intento vão por esquentá-la. Olhou para Charles com um semblante de desculpa:

—Sei que os carros só estão a um par de horas... Poderia me indicar o caminho? — Olhou os corpos um instante e depois de novo para Charles. —Não posso seguir aqui.

Charles se incorporou com um grunhido. Bran lhe ajudou a manter o equilíbrio quando lhe falharam as forças. Asil se levantou quando o fizeram os outros dois. Bran parecia o único com as forças suficientes para caminhar.

—Sinto-o —disse Anna, — mas por muito não vou conseguir me esquentar. E tampouco posso me transformar.

Assim que caiu a noite, a temperatura não tinha feito mais que descer, e cada minuto era pior.

Charles lhe deu um golpezinho com a cabeça e começou a avançar sem poder ocultar a claudicação. Bran permaneceu a seu lado como o tinha feito Walter. Fechou seus dedos ao redor do pelo que lhe cobria a nuca, esquecendo que se tratava do Marrok ao sentir a necessidade do contato físico.

Na escuridão, o bosque deveria ter resultado horripilante, mas ou se acostumou a eles ou os espíritos de Charles começavam por fim a ser de utilidade. O cansaço lhe impedia de caminhar com soltura e os dentes lhe tocavam castanholas sem parar. Deu um passo descuidado, rompeu a capa de gelo que protegia a neve e acabou enterrada até a cintura, muito cansada para tentar sair.

Notou como alguém rebuscava na mochila que levava às costas e, pouco depois, Asil lhe empurrou com o focinho uma barrinha de caramelo. Com pouco entusiasmo, abriu o pacote com os dentes e começou a mascar. Tinha sabor de papelão e quão único desejava era apoiar a cabeça contra a neve e dormir. Mas Asil lhe grunhiu, embora deixasse de fazê-lo não muito convencido quando Bran lhe respondeu com outro grunhido. Charles não emitiu ruído algum, limitou-se a olhar ao Asil com seus olhos ambarinos. Anna terminou a pegajosa barrinha só porque intuiu a ameaça latente da violência.

Saiu trabalhosamente da neve e evitou no possível às zonas onde esta se estendia formando lençóis impolutos. Embora aquilo tampouco lhe impedisse de voltar a cair sobre montículos de neve. Os lobos também tiveram dificuldades, mas muitas menos que ela.

Quando finalmente avistou os carros, acreditou estar vendo uma alucinação.

Viu que a caminhonete estava estacionada atrás do Humvee, de modo que se dirigiu para ela. Brigou com a porta, mas conseguiu abri-la. Embora aparentemente não houvesse espaço suficiente para três homens lobo e ela, conseguiram acomodar-

se facilmente como puderam. Fechou a porta, pôs em marcha o motor e esperou intumescida e paciente que a cabine se enchesse de ar quente.

Só então se deu conta de que o lobo sentado a seu lado era Bran. Charles se colocou entre os dois assentos e Asil se acomodou no chão do assento do passageiro e fechou os olhos. Bran se aninhou junto a ela e apoiou o focinho em sua coxa. De vez em quando tremia, embora Anna não acreditasse que fosse de frio.

Quando o ar da cabine começou a esquentar-se, tirou as luvas e colocou os dedos frente à calefação até que voltou a senti-los. Continuando, desabotoou as botas e tirou estas e as meias três-quartos. O chão da caminhonete estava molhado, mas a neve derretida se temperou e não lhe incomodou muito. Deixou todas suas coisas atrás do assento.

Fazer retroceder a caminhonete pelo estreito atalho foi um pesadelo. A estrada subia e baixava, de modo que a metade do tempo não viu nada pela janela traseira e teve que guiar-se exclusivamente pelos retrovisores exteriores. Quando finalmente conseguiu dar a volta, as mãos lhe tremiam pela tensão e o suor lhe descia pelas costas, mas a caminhonete seguia em uma peça só.

A cabine cheirava a cabelo molhado e morno; o relógio do painel lhe informou que eram três da madrugada. À medida que entrava o calor, começaram a lhe doer os tornozelos.

Levava conduzindo uma meia hora quando uma SUV cinza apareceu frente a ela e lhe fez sinais com as luzes para que se detivesse. Apesar de que estivessem no meio da autoestrada, deteve-se junto ao outro veículo e baixou a janela. Não tinha cruzado com ninguém em toda a noite, de modo que decidiu não preocupar-se com o tráfego.

A SUV tinha as janelas filmadas, de modo que à única pessoa que pôde ver foi a Tag sentado frente ao volante. Olhou-lhe com o cenho franzido.

—Bran me há dito que reúna a uns quantos para uma tarefa de limpeza. Estão todos bem?

A Anna custou um instante compreender como se comunicou Bran com ele. Jogou uma olhada a seus camaradas e pensou que nenhum deles estava precisamente bem.

—O que te disse Bran?

Sua voz lhe soou cansada, espessa.

Embora Tag franzisse ainda mais o cenho, respondeu-lhe.

—Que havia um par de corpos aí acima, uma bruxa e um lobo. Temos que recolhê-los e limpar tudo.

Anna assentiu.

—O Humvee está ao final da estrada. As chaves estão no contato. Suponho que Asil também subiu com seu veículo, embora não sei onde o deixou.

O rosto de Tag ficou imóvel durante um instante, como se estivesse escutando algo que não devia. Sorriu-lhe e se golpeou a têmpora com o dedo um par de vezes.

—Bran sabe. Traremos-los de volta. Pode dirigir até em casa?

Era uma boa pergunta. Não soube se mentia quando lhe disse:

—Sim.

—De acordo. —O motor de seu veículo protestou quando colocou a marcha, mas não o fez avançar nem subiu o vidro. E com um pouco de indecisão, acrescentou — Ocorreu algo... Senti uma...

—Bruxa — disse Anna com segurança, o que, por outro lado, era certo.

Se Bran pretendia que todo mundo soubesse o que a bruxa de Asil lhe tinha feito, podia fazê-lo ele mesmo. Anna subiu o vidro e retornou à estrada.

Temia que não soubesse encontrar a casa de Charles, mas não lhe resultou muito difícil. Um novo manto de neve lhe dava um aspecto cômodo e acolhedor. E seguro.

Acompanhou aos lobos até a casa, e, uma vez nela, dirigiu-se cambaleante ao banheiro e depois ao dormitório. Desfez-se da roupa úmida e suja e se meteu sob os lençóis em roupa interior. Adormeceu antes que os lobos decidissem como iam caber todos na cama.

—Encontra-se bem? — perguntou-lhe seu pai.

Charles fechou os olhos e *escutou*. Quão único sabia era que o vínculo entre ele e sua companheira era forte e sólido. Ainda não estava seguro do que significava exatamente aquele vínculo, que consequências conduziriam. Apesar de tudo, ouviu-a cantar.

—O superará — disse Charles.

Asil levantou a taça de chá a modo de brinde. Como seu pai, Asil estava recém-tomado banho e se vestiu com uma dupla capa de jérsei.

Um carro se aproximou pelo atalho e estacionou diante da casa.

—Meu carro — disse Asil sem fazer gesto de levantar-se.

Sage abriu a porta sem chamar e apareceu precavidamente a cabeça. Quando viu a Bran, sacudiu os pés na soleira e entrou na casa.

—Alguém tem que tirar toda essa neve — disse ao Charles. — Asil, trouxe seu carro. Pode recuperá-lo sempre e quando acompanhar a casa.

—Limpeza concluída? — perguntou Bran sem muito interesse.

Sage assentiu.

—Tag diz que sim. Agarrou a caminhonete de Charles para levar os corpos ao crematório. Pediu-me que te dissesse que as cinzas do lobo se pulverizarão no lugar habitual e que tem dois quilogramas preparados de sal para mesclar com as cinzas da bruxa. Assim que o deixe preparado, o levará a sua casa para sua eliminação.

—Muito bem — disse Bran. — Obrigado.

Enquanto Sage falava, Asil recolheu os pratos que tinha utilizado e os levou a cozinha.

—Vou com a Sage — Respirou fundo e inclinou a cabeça formalmente ante Bran.

— Em relação às coisas que te oculte... Espero sua visita nos próximos dias.

Sage conteve o fôlego, mas Bran se limitou a suspirar.

—É muito velho para uns açoites. Não tenho nada que te dizer que já não saiba...

— Arqueou uma sobrancelha — A menos que conheça outra bruxa ou algo parecido que possa pôr em perigo à Alcateia. Não? Então vá para casa e descansa um pouco, velho amigo. — Deu um sorvo de chá e acrescentou — Espero que isto ponha fim a suas petições de execução. Produzem-me indigestão.

Asil sorriu.

—Espero seguir te provocando indigestão, embora seja provável que não seja por esse motivo. Pelo menos não durante um tempo. — deu a volta e se inclinou ante Charles do mesmo modo. — Obrigado por sua ajuda.

Charles assinalou com a cabeça o banheiro onde Anna seguia ainda sob a ducha.

— Foi Anna quem matou a bruxa.

O sorriso de Asil se tingiu de certa malícia.

— Então terei que agradecer-lhe como merece.

Charles lhe cravou uns olhos de gelo.

— Se atreva.

Asil jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Agarrou a Sage pelo ombro e ambos saíram da casa. Asil pisou na neve descalço sem uma careta de dor.

Quando ouviram afastar o carro, Bran lhe disse:

— Ainda te dará problemas, mas já não serão nem a metade de preocupantes. Eu também parto, Leah deve estar muito intranquila.

Charles se desfez de Asil com um encolhimento de ombros, havia coisas mais importantes que solucionar.

— Está seguro? Pode ficar aqui todo o tempo que queira.

Jamais esqueceria ao outro, ao berserker que se ocultava sob a fachada despreocupada que seu pai se esforçava por manter.

Quando Bran sorriu somente serviu para enfatizar o olhar assassino de seus olhos.

— Estou bem. Cuida de sua companheira... E assim que estejam preparados para oficializar sua situação, faça-me saber. Eu gostaria de vinculá-la formalmente à Alcateia o antes possível. Esta semana há lua cheia.

— A próxima lua estará bem. — Charles se cruzou de braços e inclinou a cabeça. — Mas deve estar esgotado se acha que pode me mentir desse modo.

Bran, quem se encontrava a meio caminho da porta, deu a volta. Naquela ocasião o sorriso sim lhe iluminou os olhos.

— Se preocupa muito. Que tal um «*Estarei bem*»? Melhor?

Soube que lhe dizia a verdade.

— Se te meter em problemas, me chame e irei com a Anna imediatamente.

Bran assentiu uma só vez e partiu, deixando Charles somente com suas dúvidas. Somente quando Anna, morna e úmida após sair da ducha, apareceu na sala assobiando uma melodia que lhe resultava familiar, evaporaram-se suas preocupações.

— *Crep, crep, venéfica est mortua* — lhe disse ela.

— O que é o que está morto? — perguntou-lhe ele.

Então recordou a canção e sorriu.

— Ding, dong, a bruxa morreu — lhe esclareceu Anna enquanto se sentava a seu lado. — E também um homem bom. Celebramo-lo ou choramos a perda?

— Sempre a mesma pergunta — disse ele.

Anna desdobrou os dedos sobre a mesa.

— Era um homem muito bom, sabe? Merecia um final feliz.

Charles cobriu os dedos dela com os seus enquanto tentava encontrar as palavras mais adequadas, mas estas não chegaram.

Depois de uns instantes, Anna apoiou a cabeça em seu ombro.

— Poderia ter morrido.

— Sim.

— E eu também.

—Sim.

—Acredito que aproveitarei o final feliz que nos deu de presente e farei que funcione. —E apertou seu corpo com ambos os braços, com força. — Te quero.

Charles deu a volta e a agarrou para colocá-la sobre seu colo. Tremiam-lhe os braços, por isso fez um grande esforço por não lhe machucar ao abraçá-la.

—Eu também te quero.

Anna ergueu a cabeça depois de muito tempo e lhe disse:

—Também tem fome?

Bran sentiu ao monstro remover-se incômodo ao partir da casa de seu filho. Estava convencido de que por fim tinha conseguido enjaulá-lo; resultava desagradável descobrir que a jaula que tinha construído para ele não era confiável. Mais que desagradável.

A última vez que se havia sentido daquele modo foi quando Blue Jay Woman morreu. Conseguiu conter à Besta mediante um complexo matagal de fios, mas, apesar de tudo, havia-se sentido aterrorizado. Não podia permitir-se voltar a amar a uma mulher do modo em que tinha amado a ela.

Ainda era de noite quando estacionou na garagem. Tinham dormido vinte e quatro horas seguidas na casa de Charles, e ainda faltavam um par de horas para o amanhecer. Entrou em sua casa silenciosamente e subiu as escadas com dificuldade.

Leah não estava em seu dormitório.

Soube, antes de chegar à porta, que tinha dormido em sua cama. Silenciosamente, penetrou no dormitório e fechou a porta atrás dele.

Leah parecia um novelo em seu lado da cama, com uma almofada entre os braços. Sentiu como lhe embargava a ternura; dormida tinha um aspecto vulnerável, apazível.

Apartou aquele sentimento porque sabia que era muito perigoso. Seus filhos nunca tinham acabado de entender aquele matrimônio, seu emparelhamento. Depois da morte de Blue Jay Woman, tinha demorado vários anos em encontrar a Leah, uma mulher o suficientemente egoísta e estúpida para assegurar-se de que nunca chegaria a amá-la. Mas o amor não era necessário para o vínculo de emparelhamento. Bastava com a aceitação, a confiança, e o amor era uma bonificação que ele não podia permitir-se.

Com a Blue Jay Woman tinha descoberto que o vínculo de emparelhamento era o modo de rebater à Besta, estendendo o custo do controle. Necessitava do vínculo para manter sob controle ao monstro no que podia converter-se. Entretanto, não podia perder a ninguém mais que amasse como tinha amado a Blue Jay Woman. De modo que em Leah encontrou um compromisso aceitável.

Tirou a roupa, aquela vez sem reparar no ruído que fazia. Leah despertou quando a jaqueta caiu ao chão.

Sentou-se sobre a cama e se esfregou a cara para espreguiçar-se, mas quando suas calças seguiram o mesmo caminho que a jaqueta, fez-lhe uma careta e lhe disse:

—Se acha que vai a...

Bran lhe fechou a boca com a sua, alimentando à Besta com sua pele, seu aroma e os sons que emitia ao deixar-se levar pelo prazer. Deixou de resistir depois do

primeiro beijo. Quando terminaram, ela se aninhou a seu lado, tremendo ligeiramente com as réplicas.

E a Besta sumiu no sonho.

A Alcateia corria através do bosque petrificado pelo frio como a Caça Selvagem dos contos: mortal para qualquer criatura que tivesse a má fortuna de cruzar-se em seu caminho.

Anna se alegrou de que nenhuma o fizesse. Não lhe importava uma boa caça, ao menos a sua loba interior não importava, mas ainda tinha na boca o gosto da carne e o sangue de Bran que tinha consumido para cimentar seu lugar na Alcateia. O sabor era doce e saboroso — o que inquietou Anna muito mais que a sua loba— e queria decidir como a fazia sentir aquilo antes de substituí-lo com o sangue e a carne de outra criatura.

Charles tinha ficado atrasado e ela permaneceu a seu lado, lhe seguindo quando se separou da Alcateia. Frente aos outros lobos, comportou-se com solene dignidade. Assim que ficaram sozinhos, Charles lhe golpeou subitamente no flanco e Anna caiu ao chão antes de poder recuperar o equilíbrio. E começaram a jogar. Fizeram-no até que ela se deu conta de que ele tinha de ganhar, e então se tombaram a descansar.

Casaram-se aquela manhã na pequena igreja do povoado. Sage a levou em uma viagem de emergência a Missoula no dia anterior para que pudesse comprar um vestido adequado. Asil lhe deu de presente o ramo e decorou a capela com suas rosas.

Não sabia que Charles se pôs em contato com sua família até que entrou na capela e viu seu pai esperando-a na nave lateral para acompanhá-la ao púlpito em lugar de Bran. Seu irmão estava junto aos padrinhos, ao lado de Samuel.

De modo que se tinha casado com o rosto alagado de lágrimas. O ministro tinha detido a cerimônia e lhe tinha entregado um lenço para que se limpasse; o que lhe tinha feito rir.

O melhor momento, entretanto, produziu-se depois da cerimônia, quando seu pai, alto, magro e curvado, assinalou a Charles com um dedo e lhe ameaçou com a morte e o desmembramento se não cuidava de sua filha como merecia. Todos os lobos que o ouviram quer dizer, todos os lobos presentes na sala tinham observado sobressaltados como Charles inclinava a cabeça como se seu pai fosse o Marrok..

Anna se acomodou junto a Charles sob as árvores, sua suave e espessa pelagem contra a dele. Agora se dava conta de que tinham se deslocado em círculos, já que se encontravam a pouca distância da casa de Bran. Distinguiu as luzes, o que indicava que seu pai e seu irmão estavam ainda acordados, provavelmente falando dela. Confiou em que se sentissem felizes. A julgar pelos acontecimentos dos últimos dias, àquela nova vida não ia ser fácil, mas estava convencida de que a desfrutaria.

Em algum lugar das montanhas, um lobo selvagem chamou a sua companheira. Anna ficou em pé de um salto, acariciou o focinho em Charles de brincadeira e ambos puseram-se a correr, perseguindo um ao outro.

Fim

ALFA e OMEGA

O relato que deu origem à Série

Capítulo 1

O vento era fresco e o frio lhe gelava as pontas dos pés. Um daqueles dias ia deixar-se ir e comprar umas botas, embora somente quando pudesse prescindir da comida.

Enquanto percorria o último quilômetro até sua casa, Anna se permitiu sorrir sob o amparo da jaqueta. Certamente, ser uma mulher lobo lhe dava mais força e resistência, inclusive em forma humana, mas o turno de doze horas que acabava de terminar no Scorci's era suficiente para que lhe doessem inclusive *seus* ossos. A gente não tinha coisas melhores que fazer no dia de Ação de Graças que ir comer em um restaurante italiano?

Tim, o dono do restaurante, quem, apesar de ser irlandês e não italiano, fazia os melhores nhoques de toda Chicago, deixava-lhe fazer turnos extras, embora não lhe permitia superar as cinquenta horas semanais. O melhor salário extra era a comida grátis que tinha em cada turno. Mesmo assim, suspeitava que iria ter que buscar outro emprego para poder cobrir todos os gastos: tinha descoberto que a vida como mulher lobo era tão cara financeira como pessoalmente.

Usou as chaves para entrar no edifício. Não havia nada na rolha, assim agarrou o correio de Kara e o jornal e subiu as escadas até o terceiro andar, onde estava o apartamento de Kara. Quando abriu a porta, o gato siamês de Kara, Ratolín, dirigiu-lhe um olhar, cuspiu indignado e desapareceu depois do sofá.

Durante seis meses tinha dado de comer ao gato quando sua vizinha estava fora, o qual era frequente desde que Kara começou a trabalhar para uma agência de viagens organizando tours. Ratolín ainda a odiava. De seu esconderijo a amaldiçoava como somente pode fazê-lo um siamês.

Com um suspiro, Anna deixou o correio e o jornal sobre a mesinha da sala de jantar, abriu uma lata de comida para gatos e a deixou junto à tigela da água. Sentou-se e fechou os olhos. Já estava pronta para ir a seu apartamento, um andar acima, mas antes devia esperar a que o gato terminasse de comer. Se lhe deixava sozinho, ao retornar pela manhã encontraria a lata intacta. Pode ser que a odiasse, mas Ratolín não comia se não houvesse alguém com ele, inclusive se era uma mulher lobo em que não confiava.

Normalmente, ligava a televisão e ficava vendo algo, mas aquela noite estava muito cansada para fazer o esforço, assim abriu o jornal para comprovar o que tinha ocorrido da última vez que olhou um, um par de meses atrás.

Repassou sem interesse as manchetes da capa. Sem deixar de protestar, Ratolín saiu de seu esconderijo e se dirigiu molesto à cozinha.

Ao passar a página, Ratolín soube o que estava lendo de verdade. Anna deu um pulo ao ver a foto de um jovem. Era uma foto, obviamente da escola, e a seu lado havia outra parecida de uma garota de sua mesma idade. O título dizia: «O sangue encontrado na cena do crime pertence ao adolescente de Naperville desaparecido». Meio inquieta, leu o resumo do crime para os que, como ela, perderam as reportagens prévias.

Dois meses antes, Alan Mackenzie Frazier tinha desaparecido do baile da escola a mesma noite em que o cadáver de seu suposto encontro tinha sido encontrado nos jardins da escola. A causa da morte era difícil de determinar, já que o corpo da garota tinha sido destruído por animais, nos últimos meses, um grupo de animais de rua tinham causado problemas na vizinhança. As autoridades não estavam seguras de que o menino desaparecido era suspeito ou não. Dado que seu sangue também estava na cena do crime, poderia ser que fosse outra vítima.

Anna tocou a cara sorridente de Alan Frazier com dedos trementes. Ela sabia. *Sabia.*

Levantou-se precipitadamente da cadeira, ignorando os infelizes miados de Ratolín, e molhou os pulsos com água fria para conter as náuseas. *Pobre menino.*

Ratolín demorou uma hora em terminar sua comida. Então, Anna tinha memorizado o artigo e tomado uma decisão. Soube assim que leu a notícia, mas demorou uma hora em reunir a coragem para decidir-se: se tinha aprendido algo nos três anos que levava sendo uma mulher lobo era que o melhor é não fazer nada que possa atrair a atenção de um dos lobos dominantes. E telefonar ao Marrok, que governava a todos os lobos da América do Norte, era o modo mais rápido de atrair sua atenção.

Não tinha telefone em seu apartamento, assim usou o de Kara. Decidiu esperar uns minutos para acalmar-se, mas como não o conseguiu, discou o número que tinha marcado em uma parte de papel enrugado.

Três tons. Então compreendeu que a uma da madrugada em Chicago seria grandemente distinta em Montana, aonde o prefixo marcado indicava que estava chamando. Eram duas ou três horas de diferença? As horas eram de mais ou de menos? Pendurou o telefone precipitadamente.

De todos os modos, o que ia dizer-lhe? Que tinha visto o menino, obviamente vítima do ataque de um homem lobo, semanas depois de seu desaparecimento, em uma jaula na casa de seu Alfa? Que pensava que seu Alfa tinha ordenado o ataque?

Quão único devia fazer Leo para não receber sanções era lhe dizer ao Marrok que tinha encontrado ao menino mais tarde. Talvez fosse isso o que ocorreu. Talvez ela estivesse projetando tudo desde sua própria experiência.

Anna tampouco sabia se o Marrok se opunha ao ataque. Provavelmente aos homens lobo lhes permitia atacar a quem quisessem lhes tinham passado.

Deu as costas ao telefone e viu a cara do menino olhando-a do jornal. Voltou a examinar a fotografia atentamente e marcou de novo o número de telefone; ao menos o Marrok não estaria muito satisfeito com toda a publicidade que tinha atraído o caso. Desta vez atenderam o telefone depois do primeiro tom.

—Bran.

Não sou muito ameaçador.

— Meu nome é Anna — disse ela, desejando que não lhe tremesse a voz.

Houve um tempo, pensou com amargura, em que não tinha medo nem de sua sombra, quem teria pensado que converter-se em uma mulher lobo a converteria em uma covarde? Mas agora sabia que os monstros eram reais.

Pode ser que estivesse zangada consigo mesma, mas, naquele momento, não soube que mais dizer. Se Leo se inteirava de que tinha chamado ao Marrok, poderia disparar a bala de prata que tinha comprado meses atrás ela mesma e lhe economizar o esforço.

— Chama de Chicago, Anna?

Aquilo a surpreendeu, mas imediatamente compreendeu que devia ter identificador de chamada em seu telefone. Não parecia zangado, de modo que supôs que não teria interrompido nada importante; não se parecia com os outros dominantes que tinha conhecido. Talvez fora seu secretário ou algo assim. Aquilo fez que se sentisse melhor. O telefone pessoal do Marrok não seria algo que circulasse alegremente.

A esperança de que não estivesse falando com o Marrok a ajudou a serenar-se; até Leo tinha medo do Marrok. Não se incomodou em responder a sua pergunta, ele já conhecia a resposta.

— Eu gostaria de falar com o Marrok, mas possivelmente você possa me ajudar.

Houve uma pausa, depois da qual, Bran disse:

— Eu sou o Marrok, menina.

O pânico retornou com toda sua força, mas antes que pudesse desculpar-se e desligar, ouviu-lhe dizer de repente:

— Não se preocupe, Anna. Não tem feito nada mal. Me diga por que chamou.

Respirou profundamente, consciente de que era sua última oportunidade de ignorar o que tinha visto e proteger-se. Em troca, explicou-lhe o artigo do jornal e que tinha visto o menino desaparecido na casa de Leo, em uma das jaulas que tinha para os novos lobos.

— De acordo — murmurou o lobo ao outro lado do telefone.

— Não soube que algo ia mal até que o vi no jornal — disse ela.

— Sabe Leo que viu o menino?

— Sim.

Havia dois Alfas na área de Chicago. Perguntou-se como saberia de quem estava falando.

— Como reagiu?

Anna tragou saliva, tentando esquecer o que passou depois. Assim que o colega de Leo interveio, o Alfa tinha terminado de fazê-la circular aos outros lobos para satisfazer seu capricho, mas essa noite Leo sentiu que Justin merecia uma recompensa. Não tinha que lhe explicar isso ao Marrok, não?

Este lhe economizou a humilhação precisando a pergunta.

— Leo se zangou porque viu o menino?

— Não. Ele estava... Contente com o homem que o havia trazido.

Justin ainda tinha sangue na cara e emprestava à excitação da caçada.

Leo também se alegrou quando Justin trouxe Anna pela primeira vez. Tinha sido Justin o que se zangou; não soube que ia ser uma loba total. Os submissos são os que

têm o grau mais baixo da Alcateia. Justin compreendeu rapidamente que tinha cometido um engano ao transformá-la. Ela também o pensou.

—Já vejo.

Por alguma razão teve a sensação de que assim era.

—Onde está agora, Anna?

—Em casa de uma amiga.

—Outra loba?

—Não.

Então se deu conta de que possivelmente ele pensasse que lhe tinha contado a alguém o que realmente era, algo que estava estritamente proibido, assim que se apressou a explicar-se.

—Não tenho telefone em casa. Minha vizinha está fora e estou cuidando de seu gato. Usei seu telefone.

—Já vejo —disse ele. — Quero que te mantenha afastada de Leo e da Alcateia a partir deste momento. Pode ser que não esteja segura se alguém averiguar que me chamou.

Por dizê-lo brandamente.

—De acordo.

—Por certo —disse o Marrok, — ultimamente recebi notícias sobre certos problemas em Chicago.

Ao compreender que tinha arriscado tudo desnecessariamente, não prestou muita atenção ao que disse a seguir.

—Normalmente teria contatado com a Alcateia mais próxima. Entretanto, se Leo está assassinando a gente, não vejo por que o outro Alfa de Chicago não teria que sabê-lo. Posto que Jaimie não se contatou comigo, tenho que assumir que os dois Alfas estão envolvidos de uma maneira ou outra.

—Não é Leo o que está criando novos lobos —lhe disse ela. — É Justin, seu segundo.

—O Alfa é responsável pelos atos de sua Alcateia —respondeu o Marrok com calma. — Enviei a um... Investigador. De fato, aterrissará em Chicago esta mesma noite. Eu gostaria que se encontrasse com ele.

* * *

Assim é como Anna acabou nua em plena noite entre dois carros estacionados no Aeroporto Internacional de O'Hare. Não tinha carro nem dinheiro para um táxi, mas, riscando uma linha reta, sua casa só estava a uns oito quilômetros do aeroporto. Passavam uns minutos da meia-noite, seu lobo tinha a pelagem escura e era de compleição bastante pequena em comparação com os outros lobos, de modo que as possibilidades de que alguém a visse e pensasse que era algo mais que um cão de rua eram escassas.

Tinha refrescado, por isso tremia de frio enquanto colocava a camiseta que havia trazido. Não havia suficiente espaço em sua pequena mochila para o casaco após meter nela os sapatos, os jeans e um pulôver; tudo o qual era muito mais necessário.

Em realidade, nunca tinha estado antes em O'Hare e demorou uns minutos em encontrar o terminal correto. Quando chegou, *ele* já a estava esperando.

Depois de desligar o telefone, deu-se conta de que o Marrok não lhe tinha dado nenhuma descrição do investigador. Durante todo o caminho até ali tinha estado lhe dando voltas aquilo, embora realmente não fizesse falta. Não poderia haver-se confundido nunca. Inclusive no concorrido terminal, as pessoas se detinham para lhe olhar, e pouco depois apartavam a vista com dissimulação.

Os nativos americanos, embora pouco habituais em Chicago, não estavam acostumados a chamar tanto a atenção como ele o estava fazendo. Provavelmente, nenhum dos humanos que passavam perto dele era capaz de explicar por que sentiam aquele impulso, mas Anna sabia. Era algo muito comum entre os lobos dominantes. Leo também o exercia, mas não a esse nível.

Era alto, inclusive mais alto que Leo, e levava o cabelo, de um negro muito intenso, recolhido em uma grossa tranca que se balançava a altura de um cinturão de pele. Seus jeans eram escuros e pareciam novos em contraste com suas gastas botas de cowboy. Moveu ligeiramente a cabeça e as luzes fizeram reluzir uns pendentes de ouro.

Seus traços, dominados pela juventude e a pele de cor morena, eram proeminentes e robustos e refletiam uma opressiva inexpressividade. Seus olhos escuros viajavam lentamente pela buliçosa multidão procurando algo. Posaram-se nela um instante e o impacto que lhe provocou a deixou sem respiração. Então seu olhar continuou percorrendo o terminal.

* * *

Charles odiava voar. Especialmente quando era outro que pilotava. Tinha pilotado o pequeno jato até Salt Lake City, já que, ter aterrissado em Chicago, teria alertado a sua presa, e preferia agarrar Leo despreparado. Além disso, depois da clausura do Meigs Field, tinha deixado de voar até Chicago, e nos aeroportos de O'Hare e Midway havia muito tráfico.

Odiava as grandes cidades. Havia muitos aromas que obstruíam seu olfato, muitos ruídos. Captava fragmentos de centenas de conversações diferentes sem pretendê-lo, o que podia lhe impedir de perceber o som de alguém se aproximando sigilosamente. Alguém se chocou com ele quando descia do avião e teve que conter-se para não lhe devolver o golpe. Embora voar a O'Hare de noite evitava as aglomerações, havia muita gente para seu gosto.

Também odiava os telefones celulares. Quando ligou o seu depois de que o avião aterrissou, tinha uma mensagem de seu pai. Agora, em lugar de dirigir-se para o balcão de aluguel de carros e depois a seu hotel, devia encontrar a uma mulher e ficar com ela para evitar que Leo ou os outros lobos a matassem. Tudo o que tinha era um nome. Bran não tinha acreditado ser necessário lhe dar uma descrição.

Deteve-se depois da porta de segurança e deixou que seu olhar fora à deriva, esperando que seu instinto desse com a mulher. Podia cheirar a presença de outro lobo, mas a ventilação do aeroporto bloqueava sua habilidade de localizar o rastro. Seu olhar se posou primeiro em uma jovem com aspecto de irlandesa, cabelo

encaracolado cor uísque e aspecto de alguém que é golpeado com regularidade. Parecia cansada, fria e muito magra. Não gostou do que viu. Muito zangado para estar seguro, obrigou-se a olhar a outro lado.

Havia uma mulher embainhada em um traje que harmonizava perfeitamente com sua pele cor chocolate. Embora não tinha aspecto de chamar-se Anna, parecia ser o tipo de pessoa que desafiaria a seu Alfa e telefonaria ao Marrok. Era evidente que estava procurando a alguém. Fez gesto de dirigir-se para ela, mas seu rosto se transformou ao não reconhecer nela à pessoa a que tinha estado esperando.

Iniciou uma segunda varrida do terminal quando, desde sua esquerda, uma voz delicada e insegura disse:

— Senhor, acaba de chegar de Montana?

Era a garota de cabelo cor uísque. Deve ter-se aproximado dele enquanto olhava para outro lado, algo que não teria podido fazer se não estivesse no meio do maldito aeroporto.

Ao menos não tinha que procurar mais ao contato de seu pai. Com ela tão perto, nem as correntes de ventilação podiam ocultar que era uma mulher lobo. Mas não foi só seu olfato o que lhe disse que era algo mais que aquilo.

Ao princípio pensou que era uma loba total. Muitos homens lobo eram mais ou menos dominantes. A gente doce por natureza não estava suficientemente preparada para sobreviver a brutal mudança de humano a licantropo. Por isso existiam tão poucos homens lobos submissos.

Então compreendeu que a repentina mudança de humor e seu desejo irracional de protegê-la da multidão que lhes rodeava eram indícios de algo mais. Embora muitos se equivocavam com ela, não era uma loba total: era uma Omega.

Justo então soube que, além da missão que lhe tinha levado a Chicago, ia matar ao responsável por aqueles hematomas.

* * *

Desde perto era ainda mais impressionante. Podia sentir sua energia lhe percorrendo o corpo brandamente como uma serpente degustando sua presa. Anna manteve o olhar baixo enquanto esperava sua resposta.

— Sou Charles Cornick — disse ele. — O filho do Marrok. Você deve ser Anna.

Ela assentiu.

— Veio de carro ou pegou um táxi?

— Não tenho carro — disse ela.

Ele grunhiu algo que ela não chegou a entender.

— Sabe dirigir?

Anna assentiu.

— Bem.

* * *

Anna conduzia bem, embora era muito prudente. Embora não lhe importava, agarrou-se com força ao porta-luvas do carro alugado. Ela não disse nada quando lhe pediu que fossem a seu apartamento, mas tinha percebido sua consternação.

Lhe poderia ter dito que seu pai lhe tinha dado instruções de mantê-la viva, se pudesse, e para fazer isso devia permanecer a seu lado. Não queria assustá-la mais do que já estava. Também lhe poderia haver dito que não tinha intenção alguma de deitar-se com ela, mas não queria lhe mentir. E, sobretudo, não queria mentir-se a si mesmo. Por isso se manteve em silêncio.

Quando entraram na autoestrada na SUV alugada, o Irmão Lobo passou de sentir uma fúria assassina, causada pelo bulício do voo, a deixar-se levar por uma satisfação e uma calma completamente novas para Charles. Os dois lobos Omega que tinha conhecido ao longo de sua vida tinham feito algo similar nele, mas não com semelhante intensidade.

Isto deve ser o mais parecido a sentir-se totalmente humano.

A fúria e cautela de caçador que seu lobo sempre demonstrava eram apenas uma lembrança, deixando somente a determinação de aproximar-se dela para emparelhar-se. Aquilo também era novo para ele.

Embora fosse muito bonita, o que desejava realmente era alimentá-la e suavizar a rigidez de seus ombros. O lobo queria levar-lhe à cama e reclamá-la como dele. Mas, ao ser mais cauteloso que seu lobo, esperaria a conhecê-la um pouco melhor antes de cortejá-la.

—Meu apartamento não é grande coisa —disse ela com um esforço evidente por romper o silêncio.

A aspereza de sua voz lhe indicou que sua garganta estava seca.

Tinha medo dele. Embora nunca lhe tinha gostado, era o valentão de seu pai, por isso estava habituado a despertar aquele tipo de sentimento nas pessoas.

Apoiou-se na porta do carro e contemplou as luzes da cidade. Queria lhe dar espaço para que se sentisse mais cômoda quando decidisse olhá-lo. Tinha guardado silêncio para que ela se acostumassem a sua presença, embora agora começasse a pensar que poderia ter sido um engano.

—Não se preocupe —disse ele. —Não sou maníaco. Não me importa como é seu apartamento porque sem dúvida será mais civilizado que o povoado indígena onde cresci.

—Um povoado indígena?

—Sou mais velho do que pareço —disse ele sorrindo ligeiramente. —Faz duzentos anos um povoado indígena era algo bastante extravagante em Montana.

Como a muitos outros lobos velhos, não gostava de falar do passado, mas sabia que aquilo ajudaria a Anna a tranquilizar-se.

—Tinha esquecido que podia ser mais velho do que aparenta —disse ela desculpando-se.

Tinha captado seu sorriso, pensou ele, porque o nível de seu medo se reduziu grandemente.

—Na Alcateia de Chicago não há lobos tão velhos.

—Há alguns — discordou ele, dando-se conta de que ela havia dito «a Alcateia» e não «minha Alcateia».

Leo tinha setenta ou oitenta anos e sua mulher muitos mais. Idade suficiente para apreciar o presente que significava possuir a uma Omega. Pelo contrário, tinham permitido que a convertessem naquela garota degradada que se encolhia quando a olhava muito tempo.

—Pode ser complicado saber a idade exata de um lobo. À maioria não gosta de falar do tema. Já é bastante duro adaptar-se sem ter que falar constantemente sobre tempos passados.

Anna não disse nada, por isso pensou em outro tema de que pudessem falar. As conversas não eram seu forte; deixava-as para seu pai e seu irmão, ambos muito bons conversadores.

—De que tribo é? —perguntou ela antes que ele encontrasse um novo tema. —Não sei muito sobre as tribos de Montana.

—Minha mãe era salish — disse ele. — Da tribo Cabeças-plana.

Anna lhe dirigiu um rápido olhar a sua testa com total naturalidade. Ah, pensou ele aliviado, uma boa história que lhe contar.

—Sabe por que os Cabeças-planas se chamam assim?

Ela negou com a cabeça. Sua expressão era tão solene que se sentiu tentado a zombar dela. Mas não se conheciam o suficiente, de modo que lhe contou a verdade.

—Muitas das tribos indígenas da Concha do Columbia, a maioria deles salish, estavam acostumados a aplanar as testas dos recém-nascidos; os Cabeças-planas eram uma das poucas que não o faziam.

—Então, por que são eles os que se chamam Cabeças-planas? —perguntou ela.

—Porque as outras tribos em realidade não pretendiam aplanar a testa a não ser criar um pico na parte superior da cabeça. Como os Cabeças-planas não o faziam, as outras tribos começaram a chamá-los desse modo. Não era um bom nome.

O aroma de seu medo ia diminuindo enquanto ele falava.

—Nós fomos os feios, os primos bárbaros, sabe? — pôs-se a rir — Ironicamente, os escravistas brancos interpretaram mal o nome. Fomos difamados durante muito tempo por uma prática que não realizávamos. Assim que os homens brancos, como nossos primos, consideravam-nos uns bárbaros.

—Disse que sua mãe era salish —disse ela. — O Marrok também é nativo americano?

Ele negou com a cabeça.

—Meu pai é galês. Deve ter caçado peles na época dos trapaceiros e ficou porque se apaixonou pelo aroma dos pinheiros e da neve.

Seu pai o havia dito com essas mesmas palavras. Charles descobriu que voltava a sorrir sem que lhe doesse a cara, desta vez um sorriso de verdade, e notou como ela se relaxava ainda mais. Teria que chamar a seu irmão, Samuel, para lhe dizer que finalmente tinha aprendido a sorrir sem que o rosto lhe esquartejasse. Somente tinha necessitado a uma loba Omega para consegui-lo.

Anna virou em um beco e se introduziu em um pequeno estacionamento atrás de um dos onipresentes edifícios de tijolo de quatro novelo que alagavam os velhos subúrbios daquela parte da cidade.

—Em que bairro estamos? —perguntou ele.

—No Oak Park — disse ela. — O lar de Frank Lloyd Wright, Edgar Frise Burroughs e Scorci'S.

—Scorci's?

Ela assentiu e saiu do carro.

—O melhor restaurante italiano de Chicago e meu atual lugar de trabalho.

Ah, por isso cheira a alho.

—De modo que sua opinião é imparcial?

Charles saiu do carro aliviado. Seu irmão zombava dele porque não gostava dos carros, apesar de saber que existiam poucas probabilidades de morrer se tinha um acidente grave. Charles não tinha medo de morrer, simplesmente lhe parecia que os carros corriam muito. Impedia-lhe de reconhecer o terreno pelo que circulava. E se gostava de dar uma olhada enquanto viajava, os carros não podiam fazer sozinhos o caminho. Por isso preferia os cavalos.

Depois de que ele tirou sua bagagem do porta-malas, Anna fechou o carro com chave. O carro emitia um assobio, e Charles se sobressaltou e não ocultou seu aspecto irritado. Quando deu a volta, Anna tinha a vista cravada no chão.

A ira, que em sua presença tinha desaparecido, reapareceu assim que sentiu a força de seu medo. Alguém a tinha traumatizado.

—Sinto-o — sussurrou ela.

Se naquele momento tivesse estado em forma de lobo, teria a cauda entre as pernas.

—Por quê? — perguntou ele, incapaz de ocultar seu aborrecimento— Porque me assustam os carros? Não é sua culpa.

Viu-se obrigado a controlar a seu lobo, e então compreendeu que naquela ocasião teria que ser mais prudente. Normalmente, quando seu pai o enviava a resolver algum problema, não tinha muitas dificuldades. Entretanto, com uma loba Omega ferida tão perto, teria que fazer um maior esforço por controlar seu temperamento.

—Anna —disse ele assim que voltou a ter tudo sob controle, — sou o assassino de meu pai. É meu trabalho como seu segundo. Mas isso não significa que eu goste. Não te farei mal, dou-te minha palavra.

—Sim, senhor —disse ela sem acreditar nele.

Charles recordou que naqueles tempos a palavra de um homem não tinha muito valor. Ajudou-lhe a controlar o fato de perceber nela a mesma quantidade de ira que de medo; ainda não estava anulada de todo.

Decidiu não insistir ao compreender que acabaria provocando o efeito contrário, Ela deveria aceitar que ele era um homem de palavra. Enquanto isso, daria-lhe algo no que pensar.

—Além disso —disse ele brandamente, — meu lobo está mais interessado em te cortejar que em impor seu domínio.

Charles sorriu quando percebeu que tanto seu medo como seu aborrecimento tinham desaparecido, sendo substituídos pela surpresa... e por algo que poderia ser um princípio de interesse.

Anna abriu a porta principal do edifício, entrou antes que ele e subiu as escadas sem lhe dirigir o olhar. Ao chegar ao segundo andar, seu aroma não desprendia nenhuma emoção, além do cansaço.

Deu-se conta de que a Anna custou um grande esforço subir as escadas até o apartamento de cobertura. Sua mão tremia ao tentar colocar a chave no ferrolho de uma das duas portas do patamar. Devia alimentar-se melhor. Os homens lobo não deveriam estar tão magros; poderia ser perigoso para os que lhe rodeavam.

* * *

Era um executor, disse-se Anna, enviado por seu pai para resolver os problemas que surgiam na comunidade de homens lobo. Para sobreviver naquele trabalho, devia ser inclusive mais perigoso que Leo. Anna podia sentir quão dominante era, e sabia como eram os dominantes. Tinha que estar alerta, preparada para o mais mínimo movimento agressivo, disposta a suportar a dor e o pânico, porque fugir seria ainda pior.

Então, por que se sentia mais segura quanto mais tempo passava com ele?

Charles a seguiu escada acima sem dizer uma palavra, e Anna decidiu não desculpar-se mais por seu apartamento. Ao fim e ao cabo, tinha sido sua ideia passar ali a noite e acabar dormindo em um futón dobro em lugar de em uma agradável cama de hotel. Não sabia o que lhe oferecer para comer; esperava que tivesse comido algo durante o voo. No dia seguinte iria comprar algumas coisas, depois de descontar o cheque do Scorci's que tinha deixado na porta da geladeira.

Tempos atrás, o apartamento de cobertura estava dividido em dois pisos de duas habitações, mas, nos anos setenta, alguém tinha feito uma reforma e os tinha convertido em um piso de três habitações e um escritório.

Seu apartamento parecia usado e vazio, sem mais móveis que um futón, uma mesinha e um par de cadeiras dobradiças. O chão de parquet era quão único o fazia um pouco acolhedor.

Anna olhou Charles atentamente quando entrou no apartamento atrás dela, mas compreendeu que sabia controlar muito bem suas emoções. Embora não pôde adivinhar o que pensava, não lhe custou muito imaginar-lhe ao ver como olhava fixamente o futón, que era perfeito para ela, mas muito pequeno para ele.

—O banheiro está ali —disse ela desnecessariamente porque a porta estava aberta e se podia ver com clareza.

Ele assentiu enquanto a observava com os olhos opacos pela pobre iluminação.

—Tem que trabalhar amanhã? —perguntou ele.

—Não. Não trabalho até sábado.

—Bem. Então poderemos falar pela manhã.

Charles agarrou sua pequena mala e se foi ao banheiro.

Enquanto Anna procurava no armário uma manta velha e voltava a considerar que um tapete seria muito melhor que o gentil parquet, bonito, mas muito frio e duro para dormir sobre ele, fez todo o possível para isolar-se dos estranhos sons que produzia outra pessoa dispondo-se a ir à cama.

A porta se abriu enquanto seguia de joelhos no chão tentando estender a manta a modo de colchão o mais longe possível da cama.

—Pode dormir na cama — começou a dizer e, ao dar a volta, encontrou-se cara a cara com um enorme lobo de pelagem marrom avermelhada.

Meneou-lhe a cauda e sorriu ante sua óbvia surpresa, antes de roçá-la ao passar para deitar-se na manta. Acomodou-se sobre ela, apoiou a cabeça em suas patas dianteiras e fechou os olhos; aparentemente, dormindo imediatamente. Apesar de que Anna sabia que não era assim, não se moveu, nem lhe olhou quando foi ao banheiro ou quando saiu vestida com um moletom mais grosso.

Não poderia dormir com um homem em seu apartamento, mas, de algum modo, o lobo lhe resultava menos ameaçador. *Aquele* lobo. Passou o fecho da porta, apagou a luz e se arrastou até a cama sentindo-se mais segura do que o tinha estado desde o dia em que descobriu que o mundo estava cheio de monstros.

* * *

Ao princípio, os passos que ouviu na escada na manhã seguinte não lhe preocuparam. A família que vivia no apartamento de frente passava o dia e a noite entrando e saindo. Cobriu a cabeça com o travesseiro para amortecer o ruído, mas então reconheceu a maneira de caminhar de Kara e recordou que havia um homem lobo em seu apartamento. Ergueu-se repentinamente e olhou ao Charles.

O lobo era muito mais formoso à luz do dia que da noite; suas negras patas realçavam o vermelho de sua pelagem. Ergueu a cabeça quando Anna se ergueu e se levantaram o mesmo tempo.

Quando Kara bateu na porta, Anna lhe indicou que se mantivesse calado.

— Anna, está aí? Sabe que alguém estacionou outra vez em sua vaga de estacionamento? Quer que chame o reboque ou tem um homem aí dentro?

Kara estava esperando ao outro lado da porta.

— Estou aqui. Espera um minuto.

Olhou a seu redor freneticamente procurando um lugar onde esconder ao homem lobo. Não cabia no armário e se fechasse a porta do banheiro, Kara queria saber por que o tinha feito. Além disso, exigiria saber por que tinha um cão do tamanho de um pônei, embora menos amigável, em sua sala de estar.

Jogou um rápido olhar para Charles e se dirigiu para a porta enquanto ele se encaminhava ao banheiro. Quando ouviu que a porta do banheiro se fechava, abriu o fecho da porta do apartamento.

— Voltei — disse Kara ao entrar, deixando um par de bolsas sobre a mesa.

Sua pele estava mais bronzeada do que o habitual pela semana que tinha passado sob o sol tropical.

— De caminho para casa comprei algo para tomar o café da manhã juntas. Não come o suficiente.

Seu olhar se dirigiu à porta fechada do banheiro.

— Tem alguém aí. — Sorriu, mas seus olhos mostravam preocupação. Kara nunca lhe tinha ocultado que Justin não gostava. Anna lhe havia dito que era um antigo noivo. — Mmm...

Anna era consciente de que Kara não partiria até saber quem havia no banheiro. Por alguma razão, tinha-a protegido desde o primeiro dia que se mudou para aquele apartamento, pouco depois de sua transformação.

Justo naquele momento, Charles abriu a porta do banheiro e perguntou:

— Anna, tem um elástico de cabelo?

Embora Anna soubesse que era impossível, estava totalmente vestido e em forma humana. Tinham passado menos de cinco minutos desde que entrou no banheiro, e um homem lobo necessita mais tempo para recuperar sua forma humana.

Lançou um olhar desesperado a Kara, mas sua vizinha estava muito ocupada observando ao homem de pé na porta do banheiro para perceber a surpresa no rosto de Anna.

O fato de que Kara estivesse embevecida lhe permitiu observar ao Charles com mais atenção; devia admitir que, com sua larga e espessa juba cor azeviche solta até a cintura, dando a estranha sensação de estar nu apesar de levar uma camisa de flanela e jeans, convidava a que lhe observassem. Sorriu brevemente para Kara antes de voltar a centrar sua atenção em Anna.

—Não sei onde coloquei a minha. Tem alguma?

Anna assentiu desconcertada e entrou no banheiro. Como se tinha transformado tão rápido? Mas não podia perguntar-lhe enquanto Kara seguisse no apartamento.

Cheirava bem. Inclusive depois de três anos, resultava-lhe estranho perceber aquelas coisas da gente. Normalmente tentava ignorar o que seu olfato lhe dizia, embora neste caso tivesse que esforçar-se para não deter-se e desfrutar daquele aroma tão embriagador.

—E você quem é? —ouviu perguntar a Kara com desconfiança.

—Charles Cornick.

Pelo tom de voz, Anna não podia saber se lhe tinha incomodado ou não o receio de Kara.

—E você é...?

—É Kara, a vizinha de baixo —disse Anna lhe dando o elástico de cabelo e partindo à sala de estar.

—Sinto muito, teria-lhes que ter apresentado. Kara, este é Charles Cornick. Veio me visitar de Montana. Charles, Kara Mosley, minha vizinha de baixo. Agora se deem as mãos.

Tinha admoestado a Kara, a qual podia ser muito seca com alguém que não gostava. Charles levantou uma sobrancelha surpreso e divertido ao mesmo tempo, antes de dar a volta e oferecer a Kara sua enorme mão.

—De Montana? —perguntou Kara ao estreitar-lhe firmemente.

Charles assentiu e começou a fazer uma trança com rapidez, demonstrando sua prática.

—Meu pai me enviou porque se inteirou de que alguém estava incomodando a Anna.

Com aquilo, Anna soube que ganhou Kara.

—Justin? Te vais ocupar desse rato?

Kara olhou para Charles com aprovação.

—Parece estar em boa forma, não me interprete mal, mas Justin é todo um personagem. Vivi no Cabrini Green até que minha mãe casou com um bom homem. Pessoas como Justin crescem como um predador, é o tipo de pessoa que adora a violência. A primeira vez que lhe vi, recordei o que me tinha ocorrido vinte anos atrás. Já tinha feito mal a outra pessoa e desfrutava com isso. Não o vais assustar somente com um aviso.

Charles pôs cara de satisfação, o que transformou completamente sua aparência.

—Obrigado pelo conselho —lhe disse.

Kara assentiu majestosamente.

—Como conheço a Anna, sei que não há nada de comida em seu apartamento. Tem que alimentá-la. Há pãezinhos e queijo cremoso nas sacolas que deixei sobre a mesa. E não, não pretendo ficar. Tenho uma semana de trabalho por diante, mas não me posso partir sem saber que Anna comeu algo.

— Me Ocuparei de que o faça —disse Charles com o sorriso ainda no rosto.

Kara alargou o braço para lhe dar um tapinha de agradecimento na bochecha.

—Obrigada.

Kara deu um rápido abraço em Anna e tirou dinheiro de seu bolso que deixou sobre a mesa, junto às sacolas.

—Isto é por cuidar do gato. Assim não tenho que deixá-lo na residência de animais, com todos esses cães aos que odeia, e pagando quatro vezes mais. Se não o aceitar, a próxima vez o levarei a residência só para que se sinta culpada.

Depois daquilo, partiu.

Ana esperou até ouvir os passos no andar de abaixo e então disse:

—Como se transformou tão rápido?

—Quer pãozinho de alho ou de amoras? —perguntou Charles abrindo uma sacola.

Quando viu que não ia responder, apoiou as mãos sobre a mesa e suspirou.

—Quer dizer que não ouviu a história do Marrok e sua dama indígena?

Anna não pôde entender o tom de sua voz nem decifrar a expressão de seu rosto.

—Não —respondeu ela.

Charles soltou uma breve gargalhada embora Anna não encontrou a graça por nenhum lado.

—A beleza de minha mãe lhe salvou a vida. Estava recolhendo ervas quando surpreendeu a um alce. Este a atacou violentamente. Meu pai, atraído pelo ruído, foi até ali e lhe salvou a vida convertendo-a em uma mulher lobo.

Charles agarrou os pãezinhos e os pôs na mesa usando os guardanapos como pratos. Sentou-se e lhe indicou que fizesse o mesmo.

—Comece a comer e te contarei o resto da história.

Ofereceu-lhe um pãozinho de amoras. Anna se sentou frente a ele e comeu um bocado.

Charles assentiu com satisfação e continuou.

—Aparentemente era um desses amores a primeira vista por ambas as partes. Nenhum dos dois falava o idioma do outro, por isso o amor que sentiam se apoiava em sua beleza. Tudo foi bem até que ficou grávida. O pai de minha mãe era um xamã e lhe ajudou a conservar sua humanidade até que eu nasci. Então, cada mês, quando meu pai e meu irmão caçavam sob a lua, minha mãe permanecia em sua forma humana. E com cada lua se fazia mais e mais débil. Meu pai discutiu com ela e com seu pai, preocupado porque se estava matando.

—Por que o fazia? —perguntou Anna.

Charles franziu o cenho.

—Quanto tempo faz que você é uma mulher lobo?

— Fez três anos em agosto passado.

—As mulheres lobo não podem ter filhos —disse ele. —A mudança é muito dura para o feto. Morrem ao terceiro ou quarto mês.

Anna lhe olhou fixamente. Ninguém lhe tinha contado aquilo.

—Está bem?

Não sabia o que lhe responder. Não é que estivesse planejando ter filhos, especialmente o estranho que tinha sido sua vida nos últimos três anos. Mas tampouco tinha planejado *não* os ter.

—Deveriam haver lhe explicado isso antes de decidir que queria te transformar —disse ele.

Agora foi Anna que soltou uma gargalhada.

—Aqui ninguém explica nada. Por favor, continua com a história.

Charles a contemplou um bom momento e logo assentiu com solenidade.

—Apesar dos protestos de meu pai, ela esperou até meu nascimento. Debilitada pela magia durante a luta contra a chamada da lua, não conseguiu sobreviver. Nasci sendo um homem lobo, não me transformaram como ao resto, o que me dotou de certas habilidades, como me transformar rapidamente.

—Isso estaria bem —disse ela com convencimento.

—Segue sendo doloroso —acrescentou ele.

Anna jogava com uma parte do pãozinho.

—Procurará o menino desaparecido?

Seu rosto se endureceu.

—Não. Sabemos onde está Alan Frazier.

Algo em sua voz o disse.

—Está morto?

Charles assentiu.

—Há gente muito boa investigando sua morte. Encontrarão aos responsáveis. Foi transformado sem seu consentimento e a garota que ia com ele foi assassinada. Depois o venderam como um coelhinho da índia. A pessoa responsável pagará por seus crimes.

Anna ia perguntar lhe algo mais quando a porta do apartamento se abriu violentamente e golpeou contra a parede. Justin apareceu na soleira da porta.

Tinha estado escutando Charles tão atentamente que não tinha ouvido Justin subir as escadas. Tinha esquecido de fechar a porta com o fecho depois de que Kara saiu. Tampouco tivesse servido de muito, já que Justin tinha a chave.

Anna não pôde evitar sobressaltar-se quando Justin entrou no apartamento como se fosse o proprietário.

—Dia de pagamento —disse ele. —Me deve um cheque.

Olhou ao Charles.

—Sai, a senhora e eu temos negócios que tratar.

Anna não podia acreditar que Justin tivesse empregado aquele tom com Charles. Observou-o para ver sua reação e compreendeu que Justin tinha metido a pata.

Charles estava entretido com seu prato, com a vista fixa na mesa. Ocultava a força de sua assombrosa personalidade.

—Não vou sair —murmurou sem levantar o olhar. —Talvez necessite minha ajuda.

Justin fez uma careta.

—Onde o encontrou? Já verá quando disser a Leo que encontrou a um cão de rua e não lhe disse.

Aproximou-se de Anna e a agarrou pelo cabelo. Levantou-a da cadeira e a embutiu contra a parede, abandonando-a com um desagradável gesto sexual e violento enquanto aproximava sua cara a dela.

—Pode ser que diga para voltar a te castigar. Eu adoraria.

Anna recordou a última vez que lhe castigaram e não pôde ocultar seu medo. Anna percebeu como Justin desfrutava com seu pânico.

—Parece-me que desta vez não vai ser ela quem recebe o castigo —disse Charles em voz baixa.

Anna se tranquilizou, porque sabia que Charles não permitiria que Justin lhe fizesse mal. Não podia explicar como sabia. Tinha descoberto que, embora um lobo não lhe fizesse mal, não significava que fosse protegê-la.

—Não te dei permissão para falar —grunhiu Justin, voltando a cabeça para o outro homem. —Me ocuparei de você assim que acabe com ela.

Charles se levantou com calma. Anna pôde ouvir como limpava as mãos com o guardanapo.

—Acredito que já terminou aqui —disse Charles com uma voz completamente diferente. — Solte-a.

Anna notou nos ossos o poder de suas palavras, esquentando seu estômago que se gelou de medo. Justin desfrutava mais lhe machucando do que forçando-a. Anna tinha lutado até que compreendeu que aquilo lhe satisfazia inclusive mais. Não tinha demorado muito em aprender que não tinha nenhuma possibilidade de ganhar. Justin era mais forte e mais rápido, e a única vez que conseguiu soltar-se, o resto da Alcateia a segurou para ele.

Depois das palavras de Charles, Justin a soltou tão rápido que Anna cambaleou, embora aquilo não impedisse que se afastasse tudo o que pôde até chegar à cozinha. Agarrou o pau de macarrão de mármore, que tinha sido de sua avó, e o agarrou com receio.

Justin estava de costas, mas Charles viu sua arma e lhe dedicou um breve sorriso antes de centrar sua atenção em Justin.

—Quem diabos é? —cuspiu Justin. Anna percebeu o medo que se ocultava atrás de sua ira.

—Poderia te fazer a mesma pergunta —disse Charles. — Tenho uma lista com todos os homens lobo das Alcateias de Chicago e seu nome não está nela. Mas isso é somente uma parte dos assuntos que me trouxeram aqui. Volta para casa e diga a Leo que Charles Cornick quer falar com ele. Me encontrarei com ele esta tarde, em sua casa, às sete. Pode trazer os seus seis primeiros e a sua companheira, mas não ao resto da Alcateia.

Para surpresa de Anna, Justin emitiu um grunhido e partiu sem mais protestos.

Capítulo 2

O lobo que tanto tinha intimidado a Anna não desejava partir, mas não era suficientemente dominante para fazer algo com Charles no apartamento. Por isso, Charles esperou alguns segundos e depois o seguiu silenciosamente pelas escadas.

No andar inferior encontrou Justin a ponto de chamar uma porta. Charles estava bastante seguro de que era a de Kara. Não lhe surpreendeu que Justin procurasse outra maneira de castigar a Anna por sua forçada retirada. Charles golpeou o chão com sua bota e viu como o outro lobo ficava completamente rígido e baixava o braço.

—Kara não está em casa —disse Charles, — e não seria aconselhável lhe machucar.

Charles se perguntou se devia matá-lo ali mesmo... mas tinha uma reputação que seu pai não podia permitir-se que perdesse. Somente podia matar àqueles que infringiam as regras do Marrok, e só depois de que ficasse demonstrada sua culpabilidade.

Anna havia dito a seu pai que Justin era o lobo que tinha transformado a Alan MacKenzie Frazier contra sua vontade, mas, como naquela Alcateia se produziam tantas irregularidades, poderiam considerar-se circunstâncias atenuantes. Anna era uma mulher lobo fazia três anos e ninguém lhe havia dito que não poderia ter filhos. Se Anna sabia tão pouco, era provável que aquele lobo tampouco conhecesse as regras.

Ignorasse ou não seus crimes, Charles desejava matá-lo. Quando Justin deu a volta, Charles o fulminou com o olhar e viu como o outro lobo empalidecia de repente e começava a descer as escadas.

—Vá dar a mensagem a Leo —disse Charles.

Fez-lhe ter sabor ao Justin que o estava seguindo, para que soubesse o que se sentia ao ser a presa de um predador mais violento que ele.

Justin era um tipo duro. Enquanto descia a escada, ia girando para enfrentar Charles, embora somente com o olhar, vendo-se forçado a continuar adiante. A perseguição despertou o lobo de Charles, que, ainda molesto pelo modo em que Justin tinha tratado Anna, permitiu que saísse à superfície um pouco mais do estritamente necessário. A luta se deteve na porta principal, onde deixou que Justin partisse livremente. A caçada tinha sido muito curta.

Ao lobo de Charles tampouco tinha gostado de ver a Anna assustada. Reclamava sangue, e Charles teve que pôr em prática todo seu autocontrole para não matar Justin no apartamento. Somente a firme suspeita de que Anna poderia voltar a lhe ter medo lhe ajudou a permanecer sentado até estar seguro de que podia controlar-se.

Subir os quatro andares deveria lhe dar tempo para tranquilizar a seu lobo. Poderia havê-lo feito, mas Anna lhe esperava no terceiro andar com o pau de macarrão na mão.

Deteve-se a meio caminho e Anna deu a volta e começou a subir sem dizer uma palavra. Seguiu-a até a cozinha de seu apartamento, onde deixou o pau de macarrão junto ao pote das facas.

—Por que o pau de macarrão e não uma faca? —perguntou ele com a voz áspera pela necessidade de ação.

Dirigiu-lhe o primeiro olhar depois do encontro nas escadas.

— Uma faca não o deteria, mas os ossos necessitam tempo para curar-se.

Daquilo gostou. Quem tivesse pensado que lhe excitaria uma mulher com um pau de macarrão?

— Muito bem — disse ele. — Muito bem.

Deu a volta subitamente e deixou Anna na cozinha, porque se permanecesse ali teria que agarrá-la e seduzi-la, o apartamento não era suficientemente grande para andar de um lado a outro ou para pôr distância entre eles. Seu aroma, uma mescla de medo e excitação, era perigoso. Necessitava uma distração.

Sentou-se em uma cadeira e se reclinou sobre as pernas traseiras da mesma. Cruzou suas mãos atrás da nuca adotando uma postura relaxada, entrecerrou os olhos e disse:

— Quero que me fale de sua transformação.

Não lhe passou despercebido que a pergunta fez estremecer a Anna. Algo mal tinha ocorrido durante sua transformação. Concentrou-se nisso.

— Por que? — perguntou ela desafiante.

Imaginou que ainda estava alterada pela visita de Justin. Anna deu a volta e se encolheu pensando que a ira lhe faria explodir.

Charles fechou os olhos. Não podia mais. Estava a ponto de deixar a um lado todo o cavalheirismo que seu pai lhe tinha ensinado e tomá-la ali mesmo, estivesse disposta ou não. Pensou que isso ensinaria a não lhe ter medo.

— Preciso saber como funciona a Alcateia de Leo — disse ele pacientemente, embora naquele momento lhe importava pouco. — Prefiro que me dê primeiro a sua opinião e logo já farei perguntas. Me dará uma ideia mais clara do que está fazendo e por que.

Anna o olhou cautelosa, mas Charles nem se alterou. Ainda podia cheirar a raiva no ambiente, embora pudesse ser uma reminiscência da presença de Justin. Charles também estava excitado; Anna se encontrou respondendo a sua pergunta embora sabia que era o habitual resultado da vitoriosa confrontação entre machos. Como Charles o estava ignorando, ela também podia fazê-lo.

Respirou profundamente e o aroma de Charles encheu seus pulmões.

Depois de pigarrear, esforçou-se por encontrar o princípio de sua história.

— Trabalhava em uma loja de música no Loop quando conheci o Justin. Disse-me que era violonista, como eu, e começou a vir várias vezes por semana a comprar cordas, CD'S... Pequenas coisas. Flertava comigo e fazia brincadeiras.

Deu conta da insensata que tinha sido.

— Pensava que era bom menino, de modo que, quando me convidou para jantar, aceitei.

Anna olhou para Charles; parecia estar a ponto de dormir. Os músculos de seus ombros estavam relaxados e sua respiração era lenta e calma.

— Tivemos um par de encontros. Levou-me a um pequeno restaurante perto de um parque, uma das reservas florestais. Quando terminamos, fomos dar uma volta pelo bosque «para contemplar a lua», conforme me disse.

Inclusive agora, depois de tanto tempo, era consciente da tensão em sua voz.

— Pediu-me que esperasse um momento, que voltaria em seguida.

Recordou que Justin se excitou, que estava quase frenético com as emoções contidas. Apalpou os bolsos e lhe havia dito que tinha esquecido algo no carro. Anna temia que fora a procurar um anel de compromisso. Enquanto esperava, ensaiou diversas formas amáveis de rechaçar sua proposta. Tinham muito pouco em comum, e quase nenhuma química. Embora parecesse agradável, havia algo nele que não lhe agradava, e seu instinto lhe dizia que tinha que romper com ele.

—Como demorava muito, decidi ir para o carro quando, de repente, ouvi algo entre os arbustos.

Sentiu uma comichão na cara, igual a aquela noite.

—Não sabia que era um homem lobo?

A voz de Charles lhe recordou que se encontrava a salvo, em seu apartamento.

—Não, pensava que era somente uma lenda.

—Me conte o que ocorreu depois do ataque.

Não tinha que lhe explicar como Justin a tinha espreitado durante uma hora, cercando-a de um lado a outro e evitando que se aproximasse da saída do bosque. Somente queria saber coisas sobre a Alcateia de Leo. Anna dissimulou o alívio que lhe produziu aquilo.

—Despertei na casa de Leo. A princípio estava muito excitado; sua Alcateia só tem outra mulher. Então descobriram o que eu era.

—E o que é, Anna?

Pensou que sua voz era como a fumaça, suave e ligeira.

—Total —disse ela, —a categoria mais baixa. —E então, com os olhos fechados, acrescentou: — Inútil.

—Isso é o que lhe disseram? —perguntou ele pensativo.

—É a verdade.

Deveria estar mais desgostosa por isso; os lobos que não a odiavam a tratavam com lástima. Mas não queria ser dominante e ter que lutar e fazer mal às pessoas.

Como Charles não disse nada, continuou com sua história, esforçando-se por recordar todos os detalhes.

Ele fez algumas pergunta:

—Quem te ajudou a controlar a seu lobo? (Ninguém, fez-o por sua conta. Disseram-lhe que era outra prova que demonstrava que não era dominante).

—Quem te deu o telefone do Marrok? (O terceiro de Leo, Boyd Hamilton).

—Quando e por que? (Justo antes de que a companheira de Leo intercedesse por ela e evitasse que a fizesse circular entre quão machos mereciam uma recompensa. Tentou evitar aos lobos de mais categoria. Não tinha nem ideia de por que lhe tinha dado esse número nem queria perguntar).

—Quantos membros novos se uniram à Alcateia desde que o fez você? (Três, todos machos, mas dois deles não podiam controlar-se e foram eliminados).

—Quantos membros há na Alcateia? (Vinte e seis).

Quando terminou, surpreendeu-se de estar sentada no chão, no outro lado do apartamento, com as costas pregadas na parede. Charles apoiou a cadeira sobre as quatro pernas e levou uma mão à testa. Suspirou profundamente e a olhou pela primeira vez desde que começou o interrogatório.

Anna se sobressaltou ao descobrir o brilho dourado de seus olhos. Charles estava a ponto de transformar-se, forçado por uma intensa emoção e, embora o via em seus olhos, não o podia ler nem em seu corpo nem em seu aroma; conseguia ocultá-lo de algum modo.

— Há regras. A primeira é que nenhuma pessoa pode ser transformada contra sua vontade. A segunda é que nenhuma pessoa pode ser transformada até que foi aconselhada e aconteceu uma singela prova que demonstre que compreende as consequências da transformação.

Anna não sabia o que dizer, mas finalmente recordou que devia apartar seus olhos de seu intenso olhar.

— Pelo que me disse, Leo está criando novos lobos e perdendo a outros, e não informou isto ao Marrok. O ano passado veio a nosso encontro anual com sua companheira e seu quarto, esse tal Boyd Hamilton. Disse-nos que seu segundo e terceiro estavam ocupados.

Anna franziu o cenho.

— Boyd foi seu terceiro desde que estou na Alcateia, e Justin é seu segundo.

— Disse que somente há outra fêmea na Alcateia além de ti.

— Sim.

— Deveriam haver quatro.

— Ninguém mencionou a outras — disse ela.

Charles olhou o cheque que estava sujeito na porta da geladeira.

— Ficam com seu salário. Quanto lhe devolvem?

O esforço por controlar a seu lobo fazia que sua voz soasse muito profunda.

— Sessenta por cento.

— Ah.

Fechou seus olhos de novo e respirou profundamente. Agora, Anna podia cheirar sua ira, embora seus ombros continuassem relaxados.

Quando terminou de falar, Anna disse em voz baixa:

— Posso fazer algo para te ajudar? Quer que eu vá embora? Ou que te conte algo ou ponha música?

Não tinha televisão, mas sim um velho aparelho de som.

Embora Charles continuasse com os olhos fechados, permitiu-se um leve sorriso.

— Normalmente, meu controle é melhor.

Anna esperou, mas as coisas pareciam piorar cada vez mais.

Os olhos de Charles se abriram de repente, e seu olhar frio e amarelo a imobilizou contra a parede em que estava apoiada, enquanto se desentorpecia e rondava pelo apartamento.

O pulso de Anna se acelerou e baixou a cabeça para encolher-se. Notou que Charles se ajoelhava frente a ela. Quando lhe acariciou o rosto com suas cálidas mãos, sobressaltou-se, e lamentou havê-lo feito assim que lhe ouviu grunhir.

Charles, ainda de joelhos, enterrou o rosto em seu pescoço e descansou seu tenso corpo de ferro sobre o dela, prendendo-a contra a parede. Apoiou as mãos nesta, rodeando-a, e Anna deixou de mover-se. Sentia sua cálida respiração no pescoço.

Anna se sentou com um movimento precavido, aterrorizada por fazer algo que pudesse dificultar seu controle. Mas havia algo nele que lhe impedia de estar

completamente aterrorizada, algo que insistia em que não lhe faria mal. Que nunca lhe faria mal.

O qual era estúpido. Todos os dominantes fazem mal aos que estão por debaixo deles. Tinha-o aprendido a golpes. Embora as feridas se curassem rapidamente, não era menos desagradável. Embora fosse inútil às vezes que se repetisse a si mesma que devia estar assustada com ele, um dominante entre dominantes, um estranho ao que não tinha nunca visto até o dia anterior, ou para ser mais precisa, desde aquela manhã. Não podia lhe ter medo.

Cheirava a ira, mas também a chuva da primavera, a lobo e a homem. Fechou os olhos e deixou de lutar contra si mesma, permitindo que seu agradável aroma se levasse todo o medo e a raiva que sentia após lhe explicar o pior que lhe tinha passado na vida.

Assim que ela se relaxou, Charles também o fez. Seus rígidos músculos se afrouxaram e seus braços se deslizaram pela parede para descansar brandamente sobre seus ombros.

Pouco depois, Charles se tornou para atrás, mas, como ainda estava agachado, suas cabeças ficaram quase à mesma altura. Colocou delicadamente sua mão no queixo de Anna e lhe levantou brandamente a cabeça até que seu olhar se posou em seus olhos escuros. Anna teve a súbita sensação de que se olhase aqueles olhos durante o resto de sua vida, poderia chegar a ser feliz. Aquela revelação a assustou mais que o pânico anterior.

— Está fazendo algo para que me sinta assim? — perguntou ela sem pensar.

Charles não lhe perguntou o que sentia. Em lugar disso, inclinou sua cabeça em um gesto lupino, mas mantendo o contato visual. Anna teve a impressão de que estava tão desconcertado como ela.

— Não acredito. Não intencionalmente.

Charles lhe segurava o rosto com ambas as mãos. Eram mãos grandes e robustas, e tremiam ligeiramente. Agachou-se até que seu queixo descansou sobre sua cabeça.

— Eu tampouco nunca me havia sentido assim.

* * *

Charles poderia ter ficado assim para sempre, apesar do desconforto de estar de joelhos sobre o duro parquet. Nunca havia sentido nada igual, e muito menos com uma mulher a que somente conhecia fazia menos de vinte e quatro horas. Não sabia como enfrentar aquilo; de fato, embora pouco habitual nele, não queria fazê-lo. Estava disposto a postergá-lo indefinidamente enquanto pudesse estar junto a ela.

Evidentemente, preferia fazer outra coisa, mas, se seus sentidos não lhe enganavam, alguém estava subindo pelas escadas. Quatro andares não eram suficientes para manter afastados aos intrusos. Fechou os olhos e deixou que seu lobo analisasse o rastro e identificasse ao novo visitante.

Alguém bateu na porta.

Anna se sobressaltou. Uma parte dele estava satisfeita por como tinha conseguido distraí-la. Não tinha captado nada até então. À outra parte preocupava sua vulnerabilidade.

A contra gosto, levantou-se e se separou ligeiramente de Anna.

—Adiante, Isabelle.

A porta se abriu e a companheira de Leo apareceu à cabeça. Jogou um olhar a Anna e sorriu com picardia.

—Interrompo algo interessante?

Charles sempre tinha gostado de Isabelle, embora tentou não demonstrá-lo. Sendo executor de seu pai, fazia tempo que tinha aprendido a não afeiçoar-se de ninguém que talvez tivesse que matar algum dia. Portanto, seu círculo de amizades era muito reduzido e se limitava a seu pai e a seu irmão.

Anna se levantou e lhe devolveu um tímido sorriso, embora Charles percebesse que ainda estava assustada. Para sua surpresa, disse:

—Sim, estava a ponto de passar algo interessante, mas não importa, adiante.

Isabelle entrou de repente, fechou a porta e estendeu a mão para Charles.

—Charles, me alegro de ver-te.

Charles tomou sua mão e a beijou brandamente. Cheirava a canela e a prego. Tinha esquecido que usava perfume para entorpecer os afiados sentidos dos homens lobo. Suficientemente intenso para se ocultar e proteger do agudo olfato destes. A não ser que estivesse muito inquieta, ninguém podia perceber o que sentia.

—Está muito bonita —disse ele consciente de que aquilo é o que esperava. Era verdade.

—Deveria parecer que tenho os nervos destroçados —disse ela, apartando o cabelo, o qual, combinado com seus belos traços, a fazia parecer uma princesa de conto.

Era mais baixa e miúda que Anna, mas Charles nunca cometeria o engano de considerá-la frágil.

—Justin chegou em casa enfurecido dizendo algo sobre um encontro esta noite. Era de tudo menos coerente e eu disse a Leo que passaria por aqui a ver o que estava fazendo. Por certo, o que fez para enfurecê-lo dessa forma?

Aquela era uma das razões pelas que não tinha amigos.

—Leo recebeu minha mensagem? —perguntou Charles.

Isabelle assentiu.

—E parecia bastante assustado, algo que não lhe assenta muito bem.

Inclinou-se para Charles e posou uma mão sobre seu braço com muita familiaridade.

—O que te traz por nosso território, Charles?

Charles deu um passo atrás. Embora parecesse havê-lo esquecido enquanto estava com Anna, não gostava de tocar nem que lhe tocassem.

Sua Anna.

Esforçou-se por retomar a atenção nos negócios.

—Vim para me encontrar com Leio esta noite.

O habitual semblante alegre de Isabelle se endureceu e Charles esperou que explodisse. Isabelle era tão famosa por seu caráter como por seu carisma. Era uma das poucas pessoas que tinha estalado frente ao Marrok e tinha saído ilesa; ao pai de Charles também lhe caía bem Isabelle.

Entretanto, Isabelle não respondeu. Em lugar disso, girou a cabeça para olhar a Anna, e Charles se deu conta de que a tinha estado ignorando até então. Quando voltou a olhar para Charles, começou a falar de novo, mas não se dirigia a ele.

—Que histórias foi contando por aí, querida Anna? Esteve queixando-se do lugar que ocupa na Alcateia? Escolhe um companheiro se você não gosta. Já lhe disse isso outras vezes. Estou segura de que Justin te aceitaria.

Não havia veneno em sua voz. Provavelmente se Charles não tivesse conhecido ao Justin, não se teria fixado na reação de Anna. Talvez nem sequer tivesse captado a ameaça.

Anna não disse nada.

Isabelle continuou observando Charles, mas evitando lhe olhar diretamente aos olhos. Soube que estava estudando suas reações, mas sabia que estas não transmitiam nada. Naquela ocasião estava preparado para a reação de seu lobo, o qual podia estalar em qualquer momento para defender a Anna.

—Está deitando com ele? —perguntou Isabelle. —É um bom amante, verdade?

Embora Isabelle tivesse companheiro, gostava de paquerar com outros, e Leo lhe deixava fazer o que quisesse. Um pouco quase inaudito entre os homens lobo. Isto não queria dizer que *ela* não fosse ciumenta; Leo não podia nem olhar a outra mulher. Charles sempre pensou que era uma relação estranha, mas lhes funcionava fazia muito tempo. Quando, faz anos, Isabelle o tentou com ele, deixou-se seduzir sabendo que não era nada mais que uma aventura. Não se surpreendeu quando lhe pediu que falasse com seu pai para que Leo pudesse ampliar seu território. Embora Charles rechaçasse a petição, tomou com bom humor.

O sexo não tinha significado nada para nenhum dos dois, embora, ao inteirar-se, a Anna sim parecia lhe haver afetado. Teria que haver sido humano para não reconhecer a dor e a desconfiança em seus olhos ante as palavras de Isabelle.

—Seja amável, Isabelle —disse ele bruscamente.

Sua voz soou mais seca quando acrescentou:

—Vá para casa e diga ao Leo que falarei com ele esta noite.

Os olhos do Isabelle se acenderam de ira e ficou em pé.

—Não sou como meu pai —disse ele brandamente. —Não tente esse tipo de bruxaria comigo.

O medo acalmou seu temperamento, e de passagem, Charles também se acalmou. Pode ser que seu perfume encobrisse seu aroma, mas não podia ocultar o olhar fixo em seus punhos apertados. Não desfrutava assustando as pessoas; quase nunca.

—Vá para casa, Isabelle. Terá que guardar a curiosidade até então.

Charles fechou a porta brandamente atrás dela e ficou um instante de pé junto a esta, resistente a enfrentar a Anna. Embora não tinha nem ideia de por que se sentia culpado por algo que tinha passado muito antes de conhecê-la.

—Vai matá-la?

Olhou-a, mas não soube o que pensava realmente.

—Não sei.

Anna mordeu o lábio.

—Foi amável comigo.

Amável? Por saber tudo o que Anna tinha passado desde sua transformação, tinha pouco que ver com a amabilidade. Mas a preocupação que lia em seu rosto lhe obrigou a guardar o comentário.

—Passa algo estranho na Alcateia de Leo —se limitou a lhe dizer. —O descobrirei esta noite.

—Como?

—O perguntarei —disse ele. —Sabem muito bem que não podem me mentir. E se eles se negarem a responder as minhas perguntas ou a me receber significará que são culpados.

Anna parecia desconcertada.

—Por que não podem te mentir?

Charles lhe tocou o nariz.

—Cheirar uma mentira é bastante fácil, a não ser que esteja tratando com alguém que não saiba a diferença entre a verdade e a mentira, embora haja outras maneiras de as detectar.

O estômago de Anna rugiu.

—Já é suficiente —disse ele. Tinha chegado o momento de comer algo. Um pãozinho não era suficiente. —Pgue o casaco.

Charles não quis pegar o carro para ir ao Loop, onde seria difícil encontrar estacionamento, porque seu temperamento era muito imprevisível quando estava com Anna. Não podia lhe dizer que pegassem um táxi, o qual era uma experiência nova para ele; não havia muita gente disposta a ignorar suas ordens. Mas Anna era uma Omega e não estava obrigada, por uma necessidade instintiva, a obedecer aos lobos dominantes. Com um suspiro, seguiu-a até a estação mais próxima.

Nunca tinha viajado no metro elevado de Chicago e, se não fosse por certa mulher teimosa, seguiria sem havê-lo feito. Teve que admitir, embora somente para si mesmo, que desfrutou quando um escandaloso grupo de baderneiros disfarçados de adolescentes decidiram lhe incomodar.

—Né, você, Índio Joe —disse um menino com roupa folgada. —Não é daqui, verdade? A senhorita está muito boa. Se gostar da carne escura, há muita por aqui.

Deu um golpezinho no peito.

Em Chicago abundavam as bandas de verdade, nascidas no centro da cidade sob o lema «comer ou ser comido». Mas aqueles meninos eram imitadores, provavelmente meninos aborrecidos durante as férias escolares. De modo que tinham decidido entreter-se assustando a quão adultos não sabiam diferenciar entre os autênticos e os imitadores. Embora um grupo de meninos pudesse ser perigoso nas circunstâncias equivocadas...

Uma senhora mais velha sentada a seu lado se encolheu e o aroma de seu medo lhe fez perder a paciência.

Charles se levantou, sorriu e viu como a suficiência do menino se evaporava pela confiança que desprendia.

—Sim que está boa —disse ele, — mas é minha.

—Né, tio —disse o menino que estava atrás do que tinha falado antes, — de bom cilindro, tio.

Seu sorriso se ampliou ao comprovar como retrocediam.

—Faz um bom dia. Acredito que deveriam lhes sentar naqueles lugares vazios dali. A vista é muito mais interessante.

Apressaram-se para a parte dianteira do vagão e, depois de que todos se sentaram, Charles retornou junto à Anna.

* * *

Havia tanta satisfação no rosto de Charles quando se sentou que Anna teve que controlar um sorriso por medo de que algum dos meninos lhes olhasse e pensasse que estava rindo deles.

—Um excelente exemplo de envenenamento por testosterona — observou secamente. — Depois irá pelo grupo de exploradoras?

Os olhos de Charles brilharam divertidos.

—Agora já sabem que devem escolher a sua presa com mais cuidado.

Anna ia poucas vezes ao Loop, já que tudo o que necessitava, podia encontrar perto de casa. Embora não vivia ali, Charles o conhecia melhor que ela. Escolheu a estação em que tinham que descer e se dirigiu diretamente a um pequeno restaurante grego, em uma escura ruela abaixo das vias do trem, onde o receberam por seu nome e os conduziram a uma mesa situada em uma salinha privada.

Charles deixou que Anna pedisse o que quisesse, então dobrou o pedido e acrescentou alguns pratos mais.

Enquanto esperavam a comida, extraiu do bolso de sua jaqueta uma pequena caderneta gasta de três argolas que se fechava com um cordãozinho de pele. Abriu-a, tirou umas folhas de papel e as estendeu a Anna com uma caneta.

—Eu gostaria que escrevesse os nomes dos membros de sua Alcateia. Se puder ser em ordem decrescente, do mais dominante até o menos.

Anna o tentou. Não sabia os sobrenomes de todos e, como estavam por cima dela, não tinha prestado muita atenção à ordem.

Devolveu-lhe o papel e a caneta com o cenho franzido.

—Deixei a muita gente e, salvo os primeiros quatro ou cinco lobos, é provável que me tenha equivocado na categoria dos outros.

Charles pôs a folha sobre a mesa, tirou outra com algo escrito nela e começou a comparar as duas listas. Anna arrastou sua cadeira até ficar ao seu lado para ver o que estava fazendo.

Charles colocou sua lista frente à Anna.

—Esta lista são dos que deveriam estar em sua Alcateia. Marquei os nomes dos que não aparecem em sua lista.

Repassou as duas listas e retificou algumas de suas marcas.

—Este ainda está. Tinha-me esquecido dele. E este também.

Charles agarrou de novo a lista.

—Todas as mulheres se foram. A maioria dos desaparecidos são lobos velhos. Não exatamente *velhos*, mas não fica nenhum lobo mais velho que Leo. Também faltam alguns lobos jovens.

Charles assinalou um par de nomes com o dedo.

—Estes eram jovens. Este, Paul Lebshak, devia fazer somente quatro anos que era homem lobo. George, não muito mais.

—Conhece todos os homens lobo?

Charles sorriu.

—Conheço os Alfas. Celebramos reuniões anuais com todos eles. Também à maioria dos segundos e terceiros. Uma coisa que fazemos nas reuniões é atualizar os membros das Alcateias. Supõe-se que os Alfas têm que informar ao Marrok das baixas e dos novos membros. Se meu pai tivesse sabido que se foram tantos lobos, o teria investigado. Leo perdeu a uma terceira parte de sua Alcateia, embora tenha feito um bom trabalho repondo-os.

Devolveu-lhe sua lista com os nomes marcados, incluído o dela.

—Todos estes são novos. Pelo que me disse, suponho que transformaram a todos pela força. O índice de sobreviventes de vítimas atacadas ao azar é muito baixo. Leo matou a muita gente nos últimos anos para manter o número de sua Alcateia. Suficientes para ter atraído a atenção das autoridades. Quantos deles foram transformados depois de você?

—Nenhum. O único lobo novo que vi era aquele pobre menino.

Anna dava golpezinhos com a caneta sobre o papel.

—Se não deixarem corpos e ampliam a caçada, podem ter oculto facilmente o desaparecimento de uma centena de pessoas na área da grande Chicago durante alguns anos.

Charles inclinou-se para trás, fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

—Já recordo mais dados. Não conheci a muitos dos lobos desaparecidos e não recordo a última vez que vi o antigo segundo de Leo, somente que foi nos últimos dez anos. Assim, acontecesse o que acontecesse, ocorreu depois disso.

—O que ocorreu?

—Algo ocorreu a Leo, suponho. Algo lhe aconteceu que lhe fez matar a todas as mulheres de sua Alcateia, excetuando a Isabelle, e à maioria dos lobos mais velhos. Estes devem ter se oposto quando começou a matar gente inocente e quando deixou de ensinar aos novos lobos as regras e seus direitos. Posso entender por que tinha que matar a *eles*, mas, por que às mulheres? E, por que o outro Alfa de Chicago não disse nada a meu pai?

—Possivelmente não sabia. Leo e Jaimie mantêm distância, e nossa Alcateia tem a entrada proibida em seu território. O Loop é território neutro, mas não podemos ir para o norte a não ser que tenhamos uma permissão especial.

—Oh, interessante. Sabe por que não se levam bem?

Anna se encolheu de ombros. Tinha ouvido falar muito sobre aquilo.

—Alguém me disse que Jaimie não quis se deitar com Isabelle. Outro disse que tinham tido uma aventura, que ele a deixou e ela se ofendeu. Ou que não rompeu e Leo teve que intervir. Outra historia conta que Leo e Jaimie nunca se levaram bem. É o que sei.

Anna olhou os nomes da lista que estavam marcados como novos lobos da Alcateia e estalou em uma gargalhada.

—O que ocorre?

—É uma tolice —disse Anna sacudindo a cabeça.

—Me conte.

Suas bochechas se ruborizaram pela vergonha.

—Tá, você busca algo que todos os novos lobos têm em comum, certo? Pois bem, estava pensando que se alguém quisesse fazer uma lista dos lobos mais bonitos da Alcateia, seriam todos estes.

Ambos se surpreenderam pelo ataque de ciúmes que Charles não se incomodou em ocultar.

Provavelmente era um bom momento para que o garçom trouxesse o primeiro prato.

Anna começou a mover sua cadeira para o lugar onde se sentou ao princípio, mas o garçom, ao vê-lo, deixou a bandeja com a comida, aproximou-se e a ajudou a sentar-se educadamente.

—Como vai você, senhor? —disse o garçom— Ainda vivendo longe da civilização?

—A civilização está superestimada —respondeu Charles enquanto punha as folhas de papel dentro da caderneta e a fechava. — Podendo vir uma ou duas vezes ao ano e comer aqui, dou-me por satisfeito.

O garçom sacudiu a cabeça fingindo tristeza.

—As montanhas são belas, mas não tanto como nosso horizonte. Um dia destes lhe levarei uma noite à cidade e não quererá ir-se jamais.

—Phillip!

Uma mulher magra como um pássaro entrou na sala.

—Enquanto está aqui conversando com o Sr. Cornick, os outros clientes estão famintos.

O garçom sorriu e piscou a Anna. Beijou a mulher na bochecha e saiu da sala.

A mulher forçou um sorriso e sacudiu a cabeça.

—Este Phillip, sempre falando. Necessita uma boa esposa que o tenha a raia. Eu sou muito velha —disse pondo os olhos em branco e seguindo ao garçom.

Durante um longo momento, uma série de garçons, que pareciam da mesma família, foram trazendo comida sem parar. Nenhum deles mencionou quão estranho resultava que só duas pessoas pudessem comer tanto.

Charles encheu seu prato, olhou o de Anna e disse:

—Poderia me haver dito que você não gosta de cordeiro.

Anna observou seu prato.

—Sim eu gosto.

Charles franziu o cenho, agarrou a colher de servir e pôs mais comida no prato de Anna.

—Deveria comer mais, muito mais. A transformação requer muita energia. Ao ser uma mulher lobo, tem que comer muito mais para manter seu peso.

Depois disso, Anna e Charles, por mútuo acordo, limitaram sua conversa a trivialidades. Falaram de Chicago e da vida na cidade. Anna pegou um pouco de arroz e Charles a olhou até que se servisse de uma segunda colherada. Charles lhe falou de Montana. Surpreendeu-se ao descobrir que era um bom observador, e compreendeu que a única maneira de pôr fim àquela conversa era lhe perguntar algo pessoal. Não é que não queria falar de si mesmo, mas pensou que não era o suficientemente interessante.

A porta se abriu uma vez mais e uma garota de uns quatorze anos entrou com a sobremesa.

—Não deveria estar na escola? —perguntou Charles.

A jovem suspirou.

—Férias. Todo mundo tem tempo livre, mas eu... Tenho que trabalhar no restaurante. Uma chateação.

—Já vejo —disse ele. —Possivelmente deveria chamar uma assistente social e lhe dizer que lhe exploram.

A garota sorriu.

—Isso zangaria a papai. Sinto a tentação de fazê-lo somente para ver a cara que põe. Se lhe dissesse que me sugeriu você, acha que se zangaria contigo em vez de comigo...? Provavelmente não —acrescentou enrugando o nariz.

—Diga a sua mãe que a comida estava perfeita.

Segurou a bandeja contra seu quadril e caminhou de costas para a porta.

—O direi, mas me disse que te diga que não o estava. O cordeiro estava fibroso, mas é qão único pôde conseguir.

—Deduzo que vem muito por aqui —disse Anna pegando um pedaço de baklava sem muita vontade.

Não é que tivesse nada contra baklava, mas tinha comido para uma semana.

—Muito frequentemente — disse ele.

Anna se deu conta de que *ele* não tinha problemas em seguir comendo.

—Temos negócios que tratar aqui, assim tenho que vir três ou quatro vezes ao ano. O dono do restaurante é um lobo, um dos de Jaimie. De vez em quando eu gosto de tratar certos assuntos aqui.

—Acreditava que fosse o capanga de seu pai — disse ela com interesse. —Tem que caçar gente em Chicago três ou quatro vezes ao ano?

Charles riu escandalosamente. Soava oxidado, como se não o fizesse muito frequentemente, embora devesse fazê-lo porque lhe sentava muito bem. Tão bem que, sem dar-se conta, Anna meteu na boca a parte de baklava com que tinha estado jogando. Agora tinha que encontrar a maneira de tragar-lhe quando já não lhe cabia nada mais no estômago.

—Não, também tenho outras tarefas. Encarrego-me dos interesses da Alcateia de meu pai. Sou muito bom nos dois trabalhos — disse ele sem incomodar-se em ocultar a falsa modéstia.

—Com certeza que sim — disse ela.

Era o tipo de pessoa ao que lhe dava bem tudo o que se propor.

—Deixaria você investir minhas economias. Acredito que tenho vinte e dois dólares e noventa e sete centavos agora mesmo — acrescentou Anna.

Charles franziu o cenho e toda a diversão desapareceu.

—Era uma brincadeira — esclareceu ela.

Mas Charles a ignorou.

—A maioria dos Alfas ficam com dez por cento dos lucros de seus lobos pelo bem da Alcateia, sobretudo quando é nova. O dinheiro se investe em comprar uma casa segura, por exemplo. Uma vez que a Alcateia já esteja instalada, não se necessita tanto dinheiro. A Alcateia de meu pai se estabeleceu faz tempo e não temos necessidade de cobrar a contribuição, já que a terra onde vivemos é nossa e temos suficientes investimentos para o futuro. Leo leva aqui trinta anos, tempo suficiente

para estar bem instalado. Nunca tinha ouvido falar de uma Alcateia que exigisse quarenta por cento a seus membros, o que me leva a acreditar que a Alcateia de Leo tem problemas financeiros. Vendeu ao menino que saiu no jornal, entre outros, a alguém que os utiliza como coelhinho da índia para desenvolver uma droga que funcione para os lobos igual para os humanos. Deve ter matado a muitos humanos para conseguir a um único homem lobo que sobrevivesse.

Anna pensou nas implicações de tudo aquilo.

— Quem queria as drogas?

— Saberei assim que Leo diga a quem vendeu o menino — respondeu Charles.

— Então, por que não me vendeu?

Ela não tinha muito valor para a Alcateia.

Charles se recostou sobre a cadeira.

— Se um Alfa vendesse a um homem lobo de sua Alcateia, se produziria uma rebelião. Além disso, Leo teve muitos problemas para te conseguir. Desde que te fez membro da Alcateia, não houve mais assassinatos nem desaparecimentos.

Não era uma pergunta, mas a respondeu igualmente.

— Não.

— Acredito que pode ser a chave do mistério de Leo.

Anna não pôde reprimir um gesto de confusão.

— Eu? Leo necessitava de um novo tapete?

Charles ficou em pé tão bruscamente que a cadeira caiu ao chão, e, ao mesmo tempo, levantou a Anna de sua cadeira. Tinha acreditado que estava acostumada à rapidez e força dos lobos, mas aquilo a deixou sem palavras.

Enquanto seguia paralisada pela surpresa, Charles rondou a seu redor, até que se deteve frente a ela e lhe deu um beijo comprido, escuro e intenso que a deixou de novo sem respiração.

— Leo te encontrou e decidiu que te precisava — disse Charles. — Enviou Justin porque os outros lobos se dariam conta do que é. Teriam sabido inclusive antes da sua transformação. Assim enviou a um lobo meio louco, porque nenhum outro teria sido capaz de te atacar.

Anna se apartou ofendida. Embora a fez sentir-se especial, Anna sabia que estava mentindo. Parecia que estivesse dizendo a verdade, mas não era tola. Não o era absolutamente. Durante três anos tinha sido menos que nada. Hoje a tinha feito sentir alguém especial, mas ela sabia a verdade.

Quando suas mãos se posaram em seus ombros, notou que eram firmes e que não admitiam resistência.

— Me deixe te dizer algo sobre os lobos Omega, Anna. *Me olhe.*

Anna reprimiu as lágrimas e, incapaz de desobedecer a sua ordem, olhou-lhe.

— É virtualmente impossível — disse ele e a sacudiu brandamente. — Trabalho com números e porcentagens constantemente, Anna. Talvez não possa calcular a cifra exata, mas te direi que as possibilidades de que Justin te escolhesse para te transformar por mera casualidade são quase nulas. Nenhum homem lobo atacaria a um Omega somente por instinto. E Justin me parece um lobo que somente atua por instinto.

— Por que não? Por que não me teria atacado? O que é um Omega?

Evidentemente era a pergunta correta, porque Charles se acalmou.

—É uma Omega, Anna. Aposto que quando entra em um lugar, as pessoas se aproximam de você. Aposto também que desconhecidos lhe confessam coisas que nunca diriam nem a suas próprias mães.

Anna lhe olhou incrédula.

—Você mesmo viu o Justin esta manhã. Pareceu-te que estava acalmado?

—Vi o Justin —acrescentou Charles com calma, — e acredito que em qualquer outra Alcateia teria sido eliminado pouco depois de sua transformação. Seu controle não é suficientemente bom. Não sei por que não o têm feito, mas acredito que você lhe ajuda a controlar a seu lobo, e que por isso te odeia.

Depois de um instante, acrescentou:

—Não deveria estar na ordem mais baixa da Alcateia.

Suas mãos se deslizaram desde seus ombros até suas mãos. Por alguma razão, aquele gesto foi mais íntimo que o beijo.

—Um lobo Omega é como um xamã para os indígenas, está fora das hierarquias normais da Alcateia. Tiveram que te ensinar a baixar o olhar, não? Estas coisas são instintivas para os lobos submissos. Você o aprendeu à força.

Charles continuou com seus olhos cravados nos dela:

—Traz paz a todos os que lhe rodeiam, Anna. Um homem lobo, especialmente um dominante, está sempre a beira da violência. Depois de me haver passado várias horas no avião com toda aquela gente, cheguei ao aeroporto desejando um massacre como um drogado deseja sua próxima dose. Mas quando te aproximou de mim, a ira e o desejo desapareceram.

Charles apertou suas mãos.

—É um presente, Anna. Um lobo Omega na Alcateia significa que mais lobos sobrevivem à transformação porque podem controlar a seu lobo mais facilmente contigo a seu lado. Isso significa que perdemos menos machos pelas estúpidas lutas de dominantes, porque um Omega traz a calma a todos os que lhe rodeiam. Ou a rodeiam.

Mas algo falhava em seu argumento.

—E, então, o que te aconteceu antes? Quando estava tão zangado que quase te transforma?

Algo cruzou o rosto de Charles, uma emoção que não soube reconhecer, mas que sabia que era intensa.

Falou com um grande esforço, como se tivesse a garganta dura.

—A maioria dos homens lobo encontram alguém a quem amam, casam-se e passam muito tempo com o outro antes de que seu lobo a aceite como sua companheira.

Charles deixou de olhá-la, cruzou a habitação e lhe deu as costas.

Sem o calor de seu corpo, sentiu-se fria e sozinha. Assustada.

—Algumas vezes não ocorre dessa forma — disse Charles olhando a parede. — Por agora deixemo-lo assim, Anna. Já teve bastante por hoje.

—Estou farta de ser uma ignorante — soltou Anna muito molesta. — Tem quebrado todos meus esquemas, assim quero que me conte agora mesmo todas as *afortunadas* regras.

A ira desapareceu com a mesma facilidade com que havia aparecido, deixando-a a beira das lágrimas.

Charles deu meia volta e seus olhos se tornaram dourados, brilhantes face à tênue luz da habitação.

— Bem. Teria que havê-lo deixado, mas quer a verdade. — Embora não subiu o tom de voz, esta rugiu como um trovão. — Meu irmão lobo te escolheu como companheira. Se não significasse *nada* para mim, não me teria afetado o abuso que sofreu desde sua transformação. Mas é minha, e a mera ideia de que lhe firam e não poder fazer nada faz surgir em mim uma ira que nenhuma Omega pode acalmar.

Vá, pensou assombrada. Sabia que estava interessado nela, mas tinha pensado que era por acaso. Leo era o único lobo que conhecia com companheira. Não sabia nada das regras. O que queria dizer com que seu lobo tinha decidido que era sua companheira? Tinha escolha naquele assunto? Era ele o responsável por excitá-la sem pretendê-lo e de fazê-la sentir daquele modo, como se eles se conhecessem por toda a vida?

— Se me tivesse deixado — disse ele, — te teria cortejado docemente até conquistar seu coração.

Charles fechou os olhos.

— Não queria te assustar — acrescentou.

Teria que ter estado completamente aterrorizada. Em troca, apesar de encontrar-se no olho de um furacão de emoções, sentiu-se muito relaxada.

— Eu não gosto de sexo — disse ela, considerando que era algo que tinha que saber dadas as circunstâncias.

Charles se engasgou e abriu os olhos, os quais adquiriram, de novo, um aspecto humano.

— Não é que me atraía muito antes da transformação — disse ela claramente. — E depois de que me usassem como a uma puta durante um ano, até que interveio Isabelle, eu gosto ainda menos.

Charles apertou os lábios, mas não disse nada, de modo que Anna prosseguiu:

— E nunca mais voltarão a abusar de mim.

Subiu as mangas da camisa e lhe mostrou as largas cicatrizes na parte interior do braço, do pulso até o cotovelo. As tinha feito com uma faca de prata e, se Isabelle não a tivesse encontrado, teria morrido.

— Graças a isto, Isabelle convenceu a Leo para que deixasse de me usar como recompensa para seus machos. Encontrou-me e me salvou a vida. Pouco depois, comprei uma arma e balas de prata.

Charles grunhiu brandamente, mas não a ela; sabia perfeitamente.

— Não estou ameaçando com suicidar-me, mas tem que sabê-lo porque, se quer ser meu companheiro, não serei como Leo. Não deixarei que te deite com outras. Mas tampouco permitirei que abusem de mim. Já tive suficiente. Se isso me converter no cão do hortelão, que assim seja. Mas, se for tua, então você também será *meu*.

— O cão do hortelão? — disse Charles suspirando com um meio sorriso.

Voltou a fechar os olhos e disse em um tom razoável:

— Me surpreenderia se Leo conseguir chegar vivo até amanhã. Também me surpreenderia se conseguir sobreviver a ti — E olhando-a fixamente, acrescentou: — Tem que saber que há muito poucas coisas que me surpreendam.

Recolheu a cadeira do chão e a pôs em seu lugar. Continuando, deteve-se frente à Anna, acariciou-lhe o queixo brandamente e ficou a rir. Ainda sorrindo, colocou-lhe uma mecha de cabelo atrás da orelha e lhe murmurou:

— Prometo-te que comigo desfrutará do sexo.

Anna se esforçou por não cair ao chão. Não estava preparada para cair a seus pés. Ainda não.

— Isabelle disse que era um bom amante.

Charles voltou a rir.

— Não há razões para que esteja ciumenta. O sexo com Isabelle não significou nada para mim e acredito que menos para ela. Não tem nenhum sentido tentá-lo de novo.

Ouviram-se sussurros ao outro lado do reservado e Charles agarrou sua mão.

— É o momento de ir.

Ao lhe entregar o cartão de crédito, Charles lhe deu de presente alguns elogios a um homem de aspecto jovem que falava e que cheirava a homem lobo. Anna supôs que era o dono do restaurante.

— Aonde quer ir agora? — perguntou Anna enquanto saíam do restaurante à concorrida rua.

Estava acabando de pôr a jaqueta quando se separou de uma mulher com saltos que levava uma mala de pele.

— A algum lugar com menos gente.

— Podemos ir ao zoológico — sugeriu ela. — Por estes dias há muito pouca gente, embora os meninos têm férias devido ao feriado de Ação de Graças.

Charles começou a falar quando algo em uma cristaleira captou sua atenção. Agarrou a Anna e a atirou ao chão, cobrindo-a com seu corpo. Ouviu-se uma forte detonação, como o estalo de um escapamento, e Charles se sacudiu uma só vez. Depois ficou imóvel.

Capítulo 3

Tinha passado muito tempo desde a última vez que lhe tinham disparado, mas a horrível queimadura de uma bala de prata ainda lhe resultava familiar. Não tinha sido suficientemente rápido e a multidão de gente lhe impediu de perseguir o carro, o qual fugiu imediatamente depois do disparo. Nem sequer pôde distinguir ao responsável, somente um reflexo.

—Charles? —perguntou Anna debaixo dele. Tinha as pupilas dilatadas pela comoção e lhe dava tapinhas nos ombros— Alguém nos disparou? Está bem?

—Sim — respondeu ele, embora não pôde avaliar os danos até que se moveu, algo que não queria fazer.

—Não se mova até que possa te jogar uma olhada — disse uma voz firme. — Sou médico.

A autoridade com a que o médico deu a ordem não impediu que Charles se movesse. Não aceitava ordens de ninguém mais que de seu pai. Levantou-se e estendeu uma mão a Anna para ajudá-la a levantar do frio chão.

—Maldito seja! Está sangrando. Não seja estúpido— disse bruscamente o estranho. Sente-se.

O disparo tinha enfurecido a seu lobo e girou para grunhir ao médico, um homem de meia idade loiro, de aspecto competente, com um bigode ruivo.

Então, Anna lhe apertou a mão ao homem e lhe disse:

—Obrigada. —E depois se dirigiu ao Charles. — Deixa que te jogue um olhar.

Charles conteve a vontade de lhe grunhir ferozmente.

Soltou um grunhido contido quando o estranho inspecionou a ferida; nunca mostre debilidade ante um possível inimigo. Sentia-se muito observado; muita gente se deteve para bisbilhotar.

—Ignore-o —disse Anna ao médico, — volta-se resmungão quando está ferido.

George, o homem lobo dono do restaurante, trouxe uma cadeira para que pudesse sentar-se. Alguém tinha chamado à polícia, que chegava nesse momento com as luzes e as sirenes acesas, seguida por uma ambulância. A Charles doíam os ouvidos pelo ruído.

Alguém lhe disse que a bala tinha alcançado a parte superficial do músculo do ombro sem causar muitos danos. Tinha inimigos? Anna lhes explicou que acabava de chegar de Montana e que devia ser alguém que disparava de um carro, apesar de não ser o típico bairro para aquele tipo de crimes.

Se o agente tivesse tido o olfato de um homem lobo, não teria aceitado a mentira. Embora fosse um policial veterano, a resposta de Anna lhe incomodou um pouco. Mas Quando Charles lhe mostrou sua carteira de motorista de Montana, relaxou.

Como Anna estava a seu lado, Charles permitiu que lhe limpassem e enfaixassem a ferida e lhe fizessem algumas perguntas, mas por nada no mundo teria permitido que lhe metessem na ambulância e o levassem ao hospital, embora as feridas com balas de prata dificultassem o processo de recuperação. Podia sentir a ardência da prata filtrando-se através de seus músculos.

Enquanto deixava que os estranhos lhe manuseassem para lhe curar, e enquanto se controlava para não perder o controle, não podia tirar da cabeça a imagem do tipo que lhe tinha disparado. Tinha olhado pela janela e tinha visto o reflexo da arma, e, continuando, o rosto da pessoa que a sustentava, envolto em um cachecol e com óculos de sol escuro. Não podia identificá-la, mas teria jurado que o homem não olhava para ele quando apertou o gatilho. Olhava para Anna.

Não tinha nenhum sentido. Por que alguém quereria matar a Anna?

Não foram ao zoológico.

Enquanto usava o lavabo do restaurante para limpar-se, George lhe deu uma jaqueta para cobrir as bandagens. Charles não gostava de mostrar suas debilidades. Desta vez Anna não objetou quando lhe pediu que chamasse um táxi.

Seu telefone soou enquanto se dirigiam ao apartamento, mas o silenciou sem olhá-lo. Possivelmente era seu pai, Bran, que tinha uma extraordinária habilidade para saber quando estava em um apuro. Entretanto, não tinha nenhuma vontade de falar com o Marrok enquanto o taxista pudesse escutar a conversa. Embora certamente seria Jaimie. George devia ter chamado a seu Alfa quando dispararam. Em qualquer caso, fosse quem fosse, teria que esperar até que estivesse em um lugar mais privado.

Fez com que Anna esperasse no táxi frente ao edifício de apartamentos até ter comprovado que não havia nada suspeito. Ninguém lhes tinha seguido do Loop, mas os agressores provavelmente pertenciam a Alcateia de Leo e estes sabiam onde vivia Anna. Não tinha reconhecido ao autor dos disparos, mas tampouco conhecia todos os homens lobo de Chicago.

Anna se mostrou paciente. Não discutiu com ele quando lhe fez esperar no táxi, mas o motorista lhe olhou como se estivesse louco.

A paciência de Anna ajudava Charles a controlar-se, tarefa difícil durante as últimas horas. Perguntou-se como se comportaria se sua Anna não fosse uma Omega, cujo efeito calmante era tão bom que quase anulava a ira protetora causada pelo atentado que tinha sofrido. A dolorosa queimação no ombro, a qual cada vez era mais intensa, como todas as feridas produzidas pela prata, não lhe ajudava a melhorar as coisas, como tampouco o fazia saber que sua habilidade para a luta estava seriamente condicionada.

Alguém estava tentando matar a Anna. Aquilo não tinha sentido, mas durante o caminho de volta ao Oak Park, aceitou a ideia.

Satisfeito ao não encontrar uma ameaça imediata nos arredores do edifício, estendeu sua mão a Anna para ajudá-la a sair do táxi e pagou ao taxista, tudo isso sem deixar de vigiar. Mas não havia nada.

Justo no vestíbulo do edifício, um homem que estava recolhendo sua correspondência sorriu e saudou a Anna. Trocaram uma ou duas frases, mas ao ver a expressão de Charles, Anna começou a subir as escadas.

Tinha sido incapaz de entender uma palavra do que havia dito Anna, o qual era muito mal sinal. Sério, seguiu-a escada acima, percebendo a vibração de seu pulso no ombro. Enquanto Anna abria a porta do apartamento, Charles estendeu e contraiu os dedos de ambas as mãos. Doíam-lhe as articulações pela necessidade de transformar-se, mas, embora lhe custasse muito, conteve-se. Se estava tão mal em forma humana, o lobo poderia controlá-lo; sempre e quando se transformasse.

Sentou-se no futón e observou como Anna abria a geladeira e depois o congelador. Finalmente, viu como agarrava uma lata grande do fundo do armário da cozinha. Abriu-a e esvaziou o conteúdo em uma caçarola que depois deixou sobre o fogão.

Então, ajoelhou-se diante de Charles.

—Se transforme — lhe disse enquanto lhe acariciava a cara.

Também lhe disse outras coisas que não conseguiu entender, mas que lhe pareceram mariposas lhe acariciando as orelhas.

Fechou os olhos.

Havia uma razão importante pela que não devia transformar-se, mas a tinha esquecido enquanto a observava.

—Tem cinco horas antes da reunião — disse ela com calma. Sua voz adquiria maior sentido agora que tinha os olhos fechados. — Pode se transformar em lobo e logo recuperar a forma humana, lhe ajudará a recuperar-se.

—Não tenho controle — lhe disse ele.

Era isso. Essa era a razão.

—A ferida não é tão grave, o problema é a prata. Minha mudança será muito perigosa para você. Não posso — acrescentou.

Produziu-se uma pausa e, pouco depois, Anna disse:

—Se for sua companheira, seu lobo não me fará mal, embora não tenha nenhum controle, verdade?

Soava mais esperançosa que convencida e Charles não podia pensar com suficiente clareza para saber se tinha razão.

Os dominantes eram pouco dados a aceitar sugestões de lobos menores, de modo que Anna deixou que Charles tomasse a decisão por si mesmo enquanto controlava que o guisado de vitela não se queimasse. Embora soubesse que tampouco pior muito pior se queimava. Tinha-o comprado nas ofertas, por volta de seis meses, e não tinha tido a fome suficiente para comer-lhe, mas tinha proteínas, que é o que Charles precisava. Além disso, era a única carne que havia no apartamento.

Embora a ferida parecesse dolorosa, estava controlada, e nenhum dos médicos se mostrou excessivamente preocupado.

Tirou a bala do bolso dos jeans e sentiu como lhe queimava a pele. Enquanto o médico estava atendendo o ombro de Charles, este captou sua atenção e lhe assinalou a pequena e sangrenta bala sobre o pavimento.

Respondendo a sua silenciosa instrução, a tinha guardado no bolso. Agora a deixou no balcão. A prata não lhes sentava muito bem aos homens lobo, o que significava que não tinha sido um disparo ao azar. Anna não tinha visto quem tinha disparado e só podia assumir que tinha sido um de seus companheiros de Alcateia, provavelmente Justin.

As feridas com prata demoram muito mais em cicatrizar, portanto, Charles teria que acudir ferido a casa de Leo.

Ouviu o ruído de unhas no parquet. Charles, em forma de lobo, deslocou-se até a cozinha e se desabou com a cabeça nos pés de Anna. Sua roupa parecia farrapos, pulverizada por toda parte. Anna jogou uma olhada ao futón e viu que não tinha tido tempo de tirar-lhe as bandagens e tampouco tinham sobrevivido à mudança. O corte do ombro era profundo e lhe sangrava.

Parecia mais cansado que enfurecido, e faminto, assim supôs que seus temores sobre não perder o controle não se cumpriram. Um homem lobo fora de controle, segundo sua experiência, não deixaria de grunhir e mover-se, e nunca ficaria deitado tranquilamente a seus pés. Verteu o guisado em uma terrina e o colocou diante dele.

Comeu um pouco e se deteve depois de tragar.

—Já sei — disse ela desculpando-se, — não é alta cozinha. Posso ir até a casa da Kara e ver se tem algum bife ou algo que possa tomar emprestado.

Embora continuasse comendo, Anna sabia, por própria experiência, que se encontraria melhor depois de comer algo mais de carne. Kara não estaria em casa, mas tinha a chave e sabia que não lhe importaria se pegasse emprestado alguma coisa de sua despensa se logo a repunha.

Charles parecia absorto na comida, de modo que se dirigiu para a porta. Antes de alcançá-la, Charles tinha esquecido a comida para ir atrás dela. Embora parecesse lhe doer, Anna não estava muito segura de como sabia por que não tinha mostrado nenhum sinal disso.

—Precisa ficar aqui — disse. — Voltarei em um momento.

Mas quando tentou abrir a porta, Charles se interpôs entre esta e Anna.

—Charles — disse ela.

Então viu seus olhos e tragou saliva. Não reconheceu ao Charles no olhar do lobo.

Deixar o apartamento não era uma opção.

Voltou para a cozinha e se deteve junto à terrina que tinha deixado para ele. Charles ficou um momento na porta antes de segui-la. Quando terminou de comer, Anna se sentou no futón. Charles saltou para colocar-se a seu lado, apoiou a cabeça em seu colo e fechou os olhos com um sonoro suspiro.

Abriu um olho e o voltou a fechar. Anna lhe acariciou a pelagem, com o cuidado de não tocar a ferida.

Eram um casal? Não o parecia. Uma coisa tão séria não teria uma cerimônia mais formal? Não lhe havia dito que o aceitava, e ele tampouco o tinha perguntado.

Ainda... Fechou os olhos e deixou que seu aroma lhe empapasse enquanto lhe agarrava possessivamente uma mecha de sua pelagem. Quando Anna voltou a abrir os olhos, descobriu que o lobo a olhava fixamente.

O telefone de Charles soou em algum lugar sob seu corpo. Recolheu do resto do que ficava de suas calças e tirou o telefone para comprovar quem lhe chamava. Deu-lhe a volta para lhe mostrar ao lobo a tela.

—É *papai* —lhe disse.

Mas evidentemente o lobo ainda exercia o controle porque nem sequer se incomodou em olhar o telefone.

—Suponho que pode lhe devolver a chamada quando voltar a ser você.

Confiava em que fosse logo. Imaginava que se encontraria melhor em um par de horas, embora ainda lhe afetasse o veneno da prata.

O telefone deixou de soar para voltar a fazê-lo imediatamente depois. Soou três vezes. Deteve-se. Três vezes mais. Deteve-se. Quando voltou a soar, respondeu a seu pesar.

—Sim?

—Está bem?

Recordou ao homem lobo que havia trazido à cadeira para que Charles se sentasse enquanto era atendido. Tinha chamado ao Marrok.

— Acredito que sim. A ferida não é muito grave, somente tem um corte profundo no ombro, mas a bala era de prata e parece ser que não lhe tem feito muito boa reação.

Houve uma breve pausa.

— Posso falar com ele?

— Está em forma de lobo — disse ela, — mas está te escutando agora mesmo.

Uma de suas orelhas estava orientada para o telefone.

— Necessita ajuda com o Charles? Sua reação à prata pode ser um pouco extrema.

— Não. Não está causando problemas.

— A prata faz que o lobo de Charles perca o controle — explicou o Marrok brandamente. — Por que não te está dando problemas?

Embora não conhecia o Marrok em pessoa, não era tola. A maneira em que o perguntou era perigosa. Acaso pensava que tinha algo que ver com o fato de que disparassem ao Charles e que agora o tinha prisioneiro em alguma parte? Tentou responder a sua pergunta apesar da vergonha.

— Um... Charles acredita que seu lobo me escolheu como companheira.

— Em menos de um dia?

A pergunta do Marrok convertia em absurda sua afirmação anterior.

— Sim.

Não podia esconder a insegurança em sua voz e aquilo incomodou ao Charles, que rodou até seus pés grunhindo Brandamente.

— Charles também me disse que era uma Omega — disse ao Marrok. — Talvez isso também tenha algo que ver.

O silêncio se alargou e pensou que possivelmente se cortou a comunicação. Então o Marrok ficou a rir.

— Oh, seu irmão vai zombar dele sem piedade. Por que não me diz tudo o que passou? Comece desde que recolheu Charles no aeroporto, por favor.

* * *

Anna segurava com força o volante, mas Charles não estava de humor para apaziguar seus medos.

Tinha tentado deixá-la em casa. Não queria que estivesse em meio da luta que provavelmente teria lugar aquela noite. Não queria que lhe fizessem mal e tampouco que o visse no rol que tinham escolhido para ele muitos anos atrás.

— Sei onde vive Leo — havia dito ela. — Se não me levasse contigo, teria pegado um táxi e te seguiria. Não irá ali sozinho. Suas feridas ainda estão frescas e podem as detectar e tomar como um sinal de debilidade.

A verdade atrás de suas palavras quase lhe fez ser cruel. Esteve a ponto de lhe perguntar o que pensava que poderia fazer ela, uma loba Omega, para lhe ajudar na briga, mas o Irmão Lobo lhe obrigou a morder a língua. Já lhe tinham feito suficiente dano e o lobo não permitiria que lhe fizessem mais. Era a primeira vez em sua vida que o lobo detinha sua parte humana, quando normalmente ocorria o contrário. Naquela ocasião também se teria equivocado. Recordou quando Anna empunhou o

pau de macarrão de mármore. Pode ser que não fosse agressiva, mas sua paciência tinha um limite.

Finalmente, concordou a que lhe acompanhasse. Entretanto, quanto mais se aproximavam da residência que Leo tinha no Naperville, mais se arrependia por sua incapacidade de alegrar-se por sua presença.

—A casa de Leo tem seis hectares — disse ela. — É suficientemente grande para que a Alcateia cace livremente, mas, mesmo assim, temos que ser muito silenciosos.

Sua voz estava tensa. Tratava de lhe dar conversa para controlar sua ansiedade. Embora lhe custasse colaborar porque estava zangado, fez um esforço.

—É complicado caçar nas grandes cidades — acrescentou ele.

Então, para comprovar sua reação e porque não tinha tido a oportunidade de terminar a discussão sobre o que sentia realmente por ela, disse-lhe:

—Lhe levarei para Montana para uma caçada de verdade. Nunca quererá voltar a viver em uma grande cidade. Normalmente caçamos cervos e alces, mas como há muitíssimos alces americanos, também os caçamos de vez em quando. São toda uma provocação.

—Acredito que prefiro ficar com os coelhos, se não te importa — disse ela. — Nas caçadas me limito a rastrear — acrescentou com um leve sorriso. —Acredito que vi *Bambi* muitas vezes.

Charles soltou uma gargalhada. Sim, gostava. Tinha-lhe aceito sem discutir. Tinha-lhe desafiado, mas não o tinha discutido. Charles recordou quando lhe disse que não estava interessada no sexo.

—Caçar é parte do que somos. Não como os gatos, os quais prolongam a matança. Além disso, como animais caçamos, pois é necessário para manter as Alcateias fortes e sãs. Mas se te incomoda, pode também rastrear a caça em Montana. Desfrutará igualmente.

Anna conduziu até um poste com um teclado numérico diante de uma grade de cedro cinza e introduziu um código de quatro dígitos. Depois de uma breve pausa, a grade se abriu automaticamente.

Já tinha estado um par de vezes ali. A primeira foi a mais de um século e a casa era pouco mais que uma cabana. Naquele tempo, o terreno se estendia ao longo de vinte hectares e o Alfa era um irlandês católico chamado Willie O'Shaughnessy, o qual, surpreendentemente, tinha combinado com seus vizinhos, a maioria alemães e luteranos. A segunda vez foi a princípios do século XX, para o funeral de Willie, um lobo realmente velho, quase tanto como o Marrok. Os que vivem tantos anos revistam enlouquecer. Quando se manifestaram os primeiros sinais em Willie, decidiu deixar de comer, uma amostra mais da força de vontade que lhe levou a converter-se em Alfa. Charles recordou a profunda dor que provocou em seu pai a morte de Willie. Charles e seu irmão Samuel pensaram durante os meses seguintes que seu pai decidiria seguir o mesmo caminho que Willie.

Tanto a casa de Willie como suas terras tinham passado ao seguinte Alfa, um homem lobo alemão que se casou com a filha de O'Shaughnessy. Charles não podia recordar seu nome, nem o que ocorreu finalmente com ele. Houve vários Alfas depois daquele, antes que Leo se fizesse com o mando.

Willie e um grupo de pedreiros alemães tinham construído a casa com um artesanato que agora seria proibitiva. Recordou o tempo em que aquelas janelas tinham sido novas.

Charles odiava que lhe recordassem quão velho era. Anna desligou o motor e fez gesto de abrir a porta, mas Charles a deteve.

— Espera um momento.

Graças ao legado de sua prodigiosa mãe, tinha aprendido a manter-se alerta. Uma suspeita de inquietação fez com que seus sentidos se estremecessem. Olhou a Anna e franziu o cenho. Era muito vulnerável. Se lhe ocorria algo, não se recuperaria.

— Necessito que se transforme — lhe disse Charles.

Algo em seu interior se relaxou: era isso.

— Se me passar algo, quero que corra e procure um lugar seguro. Então chama a meu pai e lhe diga que te tire daqui.

Anna vacilou.

Não era próprio dele dar explicações. Como lobo dominante na Alcateia de seu pai, raramente tinha que fazê-lo. Mas fez um esforço por Anna.

— É importante que entre ali em forma de lobo — disse enquanto se encolhia de ombros. — Aprendi a seguir meus instintos.

— De acordo.

Anna tomou seu tempo, e Charles o aproveitou para tirar a caderneta e revisar a lista. Havia dito para Justin que Leo podia trazer Isabelle e a seus cinco primeiros. Segundo a lista de Anna, além de Isabelle, somente Boyd figurava também na lista que lhe tinha dado seu pai. Se Justin era o segundo de Leo, não havia nenhum outro lobo que supusesse uma ameaça para ele.

A dor da ferida lhe fez retornar à realidade. Nenhum deles tinha a menor oportunidade com ele.

Anna terminou de transformar-se. Observou-a sentada no assento do condutor, ofegante, e pensou que era preciosa. Negra como o carvão com uma mancha branca no focinho. Era pequena por ser uma mulher lobo, mas muito maior que um pastor alemão. Seus olhos eram de um azul pálido, o qual era estranho porque como humana eram marrons.

— Está preparada? — perguntou Charles.

Uivou ao incorporar-se, fazendo pequenos buracos com suas unhas no assento de pele. Sacudiu-se como se estivesse molhada e inclinou a cabeça uma só vez.

Charles não viu ninguém lhes observando das janelas, mas havia uma pequena câmera de segurança engenhosamente situada no alpendre. Saiu da SUV, assegurando-se de não mostrar a dor que sentia ao caminhar.

No banheiro de Anna tinha comprovado que a ferida se estava curando com normalidade assim que tinha passado o efeito da prata. Tinha considerado a possibilidade de fingir estar em pior estado, e o teria feito de ter estado totalmente seguro de que aquilo era obra de Leo. Atuar daquela forma teria feito que Leo lhe atacasse, mas Charles não tinha nenhuma intenção de matá-lo até saber exatamente o que estava ocorrendo.

Manteve a porta da SUV aberta até que Anna saiu e, juntos, dirigiram-se para a casa. Não se incomodou em bater na porta. Não era uma visita de cortesia.

O interior da casa tinha mudado muito, as paredes escuras tinham sido branqueadas e a luz elétrica tinha substituído os abajures de gás. Embora Anna fosse ao seu lado, não necessitava que lhe guiassem para o salão porque aquela era a única habitação com gente.

Apesar das reformas na decoração, o orgulho e a alegria do Willie eram insubstituíveis. A enorme chaminé de granito feita à mão ainda dominava o salão. Isabelle, que sempre queria ser o centro da atenção, estava sentada no suporte da mesma. Leo estava frente a ela, com Justin a sua esquerda e Boyd a sua direita. Os outros três lobos estavam sentados em refinadas cadeiras vitorianas. Todos, exceto Leo, estavam vestidos com escuros trajes de risca escura. Leo só usava calça, para exibir sua pele morena e demonstrar que estava em boa forma.

O aspecto ameaçador que pretendiam transmitir ficava mitigado tanto pela cor entre rosado e púrpura da decoração e as paredes como pela roupa da mesma cor de Isabelle.

Charles avançou um par de passos pelo salão e se deteve. Anna se apertou contra suas pernas, não o suficiente para lhe fazer perder o equilíbrio, mas sim para lhe recordar que estava ali.

Ninguém falou porque tocava a ele romper o gelo. Charles tomou ar e o conteve enquanto esperava a ver o que lhe diziam seus sentidos. Tinha herdado de sua mãe muito mais que o tom de pele, as feições e a habilidade de trocar mais rápido que os outros homens lobo. Também tinha seu poder para *ver*. Não com os olhos, a não ser com o espírito.

E havia algo corrupto na Alcateia de Leo; podia senti-lo.

Olhou no interior dos olhos azuis de Leo e não viu nada que não tivesse visto antes. Nenhum indício de loucura. Não nele, mas sim em alguém de sua Alcateia.

Observou aos três lobos que não conhecia e compreendeu o que Anna tinha comentado sobre seu aspecto. Em seu estilo de viking dinamarquês, Leo era um homem bastante atraente, mas era um guerreiro e aquele era o aspecto que transmitia. Boyd tinha um nariz afilado e o corte militar de seu cabelo fazia com que suas orelhas parecessem mais bicudas do que eram na realidade.

Todos os lobos que não conhecia pareciam modelos de passarela. Magros e fibrosos, e encaixavam perfeitamente em seus trajes. Apesar de pequenas diferenças na cor de sua pele, existia alguma semelhança entre eles. Isabelle recolheu as pernas e lançou um profundo suspiro.

Charles fez caso omissivo de sua impaciência porque naquele momento ela não era o mais importante. O mais importante era Leo. Centrou seu olhar no Alfa e disse:

—O Marrok me enviou para te perguntar por que vendeu o menino como escravo.

Deu-se conta de que não era a pergunta que Leo esperava. Isabelle pensava que fossem falar sobre Anna. De fato, deviam fazê-lo, mas Charles pensou que começar com a pergunta de seu pai era melhor porque não lhes surpreenderia.

—Não tenho filhos — disse Leo.

Charles negou com a cabeça.

—Todos os lobos são seus meninos, Leo, e você sabe disso. São teus para que os ame, alimente-os, proteja-os, guie-os e os eduque. Vendeu a um jovem chamado Alan Mackenzie Frazier. A quem e por quê?

—Não era da Alcateia — disse Leo enquanto estendia os braços. —É caro manter a tantos lobos felizes na cidade. Necessitava do dinheiro. Não tenho nenhum problema em te dar o nome do comprador, embora acredite que somente era o intermediário.

Verdade. Tudo era verdade. Mas Leo tinha sido muito cuidadoso com as palavras que tinha empregado.

—Meu pai quer o nome e a maneira em que se contatou com ele.

Leo fez um gesto com a cabeça a um dos homens arrumados, a quem passou junto a Charles com o olhar baixo, embora dedicou um instante para olhar a Anna, que baixou as orelhas e grunhiu.

Charles concluiu que aquele tinha exercido pouca influência sobre ela.

—Posso te ajudar em algo mais? — perguntou Leo educadamente.

Todos os lobos de Leo usavam o truque de Isabelle com o perfume, mas Charles possuía um agudo olfato e percebeu que Leo estava... triste.

—Não atualizou os membros de sua Alcateia nos últimos cinco ou seis anos — disse Charles, perguntando-se ainda sobre a reação de Leo.

Topou com rebeldia, ira, medo, mas nunca com tristeza.

—Sabia que te daria conta. Revisou a lista com Anna? Sim, sofri uma pequena rebelião e a sufoquei com severidade.

De novo a verdade, embora não toda. Leo tinha a habilidade de um advogado para utilizar a verdade precavidamente e para mentir deixando uma pista falsa.

—Por isso matou a todas as fêmeas de sua Alcateia? Rebelaram-se todas?

—Não havia muitas mulheres. Nunca há suficientes.

Outra vez. Havia algo que lhe escapava. Leo não era o lobo que tinha atacado ao jovem Frazier. Tinha-o feito Justin.

O lobo de Leo retornou. Deu a Charles uma nota com um nome e um número de telefone escritos em tinta púrpura.

Charles guardou a nota em seu bolso e assentiu.

—Tem razão. Não há suficientes fêmeas. Por isso temos que as proteger, não as matar. Matou-as você?

—Às mulheres? Não.

—A quantas?

Leo não respondeu e Charles sentiu que seu lobo se fortalecia pela proximidade da caça.

—Não matou a nenhuma das mulheres — disse Charles.

Olhou aos homens esculturais e logo para Justin, quem tinha um atrativo menos evidente.

Leo estava protegendo a alguém. Charles elevou o olhar até Isabelle, uma mulher com uma predileção especial pelos homens bonitos. Tinha mais anos que Willie O'Shaughnessy quando este começou a voltar-se louco.

Charles se perguntou quanto tempo fazia que Leo sabia que se tornou louca. Voltou a olhar ao Alfa.

—Deveria ter pedido ajuda ao Marrok.

Leo negou com a cabeça.

—Sabe o que teria ocorrido. A teria tido que matar.

A Charles teria encantado ver a reação de Isabelle mas não podia apartar os olhos de Leo, um lobo encurralado é algo muito perigoso.

—E quantos morreram em seu lugar? A quantos de sua Alcateia perdeu? E as mulheres que ela matou por ciúmes e os que você teve que matar para protegê-la? E os lobos que se rebelaram contra o que vocês dois estavam fazendo? Quantos no total?

Leo levantou o queixo.

—Nenhum nos últimos três anos.

A ira despertou em seu interior.

—Correto —assentiu Charles brandamente. —Não desde que tem a um valentão abusando de uma mulher indefesa que a transformou sem seu consentimento. Uma mulher a que tratou brutalmente sem descanso.

—Se a tivesse protegido, Isabelle teria acabado odiando-a —explicou Leo. —Em troca, obriguei a Isabelle a protegê-la. Funcionou, Charles. Isabelle está estável há três anos.

Até que tinha ido a casa de Anna aquela manhã e tinha descoberto que Charles estava interessado nela. A Isabelle nunca tinha gostado que prestassem atenção a outras fêmeas enquanto ela estava perto.

Arriscou-se a jogar uma olhada a Isabelle e viu que, embora não se moveu do suporte, mantinha-se em posição de alerta se por acaso decidia atacar. Seus olhos tinham trocado e refletiam um entusiasmo pela violência que sabia que estava a ponto de desatar-se. Lambeu os lábios e começou a balançar-se com impaciência.

Charles sentiu asco pelo desperdício que se produziu na Alcateia. Voltou a centrar sua atenção no Alfa.

—Não se produziram mais mortes porque têm a uma Omega para manter a calma, e porque não há outras mulheres que possam lhe fazer concorrência, salvo Anna, a qual não está interessada em nenhum de seus lobos, não depois de que a estupassem repetidamente cumprindo suas ordens.

—Isso manteve Anna com vida — insistiu Leo. — As duas.

Leo agachou à cabeça pedindo amparo.

—Diga a seu pai que está estável. Diga que eu me encarregarei de que não faça mal a ninguém mais.

—Hoje tentou matar a Anna — disse Charles com calma. — E embora não o tivesse feito... É uma demente, Leo.

Viu como a última luz de esperança abandonava o rosto de Leo. O Alfa sabia que Charles não deixaria a Isabelle com vida; era muito perigosa, muito imprevisível. Leo sabia que também estava morto. Tinha trabalhado muito duro para salvar a sua companheira.

Leo lançou seu ataque sem avisar, mas Charles estava preparado. Leo não era o tipo de lobo fácil de matar. Aquela era uma briga sem concessões. Mas os dois sabiam quem ia sair vencedor.

* * *

Anna tinha ficado petrificada ante as revelações de Leo, mas aquilo não lhe impediu de reagir quando este iniciou o ataque. Não pôde conter seu instinto de

proteger a Charles e se equilibrou para onde estavam. De repente, e apesar da sua feroz resistência, um par de fortes mãos a agarraram pelo pescoço e a arrastaram para trás.

—Quieta aqui — a voz de Boyd soou como um estrondo. — Tranquila. Esta não é sua luta.

Aquela voz, a que estava acostumada a obedecer, acalmou-a e lhe deu a possibilidade de pensar. Também ajudou o fato de que Charles evitasse o primeiro ataque de Leo com um mínimo movimento de seus ombros.

Os outros lobos se puseram de pé e podia distinguir como Justin repetia insistentemente:

—Mata-o, mata-o.

Não soube decidir a que lobo se referia. Justin odiava a Leo pelo controle que exercia sobre ele e por ser o companheiro de Isabelle. Talvez não lhe importasse qual dos dois morresse.

Leo lançou três murros seguidos, mas todos falharam. O terceiro, no que pôs todo seu empenho, quase lhe fez perder o equilíbrio e deu um torpe passo para diante. Charles aproveitou a ocasião para cortar a distância entre ambos e, com um movimento que Anna foi incapaz de perceber, golpeou ao Alfa no ombro, deixando-o grunhindo de ira e dor.

Tudo o que passou depois foi tão rápido que Anna não foi capaz de precisar a ordem em que se produziu.

Houve dois disparos seguidos. Boyd deixou de segurar a Anna enquanto amaldiçoava e Isabelle soltou uma frenética e excitada gargalhada. Com um só olhar, Anna soube o que tinha ocorrido. Isabelle sustentava uma pistola enquanto observava a luta, esperando uma oportunidade para disparar em Charles. Anna se desfez de Boyd e cruzou o salão a toda velocidade. Da chaminé, Isabelle olhou para Anna diretamente nos olhos e disse bruscamente:

—Detenha, Anna.

Estava tão convencida de que Anna obedeceria que nem sequer se assegurou de que esta a tivesse ouvido, voltando a dirigir toda sua atenção à luta entre Leo e Charles. Embora Anna sentisse a força da ordem que lhe tinha dado Isabelle, ignorou-a. Impulsionou-se com as patas traseiras e se equilibrou sobre ela. Mordeu ferozmente o braço de Isabelle sentindo o estalo do osso, satisfazendo assim a ira de seu lobo. A força de seu salto precipitou a Isabelle do suporte de quase dois metros de altura e ambas golpearam o chão. Anna continuava mordendo o braço que sustentava a arma.

Anna se agachou esperando que Isabelle fizesse algo, mas esta não se moveu. Alguém se aproximou por detrás e Anna lhe grunhiu ameaçadoramente.

—Tranquila — disse Boyd com uma voz serena que ao menos conseguiu que Anna lhe escutasse.

Pôs as mãos sobre as costas de Anna e esta grunhiu ainda mais forte. Mas Boyd não lhe prestava atenção; estava olhando a Isabelle.

—Está morta — disse. — O merecia, por esquecer que não é uma loba total que deve obedecer suas ordens. Deixa-a, Anna. Tem-lhe quebrado a cabeça contra a chaminé. Já está.

Quando Anna a soltou a contra gosto, Boyd se assegurou de que Isabelle não voltasse a levantar-se lhe partindo o pescoço. Continuando, recolheu a arma do chão.

Olhando fixamente o corpo destroçado de Isabelle, Anna começou a tremer. Levantou uma pata duvidando de se devia aproximar-se ou afastar-se. Uma lembrança a golpeou de repente e aquilo lhe fez recordar que ainda havia uma luta pendente e que Isabelle tinha disparado em Charles duas vezes.

Se Charles estava ferido, não o demonstrava. Estava tão fresco como no princípio. Em troca, Leo cambaleava com um braço imprestável. Charles se colocou atrás dele, golpeou-lhe no pescoço com o bordo da mão e Leo desabou como uma pipa quando o vento deixa de soprar.

Todos os lobos presentes, exceto Anna, soltaram um suave uivo, chorando a morte de seu Alfa. Ignorando-os, Charles se ajoelhou junto a Leo e, tal e como Boyd fazia com a Isabelle, assegurou-se de que o pescoço estava realmente quebrado. Charles permaneceu imóvel, com se fosse um homem propondo matrimônio. Inclinou a cabeça e fechou os olhos ao defunto.

Justin se moveu tão rápido que Anna não teve oportunidade de avisar Charles. De fato, nem sequer se tinha dado conta de que Justin se transformou. Golpeou Charles como um aríete e este caiu ao chão debaixo de Justin. Mas, embora Anna ficasse imóvel, Boyd não. Disparou em Justin no olho assim que este golpeou Charles. Tudo tinha terminado.

Boyd apartou o corpo inerte de Justin de cima de Charles. Anna não recordava haver-se movido, mas se encontrou sobre Charles enquanto não deixava de grunhir para Boyd. Este retrocedeu lentamente, com as mãos estendidas e a pistola no cinto. Quando Boyd deixou de ser uma ameaça, Anna centrou sua atenção em Charles, que estava estendido no chão, de barriga para baixo, coberto de sangue. O nariz de Anna lhe dizia que parte do sangue era de Justin.

Pelo menos, um dos disparos de Isabelle lhe tinha alcançado. Podia ver o buraco sangrento em suas costas. Em sua forma de lobo não podia ajudá-lo e necessitava de muito tempo para transformar-se. Olhou por cima do ombro para Boyd, quem se encolheu de ombros e disse:

—Não posso lhe ajudar se não me deixa me aproximar.

Olhou-o fixamente, lhe desafiando com o olhar como nunca tinha feito antes. A Boyd não pareceu lhe importar. Esperou a que se decidisse. Seu lobo não confiava em ninguém quando se tratava de seu companheiro, mas não tinha outra opção.

Separou-se de Charles deixando espaço ao Boyd, mas não pôde evitar lhe grunhir quando o pôs de barriga para cima para examinar as feridas. Boyd encontrou o segundo balaço na panturrilha esquerda. Tirou a jaqueta do traje e rasgou sua camisa de seda, pulverizando os botões por todo o chão. Fez farrapos a camisa e, enquanto enfaixava a Charles com mão perita, começou a dar ordens.

—Holden, chama o resto da Alcateia, começando pelo Rashid. Diga-lhe que traga todo o necessário para curar feridas de prata e que há orifício de saída. Quando acabar, chama o Marrok e lhe explique o que passou. Encontrará seu número na agenda de Isabelle, na gaveta que há na cozinha, debaixo do telefone.

Anna uivou. Tinham-lhe alcançado os dois disparos de Isabelle.

—Não morrerá — disse Boyd atando as últimas bandagens. Jogou uma olhada ao salão e amaldiçoou. —Este lugar parece a cena final de Hamlet. Gardner, você e Simon comecem a limpar este desastre. Vamos levar Charles a um lugar mais tranquilo. Não estará muito contente quando despertar e todo este sangue não ajudarão muito.

Boyd pegou Charles nos braços e o levou a outra sala. Anna lhe seguiu.

* * *

De novo em forma humana, Anna repousava na cama junto a Charles. Tinha vindo Rashid, que era médico além de homem lobo, e tinha substituído as bandagens provisórias por outras esterilizadas; depois tinha partido. Comunicou a Anna que Charles estava inconsciente pela perda de sangue. Boyd entrou no quarto pouco depois e lhe aconselhou que deixasse Charles sozinho antes de que despertasse. O quarto estava reforçado para resistir investidas de um lobo raivoso, Anna não.

Não discutiram quando Anna se negou. Quando saiu do quarto, Boyd o fechou com chave. Assim que Anna esteve segura de que partiu, se trocou. A maior parte da roupa que havia no velho armário era de tamanho único. Encontrou uma camiseta e jeans que não ficavam muito mal.

Charles não se deu conta quando retornou à cama. Anna colocou a cabeça junto à dele e escutou sua respiração.

* * *

Não despertou tranquilo. Estava descansando mansamente e, de repente, levantou-se sobressaltado. Anna não o tinha visto nunca transformar-se e, embora sabia que o fazia incrivelmente rápido, ignorava que fosse tão formoso. Começou pelos pés e, como uma manta de pelagem avermelhada, a transformação percorreu todo seu corpo, deixando a um abominável e irado homem lobo que sangrava através das bandagens.

Os brilhantes olhos amarelados observaram o quarto: primeiro a porta fechada, depois as barras na janela e finalmente a Anna. Ela estava estirada, muito quieta, lhe permitindo que absorvesse o ambiente e compreendesse que não havia nenhuma ameaça. Quando a olhou pela segunda vez, Anna se incorporou e lhe examinou as bandagens. Charles grunhiu e, então, acariciou-lhe o focinho.

—Perdeu muito sangue. As bandagens não lhe farão parecer mais fraco que se estivesse sangrando por toda parte. Ao menos assim não arruinará o tapete.

Quando terminou, acariciou-lhe o pescoço e aproximou sua cabeça a dele.

—Pensava que te tinha perdido.

Permaneceu um instante junto a ela e depois se dirigiu para a porta.

—Está fechada com chave — disse Anna descendo da cama e dirigindo-se à ele.

Dirigiu-lhe um olhar paciente.

Ouviram-se um ruído surdo e um homem magro de aspecto comum que parecia ter pouco mais de vinte anos abriu a porta. Ajoelhou-se e observou Charles atentamente antes de fixar-se nela. A força que transmitiam seus olhos a deixou sem respiração, de modo que não se surpreendeu quando reconheceu sua voz.

—Dispararam-lhe três vezes em um dia — murmurou o Marrok. — Acredito que Chicago foi mais duro que o normal, filho. Será melhor que te leve para casa, não acha?

Anna não sabia o que dizer, de modo que não disse nada. Apoiou uma mão nas costas de Charles e tragou saliva.

Charles olhou a seu pai.

—O perguntou? — disse o Marrok dirigindo-se ao Charles.

Este emitia um suave grunhido. O Marrok riu e ficou em pé.

—Não passa nada, já o farei eu. É Anna?

Aquilo não era exatamente uma pergunta. Sua garganta estava muito seca para responder. Decidiu assentir.

—Meu filho gostaria que viesse conosco para Montana. Asseguro-te que se houver alguma coisa que te incomode, encarregar-me-ei pessoalmente de que possa te instalar em qualquer outro lugar onde se sinta melhor.

Charles grunhiu e Bran levantou uma sobrancelha enquanto olhava a seu filho.

—*Sou* o Marrok, Charles. Se a garota quer ir para outro lugar, tenho que deixá-la.

Anna se apoiou no quadril de Charles e disse:

—Acredito que eu gostaria de conhecer Montana.

Fim



Página do grupo: <http://groups.google.com.br/group/projeto-revisoras-traducoes?hl=pt-BR>

Para falar com a moderação, envie um email para: moderacao.prt@gmail.com

PRT no Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=80221161>

Fórum PRT: <http://fppt.forumeiros.com/>